

DANIELLE STEEL

Autora de A casa na rua Esperança e Água solitária

"Tão criativa quanto John Grisham ou Robin Cook." O Estado de S. Paulo



O BEIJO



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

DANIELLE STEEL

Autora de A casa na rua Esperança e Água solitária

"Tão criativa quanto John Grisham ou Robin Cook." O Estado de S. Paulo



O BEIJO



O Beijo

Danielle Steel

Título Original: The Kiss

“Coragem não é a ausência de medo ou desespero, mas a força para conquistá-los.”

Para os meus queridos filhos,
que são o meu coração,
a minha alma,
a minha coragem:
Beatrix, Trevor, Todd, Nick,
Sam, Victoria, Vanessa, Maxx
e Zara,

Com todo o meu amor, Mãe

d. s

Um único momento,
gravado no tempo,
brilhando intensamente
como uma estrela no céu noturno,
um éon, um instante,
um milhão de anos comprimido num,
quando tudo para
e a vida explode em sonhos infinitos,
e tudo se altera para sempre,
num abrir e fechar de olhos.

CAPÍTULO UM

Isabelle Forrester contemplava o jardim da janela do seu quarto, na casa da Rue de Crenelle, no Sétimo Bairro de Paris, onde, na companhia de Gordon, vivera os últimos vinte anos. Os dois filhos também aí haviam nascido. Erigido no século XVII, o edifício possuía imponentes portas em bronze que davam para o pátio interior. A casa em si fora construída em forma de U à volta do pátio. Os tetos eram altos, as madeiras e as cornijas de uma grande beleza, e os soalhos em parqué, da cor de conhaque. Tudo resplandecia e se encontrava tratado com esmero e cuidado. Isabelle dirigia a casa com maestria, rigor e mão firme mas dócil. O jardim era cultivado com apurado desvelo. As rosas brancas que plantara anos antes eram consideradas as mais bonitas de Paris. A casa estava recheada de antiguidades que ela e Gordon haviam comprado, ao longo dos anos, em Paris e nas várias viagens realizadas. Muitas delas tinham pertencido aos pais.

Tudo na casa reluzia: a madeira encerada, as pratas areadas, os castiçais de cristal nas paredes que refletiam o sol de junho que entrava por entre as cortinas. Isabelle desviou o olhar do roseiral e soltou um suspiro. Estava destroçada por ter de deixar Paris nessa tarde. As oportunidades para ir onde quer que fosse eram raras. E agora que o ensejo surgia via-se consumida por um profundo sentimento de culpa, por causa de Teddy.

A filha, Sophie, partira para Portugal com uns amigos, no dia anterior. Tinha dezoito anos e ia entrar na universidade no outono. Era o filho, Theodore, que a prendia à casa há catorze anos. Nascera de seis meses, com graves problemas de saúde: os pulmões ainda não se encontravam perfeitamente desenvolvidos, fato que provocou o enfraquecimento do coração. Nunca fora à escola, sendo acompanhado por um tutor. Vivera acamado a maior parte da vida, deslocando-se pela casa numa cadeira de rodas sempre que se sentia demasiado fraco para o fazer pelos próprios meios. Se o tempo estava bom, Isabelle levava-o até o jardim. Tinha um senso de humor extraordinário. Quando a mãe entrava no quarto, recebia-a sempre com uma frase espirituosa. Não havia palavras para descrever a forte ligação que existia entre ambos, forjada nos inúmeros momentos de pavor partilhados lado a lado. Por vezes, dava a sensação de que eram uma só pessoa. Isabelle incutia-lhe ânimo, conversava com ele durante horas, lia-lhe livros, aconchegava-o nos braços quando ele nem sequer tinha forças para falar, e fazia-o sempre que podia. Teddy lembrava-lhe um passarinho indefeso de asas partidas

Isabelle e Gordon já haviam falado com os médicos acerca da possibilidade de

o levar aos Estados Unidos para fazer o transplante do coração e dos pulmões, mas eles achavam que Teddy se encontrava demasiado debilitado para resistir quer à operação quer à viagem. Perante estas hipóteses, nunca iriam pôr a vida dele em perigo. Assim, o mundo de Theodore estava confinado à mãe, à irmã e aos limites da casa. O pai sempre sentira um grande constrangimento face à doença do filho. Teddy tivera enfermeiras durante toda a vida, mas era a mãe que cuidava dele a maior parte do tempo. Há muito que esta abandonara os amigos e deixara de ter vida própria. Nos últimos anos, as únicas escapadelas até ao mundo propriamente dito aconteciam à noite, com Gordon, e, mesmo assim, muito raramente. A sua missão na vida era manter Teddy vivo e feliz.

A mais prejudicada no meio de tudo isto era Sophie, a quem não dedicavam o mesmo tempo e a mesma atenção que o irmão recebia, mas parecia compreender a situação, e Isabelle era sempre afetuosa com ela. Teddy era a prioridade. A sua vida dependia disso. Nos últimos quatro meses, desde o princípio da primavera, o estado de saúde de Theodore melhorara, o que permitia que a mãe realizasse aquela viagem a Londres, por sugestão de Bill Robinson.

Isabelle e Bill haviam se conhecido quatro anos antes, numa recepção dada pelo embaixador americano na França, que andara com Gordon em Princeton. Bill seguira a carreira política e era considerado um dos homens mais poderosos e talvez o mais rico em Washington. Gordon contara-lhe que William Robinson é que pusera o último presidente na Sala Oval. Herdara uma incomensurável fortuna e desde muito novo se sentira atraído pela política e pelo poder. No entanto, preferia trabalhar nos bastidores. Quando se conheceram, Isabelle ficou impressionada com a serenidade e a modéstia por ele patenteadas. Era uma pessoa com um ar incrivelmente jovem e um perspicaz senso de humor. Isabelle ficara sentada a seu lado no jantar e adorara a sua companhia. Na semana seguinte, ficou surpreendida e agradada quando ele lhe escreveu e enviou um livro de arte raro de que haviam falado e do qual ela andava à procura há muito tempo. Bill dera-se ao trabalho de encontrá-lo e de lhe mandar. Arte e livros raros eram a sua paixão.

Haviam tido uma longa conversa sobre uma série de quadros descobertos na época, na Holanda, e que tinham sido levados pelos nazis durante a guerra. A conversa conduziu-os até às falsificações, aos roubos e, por fim, à restauração de obras de arte, que era o que Isabelle fazia quando conhecera Gordon. Fora estagiária no Louvre e, na época em que cessou a atividade, quando Sophie nasceu, era perita no assunto.

Bill ficara fascinado com as histórias de Isabelle, da mesma forma que ela se mostrara com as dele. Nos meses seguintes, uma estranha mas reconfortante amizade foi se criando entre eles, através de telefonemas e cartas que trocavam.

Entretanto, Isabelle mandara-lhe alguns livros de arte considerados raridades. Quando Bill voltou a Paris, telefonou-lhe e convidou-a para almoçar. Ela ainda hesitou, mas não resistiu. Era uma daquelas raras ocasiões em que deixava Theodore à hora do almoço.

A amizade começara quatro anos antes, quando Teddy tinha apenas dez. A relação fora-se solidificando ao longo do tempo. De quando em quando, Bill telefonava-lhe fora de hora, quando ficava trabalhando até tarde. Isabelle dissera-lhe que se levantava todos os dias às cinco da manhã para tratar de Teddy. Bill já lhe perguntara se Gordon punha alguma objeção ao fato de lhe telefonar. No entanto, ela nunca referira esse fato ao marido. A amizade de Bill tornara-se o seu tesouro secreto, que guardava só para si.

— Por que razão haveria de pôr? — Perguntara Isabelle, algo surpresa com a pergunta. Não queria desencorajá-lo a telefonar. Adorava conversar com ele. Tinham muitos interesses em comum. Bill tornara-se, de alguma forma, o seu único contato efetivo com o mundo exterior. Os próprios amigos haviam deixado de lhe telefonar. Como passava os dias e as noites cuidando de Teddy, ia tendo cada vez menos tempo para eles. Mas, fosse como fosse, receava que Gordon pusesse objeções aos telefonemas de Bill. Falara-lhe dos primeiros livros de arte que este lhe enviara. Gordon ficara um pouco perplexo, mas não emitira qualquer comentário, nem mostrara um interesse particular pelo fato. Isabelle não fizera nenhuma referência aos telefonemas. Apesar de inocentes, teriam sido mais difíceis de explicar. As coisas que diziam um ao outro nunca eram pessoais, nem inconvenientes, nem versavam assuntos das respectivas vidas particulares. E raramente faziam qualquer tipo de referência aos cônjuges. Bill era simplesmente uma voz amiga que chegava, de repente, ao dealbar da aurora. Além disso, como o telefone costumava ficar desligado no quarto durante a noite, Gordon nunca os ouvia conversando. No fundo, receava que o marido levantasse objeções aos telefonemas, e era por isso que nunca fizera qualquer comentário acerca deles. Não estava disposta a perder a dádiva que constituíam os telefonemas e a amizade de Bill.

Ao princípio, os telefonemas eram esporádicos, depois, a pouco e pouco, foram se tornando mais frequentes. Voltaram a almoçar um ano depois de terem se conhecido. Noutra ocasião, quando Gordon estava fora, Bill levou-a a jantar a um restaurante perto do local onde morava, e ficou espantada quando, ao chegar em casa, reparou que já passava da meia-noite. Sentia-se como uma flor murcha absorvendo o sol e a chuva. As coisas de que falavam saciavam-lhe a alma. Os telefonemas e as raras visitas davam-lhe mais força para viver.

À exceção dos filhos, Isabelle não tinha mais ninguém com quem falar. Gordon era diretor do maior banco americano de investimento em Paris há

vários anos. Tinha cinquenta e oito, e dezessete a mais que Isabelle. Com o correr do tempo, estavam cada vez mais afastados um do outro. Isabelle tinha consciência dessa realidade e achava que isso se devia a Teddy. Gordon não conseguia suportar a aura de constante doença que pairava sobre a criança, como a lâmina de uma guilhotina que podia cair a qualquer momento. Nunca se permitira uma ligação mais íntima com o filho. A aversão à doença deste era desmedida, quase uma fobia. O próprio Teddy sentia isso, ao ponto de, quando era mais novo, pensar que o pai o detestava. No entanto, à medida que crescia, ia encarando as coisas de modo diferente. Aos dez anos, percebeu que o pai vivia aterrorizado com a sua doença, praticamente em pânico, e a única forma de fugir a essa realidade era ignorar o filho por completo, fingindo que não existia. Teddy nunca mostrara qualquer tipo de ressentimento contra o pai. Costumava abordar abertamente o assunto com a mãe, com ar triste, como se falasse de um país que gostaria de visitar, sabendo que isso nunca viria a acontecer. Filho e pai eram como estranhos.

Gordon evitava Teddy e concentrava as energias no trabalho, afastando-se o mais possível da vida de casa, e particularmente da esposa. O único elemento da família de quem parecia estar um pouco mais próximo era Sophie. Tinham jeito muito parecido. Partilhavam os mesmos pontos de vista em muitas matérias, além de uma certa frieza com que encaravam tudo aquilo que os rodeava. No caso de Gordon, esta característica especial nascera dos anos de afastamento em relação à faceta emocional da vida, que considerava uma manipulação de fraqueza e pela qual não sentia qualquer tipo de atração.

No caso de Sophie, herdara-a do pai. Já em pequena, era muito menos carinhosa do que o irmão, e preferia não pedir ajuda a ninguém, especialmente à mãe, optando por fazer tudo sozinha. A frieza nela era mais uma questão de independência, de orgulho. Isabelle chegara a questionar-se se isso não seria uma reação instintiva ao fato de o irmão ocupar a maior parte do tempo da mãe. A fim de evitar a sensação de estar recebendo menos do que aquilo a que teria direito, convencera-se de que não precisava de nada nem de ninguém, fechando-se no seu pequeno mundo. Praticamente não partilhava qualquer confiança com a mãe e evitava, sempre que possível, falar dos seus sentimentos. Confiava mais nos amigos do que na mãe. Isabelle alimentara sempre a esperança de encontrarem um ponto de entendimento e de se tornarem amigas. Porém, até ao momento, a relação com a única filha não fora fácil.

Por outro lado, a frieza de Gordon relativamente à mulher era muito mais extrema. O aparente distanciamento de Sophie perante a mãe podia ser interpretado como uma forma de mostrar que conseguia andar pelo seu próprio pé, ao contrário do irmão, que necessitava de ajuda constante, e também para

provar que não precisava do tempo e da energia que a mãe não tinha para lhe dar. A doença de Teddy não permitia. No caso de Gordon, essa frieza parecia estar enraizada em algo muito mais profundo. Por vezes, dava a sensação de que culpava Isabelle por ter dado à luz um filho deficiente. Gordon tinha uma visão desapaixonada da vida, e geralmente observava-a à distância, como se quisesse assistir ao jogo mas não quisesse entrar nele, ao contrário de Teddy e Isabelle, que viviam apaixonadamente todas as suas experiências, e expressavam-na.

A chama que ambos partilhavam era o que mantinha Teddy vivo ao longo de uma vida de sofrimento. A devoção que Isabelle nutria pelo filho há muito que a afastara de Gordon. Do ponto de vista emocional, este deixara de fazer parte da sua vida pouco depois do nascimento de Teddy.

Anos antes de conhecer Bill, Gordon mudara-se para outro quarto. Na época, desculpava-se com o fato de ela se deitar tardíssimo e se levantar muito cedo. Mas Isabelle sentira que havia algo mais nesse ato. Não querendo piorar as coisas entre eles nem enfrentá-lo, nunca se atrevera a por o fato em questão. Mas há muito que sentia que a afeição por ela estava diminuindo, acabando por desaparecer. Isabelle nem sequer se lembrava da última vez que haviam se tocado, beijado ou feito amor. Tratava-se de uma circunstância da vida, que aceitava. Aprendera a viver sem o amor do marido. Desconfiava que ele a culpava pela doença do filho, embora os médicos asseverassem que as enfermidades e nascimento prematuro deste não lhe podiam ser imputados. Nunca discutira o assunto com Gordon, nem se defendera das acusações que, sabia, ele lhe fazia em silêncio.

Para Gordon, Isabelle lembrava-lhe a doença do filho. Da mesma forma que o rejeitara quando nascera, horrorizado com a série de deficiências de que era vítima, acabara por a rejeitar a ela também, erguendo um muro entre ambos, para apagar as detestáveis imagens de doença. Nunca conseguira tolerar aquilo que, desde criança, classificava como uma fraqueza da espécie humana. Isabelle desistira de tentar escalar esse muro, apesar de, ao princípio, o ter feito. As diligências para uma aproximação que encetara após o nascimento de Teddy haviam-se revelado infrutíferas. Gordon resistira a todos os esforços de Isabelle, que acabou por aceitar o enorme abismo que se cavara entre ambos como algo natural.

Gordon sempre fora, por natureza, uma pessoa fria e pragmática, tanto no trabalho como em todos os outros aspectos da vida. Mesmo assim, ao princípio, ainda se mostrara carinhoso com Isabelle, que encarara a frieza do marido como um desafio. Cada sorriso ganho, cada gesto um pouco mais caloroso era como que uma vitória para si, pois Gordon não mostrava qualquer tipo de afabilidade com qualquer outra pessoa. Aos olhos de Isabelle, parecia ser um homem de

extrema competência e grande poder, com perfeito controle de todos os aspectos do seu mundo.

Quando se conheceram, havia muitos aspectos em Isabelle que o atraíam e que lhe garantiam que ela seria a esposa perfeita: a linhagem aristocrática, o nome e os influentes contatos que possuía, e que haviam sido de extrema importância para a consolidação do banco. A fortuna da família de Isabelle evaporara-se anos antes, mas a sua importância nos círculos sociais e políticos mantivera-se. Ao casar com ela, Gordon elevara substancialmente o seu status social, que era um fator de primordial importância para ele. Isabelle fora a peça perfeita para melhorar não só a sua posição social como a sua carreira profissional. Mas não fora só a linhagem que o atraía; o ar inocente que ela exibía também conseguira amolecer ligeiramente o seu coração.

Poucos homens teriam sido capazes de resistir ao ar doce de Isabelle. Era uma jovem simpática, sem a mínima ponta de malícia. O estilo ativo e a maneira atenciosa e requintada com que Gordon a cortejara haviam-na cativado, ao ponto de o considerar uma espécie de herói. A inteligência, o poder e a fama do banqueiro também a tinham fascinado. Gordon, por sua vez, aproveitou da melhor forma a vantagem de ter dezessete anos a mais do que ela para a seduzir com palavras doces, mas sensatas. Até a família de Isabelle ficou entusiasmada quando a pediu em casamento. Para eles, não havia a menor dúvida de que Gordon seria um marido perfeito que cuidaria dela com extremo zelo. Apesar de ser uma pessoa intransigente na vida profissional, mostrava-se extremamente dócil com ela, o que veio a revelar-se ser sol de pouca dura.

Quando conheceu Bill Robinson, Isabelle era uma mulher só, mergulhada numa vida de inusitado isolamento, em constante vigília junto ao filho enfermo e com um marido que raramente lhe falava. A voz de Bill era, por vezes, o único contato que tinha com um adulto durante todo o dia, para além do médico e da enfermeira de Teddy. Bill parecia ser a única pessoa no mundo que estava genuinamente preocupada com ela. Era raro Gordon perguntar-lhe como se sentia. Na melhor das hipóteses, se pressionado, dizia-lhe que ia jantar fora ou que partia de viagem na manhã seguinte. Deixara de partilhar a sua vida com ela. E as breves conversas que tinham só reforçavam a idéia de que Isabelle fora votada ao desprezo. Por outro lado, as horas que esta passava falando com Bill eram como janelas abertas para um mundo mais tolerante e mais rico, lufadas de ar fresco que vinham dar alguma alegria às suas noites sombrias. Ao longo dos anos, fora Bill que se tornara o seu melhor amigo. Gordon não passava de um estranho.

Numa das suas conversas pela madrugada, no segundo ano de relacionamento entre ambos, Isabelle tentara explicar isso mesmo a Bill. O estado de saúde de

Teddy piorara nas semanas anteriores, o que a deixara extremamente abatida e vulnerável. Além disso, encontrava-se deprimida com a frieza que Gordon demonstrara na noite anterior, ao dizer-lhe que ela estava perdendo tempo tratando do filho, que todos mundo via que este não tardaria a morrer, e que o melhor que fazia era aceitar essa realidade. A morte do pequeno seria um alívio para todos. E foi com a voz embargada e os olhos marejados de lágrimas que, nessa manhã, Isabelle repetiu essas palavras a Bill, que ficou horrorizado com a frieza e a crueldade de Gordon.

— Acho que o Gordon está ressentido comigo por passar a maior parte do tempo tratando do Teddy. Devia dar-lhe mais atenção.

Há muito que Gordon a convencera de que falhara enquanto esposa. Bill não conseguia aceitar que Isabelle reconhecesse que Gordon tinha razão.

— Nessas circunstâncias, acho razoável que o Teddy deva ser a sua primeira prioridade.

Há meses que Bill andava sondando médicos, na esperança de descobrir a cura milagrosa para Teddy. Mas estes haviam-no desencorajado. De acordo com Isabelle, o filho sofria de uma doença degenerativa que estava atacando-lhe o coração, os pulmões funcionavam com deficiência e todo o organismo estava deteriorando-se lentamente. Era consenso geral que seria um milagre se a criança conseguisse ultrapassar a barreira dos vinte anos. Bill ficava de coração destroçado só de saber o que Isabelle sofria e o que um dia teria de enfrentar.

Nos anos seguintes, a amizade entre ambos foi se solidificando. Continuavam conversando frequentemente ao telefone, e Isabelle escrevia-lhe longas cartas filosóficas, especialmente nas noites que passava acordada, à cabeceira de Teddy. Este tornara-se o centro da sua vida, e não só a afastara de Gordon mas também de Sophie, que já censurara a mãe em mais de uma ocasião, acusando-a de só querer saber do irmão. Assim, Bill era a única pessoa com quem Isabelle podia desabafar, nas longas conversas no meio da noite.

Os momentos que partilhavam ultrapassavam as suas realidades diárias, e até Bill se sentia muito mais aliviado das pressões da arena política quando falava com Isabelle. Esta, por sua vez, sentia-se transportar até um tempo e um espaço em que Teddy não se encontrava doente, Gordon não a rejeitara e Sophie nunca estava zangada consigo. Era como ser levada até àquele tipo de vida por que tanto ansiara. Bill apresentava-lhe uma nova visão do mundo. Falava-lhe da sua própria vida, das pessoas que conhecia, dos amigos e, uma vez por outra, da esposa e das duas filhas, que já estavam na faculdade.

Casara aos vinte e dois anos e, trinta anos depois, o casamento era só aparência. Cindy, a esposa, detestava o mundo da política, as pessoas que Bill conhecia, as coisas que ele tinha que fazer, os eventos a que eram obrigados a ir

e o fato de ele passar a maior parte do tempo em viagens. Tinha um total desprezo pelos políticos. Assim como por Bill, por ter devotado uma vida inteira à política.

Agora que as filhas estavam na faculdade, os amigos no Connecticut, as festas e o tênis eram os únicos interesses de Cindy. E se Bill fazia ou não parte daquela vida, pouco lhe importava. Há anos que deixara de sentir o que quer que fosse por ele. Levava a sua própria existência, tratando-o sempre com algum azedume. Passara trinta anos ao lado dele, andando de um lado para o outro e colocando os afazeres políticos à frente de tudo aquilo que tinha importância para si. Bill nunca se encontrava em casa na época das férias e dos aniversários. Estava sempre num lugar qualquer, preparando um candidato para um escrutínio partidário ou para as eleições. Nos últimos quatro anos, fora visita assídua da Casa Branca. Mas esse fato já não a impressionava, e tinha um prazer imenso em dizer-lhe que a vida política sempre a entediara. Já não sentia o que quer que fosse pelo marido. Fizera um *lifting* facial no ano anterior. Bill sabia que ela tivera uma série de romances discretos durante anos. Fora a sua vingança por uma indiscrição esporádica que ele tivera com a esposa de um congressista, dez anos antes. Cindy nunca lhe perdoara tal ato.

Ao contrário de Isabelle e Gordon, Bill e Cindy ainda partilhavam o quarto, mas apenas por uma questão de comodismo. Há anos que não faziam amor. Cindy dava a sensação de ter orgulho do fato de já não sentir qualquer atração sexual pelo marido. Mantinha praticamente a mesma beleza de quando casara com Bill, trinta anos antes: uma silhueta elegante, a pele bronzeada e os cabelos, com o correr dos anos, haviam ficado mais loiros. Os muros que ela erguera entre eles encontravam-se de tal modo elevados que a Bill nem sequer lhe passava pela cabeça escalá-los.

Preferia centrar as energias no trabalho, e falava com Isabelle quando precisava de um ombro amigo para desabafar. Era a Isabelle que admitia que estava cansado ou desanimado. Esta nunca se escusava a escutá-lo. E sempre com uma docilidade que nunca encontrara na esposa. Cindy atraía-o com o seu espírito vivo, a sua beleza e energia, o seu senso de humor e o ar travesso. Quando jovens, era divertido estar na sua companhia, mas agora questionava-se se ela sentiria a sua falta se, por acaso, desaparecesse da face da Terra. E até as próprias filhas, quando vinham para casa, o tratavam com indiferença. Ninguém parecia importar-se com o fato de ele estar ou não em casa. Quando chegava de uma viagem, era tratado como uma visita inesperada, um estranho, um apátrida, um desenraizado. Nunca dissera a Isabelle que a amava, nem esta a ele, apesar da grande devoção e admiração que nutriam um pelo outro.

Ao longo dos anos, os sentimentos que Bill e Isabelle expressavam

mutuamente sempre foram entendidos como simples amizade. Nunca nenhum deles admitira um ao outro, ou a si próprios, que havia mais do que simples admiração e prazer nas longas horas de conversa. Mas há anos que Bill reparava que, quando as cartas de Isabelle não chegavam, ficava preocupado. E quando ela não podia atender o telefone, porque se encontrava tratando de Teddy ou porque fora a algum lugar com Gordon, sentia imensas saudades. Como nunca imaginara. Ela já fazia parte da sua vida. Era alguém em quem podia confiar. Com Isabelle acontecia a mesma coisa. Bill era a única pessoa, além do filho de catorze anos, com quem falava. Com Gordon nunca conseguira ter conversas como tinha com Bill.

Gordon era uma pessoa mais ao estilo inglês. Apesar dos pais serem americanos, fora criado em Inglaterra. Andou em Eton, depois foi para os Estados Unidos, para a Universidade de Princeton. Mas, mal se formou, voltou para Inglaterra, de onde se mudou para Paris, para ir trabalhar no banco. Independentemente das origens, tinha um feitio muito mais britânico do que americano.

Conhecera Isabelle na casa de Verão do avô desta, no condado de Hampshire. Ela tinha vinte anos, ele quase quarenta. Apesar de ao longo da sua vida ter se cruzado com uma série de mulheres interessantes, nunca achara nenhuma delas merecedora de se tornar sua esposa. A mãe de Isabelle era inglesa e o pai, francês. Isabelle vivera em Paris durante toda a sua vida, mas costumava ir a Inglaterra no Verão, a fim de visitar os avós maternos. Falava inglês impecavelmente. Era uma garota de uma beleza deslumbrante, charmosa, inteligente e de grande discrição. A afabilidade, a vivacidade e a silhueta digna de um elfo cativaram Gordon desde o momento em que se conheceram. Pela primeira vez na vida, este convenceu-se que estava apaixonado. Além disso, as potenciais oportunidades sociais que essa aliança lhe proporcionariam eram irresistivelmente apelativas. Gordon vinha de uma família respeitável, mas não tão ilustre como a de Isabelle. A mãe desta pertencia a uma importante família de banqueiros, parente afastada da rainha e o pai era um distinto estadista francês. Isabelle constituía, em suma, um bom partido. Era de fina linhagem, e o seu ar tímido, dócil e despretensioso ligavam na perfeição com o modo de ser de Gordon. A mãe de Isabelle morrera antes de os dois se conhecerem. O pai ficou impressionado com Gordon e não teve qualquer pejo em aprovar o noivado. Achava que Gordon seria o marido perfeito para Isabelle.

Casaram ao fim de um ano. Mas Gordon frisou, desde o princípio, que ele é que tomaria todas as decisões. E foi isso mesmo que Isabelle sempre esperou dele. Gordon é que determinava com que pessoas se relacionariam e onde viveriam. Até a casa da Rue de Crenelle fora da sua escolha. Comprou-a antes

sequer de Isabelle a ver. Nessa época já se encontrava à comandando o banco e numa posição social invejável, sobretudo devido ao casamento com Isabelle, à qual proporcionava uma vida de absoluto recato. Só ao fim de algum tempo é que esta começou a dar-se conta das restrições que o marido lhe impunha.

Gordon é que dizia com quem Isabelle podia ou não relacionar-se. Além disso, exigia que ela recebesse condignamente os convidados do banco. Como era uma pessoa hábil, extremamente organizada e sempre disposta a seguir as diretivas do marido, Isabelle não sentiu qualquer dificuldade em adaptar-se a essas funções. Só mais tarde, depois de Gordon eliminar uma série de pessoas de quem ela gostava do seu círculo social, é que começou a achar que o marido, por vezes, era injusto. Gordon afirmara, em termos vagos, que essas pessoas não mereciam a sua amizade.

Isabelle era uma jovem extremamente aberta, desejosa de conhecer novas pessoas e aproveitar as oportunidades que a vida pudesse lhe proporcionar. Fora estudante de belas-artes, e, quando casou, resolveu trabalhar como estagiária de restauração no Louvre, apesar dos protestos de Gordon. Era o único local onde era independente. Adorou o trabalho e as pessoas que conheceu. Gordon achava a ocupação própria de boêmios e insistiu para que ela a deixasse quando engravidou de Sophie. Depois desta nascer, apesar dos prazeres da maternidade, Isabelle sentiu imensas saudades do museu e dos desafios e compensações que este lhe proporcionava. Mas Gordon não voltaria a ouvir falar do seu regresso ao trabalho depois do nascimento da filha, e Isabelle não tardou a voltar a engravidar; dessa vez, porém, perdeu o bebê. A recuperação foi longa e passou a ter dificuldades em engravidar. Quando conseguiu ficar grávida de Teddy, passou uma fase complicada, que resultou no nascimento prematuro do filho, com todas as preocupações que daí advieram.

Foi a partir desse momento que começou o seu afastamento de Gordon, que andava atarefadíssimo no banco. Agora, com um filho com graves problemas de saúde em casa, Isabelle pouco tempo podia dispensar aos deveres domésticos e sociais, fato que irritava Gordon. Na verdade, nesses primeiros anos da vida de Teddy, Isabelle praticamente não conseguia arranjar tempo para ele e para Sophie. Por vezes, tinha a sensação de estarem ambos contra si, o que considerava uma tremenda injustiça. Toda a sua vida girava em torno do filho. Nunca saía de perto de Teddy, apesar das enfermeiras que haviam contratado para cuidar dele. Infelizmente, nessa época, os seus pais já haviam falecido. Não tinha ninguém do seu lado. Gordon não queria ouvir falar dos problemas de Teddy nem das derrotas e vitórias clínicas do filho. Detestava falar no assunto e, como que para a castigar, deixou de ter qualquer tipo de relação mais íntima com ela no âmbito do casamento. Tudo levava a crer que já não a amava. No entanto,

Isabelle não tinha qualquer prova concreta disso. Gordon nunca ameaçou deixá-la, pelo menos fisicamente. Mas ela vivia sempre com a sensação de que o marido a pusera à margem.

Depois de Teddy, não tiveram mais filhos. Gordon não queria, e Isabelle não tinha tempo. Dava tudo o que possuía ao filho. Gordon, por seu turno, continuava a transmitir-lhe, explícita ou implicitamente, que ela se esquecera dele. Como se fosse ela a culpada da doença de Teddy. Não havia nada no filho de que Gordon se orgulhasse: os dotes artísticos, a sensibilidade, a perspicácia e o senso de humor. Além disso, as semelhanças de Teddy com Isabelle pareciam irritar Gordon ainda mais. Por ela sentia apenas desprezo e uma profunda e silenciosa raiva que nunca expressava em palavras.

Só anos mais tarde Isabelle soube, depois de uma prima de Gordon lhe contar, que este tivera um irmão mais novo que sofria de uma doença incapacitante e que morrera com nove anos. Gordon nunca referira esse fato a ninguém. O assunto era tabu. E embora a mãe tivesse lhe explicado a situação quando era mais novo, a última parte da infância foi passada vendo a mãe cuidando do irmão, até à morte deste. A prima não sabia muito bem que doença ele sofria, ou o que acontecera exatamente, só sabia que a mãe de Gordon adoecera pouco depois da morte do filho, acabando morrendo também, após longo e penoso sofrimento. E a sensação com que Gordon ficou foi a de ter sido traído por ambos, por nunca haver recebido a atenção, o carinho e o tempo a que achava ter direito e por terem acabado morrendo, abandonando-o.

A prima disse ainda que a mãe dele estava convencida de que o pai de Gordon morrera de desgosto, embora vários anos mais tarde, incapaz de recuperar da dupla perda. Na verdade, Gordon ficou com a sensação de que perdera toda a família por causa de uma criança doente. Mais tarde, Isabelle deixara de dedicar-lhe a sua atenção por causa da doença de Teddy. As palavras da prima de Gordon fizeram com que percebesse melhor o comportamento do marido, o qual, quando questionado sobre o assunto, negou tudo, considerando aquilo que a prima dissera um tremendo disparate. Afirmava que nunca fora muito ligado ao irmão nem nunca tivera qualquer sentimento de perda. A morte da mãe era uma lembrança muito remota e o pai fora sempre um homem muito difícil. Porém, quando lhe falou do assunto, apesar dos protestos, Isabelle vislumbrou um ar de pânico nos seus olhos. Era o olhar de uma criança magoada, não apenas o de um homem aborrecido. Interrogou-se então se não teria sido por isso que ele casara tão tarde e se mantinha tão distante de todas as pessoas. Porém, fosse qual fosse a explicação, a relação entre os dois não melhorou. As portas do céu não voltaram a abrir-se entre eles e Gordon fez questão de que elas se mantivessem assim.

Isabelle tentou explicar a atitude do marido a Bill, mas este não conseguia entendê-la, considerando uma desumanidade da parte de Gordon o fato de ter se desligado emocionalmente da esposa. Era uma das mulheres mais interessantes que alguma vez conhecera, cuja doçura e amabilidade só realçavam ainda mais a sua beleza. Porém, independentemente daquilo que pudesse pensar dela, Bill nunca dera o menor sinal de querer envolver-se em termos emocionais com Isabelle e nem sequer admitia que tal idéia lhe passasse pela cabeça. Esta frisara-lhe, desde o primeiro instante, que isso nunca iria acontecer. Se iam ser amigos, tinham de respeitar os respectivos casamentos. Por mais indelicado ou distante que Gordon pudesse ser relativamente a ela, Isabelle continuava a ser-lhe fiel. Ainda era seu marido e, para consternação de Bill, mantinha o respeito por ele e pelo casamento. A idéia do divórcio ou da infidelidade era impensável. De Bill só queria a amizade. Por muito só que, por vezes, pudesse sentir-se, aceitava esse fato como parte integrante do casamento. Bill confortava-a, aconselhava-a em muitas coisas e partilhavam as mesmas opiniões relativamente a muitos assuntos. E, enquanto conversavam, Isabelle conseguia esquecer todos os problemas e preocupações. Aos seus olhos, a amizade de Bill era uma dádiva divina que muito prezava. Mas não passava disso mesmo.

A idéia da viagem a Londres surgira por acaso, durante uma das habituais conversas de madrugada. Isabelle falara de uma exposição que iria ocorrer na Tate Gallery e que estava ansiosa por ver, mas sabia que isso nunca aconteceria, pois não se previa que a exposição passasse por Paris. Bill sugeriu então que fossem passar um ou dois dias em Londres, para a ver e para estarem algum tempo sozinhos, sem preocupações com o marido ou com os filhos. Para Isabelle, era uma idéia extremamente ousada, algo que nunca fizera. Ao princípio, ainda se mostrou relutante. Deixar Teddy nunca lhe passara pela cabeça.

— Porque não? — perguntou Bill, esticando as pernas e pousando os pés em cima da secretária. Era meia-noite, e estava no escritório desde as oito da manhã. Ficara até um pouco mais tarde para poder telefonar-lhe. — Iria fazer-te bem. Além disso, o Teddy tem andado melhor nos últimos dois meses. Se houver algum problema, em duas horas você chega em casa.

Bill tinha razão, mas, em vinte anos de casamento, nunca fora a lado nenhum sem Gordon. Era uma relação matrimonial bastante conservadora. Bill, pelo contrário, mantinha uma relação muito mais liberal com Cindy. Ultimamente, era muito mais comum viajarem sozinhos do que os dois. Bill já não fazia o mínimo esforço para passar férias com ela, à exceção de uma ou outra semana em Hampton. Cindy parecia muito mais feliz sem ele. A última vez que ele sugerira fazerem uma viagem juntos, arranjara inúmeras desculpas para não ir, e depois

partira para a Europa com uma das filhas. O espírito do casamento há muito que desaparecera, embora nenhum dos dois estivesse disposto a reconhecer esse fato. Cindy fazia o que queria. Bill tinha a vida política que adorava, além dos telefonemas para Isabelle.

Por fim, depois de várias conversas, convenceu-a a ir até Londres. Isabelle não cabia em si de contente. Estava ansiosa por ver a exposição e fazer compras em Londres. Tencionava ficar no Claridge's e talvez até visitar um amigo de Paris que se mudara para lá

Só dias mais tarde é que Bill descobriu que precisava de se encontrar com o embaixador americano em Londres. Este fora um dos principais financiadores da última campanha presidencial. Precisava do seu apoio para outro candidato. Queria sondá-lo quanto antes para estabelecer uma plataforma de acordo relativamente ao montante do donativo. Com esse apoio, o candidato de Bill teria muito mais chance de êxito. Além disso, era uma agradável coincidência o fato de Isabelle se encontrar em Londres nessa época.

— Fizeste de propósito, — perguntou ela, num inglês com um ligeiro sotaque francês, que Bill achava encantador. Aos quarenta e um anos, continuava a ser uma mulher bonita e não aparentava a idade que tinha. Os cabelos eram castanho-arruivados, a pele branca e macia e os enormes olhos esverdeados. Dois anos antes, a pedido de Bill, mandara-lhe uma fotografia sua com os filhos, para a qual ele costumava olhar durante os telefonemas.

— Claro que não. — Mas a pergunta de Isabelle não era despropositada. Bill sabia muito bem das intenções dela de viajar até Londres, quando combinara o encontro com o embaixador. Se, por um lado, achava que era a hora ideal, por outro, sabia que não era só por isso.

Adorava encontrar-se com Isabelle. Passava meses sonhando com as poucas vezes por ano que se encontrava com ela em Paris. Quando sentia saudades de a ver, arranjava uma desculpa para ir ter com ela ou, quando era obrigado a viajar para a Europa, apanhava um voo que fizesse escala em Paris. Encontravam-se três ou quatro vezes por ano, e quando isso acontecia iam almoçar. Nunca falara desses encontros a Gordon, apesar de continuar a achar que nada existia de mal ou clandestino. Tanto Isabelle como Bill tinham extremo cuidado nos nomes que davam às coisas. Era como se trouxessem faixas dizendo “amigos” quando se encontravam. Contudo, há muito tempo que Bill sentia muito mais por ela do que aquilo que alguma vez conseguira dizer-lhe.

Era com ansiedade que esperava a chegada a Londres. O encontro na embaixada só o ocuparia durante algumas horas. Queria passar o máximo de tempo possível com ela. Também estava desejoso de ver a exposição. Isabelle sentia-se excitada com a perspectiva de partilhar esse momento com Bill. Afinal

de contas, a exposição era a razão da sua ida a Londres. Encontrar-se com ele era um bônus inesperado. Haviam se tornado grandes amigos, mas nada mais do que isso. E o fato de ninguém saber da amizade entre ambos era apenas uma questão de simplificação das coisas. Não tinham nada a esconder. Isabelle exibiu uma capa de respeitabilidade que parecia ser de extrema importância para ela. Era uma fronteira que há muito estabelecera entre ambos e que Bill respeitava. Nunca faria nada que a aborresse ou a assustasse. Não queria pôr em risco uma relação que se tornara infinitamente preciosa para ele.

No quarto, na casa da Rue de Crenelle, Isabelle olhou para o relógio e soltou um suspiro. Estava na hora de ir embora, mas, no último instante, ainda sentiu vontade de ficar.

Deixara muitas instruções às enfermeiras que iriam tratar de Teddy durante a sua ausência. Ao pensar no filho, foi sorratamente, em bicos de pés, até à porta do quarto ao lado do seu. Por instantes, ainda se interrogou se seria boa idéia ir até Londres. Mas Teddy dormia profundamente. A enfermeira que se encontrava junto dele levantou os olhos e sorriu, ao mesmo tempo que lhe fazia um ligeiro aceno, como que para a tranquilizar. Tratava-se de uma das suas enfermeiras preferidas. Era oriunda da Bretanha e tinha um rosto bronzeado e sorridente. Isabelle acenou-lhe em despedida e fechou a porta do quarto. Estava na hora.

Pegou a mala de viagem e a mala de mão, ajeitou o vestido preto e olhou mais uma vez para o relógio. Sabia que naquele preciso momento, Bill se encontrava ainda no avião que partira de Nova Iorque, onde estivera trabalhando nos últimos dias. Passava a maior parte do tempo viajando entre Nova Iorque e Washington.

Pôs a mala de viagem no porta-bagagens do carro e a mala de mão no assento a seu lado. Partiu então para o Aeroporto Charles de Gaulle, com um olhar radiante estampado no rosto, enquanto Bill Robinson olhava pela janela do seu *Gulfstream*, que usava constantemente. Ao pensar nela, sorriu. Coordenara o voo de modo a chegar a Londres ao mesmo tempo que Isabelle.

CAPÍTULO DOIS

Bill Robinson passou pela alfândega do Aeroporto de Heathrow com ar decidido, como se estivesse com pressa. E até estava. Levou apenas alguns minutos levantando a mala. Então, com esta numa mão e a pasta na outra, dirigiu-se para o motorista do Claridge's, que empunhava discretamente uma placa com o seu nome. Ficava no Claridge's sempre que ia a Londres e convencera Isabelle a instalar-se lá também. Era um hotel com tradição e geralmente considerado o melhor da cidade. Há trinta anos que ficava hospedado nele.

Enquanto colocava a mala e a pasta no porta-bagagens da limusine, o motorista olhou de relance para o americano alto e de cabelos grisalhos, e reparou de imediato na aura de poder e sucesso que exibia e que não passava despercebida. Bill tinha olhos azul-claros, que condiziam maravilhosamente com o seu ar simpático e com os cabelos grisalhos, outrora loiros. Os traços eram marcadamente masculinos. O queixo, proeminente e anguloso. Usava calças cinzentas, *blazer*, camisa azul e uma gravata *Hermes* azul-escura; os sapatos pretos haviam sido meticulosamente engraxados antes de partir de Nova Iorque. Vestia com sutil elegância, sem qualquer laivo de ostentação. Ao abrir o jornal, sentado no banco traseiro da limusine, qualquer mulher teria reparado na beleza das suas mãos. No pulso, exibia um relógio *Patek Philippe*, que Cindy lhe oferecera anos antes. Tudo nele era suscetível de atrair as atenções. No entanto, Bill Robinson preferia ser um homem de bastidores. Apesar das óbvias ligações à política e das oportunidades que lhe eram concedidas, nunca tivera necessidade de ser um homem de primeira linha. Preferia as coisas assim. Era a excitação do poder que o alimentava. Adorava os cantos e recantos da cena política sempre em constante mutação e não nutria o mínimo desejo de ser conhecido publicamente. Preferia passar despercebido. Não precisava nem desejava atrair as atenções.

Era um aspecto da sua personalidade que partilhava com Isabelle. No caso dela, manifestava-se através da sua timidez.

No dele, era uma das formas de exercer discretamente o seu poder. Impunha mais respeito e atenção pelo seu silêncio do que por qualquer outra coisa que fizesse ou dissesse. Também Isabelle dava mais nas vistas pelo seu silêncio. Ficava pouco à vontade quando a atenção estava concentrada em si e só em conversas a dois, como as que costumava ter com Bill, é que se libertava dela própria. Ele adorava a forma como Isabelle se abria consigo. Conhecia todas as suas emoções, todas as reações, todas as idéias, e ela não hesitava minimamente

em partilhar segredos com ele, coisa que nunca fizera com Gordon.

Bill dirigiu-se para a entrada do Claridge's e Thomas, o porteiro, reconheceu-o de imediato, mostrando-se satisfeito por revê-lo. Pouco depois, já Bill conversava amenamente acerca do tempo e das recentes eleições locais com o subgerente, que o conduziu até ao quarto, uma suite ampla e acolhedora no terceiro andar, decorada com flores de cretone, sedas azul-claras e antiguidades. Mal o subgerente saiu, enquanto passeava o olhar pela suite, pegou o telefone. Ao ouvir a voz familiar, sorriu.

— Como foi a viagem?

— Boa — respondeu Isabelle, esboçando um franco sorriso. Haviam sincronizado as chegadas. Instalara-se no hotel vinte minutos antes. — E a sua?

— Ótima. — Bill sorriu, com um ar jovial, pelo qual as mulheres sempre se sentiam atraídas. Parecia que nunca mais acabava. Estava ansioso por chegar aqui. Já tinham passado quase seis meses desde a última vez que haviam se encontrado em Paris. Planejara voltar mais cedo, mas complicações políticas inesperadas não haviam permitido. Sentia um grande desejo de vê-la. — Está cansada? Quer descansar um pouco?

— Depois de uma hora de viagem. — E riu-se. — Estou bem. E você?

— Esfomeado. Quer ir comer qualquer coisa? — Eram três horas da tarde.

— Adoraria. Depois podemos ir dar um passeio a pé. Não me mexi durante todo o dia. Nem sequer me levantei no avião. — Isabelle também estava ansiosa por vê-lo e isso percebia-se na voz. Os encontros provocavam-lhes sempre uma ânsia terrível e quando estavam juntos falavam horas a fio, tal como faziam ao telefone. Nunca havia qualquer tipo de acanhamento entre eles.

— Como é que ficou o Teddy? — perguntou Bill, apreensivo. Sabia que era uma constante preocupação para Isabelle.

— Dormindo. Mas passou bem a noite. A Sophie telefonou de Portugal ontem à noite. Estava divertindo-se muito com os amigos. E as suas filhas?

— Acho que estão bem. Dentro de semanas, vêm a Londres com a mãe. Praticamente não falam comigo. Só sei onde estão pelas compras que aparecem no meu *American Express*. A Cindy vai levá-las para o Sul de França, antes de irem ao Maine visitar os avós. — Depois iria encontrar-se com elas em Hampton, no final do Verão, como de costume. Mas, antes disso, tinha uma série de coisas para fazer. Ficaria trabalhando em Washington durante todo o Verão. Cindy já nem sequer lhe perguntava se ia vê-las com elas onde quer que fosse. Sabia que era uma causa perdida e mostrar-se-ia espantada se ele tivesse essa intenção. — Qual é o número do seu quarto? — E olhou para o relógio. Tinham tempo para um almoço rápido. À noite, iria levá-la ao Bar Harry's.

— Trezentos e catorze.

— Estamos no mesmo piso. O meu é o trezentos e vinte e nove. Passo por aí quando estiver pronto. Dez minutos?

— Ótimo. — Isabelle esboçou um tímido sorriso e fez uma ligeira pausa. — Será um prazer voltar a ver-te, Bill.

As palavras saíram num forte sotaque francês e Bill sentiu-se como que rejuvenescido. Isabelle significava tanto para ele que não encontrava palavras para definir os seus sentimentos. Era o protótipo da mulher por quem sempre ansiara: gentil, carinhosa, paciente, compreensiva, interessada por tudo o que ele fazia, divertida, simpática. Fora uma inesperada dádiva caída do céu, tal como ele o era para ela. A única pessoa a quem Isabelle podia agarrar-se na vida, depois de tudo o resto à sua volta ter se desvanecido ao longo dos anos. Já não havia nada com que pudesse contar. A saúde de Teddy era uma preocupação constante e sabia que podia perdê-lo a qualquer momento. Gordon era simplesmente o homem com quem partilhava a casa e de quem recebera o nome, mas sentia que ele já não fazia parte da sua vida. À exceção de ocasionais aparições públicas, Gordon não a solicitava para nada. Além disso, como era próprio da idade, Sophie já abandonara o ninho. Nos últimos tempos, mais do que nunca, sentia-se só. À exceção de quando estava com Bill, pessoalmente ou ao telefone. Ele era a sua trave mestra, a sua alegria, o seu conforto, o seu melhor amigo.

— Também será um prazer ver-te de novo. Passo para buscar-te dentro de dez minutos. Depois podemos falar do que pensamos fazer. — Sabia que iriam a Tate Gallery no dia seguinte e que havia algumas galerias particulares que Isabelle queria visitar. Planejava convidá-la para jantar em ambas as noites. Também gostaria de a levar ao teatro, porque sabia que era uma das coisas que ela mais apreciava, mas não estava disposto a perder horas do precioso tempo que podia passar conversando com ela. Era terça-feira e tinham até quinta à noite. Isabelle dissera que talvez pudesse ficar até sexta de manhã, o que dependeria do estado de saúde de Teddy. Além disso, achava-se no dever de passar o fim-de-semana em Paris. Era uma corrida contra o tempo, uma dádiva extraordinária poderem passar aqueles dias juntos. A primeira vez que tal acontecia. Da parte de Bill não havia segundas intenções. A única coisa que queria era estar com Isabelle. Os sentimentos que nutriam um pelo outro eram os mais puros e inocentes.

Bill lavou o rosto e as mãos, barbeou-se rapidamente, sem nunca deixar de pensar em Isabelle e, dez minutos depois, já andava pelo corredor à procura do quarto dela. A localização, era um pouco confusa, mas acabou por encontra-lo. Bateu à porta. A espera pareceu interminável. Isabelle abriu então a porta e, durante alguns instantes, não desviou os olhos dos dele, ao mesmo tempo que sorria timidamente.

— Como você está, Bill? — perguntou, a pele macia ligeiramente corada, os longos cabelos escuros e brilhantes sobre os ombros, os olhos fixos nos dele. — Tem um ótimo aspecto.

Aproximaram-se um do outro e beijaram-se no rosto. Nunca haviam dado outro tipo de beijo. Bill ainda mantinha um ligeiro bronzeado de um fim-de-semana que passara em Greenwich, semanas antes, em claro contraste com a pele branca de Isabelle, cujos verões de praia no Sul de França haviam acabado anos antes. Gordon ainda ia lá esporadicamente visitar amigos, ou com Sophie, enquanto Isabelle permanecia em casa com o filho.

— Você também. — Sempre que a via, ficava impressionado com a sua beleza. Por vezes, esquecia-se disso, durante as longas conversas telefônicas, em que ouvia, extasiado, as palavras e as idéias de Isabelle. Mas, mais do que a beleza, era a alma dela que o cativava. Chegou-se mais a ele e enfiou-lhe a mão debaixo do braço com a graciosidade de uma corça.

Bill reparou então no elegante vestido preto, na mala *Hermes* e nos sapatos de salto alto. Nas mãos trazia apenas a aliança de casamento, nas orelhas, um par de pequenos brincos com um diamante. Quem olhasse para ela não acreditaria que estava diante de uma pessoa com graves preocupações. Tinha um sorriso extremamente afável. Os olhos de Bill brilhavam de felicidade.

— Meu Deus, está estupenda! — Há quatro anos que mantinha o mesmo aspecto. Talvez um pouco mais magra, mas, com a sua beleza clássica, dava a impressão de que o tempo não passava por ela. Enquanto desciam as escadas, de braço dado, conversando sobre a viagem, as galerias que pretendiam de visitar, a exposição na Tate Gallery e as filhas de Bill, este parecia um garotinho. Adorava contar histórias engraçadas sobre as meninas. Ao passarem pelo porteiro, ainda Isabelle ria, divertida.

— Receei que o estado de saúde do Teddy não te permitisse vir. — Bill dizia-lhe tudo o que pensava, tal como Isabelle fazia com ele. Teddy poderia realmente ter impossibilitado a vinda dela a Londres. Ou Gordon, se houvesse decidido que ela não deveria vir. Mas este não parecera nada preocupado com o fato de a esposa ir passar uns dias em Londres. Teddy, por seu turno, ficara encantado por a mãe poder ir. Não sabia nada de Bill, mas adorava ver a mãe sorrir e não queria ser um empecilho em relação à viagem.

— Também receei não poder vir. Mas o Teddy está muito melhor. Há cinco anos que não o via assim tão bem. Com a adolescência, o estado de saúde dele agravou-se. O coração e os pulmões não estavam conseguindo acompanhar o crescimento geral do corpo. Ele queria que eu viesse.

Bill tinha a sensação de o conhecer há anos. Embora não soubesse como, esperava que isso acontecesse um dia.

Saíram para a Brook Street, e Isabelle, ainda de braço dado com Bill, inspirou profundamente. Estava um dia magnífico e um calor que não era normal em junho.

— Onde quer ir? — indagou Bill, fazendo uma lista mental das várias opções, se bem que o que lhe interessava era apenas estar com ela. Tinha a sensação de se encontrar de férias. Nunca conseguia arranjar tempo para uma tarde descontraída, um almoço informal ou um passeio a pé com uma mulher a seu lado. Toda a sua vida girava em torno do trabalho e tudo o que fazia tinha a ver com a política. Nunca desfrutava de tempo livre, exceto quando estava com Isabelle. A seu lado, o tempo parecia parar. Quem o conhecesse bem não o reconheceria, descontraído, de sorriso nos lábios, ao lado de uma bonita mulher de longos cabelos escuros. — Que tal irmos comer uma pizza em um lugar qualquer?

Isabelle, com um radioso sorriso nos lábios, fez um gesto afirmativo com a cabeça. A felicidade que sentia era tanta que mal conseguia concentrar-se no que dizia.

— Do que está rindo? — perguntou Bill, em tom de gracejo, enquanto desciam calmamente a rua. Ambos sentiam que, pelo menos por agora, tinham muito tempo para si.

— De felicidade, só isso. Nunca fiz nada assim. Sinto-me liberta de todas as preocupações. — Isabelle sabia que Teddy estava em boas mãos e todo o resto estava bem.

— É assim que desejo que se sintam. Só quero que se descontraia e esqueça tudo.

Poucos minutos depois, apanharam um táxi e foram até um pequeno restaurante que Bill conhecia em Shepherd Market, perto da embaixada. Iam lá várias vezes nos intervalos das reuniões. O restaurante tinha um jardim e o dono ficou encantado ao vê-los. Estavam ambos elegantemente vestidos e havia algo de carismático neles. O dono conduziu-os então até a uma mesa num local recatado ao fundo da sala, trouxe a lista de vinhos a Bill, entregou o cardápio a ambos e desapareceu.

— É um lugar maravilhoso — observou Isabelle, por entre um sorriso, enquanto se recostava na cadeira e fitava Bill. A última vez que o vira fora em Paris, no Inverno anterior, pouco antes do Natal. Oferecera-lhe uma bonita echarpe *Hermes* e a primeira edição de um livro de que haviam falado, encadernado a cabedal e extremamente raro. Isabelle tinha um carinho especial por ele, tal como por todas as outras coisas que Bill lhe dera ao longo dos últimos quatro anos.

— Sinto-me uma menina mimada.

— Ótimo! — exclamou Bill, dando-lhe uma palmadinha na mão. Concordaram em comer uma pizza, mandaram vir também saladas e uma garrafa de Carton-Charlemagne.

— Agora vai embebedar-me no meio da tarde... — Bill sabia, pelos almoços anteriores, que Isabelle pouco bebia, mas era o vinho de que ela mais gostava e além disso de uma colheita excelente.

— Julgo que não corre esse risco, a menos que tenha adquirido maus hábitos nos últimos seis meses. Eu estou mais sujeito a embebedar-me do que você. — confessou Bill, embora Isabelle nunca o tivesse visto beber em demasia. Era uma pessoa sem vícios aparentes, à parte o de trabalhar demais.

— Que vamos fazer esta tarde?

— O que quiser. Estou feliz por estar aqui. — Sentia-se um passarinho fora da gaiola. Bill sugeriu então que dessem umas voltas por algumas galerias e lojas de antiguidades, proposta que ela adorou. Não pararam de conversar durante toda a refeição. Eram quatro e meia quando saíram do restaurante. Pegaram outro táxi. Bill tinha uma limusine à sua disposição no hotel, mas ambos preferiam a liberdade de poderem andar por Londres sozinhos. Depois de visitarem as galerias e as lojas, regressaram ao hotel a pé. Já passava das seis.

— Jantamos às nove? — perguntou Bill, esboçando um sorriso. — Podemos tomar uma bebida aqui no hotel e depois vamos ao Bar Harry's. — Há muito que era o restaurante favorito de ambos. Tinha um ar respeitável e não havia o problema de poderem ser vistos. Não existia nada para esconder e, se Gordon viesse a saber, Isabelle não tinha qualquer escrúpulo em dizer-lhe que se encontrara com Bill Robinson. Não iria contar-lhe de livre e espontânea vontade, mas não alimentava qualquer sentimento de culpa, nem havia qualquer motivo para se desculpar. — Apanho-te no teu quarto às oito.

Quando entraram no elevador, Bill colocou o braço sobre os ombros de Isabelle. Quem os visse não diria que estavam em quartos independentes e que não eram casados. A familiaridade entre ambos era tal, que mais parecia estarem vivendo um romance. Enquanto se dirigiam ao terceiro andar e se encaminhavam até ao quarto dela, pareciam absortos relativamente a tudo o que os rodeava.

— Passei uma tarde maravilhosa — E pôs-se na ponta dos pés para o beijar no rosto. — Você é uma pessoa muito boa para mim, Mister Robinson. Obrigada, Bill — proferiu Isabelle num tom solene, enquanto ele sorria.

— Não sei como posso ser uma pessoa tão boa para você. É uma mulher horrível e insuportável. De vez em quando, tenho de ser um pouco caridoso. — Isabelle riu-se e Bill fez-lhe uma festa no braço, ao mesmo tempo que a porta do quarto se abria. — Descansa um pouco antes de sairmos logo à noite. Far-te-á

bem. — Bill estava bem a par da vida stressante que ela tinha cuidando do filho. Como tal, queria que descansasse, que gozasse umas férias autênticas. Também sabia, por aquilo que ela lhe contava, que Gordon praticamente não lhe dava a mínima atenção. Por isso, durante o pouco tempo que estavam juntos, fazia questão de lhe mostrar que havia alguém que se mostrava preocupado com ela. Isabelle prometeu-lhe então que iria dormir um pouco. Já no quarto, deitada na cama, pensou mais uma vez em Bill, no modo como, anos antes, quase por acaso, ele entrara na sua vida e na sorte que tivera em conhecê-lo

Por vezes, interrogava-se sobre a razão por que ele continuava com a mulher. Era fácil deduzir que não havia comunicação entre eles, e Bill merecia muito mais. Mas também sabia que ele não gostava de falar no assunto. O estado do seu casamento com Cindy era algo que aceitava como um dado adquirido e um equilíbrio que preferia não ver perturbado. Isabelle desconfiava que ele achava que um possível divórcio constituiria um tremendo incômodo. Não queria o menor indício de escândalo perto de si, nem atrair as atenções. Parte da sua força residia na discrição. Um divórcio teria provocado demasiado alarido, especialmente se fosse litigioso. Além disso, Cindy gostava das coisas tal como estavam. Apreciava as vantagens práticas de ser Mrs. William Robinson, especialmente em Washington. Embora dissesse que detestava a política, ter um marido que exercia considerável influência sobre o presidente era algo que tinha impato no meio que frequentava. Isabelle sentia imensa pena dele. Bill merecia muito mais do que aquilo que tinha com Cindy. O mesmo acontecia com ela. A vida que levava com Gordon não era certamente o casamento por que ansiara vinte anos antes, mas era algo que aceitava como uma contingência da vida. Naquele momento, deitada na enorme cama do Claridge's, já não era nisso que pensava, mas na noite de conversa e boa disposição que iria ter com Bill. Nesse exato instante, Gordon parecia fazer parte de um mundo distante, quase inexistente. Bill fazia-a rir e sentir-se segura e bem consigo própria. Estar com ele em Londres era um sonho que se tornara realidade.

Cochilou até às sete horas, depois levantou-se e tomou um banho. Escolheu um vestido de noite de renda preta, uma echarpe de seda, sapatos de salto alto de cetim preto, um colar de pérolas e um par de brincos de diamantes. O vestido era sóbrio, mas muito feminino e, tal como ela, de sutil beleza. Prendeu o cabelo numa trança e aplicou um pouco de maquiagem no rosto. Às oito horas em ponto, quando veio buscá-la, Bill teve uma reação de espanto. Nessa altura, já ela telefonara para casa e falara com a enfermeira de Teddy, que a tranquilizou dizendo-lhe que o filho se encontrava bem. Gordon saíra e Teddy já adormecera. Apesar de não ter falado com o filho, ficou feliz por saber que estivera bem durante todo o dia. Essa notícia veio dar-lhe outro ânimo para a noite que ia

passar com Bill.

— Uau! — exclamou Bill, dando um passo atrás para a admirar melhor. Com a echarpe sobre os ombros e o vestido de renda justo ao corpo, Isabelle exibia uma beleza e uma sensualidade deslumbrantes. — Está encantadora. Quem desenhou o vestido? — perguntou, com ar de conhecedor, o que provocou uma gargalhada em Isabelle, que não o tinha como um entendido em alta costura.

— O Saint Laurent. Está surpreendendo-me. Desde quando se interessa por moda? — Bill nunca fizera qualquer comentário desse gênero, mas as coisas ali eram diferentes. Podiam dar-se a esse luxo, tendo dois dias de convívio à sua frente.

— Desde que te vejo vestida assim. Ao almoço usava um conjunto *Chanel*, não usava? — perguntou, orgulhoso consigo próprio, provocando nova gargalhada

— Estou impressionada. Tenho de ter cuidado com aquilo que visto daqui para a frente e saber se está de acordo com os seus padrões.

— Não tem nada que se preocupar. Está deslumbrante Estás comentou, num tom afável.

Desceram no elevador, quase encostados um ao outro, conversando baixinho. Isabelle contou-lhe que falara com a enfermeira que ficara cuidado de Teddy e que esta lhe dissera que ele estava ótimo, o que a deixara muito mais descansada. Bill só queria que ela se descontraísse e divertisse, e até agora estava tudo correndo às mil maravilhas. Bill passava grande parte do seu tempo pensando no que iria fazer com Isabelle durante os dois dias. Queria que esta fosse uma viagem que ambos recordassem pela vida fora, porque não sabia quando é que os seus caminhos voltariam a cruzar-se. Quase tinha medo de pensar nessa eventualidade. Sabia que era muito provável que aquela oportunidade extraordinária não voltasse a repetir-se.

Quando entrou no bar do Claridge's, atrás dela, várias cabeças se viraram na direção dos dois. Sentaram-se numa mesa de canto. Bill pediu um uísque com soda para si e um copo de vinho para Isabelle, que, como de costume, mal tocou-o. Falaram de arte, política, teatro, da casa de verão da família dele em Vermont e dos locais onde ambos adoravam ir quando crianças. Isabelle falou das visitas aos avós no Hampshire e das ocasiões raras, mas impressionantes, em que se encontrara com a rainha. Bill sentia-se deslumbrado com as histórias dela, que, por sua vez, escutava com igual fascínio as de Bill. Havia, como sempre, uma impressionante similaridade entre eles, no que tocava a reações, filosofia de vida, gostos, pessoas, lugares e à importância dos laços familiares. Foi Isabelle que comentou, mais tarde, que era estranho como pessoas a quem a família dizia tanto tivessem deixado os casamentos chegarem ao ponto em que se

encontravam, tendo escolhido parceiros que pouco tinham a ver com eles.

— A Cindy era muito mais meiga quando estávamos na faculdade, depois transformou-se numa pessoa cínica. Não sei se a culpa é minha — observou Bill, pensativo. — Somos pessoas muito diferentes e há muitos anos que não lhe satisfaço as necessidades. Acho que a desiludi. Queria que eu praticasse o chamado jogo social com ela no Connecticut e em Nova Iorque. Nunca mostrou grande interesse pela cena política. Ao contrário de mim, que sempre me fascinou e à qual me dediquei de alma e coração. Agora que me movimento mais nos bastidores, acho que se fartou e perdeu qualquer interesse por tudo o que me diz respeito. Vivemos em mundos completamente diferentes.

No entanto, Isabelle achava que havia algo mais do que isso. Há anos que Bill lhe confidenciara que suspeitava que a mulher lhe fora infiel. Confessara-lhe também a sua única aventura amorosa. Mas sentia, por aquilo que ele lhe contava e não contava, que Cindy não só estava afastada dele como também o punia, quando se encontravam, por aquilo que considerava serem as falhas dele para com ela. Isabelle nunca ouviu histórias de intimidade, de afabilidade, ou de qualquer outro tipo de apoio emocional entre eles. E não conseguia deixar de se interrogar se não seria doloroso para Bill admitir que a esposa já não o amava. Se é que alguma vez o amara. O mesmo tipo de questões se colocava relativamente a Gordon. No entanto, não queria pressionar Bill no que dizia respeito à mulher. Fosse o que fosse que ele visse nela, não queria forçá-lo a encarar algo que pudesse ser extremamente doloroso ou embaraçoso de admitir ou abordar.

— Penso que o Gordon é muito mais frio do que a Cindy — opinou Bill, convicto do que estava dizendo. — Isabelle não discordou, embora achasse que, em parte, a culpa também era sua.

— Acho que tenho sido uma grande desilusão para ele — proferiu, com ar sereno, já dentro da limusine que os conduziria ao Bar Harry's. Acho que ele esperava que eu tivesse mais vida social e que saísse mais. Não tenho qualquer problema em receber os convidados dele, mas sou péssima no que toca a abrir-me com as pessoas ou a impressioná-las. Isso já é algo que me custa. Nos primeiros tempos de casamento, sentia-me uma marionete de que Gordon puxava todos os fios. Ele é que me instruía sobre o que eu diria às pessoas, o que faria, como me comportaria, o que pensaria. Depois, com a doença do Teddy, deixei de ter tempo e paciência para entrar nesse jogo. Já quando a Sophie era pequena, estava muito mais interessada nela do que naqueles idiotas todos que ele queria que eu impressionasse. Eu só desejava ter uma vida familiar e um lar. É provável que tenha falhado nesse aspecto. O Gordon é muito mais ambicioso do que eu.

Bill achava que devia haver algo mais do que isso. A frieza e a crueldade de que Gordon dava mostras pareciam ser premeditadas, para fazer Isabelle sentir que a distância entre eles era inteiramente culpa dela. Como se insinuasse que, se ela tivesse tido outro comportamento, ele ainda estaria ativamente envolvido na sua vida. Bill desconfiava que os motivos para o afastamento de Gordon não tinham nada a ver com Isabelle ou com Teddy, mas com coisas que a ela ainda nem sequer haviam passado pela cabeça. No entanto, não queria magoá-la insinuando tal coisa. Apesar da rudeza de Gordon, Isabelle continuava a ser-lhe fiel e a arranjar desculpas para as coisas que ele fazia e lhe dizia. Por aquilo que Bill conseguia perceber, a generosidade de espírito que ela manifestava para com Gordon era imerecida, mas característica dela.

— Não vejo como pode ter desiludido quem quer que seja. Não conheço ninguém que se entregue com tanto empenho àquilo que faz e estou certo de que deste o seu melhor por ele. Além disso, o fato de o Teddy ter nascido com problemas de saúde não foi culpa sua.

— O Gordon acha que fiz qualquer coisa durante a gravidez que originou que o Teddy tivesse nascido antes do tempo. O médico diz que isso teria acontecido de qualquer da forma, mas o Gordon nunca ficou convencido.

Bill não gostara dele nas duas vezes em que se encontraram. Achara-o muito emproado e arrogante, e o modo sarcástico como falava com Isabelle incomodou-o. Tratava-a como uma criança, mandava-a embora com palavras ríspidas e um aceno de mão, diante dos convidados. Porém, apesar de ignorar a esposa durante quase todo o tempo, mostrou-se afável com Bill. Era simpático quando queria, com as pessoas que achava poderem ser importantes ou úteis para si. Era quase como se precisasse de castigar Isabelle por aquilo que ela era. Tratava-a com absoluto desdém. Mas Bill desconfiava que, bem no fundo de tudo, Gordon estava impressionado com a família de Isabelle e sentia-se algo complexado, talvez por causa dos laços com a família real. Por isso, tinha necessidade de estar constantemente rebaixando-a, para se afirmar. De qualquer forma, quanto mais não fosse para não a magoar, Bill fingia um moderado respeito quando ela falava do marido. Não queria coloca-la na posição de defensora dele. A lealdade de Isabelle era por demais evidente. Afinal de contas, era seu marido. Mas já não fingia ser feliz com Gordon. Limitava-se a aceitar o casamento como uma inevitabilidade da vida e recusava queixar-se do estado a que as coisas haviam chegado. Estava grata por ter Bill para conversar e para a ouvir, e adorava o fato de ele estar constantemente fazendo-a rir.

Nessa noite, havia muita gente no Bar Harry's. Mal conseguiam passar pela porta. Junto ao bar, viam-se mulheres de vestido de noite ao lado de homens de terno escuro, camisa branca e gravata sóbria. Tinham todos um aspecto

sofisticado, extremamente elegante, e Isabelle com o seu vestido de renda preta encaixava-se com perfeição nesse cenário. Bill, por seu turno, não destoava, no seu terno azul-escuro, que comprara antes da viagem.

O maitre reconheceu-o de imediato e, depois de cumprimentar Isabelle com um sorriso, conduziu-os até à mesa preferida de Bill, a um canto da sala. Daí podiam ver uma série de rostos conhecidos: várias atrizes, uma estrela de cinema famosa, algumas figuras de monta no campo da literatura, uma mesa de homens de negócios do Bahrein, duas princesas sauditas e uma mesa de americanos elegantemente vestidos, um dos quais fizera fortuna na indústria petrolífera. Muitas dessas pessoas de renome dirigiram-se à mesa para cumprimentar Bill, que apresentava Isabelle simplesmente como Mrs. Forrester, não dando mais nenhum pormenor acerca de quem se tratava. A meio do jantar, Isabelle reparou num banqueiro francês que conhecera anos antes, e que, naturalmente, conhecia Gordon, mas que não a reconheceu.

— Gostaria de saber o que estas pessoas pensam que somos — comentou Isabelle, pouco preocupada com o fato, mas divertida. Estava com a consciência limpa, apesar de não ser normal estar em Londres jantando com um homem no bar Harry's.

— Provavelmente pensam que é uma estrela de cinema francesa e eu um campônio que você arranjou. — E riu-se, enquanto o garçom servia *Cristal* com a sobremesa. O jantar estivera excelente e haviam bebido dois vinhos magníficos. Mas nenhum dos dois estava bêbado. Sentiam-se saciados, felizes e descontraídos.

— Pouco provável — retorquiu Isabelle, divertida. Todos te conhecem, apesar de achar que não. A mim é que ninguém conhece.

— Posso fazer um anúncio, se quiser. Ou vamos mesa a mesa quando sairmos e apresento-te a todos como a minha melhor amiga. Acha que isso lhes satisfará a curiosidade? — A única coisa que as pessoas que os rodeavam viam era um casal extremamente elegante e divertido.

— Talvez. Acha que a Cindy ficaria aborrecida se soubesse que jantou fora com outra mulher? — Isto despertava sempre a curiosidade de Isabelle.

— Quer que te responda com toda a franqueza? — perguntou Bill, de sorriso nos lábios. Não tinha segredos para ela. Prometera, há muitos anos, que nunca lhe esconderia a verdade, por mais incômoda que esta pudesse ser. O mesmo acontecia com Isabelle relativamente a ele. — Acho que nem ligaria. Já passou essa fase. Desde que não a ridicularize em público, pensa que isso são contas do meu rosário. Ela também não gostaria que eu a questionasse sobre a sua vida. E tem muito mais a esconder do que eu. — Há anos que ouvia rumores acerca dela, e só das primeiras duas vezes é que a interrogara. Depois resolvera não

querer saber.

— Isso, de certo modo, entristece-me. Os casais não deviam ser assim.

— O casamento pode encobrir uma série de situações. O seu e o meu não são o gênero de casamento com que as pessoas sonham. Nós temos aquilo a que as pessoas, por variadas razões, ao fim de muito tempo, acabam por se acomodar.

— Acho que você tem razão — disse Isabelle, pensativa, enquanto o garçom lhe servia um cálice de *Chateau d'Yquem*. — Mas será bom para você, acomodar-se? — O vinho que bebera soltara-a um pouco mais.

— Não tenho alternativa. Se não me acomodar, só me resta o divórcio. E, por várias razões, nenhum de nós quer isso. A Cindy quer a aura de respeitabilidade e o tipo de vida que lhe proporciono. E eu não estou interessado nas ondas de choque que se gerariam se nos divorciássemos. Por si só, mantemo-nos assim. Além disso, as meninas podiam não o aceitar bem. Não há nada nem ninguém a quem eu queira mais.

Bill há muito que se conformara com a sua situação,mas, às vezes, Isabelle perguntava-se porquê. Aos cinquenta e dois anos, Bill ainda era um homem suficientemente jovem para começar uma nova vida. Merecia ser feliz. Dava tanto e recebia tão pouco. Bill pensava o mesmo dela.

— Nunca irá encontrar ninguém enquanto estiver preso a ela — afirmou, enquanto bebia um gole de Yquem.

— Está sugerindo que me divorcie? — Bill pareceu surpreso. Isabelle nunca lhe dissera tal coisa e não conseguia deixar de se interrogar por que razão é que ela estava lhe dizendo aquilo agora.

— Não sei. Às vezes, pergunto-me se não estamos desperdiçando as nossas vidas. Eu não tenho alternativa, por causa do Teddy e, de qualquer forma, nunca me divorciaria. Não existe um único caso de divórcio na minha família. Na minha idade, é muito difícil começar tudo de novo. Para um homem é diferente. — Bill continuava surpreso com as palavras dela. Nunca imaginara que Isabelle já tivesse encarado a hipótese de deixar Gordon.

— Não acho. Além disso, você é onze anos mais nova do que eu. Se alguém deve pensar numa vida nova, esse alguém é você. Há vários anos que você e o Gordon não estão casados, na verdadeira acepção da palavra. Merece algo muito melhor. — Era a primeira vez que falava com toda a franqueza sobre aquele assunto, mas fora Isabelle quem puxara a conversa.

— Não posso fazer isso e sabe bem porquê. Todos os nossos amigos e familiares ficariam horrorizados. Além disso, não posso perturbar a vida do Teddy. É demasiado frágil para sobreviver a uma mudança dessas. E o Gordon nunca toleraria tal coisa. Matar-me-ia antes de me dar o divórcio. Não tenho a menor dúvida. A separação era algo que se encontrava fora das suas cogitações.

As palavras eram ditas num tom convicto, mas, nessa noite, pela primeira vez, Isabelle sentia-se uma condenada em liberdade condicional. Nunca se permitira pensar em como era deprimente a casa de Paris, como a sua vida era limitada e no completo desprezo a que Gordon a votara. De súbito, sentada no Bar Harry's com Bill, tomou perfeita consciência do que nunca tivera. No entanto, continuava a bater na tecla de que isso se devia ao fato de a sua vida girar em torno de um filho doente. Não se sentia ainda preparada para entender que a vida solitária que levava se devia em grande parte ao fato de, anos antes, ter sido abandonada, do ponto de vista emocional, pelo homem com quem casara.

— Nunca tinha te ouvido falar assim — observou Bill, enquanto pousava a mão sobre a dela. Isabelle nunca admitiria a profunda tristeza em que vivia, arranjando sempre desculpas para esse fato. Também nunca aceitaria o fato de Gordon ser o potencial destruidor da sua vida. Bill chegou a questionar-se se Gordon alguma vez a ameaçara. Mas, fosse como fosse, ela estava perfeitamente ciente da crueldade desse homem, não só relativamente a ela, mas também em relação ao filho. — O que leva você a dizer isto agora? Ele ameaçou-te? — Isabelle nunca referira que Gordon a mataria se ela abandonasse o lar, e Bill perguntava-se agora se ela abordara alguma vez o assunto com o marido. Fitou-a por instantes. Por trás do sorriso que esboçava, vislumbrava-se uma certa tristeza. Não conseguia imaginar outra vida no seu futuro senão a que tinha. A esperança numa vida melhor desvanecera-se há anos.

— Acho que você me embebedou — afirmou Isabelle, em tom de desculpa, mas sentia-se uma prisioneira que fugira da cadeia e que não estava disposta a manter por mais tempo o voto de silêncio a que se comprometera. De súbito, do outro lado do canal da Mancha, sentia-se ligeiramente menos fiel a Gordon do que em casa. E Bill conhecia-a muitíssimo bem.

— Quem me dera — retorquiu Bill, rindo-se, enquanto levava o cálice à boca. — Adoraria ver o que você faria se estivesse bêbada. Vamos experimentar?

— Você é terrível. Eu preocupada com o fato de poder ser objeto de um escândalo e você incita-me a comportar-me de forma escandalosa. Se continuar dando-me champanhe e *Yquem*, vai ter de me levar nas costas.

— Ponho-te às costas e digo que te encontrei debaixo da mesa. Acho que ninguém se importaria.

— E o que faria depois? — perguntou, rindo-se da imagem que Bill sugerira. Estava bem-disposta e só queria que a noite não tivesse fim. Na sua cabeça sentia o tempo esgotando-se. Depois dessa noite, só lhes restava mais uma e dois dias. Aliás, duas se ficasse até sexta-feira. Depois, ambos voltariam para as suas vidas reais. Sentia-se a Cinderela no baile e não queria que os cocheiros se transformassem em ratos brancos.

— Se tivesse de carrega-la nas costas, acho que lhe daria um café e colocava-lha minimamente sóbria para leva-la para dançar no Annabel's.

Isabelle soltou uma gargalhada.

— É capaz de ser divertido. Já lá não vou há anos, desde antes de casar. Passei lá a festa dos meus dezoito anos e o meu pai também me levou lá depois de eu e o Gordon ficarmos noivos. Nunca mais voltei lá. O Gordon detesta dançar.

— Então, está combinado. Vamos lá esta noite. Logo que esvazie o cálice — gracejou Bill, sabendo que Isabelle provavelmente só beberia mais um ou dois goles. O copo estava praticamente cheio. Só bebera um copo de cada um dos vinhos, um cálice de champanhe e não mais de um gole de *Yquem*. Mas era mais do que aquilo que geralmente bebia. Estavam ambos alegres, mas não embriagados. Quando muito encontravam-se inebriados pelo prazer de estarem um com o outro.

— Não consigo beber mais — disse Isabelle, em tom de queixume, com os enormes olhos fixos nos de Bill, que teve de reprimir uma vontade louca de abraça-ls. Porém, não iria cometer essa idiotice, nem tinha o mínimo desejo de estragar-lhe a reputação, nem de embaraça-la.

— Se não consegue acabar o *Yquem*, então não podemos ir ao Annabel's — retorquiu Bill, com ar determinado, enquanto o empregado pousava em cima da mesa um prato de doces que deixou Isabelle deleitada. Tivera um jantar excepcional e não esperava ir a mais nenhum lugar, a não ser voltar para o hotel. — Tenho uma idéia. Se comer dois doces de chocolate, levo-lhe ao Annabel's. — Sentia um tremendo desejo de leva-la para dançar.

— Está falando sério? — perguntou Isabelle, divertida, metendo um doce na boca e olhando-o com um ar de desafio. — Um.

— E aqui você tem outro — disse Bill, oferecendo-lhe outro doce

— Você é uma pessoa horrorosa. Não só quer ver-me bêbada como também gorda.

— Isso levaria mais tempo do que pôr-lhe bêbada. — Bill esboçou um sorriso de orelha a orelha e comeu um doce. Está combinado. Vamos ao Annabel's. E fez sinal ao garçom para trazer a conta.

— Já nem sei se ainda consigo dançar. Além disso, você é novo e eu já sou demasiado velha. Os homens lá são todos da idade do meu pai e dançam com meninas da idade da Sophie.

— Teremos de dar o nosso melhor. Não sou grande dançarino, mas é capaz de ser engraçado. — Exibia um ar descontraído e feliz. Várias cabeças se voltaram quando saíram.

Poucos minutos depois, quando chegaram ao Annabel's, todos pareciam conhecer Bill. Ele estivera lá com o embaixador seis meses antes e costumava

jantar lá de vez em quando, com amigos, sempre que ia para Londres. Enquanto o garçom os conduzia à mesa, Isabelle sorria, sentindo-se jovem e idiota por estar ali, mas extremamente lisonjeada por Bill a ter levado para dançar.

Nessa noite, havia uma multidão de gente no Annabel's. Grande parte era constituída por casais como os que Isabelle descrevera a Bill: homens mais velhos acompanhados de mulheres muito mais jovens; mas também havia outros da idade deles. Uns jantavam nas mesas dispostas ao longo das paredes, outros conversavam e bebiam no bar. Sentaram-se numa mesa perto da pista de dança. Isabelle ficou então um pouco assustada com algo que detectou no olhar de Bill e que nunca vira antes. Mas achou que talvez se devesse ao vinho que haviam bebido e à intimidade que se estabelecera. No entanto, havia algo de terno e afável no modo como ele a olhava. Pouco depois, sem dizer palavra, conduziu-a até à pista de dança. Ao som de uma música que sempre apreciara, Isabelle estava espantada por constatar que Bill era um bailarino admirável. Dançaram uma série de músicas seguidas e só ao fim de bastante tempo é que voltaram para a mesa. Bill mandou vir então mais champanhe.

Isabelle bebeu apenas um gole. Os seus olhos encontraram os dele, mas desviou-os quase de imediato. Tinha receio do que começava a sentir.

— Você está bem? — perguntou Bill, preocupado com a eventualidade de ter feito qualquer coisa que a tivesse aborrecido. Mas não, o que Isabelle sentia era algo de muito profundo, que não conseguia exprimir por palavras.

— Estou bem. Só não queria que esta noite maravilhosa acabasse.

— Não vamos deixar que isso aconteça. — Ambos sabiam que talvez só voltassem a ter uma noite assim daí a alguns anos. Isabelle não podia fazer das viagens a Londres um hábito. E se o estado de saúde de Teddy voltasse a piorar, passaria mais alguns anos sem poder sair. Além disso, em Paris, não gozaria da mesma liberdade para vê-lo que tinha ali. Gordon nunca entenderia e ela também não teria chance de o fazer entender. — Não vamos pensar nisso agora. Deixemos para mais tarde. Gozemos este momento, enquanto podemos.

Isabelle fez um gesto de concordância com a cabeça e sorriu, mas, ao fazê-lo, os olhos inundaram-se de lágrimas.

Tinha a sensação de que mal haviam se cumprimentado e já faltava pouco para se despedirem, e as únicas coisas que teriam seriam as suas vozes ao telefone. Bill detestava vê-la voltar para o seu mundo solitário. Era jovem, enérgica e bonita, e merecia ter alguém a seu lado que apreciasse tudo aquilo que tinha para oferecer.

— Vamos dançar? — perguntou Bill, por fim, e Isabelle assentiu com a cabeça. Desta vez, a caminho da pista de dança, Bill pegou-lhe na mão. E ela sentiu-se infinitamente mais próxima dele. Bill não disse nada, limitando-se a

fechar os olhos e a envolvê-la nos braços. Esse momento foi como que um diamante cintilando no aveludado da noite. Quando saíram do Annabel's, não trocaram qualquer palavra. Só a meio da viagem até o hotel é que voltaram a conversar.

— Diverti-me muito — murmurou Isabelle, cativada não só pela elegância de Bill, mas também pela simpatia que ele lhe dedicava.

— Também eu — retorquiu Bill, com o braço sobre os ombros dela, aninhada a seu lado. Não havia artifícios entre eles, nem nada de embaraçoso ou estranho. Aquilo que Isabelle sentia quando estava com ele, além de felicidade, era uma imensa paz interior. Ao chegarem ao hotel, ficaram alguns instantes sem se mexer e o motorista aguardou, respeitosamente, fora do carro, sem abrir a porta.

— Vamos? — perguntou Bill, com ar pesaroso, afastando-se lentamente dela. Ao ver o movimento dentro do carro, o motorista abriu a porta.

Bill seguiu Isabelle até o átrio, passando pela porta giratória. Eram duas da manhã. Dois empregados da limpeza lavavam o chão de mármore. Já no elevador, Isabelle, com ar ensonado, não conseguiu conter um bocejo. O elevador parou então no terceiro piso.

— A que horas quer sair de manhã? — indagou Bill, com um irreprimível desejo de passar a noite com ela. Sabia que isso estava fora de questão e, por outro lado, não queria pôr em risco a amizade de ambos, propondo-lhe tal coisa ou fazendo algo de que pudesse vir a arrepende-se.

— Que tal às dez? Acho que os museus não abrem antes disso. — Isabelle sentia-se como que entorpecida. A noite deixara-a extremamente impressionada em vários aspectos.

— O café da manhã às nove? Venho buscar-lhe quando descer — ofereceu-se Bill, quase encostado a ela.

— Seria ótimo! — E desfez-se novamente num amplo sorriso. — Tive uma noite maravilhosa... Obrigada... — murmurou, enquanto Bill lhe abria a porta do quarto, beijando-a depois no alto da cabeça.

— Tive uma noite estragada — gracejou Bill, quando Isabelle entrou no quarto. Esta virou-se e riu-se.

— Folgo muito em saber.

Bill fez novo gesto de despedida com a mão e desapareceu ao fundo do corredor. Ao fechar lentamente a porta e enquanto se descalçava, Isabelle só conseguia pensar na felicidade que era ter um amigo como Bill.

CAPÍTULO TRÊS

Na manhã seguinte, Bill bateu à porta do quarto de Isabelle, que o esperava envergando um vestido de linho azul-marinho de requintado corte. Uma mala *Kelly*, sapatos de crocodilo também azul-marinho, uma echarpe verde ao pescoço e um par de brincos de esmeraldas e safiras completavam a toailete. Estava, como sempre, extremamente chique com um ar jovem e fresco.

— Você está deslumbrante! — comentou Bill, enquanto desciam as escadas lado a lado. — Como dormiu?

— Que nem uma pedra. E você?

— Acho que bebi demais. Não sei se adormeci ou se desmaiei, mas estou ótimo. — Não parecia ter-se embebedado na noite anterior e Isabelle também achava que não. Estava apenas provocando-a. Bill telefonara reservando uma mesa e mandara vir um café da manhã gigantesco para ambos.

— Não consigo comer isto tudo — disse Isabelle, em tom de lamento, olhando para o que ele encomendara: ovos, *waffles*, salsichas, *bacon*, croissants, papa de aveia, frutas, suco de laranja e café. — É mais do que suficiente para matar a fome de um exército esfomeado.

— Não sabia o que queria para o desjejum, por isso mandei vir tudo. O que costuma comer? — perguntou, ansioso. Gostava de saber todos os pormenores sobre ela.

— Geralmente, café e torradas, mas isto é muito mais divertido — respondeu Isabelle, pondo *waffles*, ovos, *bacon* e morangos no prato. E, para sua surpresa, comeu uma enorme quantidade daquilo que Bill mandara vir. Quando saíram do hotel, estavam ambos bem-dispostos e brincavam um com o outro acerca da quantidade de comida que haviam ingerido. — Ainda bem que vejo-lhe poucas vezes por ano. Caso contrário, ficaria quadrada — comentou, ao entrar na limusine. Bill fitava-a com um olhar estranho. Estivera pensando em como seria bom tomar o café da manhã com ela todos os dias. Era uma ótima companhia. Nas várias conversas telefônicas que tinham por semana, era raro ouvi-la de mau humor. Cindy costumava dizer que detestava falar com humanos antes do meio-dia.

Até à Tate Gallery, Isabelle não parou de conversar e de dar informações. Falava dos quadros que iriam ver, da sua história, da sua proveniência, da técnica e dos pormenores que eram marcantes neles. Fizera o trabalho de casa e estava excitada com a ida à exposição. Bill mostrava-se deliciado com o fato de poder partilhar o entusiasmo com ela. Mal chegaram, Isabelle ficou totalmente absorvida pelos quadros, observando os mínimos detalhes de cada um e

chamando-lhe a atenção para tudo o que achava importante. Era uma experiência completamente nova ir a um museu com Isabelle.

Quando saíram, ao meio-dia, Bill tinha a sensação de ter feito um curso intensivo de arte.

— Você é uma perita nesta área. Porque não aproveita esse talento? Não o pode desperdiçar assim.

— Não tenho tempo — retorquiu, com ar triste. Não posso abandonar o Teddy.

— Porque não faz o trabalho de restauração em casa? Assim poderia estar perto dele. Poderia montar um estúdio em um dos cômodos. A sua casa deve ser suficientemente grande para isso.

— Acho que o Gordon colocaria impecilhos para essa idéia. Nunca morreu de amores pelo meu trabalho. Quando eu trabalhava no Louvre, achava essa vida demasiado boêmia. Pelas dores de cabeça que iria ter, julgo que nem vale a pena pensar no assunto, não só por causa do Gordon, mas também por causa do meu filho.

— Seria ótimo para você — retorquiu Bill, pragmático. Admirava os seus conhecimentos no campo das artes e o modo afável como os partilhava consigo, nunca sentindo que ela estivesse exibindo-se ou fazendo-o passar por ignorante. Havia sempre uma grande humildade em tudo o que ela lhe dizia.

— Você também pinta?

— Já pintei. Não sou grande pintora, mas adorava. — Se tivesse um estúdio, também poderia pintar. Acho que seria uma ótima saída para você.

Isabelle sorriu, mas sabia que Gordon ficaria irritadíssimo com a idéia. Já o trabalho no museu sempre o aborrecera e não descansara enquanto ela não o deixou, depois de Sophie nascer. Achava que era algo que não se coadunava com a sua posição social, nem com a imagem que queria fazer passar dela: a de mãe dos seus filhos e esposa dedicada única e exclusivamente à gestão do lar. Tudo aquilo que Isabelle fora antes de casarem, tudo o que fizera e amara, não tinha qualquer importância para Gordon, que era agora seu dono e senhor, controlando-a a seu bel-prazer e tratando-a como um objeto.

— Se eu voltasse para a pintura e a restauração, acho que o Gordon tomaria isso como uma afronta. Quando as crianças nasceram, disse-me logo que isso era algo da minha juventude, não um passatempo adequado a uma mulher casada.

— E qual é o passatempo adequado a uma mulher casada? — perguntou Bill, num tom de voz que denotava alguma revolta. Detestava Gordon e tudo aquilo que representava. Era uma pessoa pretensiosa, superficial e possessiva, que não tinha o mínimo respeito por Isabelle. Nem o menor respeito por aquilo que ela gostava de fazer. Isabelle era apenas uma “coisa” que ele adquirira para dar mais

brilho à sua carreira profissional e à sua posição social. Logo que atingira esse objetivo, Isabelle deixara de ter qualquer interesse para si.

— Para ele, só sirvo para tratar da casa e cuidar dos filhos. E tenho de me manter sossegadinha no meu canto até ele exigir a minha presença, o que raramente acontece. É capaz de um dia tolerar que eu trabalhe numa obra de caridade, desde que seja numa comissão que obtenha o seu aval, talvez com outras pessoas que lhe possam ser úteis. O Gordon nunca faz nada que não lhe traga proveitos. Caso contrário, acha uma perda de tempo.

— Que triste forma de viver! — comentou Bill, num tom seco.

— Ele é, provavelmente, o banqueiro mais importante da Europa. Da França, tenho certeza que é. A sua reputação também já está firmada nos Estados Unidos. Todas as pessoas de Wall Street e em todos os principais países europeus sabem quem ele é.

— E depois? Ao fim do dia, o que é que ganha com isso? Quem você é você quando tudo acabar e a única coisa que restar for a carreira? Que tipo de ser humano você é? Nos últimos anos, tenho feito a mim próprio essa pergunta muitas vezes. Também pensava que a única coisa que interessava eram os negócios. Mas que importância é que isso poderá ter se não existir vida familiar, se a esposa não logar para o fato do marido se encontrar vivo ou morto, se os filhos não se lembrarem da última vez em que a família jantou junta? Eu quero que as pessoas se lembrem de mim por outros motivos.

Era uma das coisas que Isabelle adorava em Bill: os valores e as prioridades de extrema clareza. Mas nem sempre fora isso o que acontecera, o que o levava a pagar um preço elevado pelas lições que aprendera. O seu casamento era tão vazio como o dela e, embora adorasse as filhas, não tinha qualquer intimidade com elas. Quando eram mais novas e a presença do pai junto delas era importante, Bill passava a maior parte do tempo à procura de políticos e fabricando presidentes. Nos últimos anos, fizera um esforço para passar mais tempo com elas, com resultados razoáveis. Ambas as filhas gostavam da sua companhia e tinham orgulho dele, embora continuasse passando grande parte do tempo em viagens. Agora, ao viajar para Londres, fizera questão em telefonar às filhas. Mas o crescente afastamento de Cindy não ajudava a melhorar as coisas. Raramente se encontravam todos juntos e, quando via as filhas, em geral, era uma de cada vez. Em muitos aspectos, Isabelle tinha mais sorte do que ele. Para ela, aquilo que verdadeiramente interessava era Teddy e Sophie, e passava muito tempo com eles. Mas Gordon não poderia dizer o mesmo. Os filhos eram estranhos, até Sophie, que era a preferida.

— O Gordon não chegou a esse ponto e acho que nunca chegará. Essas coisas não significam nada para ele. Basta-lhe ser importante no mundo financeiro.

Todo o resto é irrelevante.

— Acabará por se transformar num homem triste — declarou Bill, num tom que denotava algum arrependimento, enquanto se encaminhavam para o carro. — Eu também me apercebi disso, mas já um pouco tarde. Partilho mais da minha vida com você do que alguma vez partilhei com a Cindy ou com as meninas. Receio ter perdido esse barco há muito tempo. Nunca as acompanhei devidamente.

— Estou certa de que elas entenderão porquê. Já são quase adultas e ainda têm uma vida inteira pela frente para partilhar com você.

— Espero que encarem o problema nessa perspectiva. Já têm as suas próprias vidas e a mãe tenta convencê-las de que sou um safado egoísta. E talvez tenha razão. Você fez com que o melhor de mim aparecesse. Ela nunca conseguiu. Não é uma pessoa afável. Não sei se ela alguma vez realmente quis que eu fosse quem sou agora. Julgo que este tipo de intimidade que temos seria assustador para ela, se bem que a maior parte das vezes o fazemos por telefone. Ela não queria desabafar comigo, nem que eu desabafasse com ela. Só queria que a acompanhasse a festas. Mas eu não sou esse gênero de homem. Gosto de passar um bom tempo, mas nunca tomei consciência do que perdi por não ter ninguém com quem me abrir. A Cindy e eu passamos muito bem sem falar um com o outro, mesmo que estejamos na mesma sala. É uma situação que nunca irá alterar-se.

— Mas podia, se quisesse. Se lhe desse outra oportunidade e se abrisse com ela, talvez aprendesse a ter maior intimidade com você.

— Com a Cindy, não — retorquiu Bill, com ar amargurado. — Além disso, não quero. Entre nós, não existe mais qualquer ligação e acho que é melhor assim. Não há desilusão, nem mágoa. Desde que eu apareça, de vez em quando, num dos espectáculos de caridade que ela organiza, que continue a pagar as contas e não me esqueça de ir às festas de final de curso das meninas, não há problema. Vivemos em mundos diferentes. Acho que ambos nos sentimos mais seguros assim.

— A que ponto deixamos chegar as nossas vidas, — suspirou Isabelle, enquanto se recostavam no banco traseiro da limusine. Bill deu então ao motorista o endereço do restaurante onde iam almoçar. Isabelle já ouvira falar, mas não sabia onde ficava. Fora, durante anos, o restaurante preferido da princesa Diana. — Você permitiu afastar-se da Cindy e das suas filhas. Eu permiti que o Gordon me ameaçasse sem dizer palavra. Por que razão deixamos que nos façam isso? Porque aceitamos que tomem decisões sem nos consultar? — As coisas pareciam estar cada vez mais claras na sua cabeça.

— Porque essas pessoas sempre foram assim e ambos sabíamos que as coisas

iriam acabar desta forma. A Cindy era uma pessoa adorável na época da faculdade. Inteligente, bonita e divertida, mas pouco afável. É capaz de ser a mulher mais egoísta, manipuladora e calculista da Terra. O Gordon é cruel, frio e possessivo. Nada do que fizéssemos teria alguma vez alterado esse fato. O problema é que o aceitamos de livre vontade, por mais que nos custe admitir.

— Os meus pais eram assim. Adorava-os, mas eram muito distantes e reservados.

— Também os meus. Detestavam crianças e haviam resolvido não ter filhos. Só que, inesperadamente, já eles tinham quarenta e tantos anos, apareci eu. E sempre me deram a entender estarem fazendo-me um enorme favor em terem-me como filho. Foi um alívio quando entrei para a faculdade. Morreram num desastre de avião, quando eu tinha vinte e cinco anos. Nem uma lágrima verti. Quando me telefonaram da companhia de aviação dando a notícia, a sensação que tive foi a de terem morrido dois estranhos. Fiquei sem saber o que dizer. Não sei sequer quem eles eram. Apenas duas pessoas muito inteligentes que me deixaram viver com eles durante dezoito anos e que ficaram aliviados quando finalmente saí de casa. Não sei sequer qual seria a reação deles se algum dia os tivesse abraçado, beijado ou dito que os amava. Não me lembro de a minha mãe me abraçar ou beijar quando era pequeno. Falava-me sempre da porta do quarto e o meu pai nunca me dirigia a palavra. A Cindy é assim. Fala comigo a três metros de distância, ou mais, se puder.

— É maravilhoso que seja a pessoa equilibrada que é. — Sentia alguma dificuldade em imaginar a infância de Bill no entanto, a sua não fora muito diferente. Houvera abraços e beijos, mas muito pouco amor. — A minha mãe era inglesa. Acho que queria amar-me, mas não sabia como. Era uma pessoa muito formal e fria. Perdera a mãe ainda bebê e o pai sempre fora muito seco com ela. Meteu-a num colégio interno quando tinha nove anos e deixou-a lá até casar com o meu pai. Conheceu-o quando foi apresentada na corte, e julgo que foi o meu avô que lhe arranjou o casamento para que ela saísse de casa. Quando isso aconteceu, voltou a casar, com uma mulher com quem andava envolvido ainda antes da morte da minha avó. O lado britânico da família estava cheio de esqueletos no armário e segredos de que ninguém podia falar. A única coisa que tínhamos de fazer era vestirmo-nos bem, sermos delicados e fingirmos que tudo corria como devia ser. Nunca fiz a mínima idéia do que a minha mãe pensava sobre o que quer que fosse, e o meu pai andava envolvido na política. Acho que ele nem sequer sabia que existíamos. A minha mãe morreu quando eu era adolescente e o meu pai nunca tinha tempo para conversar ou estar comigo, embora ache que não era mau homem. O casamento dele foi um pouco como o meu com o Gordon e é capaz de ser por isso que não me choca por aí além o fato

de ter um marido que não me dá qualquer importância. Nunca pensei muito nisso, mas é o único modelo que conheço.

— Acho que é também o que se passou comigo. Penso que, se a Cindy tivesse sido um pouco mais afável do que os meus pais, eu não teria sabido lidar com a situação. Tinha vinte e dois anos quando casamos e pareceu-me que uma parte de mim esteve congelada durante anos. — Só quando começara a falar com Isabelle, quatro anos antes, é que muitas coisas principaram a ficar claras no seu espírito e que muitas das suas opiniões se alteraram. O contraste entre Isabelle e Cindy distanciara-o ainda mais desta.

— Gostaria de saber o que aconteceria se tivéssemos nos conhecido quando casamos, com tudo o que sabemos agora.

— Nunca casaria com a Cindy se a conhecesse hoje — declarou Bill, sem hesitar. Não consigo conversar com ela. Nunca consegui. Odeia falar dos seus sentimentos e não sente necessidade de conversar, pois é algo que detesta. A única coisa em que está interessada é num casamento aparentemente perfeito, sem ter em conta as mentiras que estão por trás. Custa-me apresentá-la assim, como uma pessoa superficial, pois acho até que possui qualidades maravilhosas, mas o que é fato é que estou casado com uma estranha há trinta anos.

— E está disposto a continuar assim durante mais trinta anos?

— Tudo leva a crer que sim — replicou Bill, se bem que ultimamente se tivesse questionado a esse respeito. Mas o divórcio teria sido um sério revés para ele. Na sua vida, a discrição e um faro apurado eram essenciais. Nenhum presidente ou candidato a presidente iria querer estar ligado a ele, se as relações com Cindy se deteriorassem e o fato chegasse ao conhecimento do público; e ela nunca iria abrir mão da posição social que ocupava. A última coisa que ela queria era o divórcio. — Também está disposta a fazer a mesma coisa? Continuar num casamento sem amor até ao resto da vida. — Conhecia a resposta. Já haviam discutido o assunto.

— Não tenho alternativa.

— Todos nós temos alternativas, se formos suficientemente corajosos para as assumirmos. Mas você e eu temos muito a perder. A minha carreira sofreria um duro golpe se a Cindy e eu nos divorciássemos. E você tem um filho gravemente doente. Entendo perfeitamente por que razão estamos agindo assim, mas às vezes tenho a sensação de que somos um par de parvos. Se tivéssemos alguma coragem e acreditássemos nos nossos ideais, davamos o salto. Mas não acredito que nenhum de nós o dê.

— Desconfio que você tem razão — anuiu Isabelle, com voz triste.

— Só espero que não venhamos a arrepender-nos um dia. A vida é curta. Os meus pais morreram com sessenta e tantos anos, sem gozarem a vida. Só fizeram

o que achavam ser a sua obrigação. Quero mais do que isso. Mas ainda não sei como vou conseguir.

— Eu evito pensar no assunto. Fiz a minha escolha há vinte anos.

— É de uma grande nobreza de caráter da sua parte, — disse Bill, pegando-lhe na mão, quando se sentaram no carro, mas não receberá nenhum prêmio por isso. Ninguém vai nos dar uma medalha pela nossa coragem.

— O que quer dizer?

— Não sei bem. Por vezes, estou farto da vida que levo. Nem sequer sei se ainda acredito na porcaria de vida que tenho. Para ser franco, quando nos vemos e conversamos, pergunto-me que raio vamos nós fazer conosco? — Parecia assustada e temia que Bill lhe dissesse que nunca mais voltariam a ver-se. Ao olhar para ele, os olhos de Isabelle estavam muito abertos. — Não, com as outras pessoas. Você e eu somos os únicos que fazemos sentido. Nunca consegui conversar com outra pessoa da forma que nós conversamos. Não é assim que deve ser?

Isabelle fez um gesto afirmativo com a cabeça, pensando em tudo aquilo que ele lhe dissera.

— Agora é, mas aos vinte e um anos, quando casei, não via as coisas assim. A única coisa que sabia nessa época era fazer o que me ordenavam. O Gordon era exatamente como o meu pai. Ele é que me dizia a que horas tinha de me levantar e deitar, o que devia dizer, o que fazer, o que pensar. Nessa época, era confortável. Mas nunca percebi que existia uma alternativa e que havia outras formas de viver.

— E agora?

— Continuo não tendo alternativas. Sabe bem que não. Que alternativa tenho?

— A que escolher. A questão é essa. Pagaremos um preço elevado pela mudança nas nossas vidas. E o preço que pagamos não é elevado se elas continuam tal e qual estão? Já pensou nisso.

— Tento não o fazer. Tenho a vida que tenho por causa do Teddy e da Sophie.

— Tem certeza de que é esse o motivo por que prefere continuar como está?

— Bill nunca a pressionara daquela maneira, o que a espantava, levando-a a perguntar-se o que mudara. Dava a impressão de que Bill já não estava contente nem com a sua vida nem com a dela. — Você tem a certeza de que quer continuar assim porque receia seguir outro caminho? Tenho um medo tremendo de deitar as cartas ao ar, abandonar o jogo. Sou humano e não sou perfeito, e tenho necessidades afetivas.

— Está dizendo-me que vai deixá-la? — Sentia-se perplexa. Ao longo de vários anos de conversas, sempre lhe dissera que nunca romperia o casamento. Tal como ela.

— Estou dizendo , ou pelo menos penso que estou a fazê-lo, que gostaria de ter coragem para a deixar. — Bill resolveu então dar o grande passo. Mesmo que Isabelle ficasse furiosa e saísse disparada do carro, tinha de lhe dizer, porque era o que sentia. E significava demasiado para o poder ignorar. — Para seu bem, gostaria que tivesse a coragem suficiente para deixar o seu marido. Quando te telefono fico de coração destroçado a ouvir-lhe falar como uma prisioneira que está sendo morta de fome, privada dos seus direitos, desprezada e desrespeitada há vários anos. Só tenho vontade de lhes raptar, a você e ao Teddy, fazer qualquer coisa para tira-los daquela casa. O Gordon não te merece, da mesma forma que a Cindy não me merece. E o que é fato é que nunca nos mereceram. Quem me dera que a vida fosse mais simples do que é. Mas não. É uma complicação tremenda. Quem me dera que pudéssemos começar tudo de novo.

— Quem nos dera. Mas não podemos. E sabe isso tão bem como eu. — Isabelle adorava a idéia de Bill pôr um ponto final no casamento. Mas sabia que seria um ato desastroso para a sua carreira. — Se a Cindy armar um escândalo, toda a sua vida política irá por água abaixo. Passou trinta anos construindo-a. Está mesmo disposto a trocá-la pela liberdade? Você tem certeza? Pelos teus ideais? E depois o que fará? E eu? O Gordon disse-me, há muitos anos, que se eu algum dia o deixasse, só descansaria quando me visse passando fome pelas ruas. Não herdei nada. Foi tudo para o meu irmão. E quando ele morreu num acidente, a herança foi para os filhos. Estou completamente dependente do Gordon. Não posso dar-me ao luxo de o deixar. Não poderia proporcionar a devida assistência médica ao Teddy. Custa uma fortuna e, por pouco que ele queira saber de mim e do filho, paga tudo sem pestanejar. O que sugere? Que sujeite o Teddy à miséria, por capricho, ou que, pura e simplesmente, o abandone? Não, sabe bem que é impossível. Além disso, o Teddy não sobreviveria a uma mudança tão radical. É de uma grande dignidade pensar em deixar o Gordon porque parece não me amar, mas o amor é um luxo a que eu e o Teddy não temos acesso. — Custava dizer aquilo, mas era a pura das verdades. Isabelle sujeitava-se a submeter-se a Gordon para poder proporcionar a melhor vida possível ao filho. A Bill custava-lhe ver Isabelle aceitar de bom grado esse tipo de vida, embora ele tivesse feito exatamente a mesma coisa. Ambos haviam aceitado sem protestos aquilo que tinham e a que preço?

— Acho que a única coisa que devemos fazer é tirar o melhor proveito daquilo que temos — afirmou Bill, ao saírem em frente ao restaurante que haviam escolhido para almoçar. Era italiano e muito conhecido. — Talvez não tenhamos alternativa, embora deteste acreditar nisso. — No caso de Isabelle, não via saída possível, embora lhe custasse a acreditar que os tribunais franceses permitissem que Gordon deixasse a mulher e o filho doente passarem fome. Mas

talvez ela tivesse razão

— Se o deixasse, seria o ato mais egoísta que poderia cometer. O Gordon não me daria um centimo a mais daquilo a que se visse obrigado, e o Teddy não teria o mesmo conforto de agora. Só estaria pensando em mim. Não poderia fazer uma coisa dessas ao meu filho. Tal como as coisas estão, o equilíbrio já é suficientemente precário para ele.

— Tem razão. Não censuro-a, mas, quando estou com você, tenho sempre a sensação de que poderíamos estar numa situação muito melhor. Vejo como a vida poderia ser e nunca foi para ambos.

— Talvez as coisas entre nós sejam assim, porque apenas nos limitamos a falar ao telefone e nos encontramos umas quantas horas de tantos em tantos meses. Provavelmente se nos tivéssemos casado, as coisas não se passariam desta maneira.

— Acredita mesmo nisso? — perguntou Bill, olhando-a fixamente.

Isabelle hesitou durante um longo instante, depois, abanou silenciosamente a cabeça.

— Não, não acredito. Mas nunca saberemos. Nem sequer podemos permitir-nos abordar o assunto — retorquiu tentando afastar aquele tipo de pensamento. Será que sonhar com isso é outro luxo a que não nos podemos dar?

— Acho que sim. Se pedirmos ou tentarmos alcançar mais do que temos agora, acabaremos por nos magoar um ao outro. Penso que devemos sentir-nos gratos com aquilo que temos e não pedir mais. Você é o amigo mais querido que tenho no mundo e adoro-o por isso. Não vamos estragar as coisas querendo mais. — Isabelle sentia a mesma atração que ele desde a noite anterior. Era maravilhoso estarem juntos, passearem, conversarem, rirem, dançarem, partilharem *waffles* e croissants. E depois? O que iriam fazer quando chegassem em casa? Não permitiria que Bill fizesse uma asneira qualquer, mesmo que fosse esse o seu desejo. Isabelle sabia que o resto era algo que não poderiam ter. Mas ele mantinha o mesmo ar obstinado.

— Quero mais! — Isabelle riu-se.

— Mas não pode ter. Está parecendo uma criança mimada.

— Sinto-me vivo pela primeira vez, desde há muito tempo. — O mesmo acontecia com ela, que tinha a sensação de lhe terem tirado dez anos de cima desde o dia anterior.

— Acho que as salsichas do café da manhã te subiram à cabeça. — Decidira que a única maneira de lidar com a situação era não o levar a sério, apesar de ter ficado surpreendida com tudo o que Bill dissera. — Talvez possamos encontrar-nos aqui uma vez por ano, durante uns dias. É capaz de ser suficiente. — Foi a única coisa que lhe veio à cabeça para contrapor à idéia de uma vida com Bill.

— Sabe tão bem como eu que não é suficiente.

— O que sugere? Que fuja para o Brasil? Põe um pouco de tino nessa cabeça. Pensa no que está dizendo. Não seja louco. E não espere que eu também enlouqueça. Não posso. — Bill conhecia-a bastante bem para saber que nunca poria em risco o bem-estar do filho. Mas não sabia se algum dia deixaria Gordon. Era uma pessoa demasiado bem formada Para fazer uma coisa tão escandalosa como essa. E embora Gordon fosse uma pessoa de baixa formação moral, Isabelle era-lhe incrivelmente fiel.

— Não pode gostar do domínio que ele exerce sobre você e dos maus tratos que lhe inflige.

— E não gosto. Mas não se trata propriamente de maus tratos. Ele, pura e simplesmente, saiu da minha vida.

— Abandonou-a do ponto de vista emocional. Há vários anos, o que lhe resta se não o fato de ele pagar as contas do Teddy?

— É o suficiente. É a única coisa de que preciso.

— Parece-me uma insensatez. você tem quarenta e um anos. Precisa de algo mais do que isso.

— Nem sequer penso mais na minha vida — ripostou, num tom firme, tentando resistir a tudo o que sentia por ele.

— Mas devia pensar.

— Acho que você precisa de uma bebida e de um cochilo. E de um calmante. — Isabelle nunca o vira ou ouvira assim. Estava sensibilizada, mas não podia fazer nada. Sabia bem que não. Dentro de um, dois dias, tinha de voltar para França. A única coisa que podia fazer era gozar o tempo que lhes restava e não desperdiçá-lo querendo mais. Mas, de repente, Bill recusava-se a ver isso e parecia querer pôr em risco tudo, desejando mais do que aquilo que tinha. — Você tem de ser sensato.

— Porquê? — perguntou Bill, enquanto saía do carro.

— Sabe bem porquê. Porque, goste ou não, não existe alternativa. Só está torturando-se. Você tem o direito de se libertar, se quiser, e talvez seja isso que deve fazer. Mas a minha situação é mais complicada. A vida do Teddy depende daquilo que o pai lhe der. — E não podia dar-se ao luxo da incerteza de contar com outra pessoa. Gordon era o pai do garoto e, pelo menos, era essa a sua obrigação.

— Ele seria um monstro se retirasse o apoio ao filho. — Isabelle ficou alguns instantes sem fazer qualquer comentário, depois olhou-o fixamente e falou num tom claro e firme, de modo a que ele pudesse perceber que estava falando sério.

— Não vou fazer o teste. Não posso.

— Compreendo — limitou-se Bill a dizer, entrando atrás dela no restaurante.

Desculpa ter puxado o assunto. Não quis aborrecer-te. Só que as coisas, tal como estão, não fazem qualquer sentido. Vivemos com pessoas que nos tornam infelizes e, quando estamos só os dois, a sensação é completamente diferente. — De súbito, teve vontade de arriscar tudo. — Talvez isso aconteça porque não estamos efetivamente juntos. Se estivéssemos, é possível que nos sentíssemos tão infelizes como com eles.

Tudo aquilo que nunca fora abordado entre eles era agora posto a descoberto, o que era, de certa forma, um alívio. Haviam se escondido atrás da amizade e, de repente, Bill queria mais. Mas Isabelle frisava que essa era uma questão que não se punha, independentemente daquilo que sentia por ele. Havia muito mais em jogo do que isso. E não iria trocar a vida e a saúde de Teddy pelo sonho de um romance. Era demasiado sensata para correr tal risco. Por muito que gostasse e admirasse Bill, o filho vinha em primeiro lugar. E ele respeitava-a por essa razão, sempre a respeitara e continuaria a respeitar.

— Aceito aquilo que está dizendo — prosseguiu Bill, enquanto se sentavam a uma mesa, debaixo de um chapéu, protegendo-se do sol de junho. Nunca poria em risco a saúde do Teddy. Mas quero que saiba que gosto muito de você. Nunca vos poria em risco. Aliás, gostaria de te ajudar a cuidar dele, se pudesse. Mas não estou disposto a fingir que não quero mais. Quero que saiba isso.

— Eu sei. Você tem sido tão bom para mim, ao longo de todo este tempo. saibas Durante os últimos quatro anos, além dos filhos, Bill era a única pessoa com quem contatava.

— Não tão bom como gostaria. Estou farto da hipocrisia das nossas vidas. Você finge que você é esposa do Gordon e eu finjo que sou um marido extremoso, quando vou aos jantares de cerimônia com a Cindy. Mas já não sei se conseguirei continuar fingindo, nem sequer se tenho vontade para isso. Acho que já não vale a pena.

— Pode ter de pagar um preço muito mais elevado se desistir do jogo. — Isabelle questionara-se sobre tudo e Bill apanhara-lhe o ponto fraco e incitara-a a revoltar-se. Mas Isabelle teimava em ser razoável.

— Talvez um destes dias mande tudo passear. Nunca se sabe.

— Precisa pensar maduramente no assunto.

Ele fez gesto de concordância com a cabeça e pegou-lhe na mão.

— Você é uma mulher extraordinária — disse, com os olhos transbordando de emoção, e muito mais sensata do que eu.

— Talvez seja uma vantagem. — Isabelle levou a mão de Bill aos lábios e beijou-a. — Você é o meu amigo mais querido.

Bill ficou mudo por instantes. Havia tanta coisa que lhe queria dizer, mas sabia, por tudo aquilo que ela dissera nessa manhã, que não era a hora certa para

fazer isso.

— O que quer almoçar? — perguntou, tentando atenuar as emoções que quase o haviam tomado por completo. Nem sequer conseguia imaginar o que sentiria quando ela regressasse a Paris. Mas não valia a pena pensar nisso agora.

Decidiram pedir massa e saladas, e restringiram-se a temas de conversa neutros, como livros e arte. Isabelle achava que Bill devia escrever um livro sobre a cena política. Mas o que o tornaria interessante seriam os segredos que ele não podia divulgar.

— Talvez quando me reformar — sugeriu, enquanto apreciavam a sobremesa.

Nessa altura, já estavam ambos muito mais calmos. Bill não sabia por que razão as coisas haviam ficado fora de controle nessa manhã. Sentia-se feliz quando estava com Isabelle e custava-lhe a aceitar que não pudesse haver algo mais. Sabia que, enquanto Teddy fosse vivo, ela nunca poderia pensar em deixar Gordon, e esperava, para bem dela, que o filho ainda vivesse muitos e longos anos.

Nessa tarde, foram ao Museu Britânico, de onde só saíram por volta das quatro horas. Deram então um passeio pela New Bond Street, em passo lento e de braço dado, detendo-se deleitadamente a ver os quadros e os artigos de joalheria expostos. Eram quase seis horas quando voltaram para o Claridge's e resolveram tomar chá. Havia sanduíches de pepino, outros com tomate e agrião, salada de ovo e biscoitos. Esse chá bem servido fez com que Isabelle se lembrasse dos chás que tomava com o avô quando era pequena. Sempre adorara aquele tipo de refeição. Bill decidiu provocá-la, dizendo-lhe que preferia comer *eclairs* e *petits-fours* no Angelina's, em Paris, ou comer sorvete no Berthillon. Isabelle retorquiu calmamente que eram lugares onde também adorava ir.

— Quando volta a Paris? — indagou Isabelle, enquanto comiam os sanduíches e Bill lhe servia outra xícara de chá.

— Que tal na próxima semana? — Vou sentir muito a sua falta depois deste nosso encontro.

— Também eu — confessou Isabelle, experimentando a mesma atração que Bill. Quando estavam juntos ou falando ao telefone, não parecia haver qualquer problema. Mas era como que um fruto proibido. O simples fato de estar com ele já era uma dádiva divina.

— Onde quer jantar? — indagou Bill, enquanto Isabelle revirava os olhos e ria.

— Como pode estar pensando em jantar depois de tudo isto? Acho que não vou conseguir comer durante uma semana.

Era a última noite que passavam juntos. Isabelle tencionava partir no dia seguinte, ao fim da tarde. Ainda não pensara na hipótese de ficar mais uma noite,

embora estivesse tentada a fazê-lo. Não queria pressioná-la. Sabia que se sentia no dever de voltar para junto do filho e talvez, se ele não a pressionasse muito desta vez, estivesse disposta a ficar mais uma noite em Londres. Estavam sendo uns dias maravilhosos para ambos.

— Que tal o Mark's Club? — perguntou Bill, ignorando os protestos dela relativamente ao fato de comer de novo. — Podemos lá ir mais tarde, se quiser.

— Seria divertido. Há anos que lá não vou. Para ser sincera, nunca estive lá. — E riu.

— Vou fazer a reserva para as nove horas.

Bill levantou-se da mesa e dirigiu-se à recepção, onde se deteve alguns instantes falando com o recepcionista. Isabelle não tirou os olhos dele por um segundo. Era um homem com um charme irresistível.

— Porque estava olhando tão fixamente para mim? — perguntou ele, divertido e algo embaraçado. Isabelle era tão bonita que às vezes, ao olhar para ela, sentia um aperto no coração. Queria dar-lhe muito mais do que aquilo que lhe proporcionava, passar tempo na sua companhia, apresentá-la aos amigos, levá-la a Washington para mostra-la. Mas sabia que nenhum dos dois podia fazer isso. Ela não se atreveria a ir mais longe.

— Estava admirando-te. É um homem muito bem-apegoado, Mister Robinson. — Há muito, muito tempo, sentira o mesmo por Gordon. Mas agora já não. Conhecia demasiado bem a frieza gélida do seu coração.

— Ou está louca ou cega — ripostou Bill, e riu-se, denotando algum desconforto.

Levantaram-se e dirigiram-se aos respectivos quartos. Eram sete e meia e Bill disse então que ia pedir uma massagem no quarto, enquanto ela se vestia e telefonava para casa. — Venho buscar-te quinze minutos antes das nove. Pode ser?

— Está ótimo. — Só queria telefonar para saber como estava Teddy, tomar um banho, dar um jeito no cabelo e vestir-se.

— Até já — disse Bill, enquanto lhe punha o braço por cima dos ombros e a beijava no rosto. Nesse instante, esteve tentado a perguntar-lhe se queria ficar mais uma noite, caso o filho estivesse bem. Mas preferiu esperar que ela telefonasse para casa e falasse com as enfermeiras e com Teddy.

Ficou satisfeita por saber que o filho tivera um ótimo dia e estava rindo quando falou com ele. A enfermeira estivera lendo-lhe um livro de anedotas que Isabelle lhe comprara antes de partir para Londres. Teddy leu-lhe então algumas que a fizeram rir. Quando entrou para o banho ainda sorria. Prometera-lhe que estaria em casa na noite seguinte. Partiria num voo às seis da tarde e estaria em casa por volta das nove. Ainda pensara em ficar outra noite, mas não lhe parecia

justo.

Quando surgiu diante de Bill, usava um vestido simples de seda branca, com uma estola de caxemira branca, um colar de pérolas e sapatos de seda branca *Chanel* com pontas pretas. Trazia uma pequena carteira branca com nada mais dentro além do batom e da chave do quarto. Não precisava de mais nada e, desta vez, resolvera não prender os cabelos. Bill ficou ainda mais impressionado do que na noite anterior quando a viu. Parecia encantado.

Isabelle, tão extraordinariamente graciosa, meiga e feminina, representava tudo o que ele sempre quisera numa mulher e só lamentava não a ter conhecido anos antes.

— Como estava o Teddy? — indagou Bill, enquanto desciam as escadas, sem paciência para esperar pelo elevador.

— Em excelente forma. Leu-me meia dúzia de anedotas e a enfermeira disse que nunca o vira tão bem. Não sei se é da medicação, se do tempo, se da boa sorte. Mas seja pelo que for, espero que se mantenha. Disse-lhe que estaria em casa amanhã à noite.

— Oh! — exclamou Bill, com a tristeza estampada no olhar. Esperava que pudesse passar outra noite. Tenho de me encontrar com o embaixador amanhã e não creio que esteja liberado antes do meio-dia. Ficamos com pouco tempo livre até o seu vôo.

— Eu sei — disse Isabelle, enfiando a mão no braço dele. Pensei nisso, mas não tive coragem de lhe dizer que queria ficar mais uma noite. Talvez lhe telefone amanhã.

— Seria maravilhoso. Porque não lhe pergunta se se importa? — Não queria roubá-la ao filho, só queria que ficasse mais uma noite. E ela também tinha vontade de ficar. Sentia-se dividida entre Bill e o filho, uma sensação que lhe era muito pouco familiar.

— Telefono de manhã e vejo como é que ele se sente. Mas não posso prometer nada. Se ele passar mal esta noite, terei mesmo de ir amanhã.

— Compreendo. — Mostrava-se satisfeito por Isabelle considerar a hipótese de ficar mais uma noite. Se tiver de ir, se calhar também vou com você. — Não seria má idéia visitar a embaixada de Paris. — Mesmo não podendo estar com Isabelle tanto tempo, queria manter-se perto dela. Mas seria muito diferente. Poderiam almoçar ou jantar, mas ela não teria a mesma liberdade que ali. Se Gordon soubesse que andavam encontrando-se, poderia ser embaraçoso. Mas Bill compreendia tudo isso. Já se encontrara com Isabelle em Paris anteriormente. — Obrigado por estar disposta a telefonar. Seja como for, tenho de voltar para Nova Iorque no sábado.

— Vai ser uma sensação estranha quando você for embora — observou

Isabelle, num tom triste. Só haviam estado juntos durante um dia, mas era uma sensação tão reconfortante que nenhum dos dois conseguia imaginar-se sem o outro.

— Estava pensando na mesma coisa— afirmou Bill, enquanto se dirigiam ao Mark's Club. — Você poderia transformar-se num hábito difícil de quebrar.

Isabelle assentiu com a cabeça, enquanto Bill lhe pegava gentilmente na mão. Estavam ultrapassando barreiras que ambos sempre haviam respeitado e entrando em territórios até aí desconhecidos. E sabiam que, se se aventurassem demasiado, poderia ser perigoso.

Tomaram umas bebidas. Depois foram conduzidos até uma mesa na sala de jantar. Isabelle preferia o Harry's, mas o ambiente ali também era acolhedor e romântico. Falaram durante horas e ela teve vontade de parar a marcha do tempo. Os momentos iam se esvaindo com demasiada rapidez. Não queria que a noite acabasse. Bill também não.

— E se fôssemos ao Annabel's outra vez? — perguntou Bill, quando saíram. Então, os olhos de ambos encontraram-se durante um longo instante. Isabelle não sabia muito bem se iriam aventurar-se para águas mais profundas, caso fossem dançar. Mas nenhum dos dois conseguia resistir. Muito provavelmente iria ser a sua última noite e a última oportunidade que teriam durante muito tempo. Talvez nos próximos anos. Ambos sabiam que tinham de aproveitar o melhor que pudessem.

— Adoraria. — De repente, quando se sentaram no carro e deram as mãos, não conseguiram arranjar palavras que definissem aquilo que lhes ia na alma. Mantiveram-se em silêncio até entrarem no Annabel's e se sentarem no bar.

Bill mandou vir champanhe e fizeram um brinde. Depois de Isabelle beber o primeiro gole, Bill pousou o cálice, estendeu-lhe a mão e convidou-a para dançar. Radiante de felicidade, sob o teto de pequeníssimas estrelas cintilantes, seguiu-o até à pista de dança. Era o local mais romântico em que alguma vez estivera e, desta vez, enquanto dançavam, dava a sensação de que os corpos se haviam fundido num só. Moviam-se lentamente ao som da música, sem trocar qualquer palavra, agarrados um ao outro. Isabelle fechou os olhos.

Só ao fim de muito tempo é que abandonaram a pista. Nenhum dos dois queria pensar na partida no dia seguinte, mas não havia forma de evitar essa realidade. Sabiam que esse momento acabaria por chegar.

Voltaram a dançar antes de saírem. Ao abandonar a pista de dança, Isabelle tinha os olhos inundados de lágrimas. Quando saíram do Annabel's, Bill pôs-lhe o braço por cima. Estava uma bonita noite, quente e estrelada. Bill sorria-lhe quando, de súbito, uma explosão pareceu eclodir nos seus rostos. Ao princípio, Isabelle ficou sem saber do que se tratava, cega por um clarão de luz. Só quando

recuperou a visão é que reparou que um fotógrafo fizera disparar a máquina, mas não imaginava porquê

— O que aconteceu? — Ficara assustada e recuara para os braços de Bill, que ainda tinha um braço por cima dela e a apertou mais contra si.

— São os *paparazzi*. *Tiram* primeiro a fotografia e só depois é que identificam as suas vítimas. Apanham muitas estrelas de cinema e políticos assim e se por acaso for alguém que não interesse, não aproveitam a fotografia.

— O que seria o meu caso. E você. Poderiam arranjar-te problemas.

— Não creio. Os tablóides não me interessam. Acho que foi uma fotografia desperdiçada.

— Nem sequer percebi o que aconteceu. A única coisa que vi foi um clarão de luz. — Havia usado um *strobe* e colocado a câmara a poucos centímetros do rosto de Isabelle.

— É triste viver-se assim — comentou Bill, pensando na fotografia que lhe haviam tirado e ansioso por saber se conseguiriam identificá-lo. Mas não lhe disse nada. Agora pouco poderiam fazer. A única pessoa que poderia importar-se seria Cindy. Isabelle era certamente desconhecida. Não havia motivo para Gordon Forrester ver a fotografia. Ao entrarem no carro, Bill mudou de assunto.

Isabelle sentou-se junto a Bill, que, como de costume, lhe pegou na mão. A idéia de partirem no dia seguinte não lhes saía da cabeça. Estavam ambos com ar sério quando Bill pediu ao motorista para os levar para dar um pequeno passeio, antes de voltarem para o hotel. Não tinham pressa e, além disso estava uma noite maravilhosa. Foi Isabelle quem falou primeiro, numa voz sumida.

— Nem quero acreditar que já vou embora amanhã. — *Teddy* era a única coisa que a obrigava a regressar a Paris.

— Pode ser que não vá. Vê como ele se sente quando telefonar. — A Bill só lhe restava rezar para que *Teddy* passasse bem a noite. Não conseguia imaginar-se vendo-a partir.

Isabelle fez um gesto de assentimento, sorriu e encostou a cabeça ao ombro dele.

— Passei uma noite maravilhosa.

— Também eu. — Voltou-se e olhou-a fixamente. As palavras seguintes deixaram-na perplexa: — O que vamos fazer agora? — perguntou Bill, numa voz que ela conhecia bastante bem. Era a voz que a fazia estremecer quando atendia o telefone.

— Relativamente a quê?

Bill fitou-a com o ar mais sério que ela alguma vez lhe vira e não sabia se queria que ele respondesse ou não.

— A nós. Estou apaixonado por você. Prometi a mim mesmo que não iria

pronunciar estas palavras. Sei que não é justo, mas quero ao menos que saiba e que leve estas palavras com você quando voltar para Paris. Amo-te, Isabelle. Há muito tempo que te amo. — Nunca se sentira tão vulnerável na vida.

— Eu sei — murmurou Isabelle, levantando os olhos para ele. Também te amo desde a primeira vez que nos conhecemos. Mas não há nada que possamos fazer. — Ambos sabiam que não. Isabelle nunca quisera dizer-lhe isso. Sabia que tornaria tudo muito mais complicado, mas agora nenhum dos dois conseguia controlar os sentimentos. Enquanto Bill lhe passava carinhosamente a mão pelo rosto, o motorista conduzia o carro em direção a um cruzamento. Por instantes, Bill ainda pensou em pedir-lhe que parasse. Apetecia-lhe estar só com Isabelle. Era um momento que queria que nenhum dos dois esquecesse.

— Não podemos fazer nada agora, mas talvez um dia. Nunca se sabe. Aconteça o que acontecer, quis que soubesse... Vou amar-te até ao resto da minha vida. — Era uma certeza que já tinha há muito tempo. Isabelle era tudo o que sempre desejara, mas sabia que nunca a poderia ter.

— Amo-te — murmurou Isabelle, enquanto Bill a apertava mais contra si. Muito...

Ao ouvir estas palavras, Bill encostou os lábios nos dela e só teve pena de não o ter feito há mais tempo. Era o momento por que ambos ansiavam há muito e que os aproximou ainda mais. Beijou-a com ardor, enquanto a envolvia nos braços. A única coisa que Isabelle sabia é que nunca fora tão feliz na vida e só queria que aquele momento nunca acabasse. Nos seus braços, sentia-se, pela primeira vez na vida, em segurança. Bill ainda a beijava quando entraram no cruzamento. O motorista observava-os pelo retrovisor, tão hipnotizado por aquilo que via que não reparou no ônibus vermelho de dois andares que se aproximava a grande velocidade. Bill continuava a beijá-la quando o ônibus arrancou toda a parte da frente do carro e o motorista desapareceu literalmente. Não tiveram tempo para qualquer tipo de reação. Ainda se beijavam quando o ônibus parecia devorar toda a limusine. No espaço de segundos, esta ficou transformada numa amálgama de ferros retorcidos, e havia vidros espalhados por todo o lado. O ônibus arrastou o carro pela rua abaixo, deixando-o totalmente desfeito, de lado, com as rodas girando. Isabelle ainda se encontrava tranquilamente nos braços de Bill, por cima dele. O teto do carro cedera. Estavam ambos inconscientes. O rosto dela já não era branco, mas vermelho de sangue. Bill tinha dois cortes profundos no rosto. Isabelle dava a sensação de estar dormindo tranquilamente. O rosto mantinha-se intacto, mas todo o resto do corpo parecia ter sido esmagado.

Ouvia-se o som das sirenes das ambulâncias ao longe e a buzina do ônibus, que não parava de soar. O motorista voara pelo pára-brisas e jazia morto no

asfalto. Dois homens apareceram correndo com uma lanterna e apontaram-na para dentro do carro todo retorcido. O rosto ensanguentado de Bill e o vestido completamente manchado de sangue foi tudo que conseguiram ver. Os olhos de Bill estavam abertos, dando a sensação de estar morto, e, a julgar pela quantidade de sangue espalhado por todo o lado, era pouco provável que Isabelle tivesse sobrevivido. Os dois homens ficaram boquiabertos com o espetáculo com que deparavam.

— Oh, meu Deus... — exclamou um deles.

— Acha que estão vivos? — perguntou o outro.

— Nem pensar.

Enquanto espreitavam para o interior do carro, viram um fio de sangue sair da boca de Isabelle.

— Como irão tirá-los dali? — O homem que empunhava a lanterna não conseguia imaginar a maneira de os desencarcerar. O teto estava exercendo pressão sobre as costas dela.

— Isso agora já não deve interessar. Mas levarão toda a noite tirando-os dali de dentro.

Foram então ver os passageiros que jaziam no chão do ônibus. Os poucos que tinham tido mais sorte encontravam-se espalhados fora dele, com camisas manchadas de sangue e golpes na cabeça. Alguns coxeavam, outros estavam atordoados. Ouviu-se então alguém dizer que havia meia dúzia de mortos no interior. Fora um dos piores acidentes com que a polícia deparara, tratando-se de um ônibus daquele tamanho. Enquanto os policiais falavam com as testemunhas que haviam assistido ao embate, ouvia-se o som de sirenes aproximando-se e, em poucos minutos, surgiram ambulâncias, carros de bombeiros e paramédicos por todo o lado. Estes dirigiram-se de imediato para a limusine e os dois homens que haviam espreitado para dentro dela disseram-lhes que os dois únicos passageiros pareciam estar mortos.

Os paramédicos foram verificar e, à primeira vista, ficaram com a impressão de que os homens tinham razão, mas um dos paramédicos conseguiu enfiar a mão lá dentro e palpar o pulso de Bill e o de Isabelle, constatando que ainda estavam vivos.

— Esperem gritou para um bombeiro que se encontrava nas imediações. Tenho duas vidas aqui presas por um fio. Tragam os carros aqui! Temos de tirá-los.

Tinha a sensação de que era demasiado tarde e que já não conseguiria retirá-los com vida, mas, pelo menos, iriam tentar. O condutor da limusine já fora encontrado e morrera de um grave traumatismo craniano. Quanto a Bill e a Isabelle ainda não se podia dizer se sobreviveriam. Ele estava perdendo muito

sangue devido a vários ferimentos. Tinha o pulso tão fraco que o paramédico mal o sentia. Os sinais vitais de ambos estavam ficando cada vez mais tênues. As manobras de desencarceramento iniciaram-se quase de imediato. Num ápice, uma série de bombeiros subiu para as viaturas e começou a ligar cabos e a dar instruções para os colegas que estavam ao volante dos carros que iriam puxar a limusine. O barulho era ensurdecedor, mas nem Isabelle nem Bill ouviram o mínimo som.

CAPÍTULO QUATRO

Os bombeiros levaram quase duas horas para tirar a limusine de debaixo do ônibus. Tiveram de usar cuidados extraordinários para não maltratar ainda mais os dois, que já estavam recebendo transfusões de sangue. Isabelle tinha um garrote no braço esquerdo. Os paramédicos que os tratavam estavam cheios de sangue e ninguém acreditava que eles pudessem ainda estar vivos. Ninguém diria que o vestido de Isabelle era branco. Encontrava-se encharcado em sangue. Ainda não faziam idéia de quem eles eram. Quando os meteram na ambulância, já todas as vítimas do ônibus haviam sido levadas do local do acidente. Nessa altura, um dos paramédicos tinha a carteira de Bill na mão e já o haviam identificado, mas ainda não sabiam quem Isabelle era.

— Ela usa aliança de casamento — disse um, quando a ambulância partiu para o Hospital St Thomas, deve ser a esposa. Enviou então uma mensagem via rádio para os policiais no local do acidente para darem uma vista de olhos em uma bolsa de senhora que se encontrava no carro. Nenhum dos dois recuperou a consciência durante todo o processo de remoção. Encontravam-se ambos em coma profundo quando entraram na Unidade de Traumatologia, ficando de imediato sob observação de duas equipes de médicos, que determinaram a necessidade de serem operados o mais rapidamente possível. Ele, a um grave hematoma na coluna vertebral e a uma fratura do pescoço, ela, a um traumatismo craniano, a várias lesões internas e a um corte de artéria no braço esquerdo, ao qual havia sido aplicado o garrote. Esta operação tinha de ser realizada com a máxima urgência, caso contrário, Isabelle corria o risco de perder o braço.

— Meu Deus, que coisa horrível — sussurrou uma das enfermeiras, enquanto Bill e Isabelle entravam de maca nas respectivas salas de operações.

— Há muito tempo que não via vítimas de acidente neste estado. Não consigo perceber como ainda estão vivos, — comentou a outra. Esta estava encarregada de Isabelle, que era dos dois a que tinha menos chances de sobreviver. Estavam preocupados com o traumatismo craniano, mas as lesões mais graves situavam-se no fígado, pulmões e coração.

Num ápice, estavam os dois deitados nas mesas de operação, com os anestesistas a administrarem-lhes as respectivas anestésias, sob os fortes focos de luz, enquanto os membros das equipes de cirurgiões ouviam o diagnóstico dos especialistas de traumatologia. Era difícil decidir qual dos dois estava pior. Encontravam-se ambos em estado extremamente crítico. Quando as operações se iniciaram, os sinais vitais de ambos começaram a diminuir praticamente ao mesmo ritmo.

Quando teve início a operação às vértebras que Bill fraturara, este imaginou estar sentando-se na cama e, quase de imediato, viu-se andando por um caminho fortemente iluminado. Tinha consciência de todos os sons à sua volta e, ao longe, vislumbrava uma luz intensa. Ficou surpreso quando, ao olhar em volta, avistou Isabelle, sentada numa pedra à sua frente, no caminho.

— Você está bem?

Isabelle lançou-lhe um olhar estranho, como se estivesse sonolenta. Pôs-se então de pé e esperou que ele a acompanhasse.

— Estou ótima — respondeu, sem olhar para Bill. Parecia hipnotizada pela luz muito brilhante, tal como acontecera com ele ao princípio. — O que é aquilo?

— Não sei — respondeu Bill, algo confuso. Lembrava-se de ter andado à procura de Isabelle e de não conseguir encontrá-la. — Onde esteve?

— Estive aqui, à sua procura. Você partiu há muito tempo. — Isabelle tinha uma voz muito sumida e um ar pálido, mas exibia uma estranha calma.

— Estive sempre aqui. Não fui a lado nenhum — explicou Bill, mas dava a sensação de que Isabelle não lhe dava ouvidos, parecendo ansiosa por continuar a caminhada em direção à luz.

— Você vem? — perguntou Isabelle, virando-se para Bill. Mas este não conseguia acompanhá-la e pediu-lhe que andasse mais devagar.

— Porque está correndo dessa maneira?

Isabelle limitou-se a abanar a cabeça e continuou a andar em direção à luz brilhante.

— Quero que venha comigo — retorquiu, estendendo a mão para trás

Bill agarrou-lhe; conseguia perceber a presença de Isabelle a seu lado, mas não sentia a mão dela. Via que lhe agarrava a sua, mas não era capaz de ter qualquer espécie de sensação. A única coisa que sabia era que estava desesperadamente cansado. Apetecia-lhe deitar-se e dormir num lugar qualquer, mas não queria perdê-la de novo. Sabia que, apesar daquilo que ela dissera, a perdera por instantes. Isabelle virou-se então para ele e, olhando-o nos olhos, disse, numa voz sumida.

— Amo-te!

Bill queria pedir-lhe para abrandar o passo.

— Também te amo! Não podemos descansar um pouco? Estou cansado.

— Podemos descansar quando lá chegarmos. Estão à nossa espera — insistiu Isabelle, convicta do que estava dizendo e sentindo algo dentro de si que a obrigava a prosseguir. Bill continuava tentando que ela diminuísse o passo.

— Onde é que vamos?

— Ali acima. — Isabelle apontou para a luz e Bill seguiu-a durante mais

algum tempo. A caminhada parecia nunca mais ter fim. Quando estavam quase alcançando a luz, Bill ouviu vozes atrás deles chamando por Isabelle. Quando se virou, viu uma criança. Não tinha certeza, mas parecia um rapaz. Este acenava-lhes e chamava pela “mamãe”. Isabelle voltou-se e deteve-se durante algum tempo a olhar para o menino. Ao longe, atrás deste, avistava-se a silhueta de uma garota.

— Quem é? — perguntou Bill, mas, ainda antes de ouvir a resposta da boca de Isabelle, já sabia de quem se tratava.

— É o Teddy. E a Sophie. Mas já não posso voltar para eles. É demasiado tarde.

De repente, ao rapaz e à garota que estavam acenando, juntaram-se duas jovens. Quando Bill virou para trás, reconheceu de imediato as filhas, Olivia e Jane, chamando-o, tal como Teddy chamara por Isabelle.

— Espera... — Era a muito custo que Bill conseguia acompanhá-la. Isabelle caminhava já muito à sua frente. Não sabia muito bem se devia segui-la ou se voltar para trás para perto de Olivia e Jane. — Temos de voltar para perto dos meninos!

Isabelle limitou-se a abanar a cabeça.

— Não vou voltar para trás, Bill. Vem comigo? — Parecia determinada, mas ele estava ficando cada vez mais cansado. Assemelhava-se a um caminho sem fim.

— Não consigo acompanhar o seu passo. Por que razão não volta para trás? Eles precisam de nós...

— Não, não precisam. Não posso voltar para trás. Para mim, é demasiado tarde. Diz ao Teddy e à Sophie que os adoro — proferiu Isabelle, preparando-se para prosseguir sozinha.

— Tem de vir comigo! — exclamou Bill, de repente, agarrando-a pelo braço. — Escuta... — O tom de voz era ríspido, mas Isabelle não o ouvia, estava quase chegando à luz. — Você tem de me ouvir... O Teddy e a Sophie precisam de você... Tenho de regressar para junto das minhas filhas. Volta comigo, Isabelle... Podemos vir aqui em outra hora...

Isabelle hesitou, mas só durante uma fração de segundo, enquanto Bill lhe tocava na mão.

— Quem te disse que voltaremos a ter outra oportunidade?

— Teremos, um dia... mas agora não é a hora.

— Para mim, é. Não quero voltar... — Isabelle olhava-o com ar suplicante, e Bill sentia-a fugir-lhe. — Por favor, Bill... Vem comigo. Não quero ir sozinha.

— Fica comigo, Isabelle. Amo-te. Não me abandone. — Bill chorava ao dizer estas palavras, baixando a cabeça para que ela não o visse chorar, mas esta

fixava nele o seu olhar penetrante. Bill levantou então os olhos e estendeu a mão.

— Pega na minha mão... Não vou permitir que parta. Juro! Você tem de voltar comigo.

Isabelle ficou, de súbito, com um ar muito cansado e olhou para trás, para Teddy e para as garotas. Hesitou durante um longo instante. Então, em passo lento, começou a andar na direção de Teddy. Custava-lhe muito mais andar para trás do que para a frente. Pouco depois, Bill tinha-a nos braços e beijava-a com ardor. Nenhum dos dois sabia onde haviam estado. A única coisa que sabiam era que tinham de voltar para junto dos filhos. Sentia agora a mão de Isabelle apertada contra a sua.

— Você tem certeza de que é isto que quer fazer? — perguntou Isabelle. Não ouviam as vozes dos filhos, mas sabiam que eles estavam à sua espera. Escurecia e a luz ia perdendo o brilho.

— Absoluta — respondeu Bill, e apertou-lhe ainda mais a mão.

— Está ficando tarde... e ficando tão escuro. Como é que vamos encontrar o caminho de volta? — Isabelle tinha a sensação de terem estado perdidos e não queria que o mesmo voltasse a acontecer.

— Basta não largar a minha mão. — Bill sentia menos dificuldade em respirar. O ar que o rodeava não parecia tão rarefeito. Conheço o caminho. Pôs-lhe então o braço por cima e continuaram a andar. Agora era Isabelle quem estava cansada e ele que se sentia cada vez com mais forças.

— Preciso parar um pouco — pediu Isabelle. Ambos conseguiam ver a pedra onde ela estivera sentada à espera de Bill, mas este não iria permitir que ela parasse desta vez. Tinham de chegar a casa.

— Não temos tempo. Você vai ficar boa. Poderá descansar quando chegarmos.

E, sem dizer palavra, Isabelle seguiu-o. Estava escuro, mas tinha a sensação de que Bill sabia para onde ia. A única coisa que lhe apetecia era deitar-se e dormir na beira da estrada. Todavia, Bill não lhe largava a mão e não a deixava abrandar o passo. Não sabia como nem quando haviam ido para lá. Pouco depois, tinha a sensação de estarem em casa. Isabelle não reconhecia a sala onde se encontravam. Sentia-se segura ao lado de Bill. Havia crianças por todo o lado, e conseguia ver Teddy e Sophie rindo, na companhia de alguns amigos, e as filhas de Bill falando com este. Depois de abraçar os filhos, deitou-se, finalmente. Sabia que se encontrava a salvo e a única coisa que queria fazer era dormir ao lado de Bill. E adormeceu, com a certeza de que ele ficaria sempre ali ao lado dela.

— Meu Deus, nunca pensei que conseguíssemos! — comentou a enfermeira que assistia ao cirurgião para o anestesista, quando saíram da sala de operações. Fora uma batalha de quatro horas para manter a pressão arterial de Isabelle

suficientemente alta para evitar que morresse durante a operação. Ao fim da primeira meia hora, todas as pessoas na sala tinham quase a certeza de que ela morreria. Perdera muito sangue. Ninguém sabia agora se sobrevivera devido à medicação que lhe fora administrada, se às transfusões de sangue, se à operação ou se por pura sorte. Mas, fosse por que fosse, todos concordavam que era um milagre Isabelle estar viva.

— Nunca assisti a uma cirurgia como esta. Ela tem uma sorte dos diabos em estar viva afirmou um dos cirurgiões. Ainda não está livre de perigo, mas acho que vai conseguir. Casos como este renovam a minha fé em Deus. — Sorriu e saiu da sala de operações, o rosto banhado em suor. Fora uma longa noite e uma luta extenuante contra o tempo.

Duas enfermeiras saíram da sala de operações ao lado, onde Bill fora operado e também estavam com ar esgotado.

— Que tal correu a operação? — indagou o cirurgião.

— Quase o perdemos quatro ou cinco vezes. Conseguiu recuperar, mas tem muitas lesões na parte superior da coluna vertebral. Tivemos de o reanimar vezes sem conta. Estivemos quase desistindo.

— Foi o que quase aconteceu conosco. É espantoso como conseguiram sobreviver.

— Que tal está ela?

— Ainda em estado crítico. E cheguei pensando que teríamos de lhe amputar o braço. Também tivemos problemas terríveis com o fígado e o coração. Nunca vi um paciente com tantas lesões que conseguisse sair da operação com vida.

Eram oito da manhã. As duas equipes de operação foram até ao bar beber café e comer *scones*, enquanto Isabelle e Bill eram transportados para os respectivos quartos, ainda sob o efeito da anestesia. Nessa altura, já tinham achado a mala de mão de Isabelle. A chave do seu quarto no Claridge's encontrava-se lá. A polícia telefonara para o hotel e fora informada de que a vítima do acidente se chamava Isabelle Forrester, era francesa e morava em Paris. O subgerente prometera ir de imediato ao quarto dela ver se encontrava o passaporte para saber qual o contato a estabelecer em caso de urgência. Mas até ao momento ninguém telefonara.

No que tocava a Bill, tinham todas as informações de que precisavam. O número de telefone de casa encontrava-se na carteira e a esposa era o familiar mais próximo. A recepcionista do hospital ia telefonar a Cindy para lhe dizer que o marido tivera um acidente e sobrevivera.

Bill e Isabelle estavam em estado muito crítico. O traumatismo craniano de Isabelle também era preocupante, se bem que não tanto como as lesões internas. O maior receio em relação a Bill era a lesão na coluna, que poderia comprometer a sua capacidade de andar. Escapara por um triz à paralisia total. A grande

questão residia em como iriam reagir as pernas. Ainda tinham um longo caminho a percorrer até a sobrevivência estar assegurada. Fora um dos piores acidentes a que a polícia assistira nos últimos anos e do qual resultaram onze mortes. Os motoristas de ambos os veículos e nove passageiros do ônibus. Durante a maior parte da noite, enquanto realizavam as cirurgias de Isabelle e Bill, as equipes cirúrgicas estiveram prestes a confirmar mais duas mortes. Só por milagre é que eles ainda se encontravam vivos.

A recepcionista arquivou alguns impressos antes de se sentar e soltar um suspiro. O subgerente do Claridge's fora ao quarto de Isabelle e encontrara o passaporte, que referia o marido como o parente mais próximo. Tinha o número de telefone de Paris e o número de Bill do Connecticut. Detestava fazer telefonemas daqueles. Bebeu um gole de café para ganhar coragem e depois ligou para Paris. O telefone tocou várias vezes até que, por fim, um homem respondeu, para alívio da recepcionista.

— Monsieur Forrester, *s'il vous plait* — disse, num francês com forte sotaque britânico.

— O próprio. — A recepcionista reconheceu-lhe o sotaque americano e perguntou-lhe, de imediato, em inglês, se Isabelle era sua esposa.

— É sim — respondeu Gordon, num tom algo preocupado.

A recepcionista informou-o então de que estava telefonando do Hospital St. Thomas e que Isabelle tivera um acidente de trânsito na noite anterior, explicando-lhe que a limusine fora abalroada por um ônibus.

— A sua esposa encontra-se em estado crítico. Acabou de sair da sala de operações, Mister Forrester. Sofreu lesões internas profundas e um leve traumatismo craniano. Só poderemos saber mais alguma coisa do seu estado clínico daqui a algumas horas. Mas já é encorajador o fato de ter sobrevivido à operação. Sinto muito — proferiu, sem saber mais o que dizer. Fez-se então uma longa pausa, enquanto Gordon ponderava o que acabara de ouvir.

— Também eu. — Parecia chocado. — Vou ainda hoje para aí — sussurrou Gordon, perguntando-se se não seria melhor falar com o médico primeiro. Mas a recepcionista dera-lhe pormenores suficientes, tornando desnecessária a conversa com o médico. — Ela está consciente?

— Não, não está. Não recuperou a consciência desde o acidente e agora encontra-se sob a ação de sedativos. Perdeu muito sangue.

Gordon ficou pensativo, sem saber o que dizer. Achava inacreditável que estivessem falando de Isabelle. Por pouco que partilhassem, por mais afastados que vivessem, continuava a ser sua esposa. Ainda pensou em contar o sucedido a Teddy e também a Sophie, que se encontrava em Portugal, mas acabou por não o fazer. Só iria assustá-los. Não havia razão para telefonar a Sophie sem saber

mais pormenores do estado de Isabelle. Achou ser melhor não dizer nada a ninguém, até ele próprio tomar conhecimento da situação, a não ser que ela morresse, entretanto. A recepcionista frisara-lhe que essa era uma hipótese. Quando desligou, sentou-se à secretária durante um longo instante, de olhos fixos no espaço. Há muito tempo que não sentia nada pela esposa, mas era a mãe dos seus filhos e estavam casados há vinte anos. Esperava que ela não tivesse sentido nada quando o carro foi atingido. Por instantes, sentiu-se grato por ela não ter morrido. Porém, ficou perplexo ao verificar como aquele fato o atingira tão pouco. As únicas emoções de que tinha consciência eram as de compaixão e pena.

Telefonou para as companhias de aviação e perguntou o horário dos voos para Londres. Tomou então uma decisão. Ninguém sabia do acidente. Isabelle estava inconsciente e ele precisava de tempo para assimilar o que acontecera. Tinha compromissos importantes no escritório nessa tarde. Não queria partir de imediato. Nada podia fazer em Londres e, além disso, detestava hospitais. Após alguns instantes de hesitação, fez uma reserva para o voo das cinco. Chegaria a Heathrow às cinco e meia, hora local, e podia estar no hospital às sete. Se Isabelle morresse entretanto, seria porque a mão de Deus assim quisera, disse para consigo. Se ainda estivesse viva, seria um sinal de esperança. No entanto, para ela, nenhuma diferença lhe fazia ele estar ou não ao pé dela. O tempo seria melhor empregue em outro local, pensou. Pelo menos, era disso que queria convencer-se.

Saiu para o escritório pouco depois e não disse nada à secretária, exceto que iria sair às três horas. Não queria fazer muito alarde da situação. Não havia razão, a não ser que Isabelle morresse.

Em Londres, no hospital, depois de falar com Gordon, a recepcionista que se encontrava na Unidade de Cuidados Intensivos ganhou coragem para a chamada seguinte. O telefonema para Gordon deixara-a algo desalentada. Este fizera tão poucas perguntas e parecera terrivelmente calmo. Era pouco comum alguém receber um telefonema daqueles como ele o fizera.

A recepcionista do hospital tinha o número dos Robinson à sua frente. Entretanto, duas enfermeiras passavam pelo balcão, quando atenderam do outro lado da linha. Falavam de Isabelle e tinham a papeleta dela na mão. Por aquilo que Gordon dissera ao telefone, a recepcionista não fazia a menor idéia de quando é que ele chegaria.

Olivia, a filha de Bill de vinte e um anos, atendeu o telefone. Eram seis da manhã e ainda estavam todos dormindo, mas ela ouvira o telefone. Uma voz com sotaque inglês perguntou se Mrs Robinson se encontrava em casa.

— Está dormindo — respondeu, voltando-se na cama. — Pode telefonar daqui

a pouco? — perguntou, entre um bocejo, prestes a desligar.

— Receio não poder esperar nem telefonar mais tarde. Pode pedir-lhe para vir ao telefone?

— Há algum problema? — Olivia começou a despertar e sentou-se na cama. Não fazia a mínima idéia de qual o motivo do telefonema, mas a voz denotava algum nervosismo.

— Tenho de falar pessoalmente com Mistress Robinson.

Foi com ar preocupado que deu um pulo para fora da cama e correu pelo corredor afora até ao quarto da mãe. Ao ouvir os passos no corredor e a porta abrir-se, Cindy acordou.

— Sente-se bem? — sussurrou no quarto às escuras. Estava dormindo profundamente, mas, ao fim de todos aqueles anos, possuía um sexto sentido em relação às filhas. Está doente?

— Uma mulher inglesa ligou e diz que quer falar consigo.

Mãe e filha trocaram olhares e Cindy teve um pressentimento. Sabia instintivamente que era algo relacionado com Bill. Nunca se confrontara com uma situação semelhante, mas, de repente, perguntou-se se haveria outra mulher na sua vida.

— Eu atendo — disse Cindy, sentando-se na cama. — Agora volta para a cama. Mas Olivia não se mexeu. Também tivera o mesmo pressentimento.

— Fala Mistress Robinson. — Ficou muda durante um longo instante, mas Olivia viu-a fechar os olhos. — É grave? Quando? Está consciente? — Ao ouvir isto, a filha esbugalhou os olhos.

— É o papai? — A voz estava tomada de pânico, enquanto a mãe abria os olhos e lhe fazia sinal para se calar. Queria ouvir tudo o que a recepcionista do hospital dizia. Mas assentiu com a cabeça em resposta à pergunta da filha, enquanto a jovem se sentava na cama. — Ele está bem?

A mãe não respondeu, continuando a ouvir a voz do outro lado da linha.

— Qual é o nome do médico dele? — Escreveu rapidamente um nome no bloco que se encontrava na mesa de cabeceira, fez mais algumas perguntas e pediu que lhe ligassem se as coisas piorassem. — Estarei aí logo que possa. Quero que me telefonem se alguma coisa acontecer e que me informem logo que ele recupere a consciência. Ligo daqui a meia hora e digo-vos quando estarei aí. — Parecia calma mas o olhar denotava tudo menos isso. Quando desligou exibiu um ar perplexo e Olivia lançou-se nos seus braços.

— O que aconteceu? — Havia lágrimas na voz da filha, e Cindy sentia um nó na garganta. A notícia era terrível e só tinha esperança de que o estado de Bill não fosse tão mau como parecia. O pescoço fraturado, lesões na coluna, possível paralisia, lesões internas e ossos fraturados. Se isso acontecesse, era duvidoso

que voltasse a andar. A idéia de Bill numa cadeira de rodas era impensável. Antes a morte. Ele próprio decerto detestaria ficar nesse estado o resto da vida E ela não se via a si própria a fazer o papel de ama-seca. E se ficasse paraplégico? Ou acamado sem poder mexer-se. Os piores cenários não paravam de lhe aflorar ao pensamento.

— O papai teve um acidente. Está em Londres. — Esqueci-me de que ele disse que ficaria lá uns dias. Falei com ele há pouco tempo em Nova Iorque. Estava num carro que foi abalroado por um ônibus e parece estar muito mal. Partiu o pescoço e a coluna foi seriamente afetada. Saiu há pouco da sala de operações.

— Vai morrer? — Os olhos de Olivia esbugalharam-se. Cindy hesitou por instantes, enquanto o olhar da filha ficava marejado de lágrimas.

— É possível, mas o papai é forte. Acho que vai se recuperar, mas ainda não sabem como o estado dele vai evoluir. Parto para Londres hoje.

— Vou com você. — Olivia era uma bonita garota loura, alta, elegante e com um rosto engraçado. Estudava na Universidade de Georgetown, no terceiro ano de Política Internacional. Era uma ótima estudante e os pais tinham justificado orgulho nela. E, apesar do pouco tempo que passava com o pai, era louca por ele. Idolatrava-o quando era criança. Nos últimos anos, vivia fascinada com tudo o que ele fazia.

— Acho melhor vocês ficarem aqui — afirmou Cindy, atirando os cobertores para trás e saltando da cama. Tinha de telefonar para a companhia de aviação e fazer as malas. Esperava pegar um voo por volta do meio-dia, e levar Olivia só complicaria as coisas. Não desejava perturbar as filhas. Por aquilo que a recepcionista dissera, o estado de saúde de Bill era muito grave.

— Vou com você, mamãe — insistiu Olivia, levantando a voz à mãe, o que era raro. — Se for preciso, compro o bilhete e vou sozinha.

— O que aconteceu? — perguntou Jane, ensonada, entrando no quarto. Era pequena, loira e tinha um aspecto atraente. Cindy era assim quando tinha a mesma idade. Acabara o primeiro ano na Universidade de Nova Iorque e ia fazer dezenove anos. Ouvira as vozes da mãe e da irmã e, pela cara desta, via-se que estava zangada com a mãe. — O que estão discutindo a esta hora? — Cindy e a filha mais velha costumavam ter discussões por tudo e por nada. Jane era a apaziguadora. Bocejou e meteu-se na cama da mãe.

— O papai teve um acidente — comunicou Olivia à irmã mais nova, que ficou com cara de espanto. Entretanto, a mãe telefonava para as companhias de aviação.

— Ele está bem? — Jane não conseguia imaginar que o pai não se encontrasse de perfeita saúde. Olivia era muito mais emotiva do que ela e podia estar

exagerando. Não tinha certeza.

— O estado de saúde dele é muito grave — disse Olivia, não conseguindo sustentar um soluço. Sentou-se então na cama, abraçou Jane e desatou a chorar. — Fraturou o pescoço e apresenta uma série de lesões na coluna. A mamãe diz que não sabem se poderá voltar a andar. Acabou de ser operado. O carro dele foi abalroado por um ônibus.

— Oh, merda! — exclamou Jane, abraçando-se ainda mais à irmã, que sempre a confortara, não sendo habitual acontecer o contrário. Jane fora sempre a mais calma das duas. Tinha capacidade para cuidar de si onde quer que fosse ou de qualquer outra pessoa que precisasse de ajuda. Herdara a frieza da mãe, mas desta vez estava em pânico.

— A mamãe vai para Londres e eu também vou racturodeclarou Olivia, por entre lágrimas.

— Também vou — acrescentou Jane, dando um pulo da cama para contar à mãe quais os seus planos. Colocou-se então diante da mãe, enquanto esta tratava da marcação do vôo.

— Vamos as duas com você — disse, num tom peremptório, Cindy fez-lhe sinal para se afastar. Mal conseguia ouvir o que lhe diziam ao telefone. Pôs a mão no bocal e disse então a Jane:

— É melhor vocês ficarem. Telefone-vos se achar que devem ir.

— Ou vamos com você ou vamos sozinhas — decretou Jane. Cindy sabia, por experiência, que não valia a pena contrariá-la. Ao contrário de Olivia, que era relativamente fácil de dissuadir, Jane tinha a flexibilidade de uma rocha quando encasquetava uma idéia na cabeça. — A que horas partimos.

— Há um voo às onze e quarenta — respondeu Cindy, pegando no telefone e fazendo mais duas reservas. Depois de desligar, informou as filhas de que tinham de sair de casa às nove. Havia duas horas para se vestirem e fazerem as malas. Nem sequer dava tempo para que o avião de Bill as viesse buscar em Nova Iorque.

— Vou fazer o café da manhã — prontificou-se Jane, enquanto Olivia chorava, sentada na cama. — Vai fazer as malas, ordenou à irmã mais velha. Depois olhou para a mãe, que abria o roupeiro e tirava uma mala de uma prateleira. — Acha que o papai vai conseguir aguentar-se, mamãe — perguntou, esforçando-se por se manter calma. A mãe voltou-se e olhou-a com um ar perturbado.

— Não sei, querida. Acho que ainda é muito cedo para dizer. Mas está aguentando. Sobreviveu à operação. — Não lhe contou que a funcionária da Unidade de Cuidados Intensivos lhe dissera que ele estivera por duas vezes às portas da morte e que haviam levado duas horas para tirá-lo do carro. — É

saudável e forte, e está em grande forma.

— Como ocorreu o acidente? — perguntou Jane.

— Não sei. A única coisa que sei foi que a limusine dele foi abalroada por um ônibus. Deve ter sido um acidente terrível, onze mortos. Demos graças a Deus pelo seu pai não estar entre eles.

Jane foi então fazer as malas.

Enquanto atirava calças, *T-shirts* e camisolas para dentro de uma mala, Cindy só pensava nas implicações que o acidente acarretava para Bill. Estava absolutamente convencida de que ele preferiria morrer a ver-se seriamente diminuído fisicamente. Quanto a ela, não sabia ainda o que lhe desejava. Dependia da gravidade das lesões. Mas não queria falar no assunto às filhas. Nem sequer sabia muito bem o que sentia por ele. Estava casada com ele há mais da metade da sua própria vida e já não o amava, nem sequer se podia dizer que fossem amigos. Era o pai das suas filhas e fora seu marido durante trinta anos. Tivera outros homens na sua vida, e há muito que aquele casamento perdera todo o sentido. Chegara a pensar em divorciar-se uma ou duas vezes, quando andara envolvida com outros homens. Mas nunca lhe ocorrera ao longo de todos esses anos que Bill pudesse morrer. Encarar essa hipótese agora alterava tudo.

De repente, deu consigo pensando em como Bill era na adolescência, na paixão que tivera por ele, na felicidade que haviam sido os primeiros tempos de casamento. Era como estar vendo passar trinta anos de história diante dos olhos. No chuveiro, ao pensar na eventualidade de Bill nunca mais poder andar, não conseguiu evitar o choro.

Partiram para o aeroporto pouco depois das nove. Cindy, ao volante, as filhas, no banco traseiro. Não articulou qualquer palavra durante toda a viagem. Jane e Olivia olhavam pelo vidro, perdidas em pensamentos. Iam ambas de calças de ganga e tênis *Nike*. Traziam pouca bagagem. Cindy deduziu que, provavelmente, pretendiam passar a maior parte do tempo no hospital e pouco lhes importava o aspecto. Mal haviam tido tempo de se pentearem. E quando Jane fez o desjejum, ninguém comeu o que quer que fosse. A única coisa em que pensavam era em Bill no hospital, a lutar contra a morte. No momento em que descolaram, Gordon Forrester encontrava-se também num avião que partira do Aeroporto Charles de Gaulle e cuja chegada a Heathrow estava prevista para daí a menos de uma hora.

No hospital, mantinha-se tudo na mesma. Isabelle e Bill haviam sido colocados em quartos separados, na Unidade de Cuidados Intensivos. Encontravam-se ligados a vários monitores, tinham as suas próprias equipas e o seu estado inspirava tais cuidados que haviam sido isolados dos outros doentes. Isabelle estava com febre alta desde as três horas da tarde. O coração batia a uma cadência irregular, o fígado fora seriamente afetado, os rins ameaçavam deixar

de funcionar e, devido ao traumatismo e à operação, o cérebro estava ligeiramente inchado. No entanto, o eletroencefalograma indicara que o cérebro continuava funcionando. Os médicos estavam esperançosos de que Isabelle não ficasse com quaisquer sequelas a nível cerebral, caso sobrevivesse. Ainda não haviam conseguido determinar qual das muitas lesões é que lhe estava provocando a febre alta. Continuava em coma profundo, não só devido ao traumatismo craniano que sofrera, mas também por causa da anestesia e das drogas que lhe haviam ministrado. Do ponto de vista clínico, era difícil acreditar que conseguisse sobreviver.

Quanto a Bill, pouco melhor se encontrava que Isabelle. Tinha o pescoço e as costas imobilizados por aparelhos em ferro e aço que mais pareciam instrumentos de tortura. O corpo fora colocado em cima de uma prancha que permitia que o movessem, para qualquer eventualidade. Também continuava em coma.

— A família dele chega dos Estados Unidos por volta da meia-noite — disse uma das enfermeiras, às seis da tarde, quando da mudança de turno. — A mulher telefonou do avião.

A outra enfermeira assentiu com a cabeça e ajustou um dos monitores. Pelo menos, os sinais vitais estavam bons, melhores do que os de Isabelle, que não saía da fronteira entre a vida e a morte. A sua sobrevivência parecia mais incerta do que a dele. Uma das enfermeiras perguntou se também vinha alguém ver Isabelle.

— Não sei. Julgo que telefonaram para Paris esta manhã e falaram com o marido, mas ele não disse quando é que vinham. A Katerinne achou-o muito frio. Devia estar em estado de choque.

— Pobre homem. Este é um daqueles telefonemas que se têm nos pesadelos — comentou uma das enfermeiras de Bill. Será que ela tem filhos. — Não conheciam a história médica ou pormenores pessoais de cada um dos dois, apenas as nacionalidades, os nomes dos parentes mais próximos e o que acontecera no acidente. Nem sequer sabiam qual era a relação entre os dois, se eram sócios, parentes ou apenas amigos. E nem valia a pena porem-se a adivinhar. Nesse preciso instante, não passavam de dois pacientes internados na Unidade de Cuidados Intensivos a debater-se contra a morte. Falavam na eventualidade de Isabelle ser novamente operada, para aliviar a pressão do cérebro. O cirurgião devia tomar a decisão a qualquer momento. Quando apareceu já passava das seis e resolveu não a operar de momento. Achava que ela não sobreviveria a uma nova cirurgia.

Eram sete e pouco e já o médico saía, quando Gordon chegou. Entrou na Unidade de Cuidados Intensivos, dirigiu-se à recepção e disse ao funcionário

quem era. Este levantou os olhos e pediu a uma enfermeira que o conduzisse até ao quarto de Isabelle. Sem dizer palavra, Gordon seguiu-a, de semblante carregado. Tivera o dia todo para se preparar para aquele momento. Ao entrar no quarto, esperava encontrá-la bastante ferida. Mas nada do que imaginara o preparara para aquilo que os seus olhos viram. Estava irreconhecível, parecia um naco de carne. Havia ataduras, fios, tubos e monitores por todo o lado, a cabeça estava coberta de gaze e até o braço que tinha o problema na artéria se encontrava envolto em ataduras. A única coisa familiar nela era o rosto pálido como a morte a espreitar por entre a gaze. Era a única parte do corpo que parecia não ter sido atingida.

Havia três pessoas junto de Isabelle quando Gordon entrou. Uma mudava o saco de soro, outra passava os olhos pelos monitores e uma terceira verificava as pupilas, como faziam constantemente. Ao deparar com aquele cenário, apesar de já não sentir nada pela esposa, Gordon foi acometido pelo horror. Era como se já não fosse o corpo dela que se encontrava ali. Aquilo que restava de Isabelle não significava nada para si. Não passava de um corpo cheio de fraturas. Manteve-se em silêncio, sem se aproximar.

— Mister Forrester? — perguntou uma das enfermeiras, baixinho.

Gordon fez um gesto afirmativo com a cabeça e ficou sem saber o que dizer. Embaraçava-o o fato de ter de a ver com a presença de várias pessoas de olhos postos nele. Não sabia o que esperavam de si. Talvez que se atirasse de joelhos aos pés da cama, que a beijasse nos dedos ou que lhe tocasse nos lábios. Mas não conseguia aproximar-se mais. Olhar para Isabelle era como olhar para o anjo da morte, e isso assustava-o.

— Como ela está, — perguntou, numa voz rouca

— Está com febre. O médico acabou de sair. Estão ponderando a hipótese de nova cirurgia, para aliviar a pressão no cérebro, mas o cirurgião acha que neste momento ela não está em condições de aguentar a operação. Quer esperar mais um pouco. Voltará aqui às dez horas. E se não a operarem. O cérebro poderá ficar afetado.

Não conseguia imaginar nada pior do que ela sobreviver e ficar praticamente sem nenhuma função cerebral ou com uma deficiência grave, e queria dizer isso mesmo ao cirurgião. Se Isabelle não podia voltar a ser como era, achava que os esforços dos médicos para a salvar não faziam sentido. Fora uma mulher bonita, inteligente e talentosa, e, apesar das suas diferenças, uma boa esposa e uma boa mãe para os filhos. Salvarem-na para permanecer numa cama em um estado vegetativo era uma coisa horrenda para ele, que estava preparado para envidar todos os esforços para que isso não acontecesse. Não queria que os filhos se lembrassem da mãe assim. Nem ele queria viver com ela nesse estado.

— Nesta altura, é impossível fazer qualquer prognóstico, Mister Forrester. No entanto, os resultados do eletroencefalograma foram encorajadores. Ainda é muito cedo para se saber o que quer que seja. — Era impossível dizer se Isabelle ficaria horas ou meses no estado em que se encontrava.

— Há algum médico com quem possa falar, — perguntou Gordon a uma das enfermeiras, sem qualquer sinal visível de emoção. A enfermeira pensou que ele se assemelhava mais a alguém conhecido ou a um parente afastado que viera ao hospital por uma questão de dever. Gordon guardava as emoções para si próprio.

— Vou dizer ao cirurgião de plantão que o senhor está aqui — disse a enfermeira, ao passar por Gordon. Este provocara-lhe uma sensação de algum desconforto. Ver Isabelle naquele estado deixava-a de coração destrocado. Uma mulher tão bonita e tão jovem. Mas o homem que voara de Paris para ver a esposa parecia não sentir nada. Nunca conhecera ninguém tão frio.

Gordon saiu do quarto e foi pelo corredor afora, à espera que alguém viesse falar com ele. Só ao fim de dez minutos é que apareceu um jovem cirurgião. Confirmou-lhe o que mais ou menos já sabia: Isabelle encontrava-se entre a vida e a morte. Disse ainda que estavam ponderando a possibilidade de operá-la de novo, mas tentavam evitar nova operação. Só lhes restava esperar para ver como o organismo reagiria ao traumatismo. Pela sua estimativa, ia ser uma longa espera até terem boas notícias. Mas considerava que o fato de ela ter resistido até esse instante, já era um sinal de esperança. Porém, ainda muito tênue.

— Lamento, Mister Forrester. Dada a natureza do acidente, é um milagre eles terem sobrevivido.

Gordon fez um gesto de concordância com a cabeça. Concentrou então a atenção em algo que o jovem médico dissera, em conflito direto com o que ouvira ao princípio do dia.

— Pensei que o motorista tivesse morrido.

— E morreu, tal como o motorista do ônibus e nove passageiros.

— Pareceu-me ouvi-lo dizer que “eles” tinham sobrevivido.

— E disse. Havia outro passageiro com ela. Também sobreviveu, embora não esteja tão mal como a sua esposa. Os ferimentos são diferentes, mas igualmente graves. Também se encontra em estado crítico.

Gordon ficou com um ar sombrio ao ouvir o que o médico lhe dizia. Não conseguia imaginar o que Isabelle fazia numa limusine com outro homem, especialmente àquela hora da noite. Sabia que ela viera a Londres ver uma exposição na Tate Gallery e visitar outros museus e galerias, e não vira qualquer problema nisso, mas agora tudo lhe parecia muito estranho.

— Quem é ele? — indagou, mantendo o mesmo semblante.

— Sabemos o nome e pouco mais. Chama-se William Robinson e é

americano. Julgo que a família já vem a caminho. Devem chegar hoje à noite.

Gordon fez um aceno de cabeça, como se se tratasse de velhos amigos, e pensou alguns instantes no nome; de súbito a sua memória avivou-se e pôs-se a imaginar se seria a mesma pessoa. Havia um William Robinson que conhecera vários anos antes, uma figura importante do mundo da política. E sabia que Robinson e o embaixador americano em Paris eram velhos amigos. Mas não conseguia imaginar o que estaria fazendo com Isabelle. Nem sequer tinha certeza se já se conheciam. Não se lembrava se ela estivera com ele quando foram apresentados na embaixada. Ela saía tão raramente. Era um completo mistério o fato de Isabelle se encontrar com William Robinson.

— Ele ficará bom? — indagou, com um ar preocupado, o que dissimulava as questões em aberto nos seus pensamentos.

— Não sabemos. Fraturou o pescoço e tem um grave traumatismo na parte superior da coluna. Há também algumas lesões internas, mas nenhuma tão grave como as da sua esposa.

— Poderá ficar paralisado?

— Ainda é muito cedo para se saber. Continua inconsciente. Não recuperou a consciência depois da operação. Pode ser simplesmente uma reação ao trauma do acidente, ou algo mais complicado resultante da fratura do pescoço. Também permanece em estado crítico.

Gordon lembrou-se então de que poderiam morrer os dois sem chegarem a explicar o que haviam faziam nessa noite. *Teria sido coincidência?*, perguntou-se. *Isabelle poderia ter ido visitar velhos amigos dos tempos de juventude que ele não conhecia e talvez Robinson lhe tivesse dado carona. Mas o que ela estava fazendo àquela hora? De onde vinham? Para onde iam? Onde tinham estado? Por que razão estavam juntos. Conhecer-se-iam um ao outro? Ou teriam acabado de se conhecer?* Havia um sem número de possibilidades e perguntas fervilhando na sua cabeça. E não havia forma de descobrir as respostas para qualquer uma delas, a não ser que Robinson e Isabelle sobrevivessem. Tinha certeza de que conhecia bem a mulher. Sabia que esta não era o gênero de pessoa que tivesse um caso com outro homem ou sequer encontros secretos. Mas o que era fato era que estivera com um, numa limusine, às duas da manhã e, fosse por que razão fosse, não havia maneira de descobrir isso agora.

— Quer passar a noite aqui no hospital com a sua esposa? — perguntou o jovem médico, mas Gordon abanou de imediato a cabeça. Tinha pavor a hospitais e a pessoas doentes. Faziam-lhe lembrar a mãe.

— Uma vez que não está consciente, não vejo motivo para a minha presença aqui. Fico no Claridge's. Telefone-me se houver alguma alteração no seu estado de saúde. Agradeço o tempo e os esforços que têm envidado para salvar a minha

mulher — proferiu, algo embaraçado. Era óbvio que não se sentia bem no hospital e não tinha o mínimo desejo de voltar para o quarto de Isabelle. — Vou passar pelo quarto antes de ir embora. Agradeceu novamente ao médico e dirigiu-se ao quarto. Quando chegou à porta, havia cinco elementos da equipe médica à volta de Isabelle, que continuava não dando sinais de si. Não fez menção de entrar no quarto. Deteve-se breves instantes à porta, depois virou-se e foi embora, sem dizer qualquer palavra. Mal saiu do hospital e soltou um profundo suspiro de alívio.

Detestava hospitais e pessoas doentes. Era por isso que nunca aceitara bem Teddy. No táxi que o levaria ao hotel, soltou novo suspiro de alívio. Apesar de sentir pena de Isabelle, não fora capaz de entrar no quarto e de lhe fazer uma festa na mão. Ainda bem que estava inconsciente. Preferia vê-la morta a viva com lesões cerebrais. Era um destino que não desejava para Isabelle. Porém, por mais pena que tivesse, não conseguia sentir o que quer que fosse por ela. Nem desespero, nem medo de a perder. Para si, Isabelle não passava de uma estranha, prostrada na cama do hospital, com fraturas por todo o corpo e sem se mexer. Parecia uma boneca sem vida. Custava-lhe aceitar que a mulher que acabara de ver era a jovem com quem se casara vinte anos antes. Quando o táxi parou diante do Claridge's, a única coisa que Gordon queria saber era o que Isabelle estava fazendo na limusine com W. Robinson. Mas não havia ninguém que pudesse responder a essa pergunta a não ser ela. Só Isabelle sabia a resposta para o mistério, além de Bill, naturalmente. Mas também este não conseguia responder no momento.

O porteiro tirou a bolsa de viagem da mão de Gordon. Trouxera pouca roupa: algumas camisas e peças de roupa íntima.

Não pretendia ficar muito tempo. Viera apenas avaliar a situação e planejava voltar para Paris dentro de um ou dois dias. E só regressaria a Londres em caso de força maior. Tanto poderia morrer a qualquer momento como continuar assim por tempo indefinido. O jovem cirurgião dissera-lhe nessa noite que Isabelle poderia ficar em coma durante semanas ou até meses. De qualquer modo, também não poderia permanecer em Londres durante muito mais tempo. Tinha de tratar dos negócios, de Teddy, que estava agora a seu cargo, e da gestão do banco. Quando muito, viria a Londres de tempos em tempos. E se esse estado de coisas se prolongasse, não via outra solução se não telefonar para Sophie e pedir-lhe que regressasse para casa. Poderia tomar conta do irmão. Não queria de modo nenhum chegar a esse ponto, mas, depois do que vira, começava a achar que era o que tinha a fazer. Além disso, precisava de a preparar para a eventualidade de Isabelle morrer. Parou na recepção e pediu a chave do quarto dela. O subgerente apareceu de imediato.

— Deve ter sido um acidente horroroso. Todos nós lamentamos o sucedido. Uma coisa terrível.. Uma pessoa maravilhosa... Só soubemos quando a polícia telefonou. — Continuou durante vários minutos, enquanto Gordon se limitava a dizer que sim com a cabeça e a concordar com tudo o que ele dizia. — Como está ela?

— Não muito bem. — Resolveu então auscultar o que o subgerente poderia saber. — — Mister Robinson também se encontra em estado grave. — Perscrutou-lhe o olhar à procura de algo que pudesse estar escondendo , mas não vislumbrou nada de estranho. Apenas simpatia e um infundável esfregar de mãos.

Era de esperar. E foi tudo o que o jovem disse. Seria embaraçoso perguntar-lhe apenas se sabia por que razão se encontravam juntos numa limusine. Como tal, Gordon tentou arranjar forma de puxar o assunto. Mas não era tarefa fácil.

— Foi azar estarem os dois no mesmo carro — disse, evasivo. — Ele é um velho amigo meu. Devem ter-se encontrado aqui.

— Sim, suponho que sim — afirmou o subgerente, fazendo um gesto de concordância com a cabeça. — Julgo que os vi a tomar chá juntos ontem à tarde.

— Sabe onde é que poderão ter ido ontem à noite? — indagou Gordon, como se estivesse investigando o acidente, mas o jovem abanou a cabeça.

— Posso perguntar ao porteiro se fez alguma reserva para eles em algum lugar. — Dirigiu-se então ao porteiro. Este informou que Mr. Robinson fazia sempre as suas próprias reservas quando estava na cidade e raramente pedia o que quer que fosse, à exceção do aluguel de um carro, como acontecera desta vez. Mas tinha a impressão de que o outro porteiro lhe fizera uma reserva no Mark's Club. — Ele está de folga hoje. Posso perguntar-lhe quando voltar. Ou posso telefonar para o restaurante, se desejar. Infelizmente, o motorista morreu, como deve saber. Um dos nossos melhores homens. Irlandês, casado e com quatro filhos. Uma tragédia horrível.

Gordon agradeceu-lhe, pegou na chave, encaminhou-se para o elevador e subiu. O fato de Bill e Isabelle terem tomado chá juntos na tarde anterior não lhe saía da cabeça. Tinha curiosidade em saber se eles haviam se encontrado por acaso, em qualquer museu, ou se Bill estava paquerando Isabelle. Esta era suficientemente inocente e ingênua para se deixar enganar. Se tomar chá com um homem no hotel era um ato relativamente inofensivo, já o fato de estar às duas da manhã, numa limusine, com esse homem, não o era. Continuava não conseguindo imaginar o que Bill Robinson estaria fazendo com Isabelle. Havia algo naquela história toda que não lhe soava bem. No entanto, se fosse outra pessoa que não ela, seria óbvio, mas no caso de Isabelle, não acreditava que houvesse qualquer ponta de maldade naquilo que ela fizera. Quando entrou no quarto, continuava intrigado.

De repente, teve o pressentimento de que Isabelle morreria. No banheiro, em cima da mesa ao lado do lavatório, encontravam-se os produtos de maquiagem espalhados. Num cabide atrás da porta, a camisola. Dentro de um armário, as roupas cuidadosamente penduradas. Em cima de uma escrivaninha, uma série de brochuras de museus e galerias de arte. Reparou então que ao lado destes se encontrava uma carteira de fósforos do Bar Harry's e Isabelle não fumava.

Que raio teria ido ela fazer em um local como o Harry's, ou o Mark's Club? E ainda havia uma carteira de fósforos do Annabel's. Ao ver isto, sentiu um frêmito de raiva percorrer-lhe o corpo. Talvez a noite passada na companhia de Bill não tivesse sido assim tão inocente como pensava. Gostaria de saber se ela fora a esses lugares com Bill. Observou então à sua volta à procura de mais provas, mas não havia qualquer sinal de roupa de homem, nem cartas, nem notas, nem flores com cartões. Talvez ele lhe tivesse mesmo feito a corte e ela não lhe tivesse resistido. Porém, fosse o que fosse que tivesse acontecido entre eles nessa noite, ou antes, tinham pago um preço bastante elevado por isso. No entanto, não conseguiu deixar de perguntar-se qual era o laço que existia entre os dois, se é que havia algum. Meteu as carteiras de fósforos no bolso, sentou-se, olhou em volta e mandou vir uma bebida forte.

Quando Cindy Robinson e as filhas saíram do avião eram onze e meia. Ambas as garotas haviam dormido durante a viagem Mas Cindy passara a maior parte do voo perdida em pensamentos, de olhos colados na janela. Todo o impacto do que acontecera a Bill começava a atingi-la. Estava ansiosa por vê-lo. Esperava que já não se encontrasse em coma quando chegassem ao hospital e que os fortes traumatismos no pescoço e na coluna não tivessem efeitos a longo prazo.

Levaram meia hora na alfândega. O Claridge's deixara um carro aguardando-as. Foram direto para o hospital, onde chegaram à uma da manhã. Ainda havia grande movimento na Unidade de Cuidados Intensivos àquela hora. Pouco antes de Cindy e das filhas chegarem, tinham entrado quatro novos pacientes. Para ela, não havia qualquer problema em apresentar-se às enfermeiras ou em descobrir um médico com quem falar sobre Bill. Era perita em coisas desse gênero Ao ponto de conseguir interceptar um médico que se dirigia ao quarto de Bill.

O mesmo jovem cirurgião que falara com Gordon sentou-se com Cindy no corredor e colocou-a a par de tudo o que se passava, enquanto Jane e Olivia escutavam que Bill continuava em coma e não havia qualquer sinal de recuperação. A zona espinal começara a inchar, o que estava exercendo pressão sobre os nervos afetados. Além disso, as fraturas na zona do pescoço eram de extrema gravidade. Quando acabou de descrever o estado clínico de Bill, a sensação com que Cindy ficou foi a de que as perspectivas de recuperação eram

muito sombrias. Mesmo assim, nunca esperou vê-lo naquele estado. Encontrava-se preso pelo pescoço a um aparelho de aspecto hediondo, com uma espécie de braçadeira que lhe imobilizava todo o corpo, o qual se encontrava coberto de costuras, cortes, pequenas lacerações e hematomas. As enfermeiras não tiravam os olhos dos monitores, cujos sinais não paravam de se fazer ouvir. Bill estava com um ar tão cadavérico que as filhas desataram a chorar mal olharam para ele. Cindy não conseguiu descolar os olhos do marido. De repente, todas as emoções a que resistira desde que lhe haviam dado a notícia vieram a tona. Os olhos inundaram-se de lágrimas e Bill deixou de ser um amontoado de sintomas e fraturas para passar a ser o rapaz por quem se apaixonara na faculdade. Apelou então a todas as suas forças para conseguir dar algum apoio às filhas.

Jane e Olivia estavam a um canto da sala, abraçadas uma à outra, chorando em silêncio, enquanto uma das enfermeiras ajustava o respirador e Cindy se aproximava devagarinho da cama. Tocou na mão do marido, mas estava num pranto tal que não conseguiu dobrar-se e beijá-lo. Havia um horrível cheiro de éter no quarto. Bill tinha o peito nu e havia monitores ligados a ele por todo o lado.

— Olá, querido — murmurou, colocando-se junto dele. — Sou eu, a Cindy. — Tinha vontade de ser novamente jovem. Ao olhar para Bill, passaram-lhe mil imagens pela cabeça; o dia em que se conheceram, o dia do casamento, o dia em que lhe dissera que estava grávida. Tantas recordações, tantos momentos, e agora ali estava ele, as vidas alteradas para sempre. Nem sequer conseguia imaginar como é que as suas existências poderiam voltar à normalidade. Mas uma coisa sabia. Não queria que Bill morresse, mesmo se ficasse debilitado. Independentemente das sequelas daquele terrível acidente não queria perdê-lo. E, pela primeira vez em vários anos, sentiu que ainda o amava.

— Amo-te. — repetiu várias vezes — Quero que você abra os olhos agora! As meninas estão aqui. Querem falar com você, querido

— Ele não consegue ouvi-la, — Mistress Robinson disse uma das enfermeiras

— Isso é uma coisa que a senhora não sabe — retorquiu Cindy, com firmeza. Era uma mulher que não admitia discussões. E nesse momento particular, não queria escutar o que a enfermeira lhe dizia. Além disso, há anos que sabia de histórias de pessoas em coma que ouviam o que as outras ao pé delas diziam.

Continuou falando com Bill. Durante duas horas ficou com as filhas junto do marido. Apareceu então um médico que o observou e sugeriu que elas fossem descansar e que voltassem de manhã. Não registrou qualquer alteração no estado de Bill.

— Acha que devo ficar aqui com ele? — perguntou Cindy. Viera do Connecticut para estar com o marido, não para esperar sentada no Claridge's.

Além disso, ainda não sabia muito bem se deveria ou não confiar nas enfermeiras. Queria ver como tratavam Bill. No entanto, por enquanto, sentia-se impressionada com os cuidados que estavam prestando-lhe.

— Acho que devia ir para o hotel. Telefonamos-lhe logo que haja uma alteração no seu estado — declarou o médico, num tom firme, vendo que ela era uma mulher com quem se tinha de ser direto e de quem não se podia esconder fatos queria saber tudo e não abandonaria o marido por nada deste mundo. — Prometo que lhe telefonamos. — Só ao fim de meia hora é que a convenceu a ir-se embora. O motorista aguardava-as à porta do hospital. Eram quase quatro da manhã quando saíram. Cindy e as filhas estavam esgotadas.

Reservara um quarto no Claridge's para Olivia e Jane. Pretendia ficar no quarto de Bill. Ao abrir a porta do quarto, teve a mesma sensação estranha que Gordon tivera ao entrar no quarto de Isabelle. Sentia-se uma intrusa. Lá estava a pasta, papéis espalhados por uma série de mesas e um monte de brochuras de galerias de arte e museus, o que lhe pareceu estranho. Quando é que ele tinha tempo para visitar museus. Também havia meia dúzia de recibos do cartão *American Express*. Reparou que um era do Bar Harry's e outro do Annabel's. Mas também sabia que ele costumava lá ir com amigos e conhecidos dos negócios, sempre que vinha a Londres. Não achou isso nada de anormal. Voltou a chorar quando vestiu o pijama de Bill. Estava aterrorizada perante a eventualidade de o perder e quando telefonou às filhas para ver como estavam, encontravam-se ambas lavadas em lágrimas. Fora um dia carregado de emoções para todas e deparar com o pai naquele estado assustara-as ainda mais do que à mãe. Depois de terem visto o seu corpo tão maltratado, praticamente morto, era difícil alimentar qualquer esperança.

Cindy não conseguiu tirar da cabeça o som das filhas chorando. Vestiu o roupão de banho de Bill e foi até o quarto delas. Só queria abraçá-las e sossegá-las. Acabou por passar meia hora com elas. Eram quase cinco da manhã quando finalmente as deixou e voltou para o quarto. Atirou-se em cima da cama e desatou a chorar com a cabeça enfiada na almofada, que ainda tinha o cheiro dele. Eram seis da manhã quando adormeceu.

Quando acordou ao fim da manhã, telefonou para o hospital e informaram-na de que o estado de Bill não se alterara durante a noite. Os sinais vitais encontravam-se um pouco mais estáveis, mas continuava em coma profundo. Eram onze da manhã e Cindy sentia o corpo todo dolorido, como se tivessem lhe batido com canos de chumbo durante toda a noite. Foi ver como estavam as filhas, entrando de mansinho no quarto. Encontravam-se ainda a dormir. Voltou para o seu quarto, lavou-se e vestiu-se, e pouco antes do meio-dia já estava pronta para voltar para o hospital. Detestava ter de acordar as filhas. Então,

deixou-lhes um bilhete dizendo que depois lhes telefonava do hospital para falar como estava o pai. Dirigiu-se então para o carro que a aguardava e deu a direção ao motorista, com o qual falou sobre o acidente durante a viagem. O motorista que morrera era um dos melhores amigos dele.

Quando chegou ao hospital, encontrou as coisas na mesma. Depois de falar com Bill durante alguns instantes, instalou-se na sala de estar. Esperava ver um dos médicos. Enquanto aguardava, viu passar um homem que lhe despertou a atenção. Era alto, envergava um casaco de fino corte e exibia um ar aristocrático. Parou na recepção e perguntou qualquer coisa às enfermeiras, que abanaram a cabeça com um ar de desalento. Encaminhou-se então na direção dos quartos da Unidade de Cuidados Intensivos.

Ficou curiosa por saber o que o trouxera ali. Pouco depois, viu-o sair de um quarto em frente ao de Bill e falar com um dos médicos. Depois foi-se embora. Ficou com a impressão de que ele estava na mesma angústia que ela, à espera de notícias animadoras de alguém gravemente doente. Não sabia porquê, mas achava que havia algo de estranho nele. Parecia preocupado, mas ao mesmo tempo irritado, como se o contrariasse o fato de estar ali. Comentou isso mesmo com uma das enfermeiras quando voltou para o quarto onde Bill se encontrava.

O que Cindy não sabia era que o estado de Isabelle piorara, e haviam acabado de dizer a Gordon que as chances de sobrevivência tinham diminuído consideravelmente. As inúmeras lesões estavam debilitando-a cada vez mais, não a deixando sair do coma profundo em que se encontrava. Havia decidido não voltar a operá-la. Estavam certos de que não conseguiria resistir. Gordon voltou para o hotel, para telefonar para o banco, ficando a aguardar notícias de Isabelle. Disse à secretária que ia passar o fim-de-semana em Londres, sem dizer qual o motivo. Depois, telefonou à enfermeira de Teddy para saber como é que ele estava, não fazendo qualquer referência ao estado da mulher. De repente, via-se com a sobrecarga da responsabilidade do filho. Nunca tivera de se preocupar com tal coisa e não estava nada satisfeito com o fato de essa responsabilidade ter lhe caído sobre os ombros.

Comunicou ao filho que fora passar o fim-de-semana em Londres com a mãe.

— A mamãe disse que vinha para casa ontem — observou Teddy, algo desapontado. — Por que razão ela vai ficar aí mais tempo?

— Porque tem coisas para fazer, só por isso — retorquiu Gordon, com voz áspera, o que não surpreendia Teddy. O pai nunca mostrara qualquer interesse por ele.

— A mamãe não me telefonou. Pode dizer-lhe que me ligue — pediu Teddy, num tom de voz queixoso, o que irritou Gordon.

— Ela acabará por te telefonar. Temos coisas para fazer — insistiu, mentindo,

mas não tinha alternativa. Teddy estava demasiado debilitado para ouvir a verdade, especialmente àquela distância. Se acabasse por ter de lhe contar, pretendia fazê-lo pessoalmente, na presença do médico assistente. Também não telefonara a Sophie. Queria ver como é que as coisas evoluíam. Não havia razão para os assustar. Se Isabelle ia morrer sem recuperar a consciência, achava que a filha não devia vê-la. Tomara essa decisão de manhã.

— Diga à mamãe que a adoro! — exclamou Teddy, enquanto o pai lhe pedia insistentemente para desligar, desejando pôr fim à conversa. Não gostava de mentir para o filho, nem queria contar-lhe o que acontecera.

Pouco depois, Gordon voltou ao hospital. Quando chegou, instalou-se no quarto, no canto mais afastado da cama, com ar angustiado, e ficou observando uma série de coisas que estavam fazendo à mulher. Ao contrário do que Cindy Robinson fizera com o marido, Gordon nunca se aproximou de Isabelle, nem lhe falou ou tocou. Detestava situações daquele gênero.

— Quer ficar a sós com a sua esposa? — perguntou uma das enfermeiras, com enorme pena dele por vê-lo tão desalentado.

Mas Gordon não hesitou quando respondeu.

— Não, obrigado. De qualquer forma, ela não consegue ouvir-me. Vou lá para fora. Se houver alguma alteração, chame-me, por favor. — Saiu, apressado, para a sala de espera, onde já se encontravam Olivia e Jane. Pouco depois, apareceu Cindy. Não fazia a mínima idéia de quem eram e isso também pouco lhe importava. E ficou surpreendido quando Cindy lhe sorriu.

— Lamento o que aconteceu com a sua esposa— disse Cindy. Ouvira as enfermeiras falarem de Isabelle e só sabia que se encontrava numa situação ainda mais crítica do que Bill.

— Obrigado — proferiu Gordon. Não tinha o menor desejo de fazer amizades na sala de espera da Unidade de Cuidados Intensivos. Mas também não queria ficar sentado no horror do quarto de Isabelle. Não tinha outro lugar à exceção do Claridge's, para onde estava pensando em ir quando Cindy lhe dirigiu a palavra. Então, para sua surpresa, esta estendeu a mão e apresentou-se.

— Chamo-me Cindy Robinson — disse, enquanto uma das filhas cochilava e a outra lia uma revista. Nenhuma delas parecia dar atenção a Cindy ou a Gordon. Mas os olhos deste esbugalharam-se de espanto ao ouvir o nome dela, fato que Cindy reparou. — Estou aqui com o meu marido. Teve um acidente há dois dias. Chegamos ontem à noite.

Gordon perguntou-se então se ela saberia toda a verdade e a gravidade de que a situação se revestia. A ser esse o caso, não se mostrava muito afetada com o fato. A única coisa que parecia interessar-lhe era o estado clínico do marido. Ele estava muito mais preocupado com as razões que tinham levado Bill e Isabelle

até Londres e resolveu ser franco com ela.

— Presumo que está a par do fato de que a minha mulher se encontrava no carro com o seu marido quando o ônibus os atingiu.

Ao ouvir isto, Cindy deu a impressão de ter sido ela a atingida pelo ônibus. Gordon compreendeu de imediato que ninguém ainda a informara desse fato. Cindy ficou sem palavras.

— Que quer dizer com isso? — perguntou, ainda mais pálida do que estava.

— Exatamente aquilo que acabei de dizer. Estavam juntos na limusine. Não faço a menor idéia de porquê, nem como se conheceram. Estive com o seu marido há vários anos, em Paris, mas não me lembro se a minha mulher se encontrava comigo. Ao que parece, tomaram chá juntos na quarta-feira e ela estava na limusine com o seu marido. Encontra-se agora em estado crítico, em coma profundo, e talvez nunca venhamos a saber a razão por que estavam juntos. Presumo que o seu marido também não esteja em condições de dar qualquer tipo de explicação.

Cindy sentou-se então numa cadeira, diante de Gordon, com a sensação de ter levado uma bofetada.

— Não me disseram nada. Pensei que ele estivesse sozinho com o motorista. Mostrava-se perplexa.

— Tudo indica que não. A minha mulher veio de Paris para visitar algumas exposições e museus. É uma apaixonada pela arte. E não faço idéia do que mais fez aqui em Londres.

Cindy lembrou-se das brochuras de galerias e museus que encontrara no quarto de Bill. O seu marido falou-lhe alguma vez de Isabelle Forrester?

Ele sentia-se algo embaraçado, mas havia perguntas para as quais queria encontrar as respostas. E aquela mulher era, pelo menos de momento, a única forma de as obter. Cindy fez que não com a cabeça. Sabia ainda menos do que ele.

— Nunca ouvi tal nome. Nem sequer sabia que ele se encontrava em Londres. A última vez que falei com ele estava em Nova Iorque. Contatamos muito pouco um com o outro.

— Estão divorciados? — perguntou Gordon, intrigado. Cindy sentiu-se irritada com a pergunta.

— Não, mas ele viaja muito e é muito independente. — Não queria dizer-lhe que o casamento deles se deteriorara ao longo dos anos.

— A minha mulher, não. Temos um filho deficiente de que ela cuida há catorze anos e raramente sai de casa. Esta viagem é a primeira que faz desde há vários anos e considerarei-a perfeitamente inocente. Talvez tenha conhecido o seu marido no Claridge's. Acho que não devemos tirar conclusões precipitadas. Mas

parece-me estranho estarem os dois num carro às duas da manhã.

— Sim, é estranho — concordou Cindy, com ar pensativo. Tinha fortes razões para pensar que se tratava de mais uma aventura de Bill. Tivera várias nos últimos anos. Além disso, há bastante tempo que não existia qualquer envolvimento físico de um com o outro. Mas a mulher que Gordon Forrester descrevera não parecia ser uma provável candidata a um fim-de-semana romântico em outra cidade. Não conseguia sequer imaginar como haviam se conhecido. Nem gostava da idéia deles estarem juntos. Enquanto falava com Gordon, percebeu que as filhas haviam seguido a conversa com interesse. — É pena não podermos perguntar-lhes.

As brochuras das galerias de arte e dos museus não lhe saíam da cabeça. Lembrou-se então dos recibos do Annabel's e do Harry's. Talvez aquela mulher fosse menos inocente do que o marido pensava, apesar do filho deficiente e do fato de ser casada.

— Se eles morrerem, nunca saberemos a resposta.

— Se eles não tivessem tido o acidente, provavelmente nunca iríamos saber. Talvez tenhamos de aceitar esse fato.

Não sabia muito bem se queria conhecer a resposta. Havia perguntas que nunca queria que ele lhe fizesse e outras que ela nunca lhe teria feito. Existiam recantos obscuros das suas vidas que não desejava esclarecer. Gordon não era da mesma opinião.

— Não creio que outra pessoa que não eles nos venha a contar um dia.

— Se forem espertos, e o que é fato é que, de alguma forma, andavam envolvidos um com o outro, esperemos que mais ninguém saiba — declarou Cindy, pragmática.

— Esperemos que não. O motorista talvez nos tivesse podido dizer alguma coisa.

— Talvez o que tenhamos a fazer seja pôr tudo de lado e esquecer as respostas. Estão ambos lutando contra a morte e, se sobreviverem, talvez seja melhor deixarmos as coisas tal como estão. O que aconteceu antes não são contas do nosso rosário.

— É muita generosidade da sua parte — ripostou Gordon, pouco satisfeito com a sugestão de Cindy. Se Isabelle andava enganando-o, queria saber. Estava muito menos convencido da sua inocência do que já estivera.

— O meu marido é um homem muito discreto. O que quer que tenha acontecido nunca virá à luz do dia. Nunca se comportaria de forma pouco digna nem provocaria um escândalo.

— Não vejo a minha mulher envolvida com outro homem — comentou Gordon, mais em defesa do orgulho do que da reputação, e Cindy sentiu isso

mesmo. — Não creio que ela tivesse um caso com o seu marido. Deve haver uma explicação plausível.

— Espero que sim. — Fixou Gordon nos olhos. Decidira esclarecer a sua posição perante os fatos. — Quero que saiba que não pretendo perguntar o que quer que seja ao meu marido.

— Mas eu pretendo perguntar à minha mulher, caso saia do coma. Acho que eles nos devem uma explicação.

— Porquê? Que diferença faria? — contrapôs Cindy, para grande pasmo das filhas. — O que é que isso iria mudar? E se morrerem não precisamos saber de nada.

— Mas eu preciso. Se ela, de alguma forma, foi desonesta comigo, acho que mereço saber, tal como a senhora. Caso contrário, seria melhor concedermos-lhes a absolvição.

— Não tenho nada a ver com a absolvição do meu marido. Já é um homem adulto. É evidente que não gostaria de saber que ele andava envolvido com a sua mulher, mas há coisas na vida de que é melhor não tomarmos conhecimento.

— Não partilho o seu ponto de vista, Mistress Robinson. — Não conseguiu deixar de se perguntar que tipo de casamento é que eles tinham. Aliás, pouco diferente do seu, mas nunca teria admitido a ninguém que o seu casamento com Isabelle era um fingimento já há vários anos. E não seria nada de extraordinário se ela tivesse um caso com outro homem. Era jovem, bonita e humana. Gordon sabia melhor do que ninguém a vida de solidão que Isabelle levava, graças a ele. Era por isso que estava curioso em saber o que ela andara fazendo, se o traía com um estranho por pura ingenuidade. Mas, fossem quais fossem as circunstâncias, não considerava digno de uma mulher decente andar na rua a uma hora tão tardia. Nem sequer conseguia imaginar onde teriam estado ou o que estavam fazendo. Se fosse mais cedo, poder-se-ia pensar que haviam visitado uma exposição ou um museu, mas não às duas da manhã.

Cindy foi então até ao quarto de Bill, enquanto as filhas ficavam de olhos colados em Gordon. Poucos minutos depois, este foi até à recepção e informou que iria voltar para o Claridge's e que poderiam lhe telefonar se houvesse qualquer alteração no estado de saúde de Isabelle. Já não suportava ficar mais tempo na sala de espera; além disso, não gostava de Cindy Robinson, nem das suas atitudes liberais em relação ao marido. Provavelmente este enganava-a com regularidade e ela também devia traí-lo. Porém, junto à cama onde Bill jazia, de olhos postos nele, e sabendo o que Gordon Forrester lhe contara, Cindy estava com o coração destroçado. Gordon podia dizer que os encontros dos dois eram perfeitamente inocentes, mas ela não acreditava. Com lágrimas a correndo-lhe pelas faces, questionava-se se, ao cabo de todo aquele tempo, o perdera

finalmente. Tinha consciência de que, durante anos, o tratara com indiferença, por vezes até com alguma agressividade, que se mostrara fria e distante, e que sempre fora extremamente crítica perante a vida que ele levava. Há muitos anos que optara por não fazer parte dela. E agora que estava na iminência de o perder para sempre, a única coisa que queria era dizer-lhe que ainda o amava. Não sabia se voltaria a ter oportunidade de o fazer, mas só queria dizer-lhe, uma última vez, o quanto o amava. Só na noite anterior é que percebera isso e fazia questão de que ele soubesse. No entanto, não conseguia deixar de se interrogar sobre o que significaria Isabelle Forrester para Bill e se ele estaria realmente apaixonado por ela. Sabia que, se o tivesse realmente perdido, por causa da sua própria estupidez, merecia-o. Não tinha a menor dúvida a esse respeito. De repente, compreendeu, perante a eventualidade de o perder, como fora estúpida durante tantos anos.

CAPÍTULO CINCO

Gordon passou a noite de sexta-feira no Claridge's lendo um livro que comprara no caminho de regresso ao hotel. Não tinha mais nada para fazer. Podia ter telefonado a amigos que moravam em Londres, mas não se sentia preparado para contar às pessoas o que sucedera. Primeiro, queria ver o que aconteceria a Isabelle. Já haviam passado quarenta e oito horas depois do acidente e ela continuava entre a vida e a morte. Não registrara qualquer melhora. Ainda se lembrou de ir até ao hospital, mas não suportava a idéia de a ver naquele estado. Não teria admitido esse fato a ninguém, mas a visão dela assustava-o. Detestava hospitais, pessoas doentes, médicos, enfermeiras, os sons, os cheiros.

Quando Gordon telefonou, Cindy continuava sentada junto a Bill. As filhas haviam voltado para o Claridge's à hora do jantar, mas a mãe resolvera ficar. Ia, de quando em quando, até à sala das enfermeiras beber uma xícara de chá. Tinha muito em que pensar. Enquanto assistia à luta de Bill contra a morte, perguntava-se se teria oportunidade de lhe dizer as coisas que queria. Tinha muitas explicações e desculpas a dar. Sabia que, embora ele nunca houvesse lhe dito, devia ter tido conhecimento de todos os seus casos amorosos. Alguns, evidentes, outros, mais discretos.

Ao fim de algum tempo, logo que desistira do casamento, deixou de se preocupar com o fato de Gordon saber ou não. E continuava sem saber por que motivo o abandonara com tanta determinação. Talvez por ciúmes da vida absorvente que ele levava e das pessoas que conhecia. Nunca gostara de estar dependente dele e interrogava-se agora se não o abandonara para lhe provar que não precisava dele. Sempre a irritara o fato de, como esposa de um político, ter de comportar-se como um apêndice do marido. Bill viajava tanto e estava sempre tão ocupado que, por vezes, se sentia rejeitada. Detestava a imagem de ser uma mãe suburbana com duas filhas. Ansiava por uma vida mais mundana e mais excitante. Percebia agora que o tentara fazer da pior forma. Mas o seu grande receio era ter chegado a essa conclusão demasiado tarde.

À meia-noite ainda pensava no assunto, sentada numa cadeira, a um canto do quarto. Por uma fração de segundo ainda pensou ouvi-lo mexer-se.

— Bill? — Levantou-se e olhou-o mais de perto. As enfermeiras haviam acabado de sair do quarto. Teve a impressão de o ver mexer as pálpebras, como se estivesse sonhando. Cindy estava de pé, junto dele, quando as enfermeiras voltaram. Olharam de imediato para os monitores, mas não havia qualquer problema.

— Está tudo bem, Mistress Robinson? — perguntou uma das enfermeiras, enquanto mudava o saco de soro e alisava os cobertores sobre as pernas do doente.

— Acho que sim... não tenho a certeza... por instantes, pensei... pode parecer ridículo... mas pensei que alguma coisa se mexeu.

Olharam mais de perto, mas não havia qualquer sinal de recuperação. O estado de Bill mantinha-se estacionário. Já haviam passado-se quase quarenta e oito horas desde o acidente e Cindy encontrava-se ali há vinte e quatro. Parecia-lhe uma eternidade.

A enfermeira de plantão ajustava o monitor do coração e dessa vez percebeu um movimento muito ténue numa das mãos de Bill. Observou-o cuidadosamente, depois examinou-lhe os olhos. Fez incidir um pequeno feixe de luz neles, e dessa vez não houve qualquer dúvida: Bill articulou um pequeno som abafado, que mais parecia um gemido de dor. Era o primeiro som que emitia e os olhos de Cindy inundaram-se de lágrimas.

— Oh, meu Deus — murmurou, ao mesmo tempo que Bill fazia novamente o mesmo ruído. Era um som quase animalesco e as pálpebras dele tremeram quando Cindy lhe tocou nos dedos. A enfermeira chamou o médico de plantão de imediato, que chegou à porta do quarto num ápice.

— O que se passa? — perguntou à enfermeira, enquanto entrava, em passos largos. Já estava de plantão há horas e exibia um ar tão cansado como o de Cindy. — Alguma alteração?

— Gemeu duas vezes — respondeu a enfermeira.

— E pareceu-me que mexeu a mão há um minuto — acrescentou Cindy, enquanto o médico fazia incidir de novo o feixe de luz nos olhos de Bill. E, dessa vez, este reagiu à luz, gemendo de novo. O médico levantou os olhos para a enfermeira. Havia uma pergunta no seu olhar e ela assentiu com a cabeça. Não queriam dizer nada prematuramente à esposa, mas tudo levava a crer que Bill começava a sair do estado de inconsciência. Era o primeiro sinal animador que tinham em dois dias.

— Bill, consegue ouvir-me? Sou eu, estou aqui... Amo-te, querido. Consegue abrir os olhos? Quero falar com você. Tenho estado à espera que acorde. Bill— soltou novo gemido, desta vez mais audível, provavelmente de dor.

— Mister Robinson, vou tocar-lhe na mão. Se me está ouvindo, quero que me aperte o dedo com a máxima força que puder proferiu o médico ao ouvido de Bill, pondo-lhe um dedo na mão e esperando qualquer reação da parte dele. Não se verificou de imediato, mas, lentamente, os dedos de Bill enrolaram-se à volta do dedo que o médico pressionava contra a sua palma da mão. Não houve mais nenhum sinal visível, mas Bill ouvira claramente a voz do médico e

compreendera o que este lhe dissera.

— Oh, meu Deus, ele ouviu — disse Cindy, com as lágrimas correndo-lhe pelo rosto. — Consegues ouvir-me, querido? Estou aqui... abre os olhos, por favor... — Mas não se vislumbrou qualquer reação no rosto. Então, muito lentamente, franziu o sobrolho e abriu ligeiramente a boca, passando a língua pelos lábios ressequidos. Cindy tinha a sensação de estar assistindo a um milagre.

— Ótimo, Mister Robinson — observou o médico ao ouvido de Bill. Quero que volte a apertar-me o dedo.

Bill soltou um gemido de protesto, como se estivessem irritando-o, mas acabou por apertar o dedo, desta vez com a outra mão. As duas enfermeiras e o médico trocaram olhares vitoriosos. Estava voltando à vida. Era impossível determinar os seus níveis de audição ou de compreensão, mas começava a responder aos estímulos. Cindy não cabia em si de satisfação e só tinha vontade de os afastar e de se atirar ao pescoço de Bill. Mas não se mexeu do lugar onde se encontrava. Receava magoá-lo.

— Acha que consegue abrir os olhos, Mister Robinson? Agradecia-lhe muito que tentasse. — O médico continuou a incentivá-lo. Bill ficou então sem dar qualquer sinal de vida durante um longo instante e Cindy receou que ele tivesse entrado em coma de novo. Dava a sensação que adormecera. O médico tocou-lhe nas pálpebras, como que para o recordar do pedido que lhe fizera. Bill deixou escapar um pequeno suspiro. Então, abriu ambos os olhos e olhou para o médico.

— Olá — saudou o jovem médico, com um sorriso nos lábios. — Prazer em vê-lo.

Bill deixou escapar um pequeno “hummm...” e depois fechou os olhos; ainda conseguira ficar um ou dois segundos de olhos postos no médico. Era o melhor que conseguira de momento.

— Importa-se de tentar outra vez? — Nessa altura ouviu-se um gemido agudo que significava claramente “não”, mas, ao fim de um minuto, acabou por abrir os olhos. — Estamos ansiosos por vê-lo — insistiu o médico, com um sorriso.

Bill varreu a sala com o olhar. Deparou então com Cindy ao fundo da cama e pareceu confuso.

— Olá, querido, estou aqui. Amo-te. Vai correr tudo bem.

Bill fechou os olhos, dando a impressão de que não queria ver ninguém. Pouco depois, adormeceu de novo. Quando Cindy acompanhou o médico até o corredor, exibiam todos radiosos sorrisos nos lábios.

— Oh, meu Deus, o que significa aquilo? — perguntou Cindy, tremendo da cabeça aos pés. Nunca nada na vida a abalara tanto, e o médico ficou feliz por ela.

— Significa que saiu do coma, embora ainda não esteja totalmente livre de perigo. Mas é um enorme sinal de esperança.

— Consegue falar?

— Estou certo que sim. O traumatismo craniano não foi assim tão forte para ter lhe afetado a fala. O pescoço e a coluna vertebral eram os maiores problemas. O cérebro precisa de se adaptar àquilo que lhe aconteceu. Estou certo de que ele falará quando acordar. O organismo sofreu um choque tremendo. Não estou preocupado com a fala. Estava mais apreensivo com todo o resto. — O problema a longo prazo ia ser a coluna e as pernas. Mas o fato de Bill mexer as mãos era um bom sinal. Encontrava-se obviamente muito debilitado, mas conseguiria mexer as mãos e os braços, especialmente logo que o pescoço sarasse. — Agora deve dormir várias horas. Amanhã veremos se realiza outros movimentos. Pode voltar para o hotel e dormir um pouco, Mistress Robinson. Amanhã será outro dia muito longo.

Cindy sentia-se muito agitada e não tinha vontade de ir embora.

— Acha que não voltará a acordar? Se isso acontecer quero estar aqui.

— Julgo que é muito mais provável que ele esteja cansado do esforço que acabou de fazer. Para ele, deve ter sido como escalar o Evereste. Acabou de instalar a primeira base e tem ainda muito que subir nas próximas semanas. — Possivelmente nos próximos anos, mas não queria dizer isso a Cindy. Aquilo era apenas o princípio e tinham um longo caminho a percorrer, mas toda a equipe médica estava animada com aquilo a que haviam acabado de assistir.

— Está bem. Talvez volte para o hotel. — Há horas que não via as filhas. Prometera telefonar-lhes logo que chegasse ao quarto. Estava ansiosa por lhes contar o que acontecera. Quando o fez, Olivia soltou um grito de alegria e Jane simulou uma pequena dança.

— Meu Deus, mamãe, é a melhor notícia que podia dar-nos! O papai disse alguma coisa?

— Não, só abriu os olhos umas duas vezes e gemeu. Apertou o dedo do médico também por duas vezes e olhou para mim. Mas depois adormeceu. O médico acha que talvez fale amanhã.

No dia seguinte, quando Cindy chegou ao hospital, Bill estava de olhos abertos e olhava à sua volta, como se não soubesse onde se encontrava. Parecia meio adormecido, dando a sensação de ter acordado há pouco tempo, o que de fato acontecera.

— Olá, dorminhoco! — cumprimentou Cindy, com voz meiga, ao chegar junto dele. — Há uma eternidade que estamos à espera que você acorde.

Bill piscou os olhos, como que querendo dizer “sim”, mas o ar era triste, dando a impressão de ter ficado desapontado por vê-la e esperasse encontrar

outra pessoa. Cindy teve a sensação de que ele teria assentido com a cabeça, se pudesse mexer o pescoço

— Sente-se melhor?

Bill piscou novamente os olhos. Cindy fez-lhe então uma carícia no rosto.

— Amo-te, Bill. Lamento muito o que aconteceu, mas você vai ficar bom.

Bill não desviou os olhos dos dela. Então, umedeceu os lábios, tal como fizera na noite anterior, e fechou os olhos. Cindy teve vontade de lhe dar qualquer coisa para beber, mas não se atreveu. As enfermeiras haviam deixado-os sozinhos durante alguns minutos. Os monitores alertá-las-iam se houvesse uma situação de emergência.

— Quer que te traga alguma coisa? — sussurrou Cindy, quando Bill abriu os olhos e olhou para ela. Parecia preocupado com algo e ela aproximou-se mais para o caso de ele querer dizer-lhe alguma coisa. Abriu a boca, mas não conseguiu articular qualquer som.

— O que quer, querido? Consegue falar? — Dirigia-se a ele como se o fizesse com uma criança. Havia um ar de frustração no rosto dele, perante a dificuldade que estava sentindo em fazer-se entender. Ficou em silêncio durante um longo instante e tentou de novo, como se tivesse estado reunindo forças. — As meninas estão aqui. Vieram comigo.

Bill piscou os olhos, depois fez uma careta, como se estivesse tentando abrir o maxilar. Cindy ainda pensou que fosse o colar ortopédico que estivesse machucando o seu pescoço. Não devia ser confortável, mas não parecia estar com qualquer dor aguda.

— Onde... — murmurou Bill finalmente, enquanto Cindy se esforçava por ouvir as palavras seguintes, que pareciam nunca mais sair... — está Isss...aaa..bell? — Fora um esforço titânico. Cindy duvidava que ele a tivesse reconhecido.

Toda a sua atenção parecia estar centrada na mulher que se encontrava com ele no carro. Também desconfiava que ele queria saber se Isabelle estava viva. Sentiu aquelas palavras, articuladas com tanto custo, como um soco no estômago. Perguntar por Isabelle tinham sido as suas primeiras palavras para Cindy, o que vinha corroborar as suas suspeitas.

— Está viva — respondeu Cindy. — Vou perguntar à enfermeira como é que ela está.

Bill piscou os olhos por duas vezes, como que em agradecimento; em seguida, tornou a fechá-los. Pouco depois, Cindy saiu do quarto e as filhas precipitaram-se para ela de imediato. Mas não lhes contou o que o pai acabara de dizer.

— Como é que ele está? Disse alguma coisa?

— Acho que está melhor. Já tenta falar. Informei-o de que vocês estavam aqui.

Cindy ficara chocada com aquilo que Bill lhe perguntara. As suas primeiras palavras haviam sido para Isabelle e não conseguiu deixar de pensar no quanto esta significava para ele. E não fora certamente por uma mera questão de cavalheirismo que perguntara pela sua acompanhante na noite fatídica.

— O que disse ele? — Olivia e Jane estavam em um estado de perfeita euforia.

— Piscou os olhos por duas vezes — respondeu Cindy, tentando dissimular a sua dor.

— Consegue falar? — perguntou Jane, que era a perfeita imagem da mãe. Olivia era mais parecida com o pai.

— Pronunciou duas ou três palavras, mas ainda é um grande esforço para ele. Julgo que está descansando agora. — Cindy exibia um ar estranhamente abatido, quando disse às meninas que voltaria em breve, encaminhando-se de imediato para a recepção. — Como está Mistress Forrester? — perguntou. Quanto mais não fosse, podia dizer a Bill o que este queria saber. Estava no seu pleno direito de se preocupar com Isabelle, mesmo que fossem simples amigos. Havia feito a viagem de ida e volta até o inferno juntos. O mínimo que podia fazer por ele era dar-lhe a informação sobre Isabelle, já que fizera um esforço enorme para perguntar por ela.

— Não está muito bem. O seu estado continua estacionário. Voltou a ter febre ontem à noite. O marido está junto dela.

— Já recuperou a consciência?

— Não, mas não é de estranhar devido às lesões e à operação.

Cindy agradeceu-lhe a informação e voltou para o quarto. Bill ressonava ligeiramente. Então, como se a pressentisse a seu lado, estremeceu e abriu os olhos. Voltara a sonhar com Isabelle. Há dois dias que isso acontecia.

— Perguntei pela Isabelle. Continua na mesma. Ainda não saiu do coma, mas espero que isso venha a acontecer.

Bill piscou novamente os olhos, em jeito de concordância. Ao fim de algum tempo, começou a tentar articular novo conjunto de palavras.

— Obrri...gaadooo, Cinnn... pensei... que... você fosse... ela... — proferiu, fechando os olhos e voltando a sonhar com Isabelle. Não tinha qualquer desejo de ver a esposa ou de falar com ela.

— Quer ver as meninas? — perguntou Cindy, interrompendo-lhe novamente o sonho. Desta vez, Bill piscou os olhos por três vezes. — Vou buscá-las. Estão ao fundo do corredor.

Pouco depois, Olivia e Jane encontravam-se no quarto, a tagarelar com Bill, que chegou a esboçar um sorriso. Quando tentou falar com as filhas, já conseguiu fazê-lo com menos esforço. A capacidade de falar começava a voltar,

se bem que muito lentamente, mas era evidente que o espírito estava um pouco mais lúcido.

— Amo... Vos... filhas...

— Também te amamos muito, papai — afirmou Olivia, enquanto Jane beijava a mão ao pai, que continuava com soro, entubado e ligado a uma série de monitores. A felicidade de terem o pai vivo era indescritível.

— Grrrandes... moçças — disse Bill para Cindy, quando as filhas saíram.

— Você é que foi um grande homem — comentou Cindy, perante o olhar surpreso de Bill. Pregaste-nos um valente susto. Lembras-te do que aconteceu?

— Não. — Não se lembrava de nada, a não ser da noite que passara com Isabelle antes do acidente.

— A sua limusine foi abalroada por um ônibus. Levaram umas horas para te libertar.

— Tive... medo... que... ela... tivesse... morrido... — articulou Bill, a muito custo, e Cindy não conseguiu deixar de pensar no quanto era estranho ele estar falando de Isabelle à própria mulher, mas não parecia importar-se. Os olhos de Bill estavam inundados de lágrimas quando olhou para ela.

— Creio que estive mesmo às portas da morte. — Não lhe disse que Isabelle ainda corria risco de vida. — O marido está com ela. — Estas palavras eram como que um aviso para ele voltar à vida real. Isabelle tinha marido. Ele, duas filhas e uma mulher. Bill sabia que, por muito que amasse Isabelle, tinha uma grande responsabilidade para com elas. Porém, há dias que sonhava com Isabelle.

As enfermeiras voltaram então para o quarto. Tinham coisas para fazer e Bill e Cindy aproveitou para ir encontrar com as filhas. Precisava digerir o que acabara de acontecer com ele. Já não havia a mínima dúvida na sua cabeça. Isabelle Forrester era importante para ele. Não era nenhuma estranha, como o marido esperara, ou até uma amiga fortuita. A sua primeira pergunta fora em relação a Isabelle. E o olhar estava carregado de angústia e preocupação por ela. Até confundira Cindy com Isabelle.

Sentada na sala, à espera que as enfermeiras acabassem o que estavam fazendo com Bill, pegou num exemplar do *Herald Tribune*. Reparou então num artigo sobre o acidente de ônibus. E qual não foi o seu espanto ao deparar com uma fotografia de Bill acompanhado de uma mulher, ao lado de uma fotografia dos destroços do ônibus. O artigo referia que o acidente tivera onze vítimas mortais entre os passageiros do ônibus e o conhecido político William Robinson encontrava-se na limusine atingida. A legenda da fotografia dizia que fora tirada pouco antes do acidente. Acrescentava ainda que o político e a mulher não identificada haviam estado no Annabel's, que o automóvel foi atingido uns

quarteirões mais à frente e que o motorista morrera. Mas não fazia qualquer alusão ao nome de Isabelle, nem referia se ela fora ou não ferida no acidente. Mas Cindy sabia que só podia ser ela. Tratava-se de uma mulher atraente e jovem, de longos cabelos escuros, e estava com ar espantado olhando para a objetiva do fotógrafo. Bill sorria e tinha o braço por cima dela. Ficou sem uma gota de sangue. Estavam ambos com ar feliz e descontraído, e Bill dava a sensação de estar contendo o riso. Perguntou-se então se Gordon Forrester também vira a fotografia.

Olivia e Jane olharam uma para a outra quando viram a mãe lendo o artigo. Não disseram nada, mas também já o tinham visto. Porém, agora não podiam ficar zangadas com o pai, tivesse ele feito o que quer que fosse. O que acontecera fora de tal modo grave que lhe perdoavam praticamente tudo. Cindy ia pelo mesmo caminho. O que a preocupava não era o que lhe fizera, mas a hipótese de gostar de Isabelle. O brilho no olhar, quando lhe perguntara por ela, fora demonstrativo de que não se tratava de uma mera aventura. Custava-lhe a acreditar que fossem apenas bons amigos. Cindy e Gordon teriam ficado ainda mais espantados se soubessem que eles eram confidentes há mais de quatro anos.

Uma das enfermeiras veio então buscá-las e conduziu-as até o quarto de Bill. Pouco antes de fechar a porta, Cindy viu Gordon Forrester sair do quarto de Isabelle. Não se atrevia a fazê-lo, mas teve vontade de perguntar se vira o artigo no *Herald Tribune*. Mas Gordon parecia ter outros planos em mente.

Isabelle continuava a não dar sinais de melhoras e, embora o médico dissesse que ela podia continuar em coma durante muito tempo, Gordon estava cada vez mais preocupado com a eventualidade de ficar com lesões cerebrais se sobrevivesse. Além disso, haviam-lhe dito que o ritmo cardíaco era irregular e estava aparecendo líquido nos pulmões. Havia um crescente risco de pneumonia e sabia que, se isso acontecesse, ela morreria. O seu estado parecia piorar. Estivera uma hora no quarto falando com os médicos sobre uma possível nova operação e ia para o hotel quando Cindy o viu.

Só ao fim da tarde, depois de ela e das filhas saírem, é que Bill perguntou por Isabelle. Recuperara a fala ao longo do dia. Olivia e Jane não pararam de fazer perguntas ao pai, que era forçado a responder. Desta vez, Bill perguntou a uma enfermeira como estava Isabelle. A resposta foi cuidadosa.

— Está na mesma. Continua em coma e as lesões são mais internas do que as suas. — Bill fraturara mais ossos, mas todos os órgãos internos de Isabelle haviam sido atingidos. Era impossível dizer qual estava pior. No entanto, ele sobrevivera, enquanto a vida dela continuava periclitante. A única coisa que sabia era que não queria que Isabelle morresse e que daria a vida por ela.

— Posso vê-la?

— Não creio que seja possível — respondeu a enfermeira. Sabia muito bem que o cirurgião não autorizaria. Tinha de se manter o mais imóvel possível. Não havia qualquer chance de o tirar da cama com as lesões que tinha na coluna e no pescoço. Além disso, Isabelle não daria pela sua visita.

Nessa noite, Bill fez a mesma pergunta ao médico.

— Só um minuto. Só quero vê-la, para saber como está.

— Não muito bem — respondeu o médico. — Tem traumatismos por todo o corpo. Expliquei isso ao marido hoje. Quer transferi-la para Paris. Disse-lhe que é impossível. No estado delicado em que se encontra, seria matá-la. — Sentiu as palavras do médico como uma faca a trespassar-lhe o peito. Não queria que a levassem para lado nenhum, pelo menos até ele a ver. E certamente não o iriam fazer, dado que a poriam em maior risco. Forrester era louco em pensar transferi-la para Paris tão cedo. — Acho que não é boa idéia vê-la, Bill. — Tratavam-se pelo primeiro nome e o médico estava encantado com a simpatia demonstrada por ele. Gostava de Bill. O mesmo não acontecia relativamente a Gordon Forrester, que era um homem parco em palavras e arrogante, e fora ofensivo com todas as pessoas. Começara o dia pedindo para transferirem Isabelle para Paris. Ninguém lhe deu ouvidos. E só quando o diretor da Unidade de Cuidados Intensivos lhe disse que ele devia estar louco para pedir tal coisa e que Isabelle não resistiria à viagem é que Gordon desistiu da idéia. Mas toda a equipe ficou convencida de que ele voltaria à carga. Era demasiado teimoso para desistir.

— Não pode me levar na cama até o quarto dela, quando ninguém lá estiver? — suplicou Bill, de novo na posse de todas as suas capacidades vocais. Quero vê-la com os meus olhos.

O médico ficou pensativo durante um longo instante. Não sabia da relação entre os dois e não queria questioná-lo a esse respeito, mas era evidente que ver Isabelle tinha um grande significado para Bill. Além disso, não faria mal a nenhum dos dois. Só não queria que Gordon Forrester ficasse zangado se viesse a saber.

— Acha que podem me lá levar esta noite? Por pouco tempo que seja

— Porque não esperamos mais um pouco e vemos como é que você e ela estarão amanhã. Nenhum dos dois vai embora.

Bill sentia-se enlouquecer só de saber que Isabelle estava ali tão perto e que não podia vê-la. Se pudesse, já teria ido lá, mas estava inteiramente dependente de terceiros. Tinha o corpo completamente imobilizado. Não conseguia sequer levantar a cabeça, e os braços estavam extremamente fracos. Não possuía qualquer sensibilidade da cintura para baixo. E, de momento, ninguém sabia se recuperaria-se da paralisia. Estava indefeso como um bebê num berço, mas tinha uma maneira calma, porém vigorosa, de convencer o médico de que era boa

idéia.

— Estou vendo que não vou conseguir tirar-lhe essa idéia da cabeça — observou o médico, finalmente, com um sorriso nos lábios. Já passava da meia-noite e não havia visitas nos corredores. Foi então à procura da enfermeira de Bill. Quando esta entrou no quarto, vinha seguida por dois homens. Bill ficou ansioso por instantes, preocupado com aquilo que iriam fazer-lhe. Sem dizerem palavra, os homens tomaram posição à cabeceira e aos pés da cama e fizeram-na deslizar lentamente na direção da porta.

— Aonde é que vamos, — indagou Bill, preocupado. A enfermeira sorriu, e ele percebeu, de imediato, o que se passava. O médico aguardava-os no corredor.

— Se contar uma palavra disto a alguém, volto a pô-lo em coma — sussurrou. Bill riu-se. Era uma grave irregularidade. Mas sabia que lhe faria bem, e era pouco provável que fizesse mal a Isabelle. Esta nunca perceberia que Bill estava ao pé de si.

Após algumas manobras, os dois homens conseguiram que as duas camas ficassem lado a lado. Bill revirou os olhos o mais que pôde e a única coisa que conseguiu ver pelo canto do olho foi a cabeça de Isabelle envolta em ataduras. Se mexesse o braço esquerdo, conseguiria tocar-lhe nos dedos. As duas enfermeiras que zelavam por ela observavam o que estava se passando. O médico dera-lhes instruções para fecharem os olhos. Era óbvio para todos o motivo por que Bill se encontrava ali. Durante alguns minutos, segurou os dedos de Isabelle na sua mão, depois falou-lhe, completamente alheio às outras pessoas presentes no quarto.

— Olá, Isabelle... sou eu... o Bill... Você tem de acordar! Já está dormindo há demasiado tempo... você tem de voltar... — Depois, num sussurro: — Amo-te... vai tudo correr bem.

Deixaram-no ficar mais alguns minutos, depois levaram-no para o quarto. Quando chegou, estava exausto e pálido. Então, ao pensar nela, recordou-se, de repente, de um sonho que tivera, mas não se lembrava quando. Os dois estavam caminhando em direção a uma luz muito brilhante e, pouco antes de a atingirem, obrigou-a a regressar, o que a deixara extremamente incomodada. Os filhos de ambos também lá estavam e ele queria voltar. Mas Isabelle desejava continuar. Agora queria repetir-lhe as palavras que lhe dissera então. Ela tinha de voltar, de acordar. Estava ansioso por vê-la de novo. Só de pensar que Gordon tentara levá-la para França sentia um pavor enorme dentro de si. Era evidente que Isabelle não estava em condições de ser transferida. Mas o médico assegurara-lhe de que nunca permitiriam tal coisa. Sentiu-se mais aliviado e mais confortado por saber que Isabelle estava perto de si.

Nessa noite, adormeceu pensando nela. Deitada na sua cama no Claridge's,

Cindy também pensava em Isabelle. E no quarto que a mulher ocupara dois dias antes, deitado em cima da cama, Gordon refletia sobre Bill. Todos tinham muita coisa em que meditar, e as únicas pessoas que sabiam as respostas para as perguntas eram Bill e Isabelle.

CAPÍTULO SEIS

No dia seguinte, quando Cindy chegou, a enfermeira dava de comer a Bill. Era domingo, já haviam passado quatro dias depois do acidente e Bill ainda continuava abalado. Mas era uma satisfação enorme estar acordado e vivo.

— Que tal vai isso, querido? — perguntou Cindy, em tom prazenteiro. Trazia uma T-shirt, bermuda e um par de sandálias que uma das filhas lhe emprestara. Olivia e Jane haviam ido dar um passeio por Londres. As horas que permaneciam no hospital eram demasiadas para elas. Planejavam passar pelo hospital ao fim da tarde. — Como é que se sente, — indagou, aproximando-se da cama.

— Estou pronto para jogar umas partidinhas de tênis. — A voz ainda estava um pouco rouca, mas já se fazia entender com clareza.

Haviam-no barbeado pela primeira vez e já se sentia com um ar mais humano, mas ainda havia um longo caminho a percorrer. Dissera ao médico que a visão estava um pouco turva, o que não era de estranhar. O impacto na cabeça fora forte e os efeitos do coma ainda se iriam fazer sentir durante mais algum tempo. Um especialista viera examinar-lhe as pernas e a coluna, e o médico assistente dissera-lhe que estavam pensando em operá-lo, dependendo da opinião do especialista. Era evidente para todas as pessoas que a sua recuperação ia ser demorada. E ainda não se sabia se voltaria a andar. Tinha consciência disso, mas era um assunto que ele e Cindy queriam evitar, embora ambos soubessem que, dadas as lesões ao nível da coluna vertebral, havia uma possibilidade real de ficar confinado a uma cadeira de rodas para o resto da vida.

Cindy não tinha pressa de abordar esse assunto com Bill. Este já tinha problemas que chegassem. Nos últimos quatro dias, ela não parava de pensar em como seria viver com o marido nessas condições. Não fazia a mínima idéia se Bill voltaria a trabalhar ou de como seria a existência dele se se visse obrigado a retirar-se da vida política. Nem sequer conseguia imaginar esse cenário tal como ele, mas ambos sabiam que as consequências poderiam ter sido bem piores. Houvera a possibilidade de ter ficado completamente paralisado. E mostraram-se aliviados quando souberam que tinha grandes chances de manter as funções ao nível do tórax e dos braços, se bem que a questão da bacia e dos membros inferiores ainda estivesse em aberto, o que estava aterrorizando-o.

— Como estão as nossas filhas? — perguntou Bill, algo ansioso e tenso, enquanto Cindy puxava uma cadeira e se sentava.

— Estão boas. Foram dar uma volta. Passarão por aqui depois. Ambas as garotas estavam extraordinariamente aliviadas por o pai ter sobrevivido. E a mãe

incentivara-as a irem dar uma volta para desanuviar.

— Deviam voltar para casa esta semana, Cin. Nada podem fazer aqui.

— Estávamos para vir à Europa dentro de semanas. Não creio que queiram deixar-te agora. — Sorriu e, por instantes, Bill desviou o olhar. — Talvez as leve para passar uns dias em Paris, se você estiver melhor daqui a algumas semanas. Não tarda a voltar para casa. — Mas não estava tão certa como queria fazer crer. O médico avisara-a de que Bill ficaria hospitalizado durante meses. Ela ainda lhe perguntara se havia chance de ele fazer a viagem num avião de transporte de doentes, mas todos os médicos haviam sido de opinião de que ainda era muito cedo para fazer qualquer tipo de movimento.

— Não sei quando poderei voltar para casa, Cin. E elas não podem passar todo o verão aqui sentadas, à minha espera.

— Eu não tenho coisa melhor para fazer — afirmou Cindy, em tom jovial.

Bill sorriu.

— As coisas devem ter mudado muito nas últimas semanas. Anda sempre de um lado para o outro. Não vai a um torneio de tnis, passear, ou dar uma festa? Vais ficar maluca, aqui sentada, olhando para mim.

— Não vou deixar-te sozinho, Bill. Vou acabar por mandar as meninas para casa, a não ser que queiram ir a algum lado sozinhas. “Para o bem e para o mal”, lembra-se? Eu lembro. Não vou deixar-te aqui sozinho — repetiu.

— Já sou um rapaz crescido — retorquiu Bill, com ar sério. Havia algo sinistro no seu olhar. Cindy ficou preocupada. Estava tentando dar um tom agradável à conversa, mas não conseguia evitar que ele dissesse o que muito bem lhe apetecia. — Ia falar com você acerca disso, dessa questão do “para o bem e para o mal”. Nos últimos anos, temos tido muitas coisas “más”. A culpa é minha. Passei tanto tempo em viagens e embrenhado na política, que não vos dei a devida atenção, a você e às meninas. — Há muito tempo que tinha um sentimento de culpa relativamente a essa questão, mas já haviam estabelecido um padrão de distanciamento entre eles, que era praticamente impossível dar um rumo diverso às coisas.

— Habitamo-nos. Ninguém te culpa por isso. Tenho uma vida. Tenho coisas para fazer. Não estou queixando-me do casamento, Bill. — Cindy exibia um ar sério. A enfermeira deixara-os a sós quando começaram a conversar.

— Vocês deviam ter protestado, Cin, há muito tempo. E também eu deveria ter-me queixado. O nosso casamento já não existe há muitos anos. Não fazemos as mesmas coisas, não temos os mesmos amigos. Nem sequer sei o que você faz a maior parte do tempo. Ultimamente, até tenho esquecido de te dizer onde estou. Para ser honesto, nem sei se se importa com isso. Estou surpreendido por ter vindo até Londres. Sempre pensei que ficaria contente no dia em que eu

desaparecesse.

Não estava fazendo-se de vítima. Era tudo verdade E não lhe referiu que sabia dos muitos casos que ela tivera nos últimos tempos, embora houvessem falado de uma história que se passara com ele vários anos antes. Cindy ficara furiosa, pois sentira-se humilhada. Mas Bill sempre fora um cavalheiro e nunca referira que os breves romances que ela mantivera com os instrutores de tênis, os jogadores profissionais de golfe e os maridos das amigas o haviam humilhado durante anos. A fidelidade já não era um aspecto do casamento que ela pudesse oferecer-lhe. No começo, fora a sua forma de vingança por se sentir rejeitada, quando Bill começara ficando obcecado pela política. Às vezes, achava que isso era uma forma de atrair as atenções, mas fora a opção errada. Bill acabou por se desprender e obrigou-se a não dar importância. Não lhe dizia nada quando devia dizer, porque era mais fácil fechar os olhos àquilo que estava acontecendo. O que outrora sentira por ela, trinta anos antes, morrera há muito. A amizade fora a única coisa que restara, e Bill estava grato por Cindy se encontrar ali com ele, se bem que já não houvesse qualquer tipo de paixão. Percebera isso nas horas que passara com Isabelle.

— Está ofendendo-me — ripostou Cindy, com ar magoado. Como pode pensar que não viria aqui depois do acidente? Deve considerar-me uma mulher sem coração.

— Não, querida, sei que você tem coração. — E esboçou um sorriso triste. Só que já não é meu há muito tempo. Quem me dera que tivesse sido. Às vezes, desejava que ainda fosse, mas já não é, e é essa realidade que temos de encarar. Pensava em falar no assunto quando chegasse em casa.

Cindy fitou-o, em magoado silêncio, durante um longo instante, os olhos marejados de lágrimas. Não acreditava que Bill estivesse dizendo-lhe aquilo. Por ironia do destino, quando percebera que ainda o amava, este dizia-lhe que já nada existia, que estava tudo acabado. Ainda nem sequer sabia o que ele iria dizer-lhe a seguir. Mas o preâmbulo não parecera muito encorajador.

— Isto tem a ver com a Isabelle? — perguntou Cindy, tentando manter-se calma. — Está apaixonado por ela, não é? — Não era hora de se refugiar atrás de palavras. Estava curiosa por saber se Bill pensava em casar-se com Isabelle. Não era costume dele ter casos. Tanto quanto sabia, só lhe conhecera um: o romance com a esposa de um congressista, caso esse que chegara a ser muito sério. E pusera-lhe termo porque sabia que, se continuasse, teria de deixar Cindy e as filhas.

— Não tem nada a ver com a Isabelle — retorquiu Bill, falando-lhe com toda a sinceridade. Tinha de ser assim, para bem de todos. — Tem a ver comigo. Não sei por que razão continuamos casados este tempo todo. Por hábito, desconfio.

Ou por preguiça, ou por uma qualquer ilusão de que as coisas melhorassem, ou por comodismo, ou talvez porque as meninas eram pequenas. Mas é assim que quer viver? Casada com um cara que nunca vê? Nunca conversamos, não temos nada em comum, a não ser as meninas. Você tem a sua própria vida, eu tenho a minha. Merece muito mais do que isso e eu também.

Cindy sabia que era verdade, mas eram palavras que não queria ouvir.

— Poderíamos tentar de novo, se quiséssemos. Percebi, quando isto aconteceu, que ainda te amo. Eu é que tenho sido estúpida ao longo destes anos todos. Ao princípio, irritava-me por você divertir-se tanto como fazia e que não me incluísse nessa grande fatia da sua vida. Por isso, resolvi também divertir-me. Fi-lo da pior maneira e acabei sempre na merda, comigo própria e com você. Mas isso podia mudar. Vejo agora o quanto nos resta, o quanto nos amamos. — As lágrimas soltaram-se de repente e correram-lhe pelas faces. Inclinou-se para a frente e tocou-lhe na mão. — Fiquei aterrorizada quando pensei que ia perder-te. Amo-te, Bill. Não nos abandone agora. Temos ainda muito tempo à nossa frente.

Se pudesse, Bill teria abanado a cabeça, mas o olhar dizia a mesma coisa.

— É demasiado tarde, Cin. Nada nos resta, a não ser as filhas e o fato de sermos bons amigos. É por isso que está aqui. Faria o mesmo por você. Não vai perder-me, Cin. Não pode. É por isso que quero que as coisas não tomem outro rumo, que não continuem tal como estavam. Caso contrário, acabaremos por nos detestar, e não quero que isso aconteça, por nós e pelas nossas filhas. Se as coisas terminarem aqui, seremos sempre amigos.

— Sou sua esposa. — Cindy lutava pela sua vida, mas não estava conseguindo vencer. Não quero ser apenas sua amiga.

— É melhor do que a alternativa. Um destes dias, vai envolver-se com o tipo errado, talvez um dos meus amigos, ou alguém de quem gosto, e vou estar-me me lixando para você e para ele. E a existência entre nós, depois disso, não será das melhores. — Bill estava admirado por Cindy nunca ter provocado nenhum escândalo. Pelo menos, fora cuidadosa.

— Não voltarei a fazer nada disso. — Cindy chorava copiosamente. Era humilhante ouvir o marido dizer que sempre soubera de todas as suas leviandades. Ela que sempre se convencera de que ele não sabia de nada e que, provavelmente, também fazia a mesma coisa. Mas Bill era um homem demasiado sério para isso e extremamente leal. Por essa razão, muito provavelmente, se apaixonara por Isabelle. Por ser um homem nobre de sentimentos. Quando sentia amor por alguém, era amor sincero. Nunca mais terei nenhum caso. Juro. Agora não ando com ninguém. — Acabara a última ligação amorosa há apenas quatro meses, depois de três meses de romance com um homem que conhecera no Country Club. Tinha mulher e três filhos, e bebia

muito. Era bom na cama, mas Cindy receara que ele desse com a língua nos dentes quando estivesse bêbado. Não queria passar por embaraços.

— Voltará a fazê-lo. Ambos sabemos que sim. E talvez tenha razão. Estamos a milhões de quilômetros de distância um do outro, mesmo quando nos encontramos juntos. Não queremos nem merecemos nada disto. — De repente, veio-lhe à mente Isabelle. Não pensava em outra coisa durante todo o dia. Passava as noites sonhando que vagueava, sem destino, à procura dela.

— Você vai casar com ela? — Cindy acabou a pergunta com um suspiro.

Bill sentia que era a hora de lhe dizer tudo aquilo que ia dentro de si, por muito que lhe custasse. Apesar do acidente, queria pôr já um ponto final na relação com Cindy. As coisas só iriam piorar e não era justo estar dependente dela. Cindy acabaria por odiá-lo. Não era o tipo de mulher que conseguisse passar anos, já para não dizer o resto da vida, cuidando do marido. Acabar confinado numa cadeira de rodas até ao fim da vida era a última coisa que lhe queria infligir, sabia que só lhe restava uma alternativa, que era sair de casa e cuidar de si.

— Não, não vou casar-me com a Isabelle. Ela não vai abandonar o marido, caso sobreviva. Ele é um sacana, um cara sem escrúpulos. Mas ela tem um filho doente. Já te disse que não tem nada a ver com ela. Tem a ver conosco. Ainda me agradecerá este dia, quando descobrir o cara certo que eu nunca fui. No começo do casamento, passamos bons momentos juntos, mas nunca queríamos as mesmas coisas e não acredito naquela história de que “os opostos se atraem”, na nossa idade, não nesta altura da vida, precisamos de pessoas que queiram as mesmas coisas que nós. Você sempre desejou ter uma vida diferente da minha. Sempre pensei quando éramos jovens, que isso não importava, mas estava enganado. Precisa de um cara divertido que goste de ir a festas e que tenha muito tempo para te dedicar. Não precisa de um maníaco que vive obcecado com o trabalho, que passa o tempo em viagens e que está mais preocupado em saber quem vai ser o próximo presidente do que com as próprias filhas. — Bill sabia que iria martirizar-se até ao fim da vida por não ter acompanhado as filhas como deveria, por mais próximo que estivesse delas agora.

— Você é um grande pai, Bill. Sempre foi maravilhoso para as meninas. Elas não poderiam adorar-te mais. — As filhas veneravam-no, embora estivessem habituadas a passar a maior parte do tempo sem ele. Tinham um profundo respeito e orgulho por tudo o que ele fazia.

— Não as acompanhei devidamente, reconheço. Nunca conseguirei compensá-las. Mas vou tentar. Irei abrandar um pouco a minha vida política. — Mas já era demasiado tarde. Estavam ambas na faculdade e tinham as suas próprias vidas. Bill já perdera o barco, e essas oportunidades, uma vez perdidas,

nunca mais voltavam.

— O que mais quer dizer-me? — perguntou Cindy, começando a ficar apavorada.

— Acho que devemos divorciar-nos. É a única maneira de conseguirmos preservar aquilo que ainda nos resta Cin, quero ser seu amigo.

— Vai te foder. — E sorriu por entre as lágrimas — Nunca pensei que nos abandonaria. — Cindy não conseguia acreditar que aquilo estivesse acontecendo, especialmente naquele momento. Três dias antes, a única coisa que lhe interessava era que Bill vivesse. Todavia, na manhã em que lhe telefonaram dando a notícia do acidente, chegara pensando que seria melhor ele morrer, caso ficasse com um elevado grau de deficiência. Nunca quisera que Bill a abandonasse, mas agora era o que ele estava disposto a fazer. Não conseguiu deixar de perguntar-se se ele não estaria com depressão e reagindo ao acidente de uma forma histérica. — Você tem certeza de que é isso que quer? Sofreu um choque terrível. É natural que...

Bill interrompeu-a antes que acabasse a frase. Aparentava um ar calmo.

— Devíamos ter feito isto há anos, Cin. Só que nunca tive coragem.

— Bem, lamento que a tenha nesta hora. Agora que estou apaixonada por você outra vez é que quer abandonar-me. Digo-te uma coisa, Bill Robinson: o teu sentido de oportunidade é um nojo. — E desatou a chorar. Depois, olhou-o com ar destroçado. — Por que razão não me fez parar, se sabia o que eu estava fazendo ao longo de todos estes anos? Porque não me disse qualquer coisa? — Era uma sensação horrorosa constatar que Bill tinha conhecimento dos seus casos amorosos. Mas ambos sabiam que não era a ele que competia fazê-la parar, mas a ela.

— Não sabia o que dizer. Não queria encarar o problema sozinho. Primeiro, tentei convencer-me de que nada de anormal estava acontecendo. Depois, habituei-me. Não sei, Cin... Talvez não quisesse ser honesto comigo mesmo. Mas agora não tenho alternativa. Já não possuo energia suficiente para contar histórias de fadas a mim mesmo. E talvez nunca mais volte a ter alguém na minha vida. Pelo menos, nenhum de nós estará vivendo uma mentira. É melhor. Não acha?

— Não, não acho. Prefiro viver uma mentira a perder-te, não temos de viver uma mentira. Desta vez podíamos tentar tudo como deve ser, se me der outra oportunidade. — Ao dizer isto, Cindy parecia a mesma garota que casara com Bill. Este ficou de coração destroçado e quase desejou tê-la confrontado anos antes, mas não estava preparado nessa época.

— É demasiado tarde. Para os dois. Só você é que ainda não sabe isso.

— O que vou dizer às pessoas? — As palavras de Bill atingiram-na como um

soco. Toda a idéia do divórcio era tão humilhante para Cindy que só lhe apetecia fugir e esconder-se.

— Diz-lhes que finalmente você abriu os olhos e me deu um pontapé na bunda. Provavelmente era o que devia ter feito quando endoidei e comecei a trabalhar cento e quarenta horas por semana. Ambos fizemos coisas estúpidas. A culpa não é sua. — Como sempre, Bill mostrava-se equilibrado, simpático e justo, o que a magoava ainda mais. Cindy sabia que nunca mais voltaria a encontrar um homem como ele. Homens como Bill eram muito raros

— O que vou dizer às meninas?

— Isso é outra história. Vai ser difícil. Acho que devíamos pensar no assunto. Elas já têm idade suficiente para compreender, mas, provavelmente, isso não irá acontecer. Ninguém gosta de mudanças.

— Nem eu — insistiu Cindy, com a voz embargada. Não pensara nisso, mas iria ser muito mais difícil para Bill. Este tinha um longo e tortuoso caminho à sua frente e resolvera fazê-lo sozinho. Não possuía quaisquer ilusões relativamente à sua recuperação. Sabia que havia a forte possibilidade de nunca mais voltar a andar, e a reabilitação ia ser um processo angustiante, especialmente sozinho. Mas também sabia que Cindy nunca suportaria tal situação, ficaria doida. Ela não era como Isabelle. Nunca conseguiria fazer aquilo que esta fazia pelo filho. Mas Bill estava disposto a carregar sozinho o fardo que tinha pela frente.

Cindy levantou-se e foi até à janela. Estava de olhar perdido no espaço e ar desalentado, quando entrou o embaixador americano. Este ouvira falar do acidente e lera a notícia no *Tribune*. Estava destroçado. Quando Cindy se voltou, com os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar, o embaixador reparou que ela também se mostrava desesperada com o sucedido. Não lhe passou pela cabeça que pudesse encontrar-se no meio de um drama conjugal. Precipitou-se então para a cama e tomou a mão de Bill na sua, com um ar de profunda consternação estampada no rosto.

— Meu Deus, Robinson, o que é que te aconteceu? Estive para me encontrar com você na semana passada. Nem queria acreditar na notícia quando a deram. — Entretanto, reparou no olhar estranho que Cindy e Bill trocaram.

— Pus-me a competir com um ônibus que vinha a grande velocidade. Ele ganhou. Foi uma estupidez — afirmou Bill, com um sorriso, mas estava com ar cansado. A troca de palavras com Cindy deitara-o abaixo. — Cin, porque não vai dar uma volta com as meninas? Irá fazer-te bem sair deste ambiente.

Cindy fez um gesto afirmativo com a cabeça, incapaz de falar. Não queria chorar diante do embaixador e sabia que o faria se ficasse. Também não lhe agradava estar com as filhas. Pensou então que talvez fosse melhor voltar para o

hotel e chorar à vontade.

— Volto logo à noite — disse, dando-lhe um beijo no rosto. Os olhos ficaram novamente inundados de lágrimas. — Amo-te — sussurrou, e saiu apressadamente do quarto.

— Pobre Cindy, sofreu um choque terrível! — observou o embaixador, condoído. Conhecia Bill e Cindy há vários anos. Era de Nova Iorque e já uma vez pensara em concorrer à presidência, mas Bill desencorajara-o. Nunca teria ganho, mas estava fazendo um ótimo trabalho na embaixada. Já lá se encontrava há três anos e Bill sabia que o presidente ia pedir-lhe que ficasse durante outro mandato.

— Você está bem?

— Agora estou melhor. — Apesar da manhã que acabara de passar. Não esperava ter aquela conversa com Cindy naquela hora, mas sabia que fizera o que a consciência lhe ditara. Planejara proceder desse modo quando chegasse em casa. E sabia que não podia deixar que o acidente o fizesse mudar de idéia. Além disso, não queria criar quaisquer ilusões a Cindy, por mais doloroso que isso pudesse ser.

— Precisa de alguma coisa? — indagou o embaixador, sentando-se. A mulher pedira-lhe que não se demorasse muito tempo.

— Nada por aí além. Pescoço novo, coluna nova e um bom par de pernas, esse tipo de coisas. — Tentava gracejar com a situação, mas o olhar era triste.

— Que dizem os médicos?

— Pouca coisa. Ainda é muito cedo para se saber a evolução. Acho que se o Roosevelt conseguiu percorrer o país numa cadeira de rodas, eu também consigo. — Ambos sabiam que sim. Toda a sua vida mudara num piscar de olhos, não só a vida política, mas também muito provavelmente a sua vida pessoal. Nessa hora, ainda era impossível avaliar todas as implicações do acidente. À parte o fato de não andar, ainda não sabia se voltaria alguma vez a fazer amor com uma mulher. Também já estava ciente dessa eventualidade quando dissera a Cindy que queria o divórcio. Esta nunca conseguiria adaptar-se a tal situação. Mas havia motivos ainda mais convincentes para se divorciarem. As suas enfermidades constituíam apenas o corolário de uma situação insustentável.

— Faz idéia de quanto tempo é que vai ficar aqui?

— Provavelmente muito tempo — respondeu Bill, num tom deprimido. Sentia-se muito cansado. A manhã não fora fácil e o fato de acabar com o casamento entristecia-o profundamente. Não só perdera a esposa como também estava em risco de perder Isabelle, a amiga mais chegada. O futuro era sombrio. Nada tinha a esperar deste, a não ser um ano muito árduo, tentando pôr-se bom

de novo Mas, pelo menos, estava vivo.

— Bem, pode contar conosco — afirmou o embaixador Stevens, em tom jovial. — A Grace também virá visitar-te, mas em outro dia. Não queria te cansar. Se precisar de alguma coisa, é só telefonar para a embaixada. Basta pedir a Cindy que ligue à Grace. Presumo que ela vai ficar com você. — A pobre mulher tinha um ar desesperado quando saíra. Mas encarar a eventualidade de Bill ficar inválido para sempre, pensou Jim Stevens, podia não ser fácil para ela. — Vou dizer à Grace para lhe telefonar dentro de dias. Bill não lhe comunicou que ia pedir a Cindy para voltar para o Connecticut com as filhas. Limitou-se a sorrir e a deixá-lo falar. Eram velhos amigos, mas não queria partilhar a idéia do divórcio com ele. Ainda era um assunto muito recente. Além disso, queria que as filhas fossem as primeiras a saber, por uma questão de respeito.

O embaixador olhou então para o relógio e depois para Bill, e achou que já se encontrava ali há tempo mais do que suficiente. Grace tinha razão. Bill estava com ar extremamente abatido. Cinco minutos depois, saiu de repente. Para Bill, o velho embaixador, que dias antes mais parecia seu pai, aparentava agora uma jovialidade e uma vitalidade invejáveis, e tudo porque conseguira sair pelo seu próprio pé.

As horas pareceram custar mais a passar depois disso. Bill dormiu um bocado. O especialista apareceu ao fim da tarde. Não voltou a saber mais nada de Cindy, mas desconfiava que estava no Claridge's, lambendo as feridas. Continuava convencido de que, por mais dolorosa que aquela situação estivesse sendo, ela acabaria por dar a volta por cima.

O especialista não tinha nada muito animador para dizer, pôs Bill ao corrente de todas as chances possíveis, do pior ao melhor. Por aquilo que vira nas radiografias e nos relatórios da operação, achava pouco provável que pudesse voltar a andar. Era possível que acabasse por recuperar alguma sensibilidade nas pernas, mas a coluna sofrera lesões de tal modo graves que muito provavelmente nunca mais recuperaria o controle total sobre as pernas. Mesmo que tivesse alguma sensibilidade nelas, não conseguiria pôr-se de pé. Teria mais mobilidade se usasse uma cadeira de rodas. Era essa a boa notícia. A má era que, se os nervos continuassem o seu processo de degeneração, juntamente com a lesão no pescoço, poderia não recuperar qualquer sensibilidade na parte inferior do corpo. Acabariam por aparecer artroses, que piorariam a deterioração dos ossos e que, juntamente com aquilo que já tinha, iriam provocar-lhe uma vida inteira de sofrimento. Todavia, achava que, com os seus cinquenta e dois anos, tinha chance de recuperar alguma mobilidade das pernas, mesmo que nunca mais voltasse a andar sozinho. Considerava que o pescoço de Bill levaria quatro a seis meses para cicatrizar e o trabalho de reabilitação nas pernas um ano ou mais.

Havia ainda uma ou duas operações suplementares que poderiam realizar, mas achava que os benefícios seriam mínimos e os riscos elevadíssimos. Se tentassem melhorar aquilo que lhe restava, podia acabar paralisado do pescoço para baixo.

Bill concordou com tudo o que ouviu. O quadro que o médico lhe apresentara era real, mas não era bonito, e teria de apelar a todas as suas forças para ultrapassar aquela barreira que aparecera no seu caminho. Teria de aplicar-se ao máximo durante o ano seguinte para conseguir algum grau de mobilidade nas pernas. Seria igualmente obrigado a fortalecer a parte superior do tronco para compensar, já para referir o trabalho que tinha de efetuar no pescoço.

Com o tempo e muito esforço, poderia levar uma vida aceitável, se estivesse disposto a fazer o respectivo acompanhamento psicológico que o ajudaria a superar as limitações físicas. Tratava-se de uma situação terrível, mas não era o fim do mundo.

Então, como se conseguisse ler os pensamentos de Bill, o médico respondeu à pergunta que ele ainda tinha medo de fazer. Era evidente que nunca mais voltaria a andar pelo seu pé e que se veria confinado a uma cadeira de rodas até ao fim da vida. Mas não tinha ainda qualquer idéia de como é que ficaria em termos de vida sexual. Bill manteve-se em silêncio, embora o pânico o avassalasse. O médico explicou-lhe, sem rodeios, que havia uma forte chance de recuperar a sensibilidade sexual e de levar uma vida relativamente normal nesse plano, se bem que ainda fosse muito cedo para garantir tal coisa. O médico tentava animar Bill o melhor que podia. Teria de experimentar, mas os progressos ainda não eram muito grandes. Era horrível nunca mais voltar a andar, mas o médico não queria que ele perdesse completamente a esperança relativamente ao resto.

— Se a sua esposa for paciente — disse o médico, sorrindo-lhe, as coisas podem correr muito bem.

Não lhe explicou que, dentro de pouco tempo, já não teria esposa e não se imaginava experimentando com mulheres com quem saísse. No entanto, queria saber, pelo menos, se a função sexual se manteria ativa. Teria de esperar para ver, o que era angustiante. O que planejava fazer, logo que estivesse recuperado, era aquilo que sempre fizera, atirar-se ao trabalho de alma e coração. O trabalho era a única coisa que lhe restava.

Depois de o médico sair, ficou mergulhado em pensamentos. Estava extremamente deprimido. Acontecera muita coisa em poucas horas. Era difícil adaptar-se à idéia de nunca mais voltar a andar... *Nunca mais voltar a andar*. Estas palavras não paravam de lhe matraquear a cabeça. Mas sabia que podia ter sido pior. Podia ter ficado totalmente paralisado, ou morto, ou o traumatismo cerebral podia tê-lo deixado com deficiências mentais permanentes. Porém,

apesar de dever estar grato por não ter lhe acontecido nada de pior, a possível perda da masculinidade parecia ter mais peso do que todo o resto. A angústia em relação a essa probabilidade estava deixando-o num estado de profunda depressão. Ao pensar nisso, o seu espírito vagueou novamente até Isabelle. E ali ficou, de olhos fechados, pensando nos momentos que haviam partilhado no início da semana. Custava a acreditar que tudo se passara apenas quatro dias antes. Dançara com ela no Annabel's, sentira-a junto a si e agora não voltaria a dançar, e ela debatia-se contra a morte. Custava-lhe acreditar que, possivelmente, não voltaria a falar com ela, nem a ouvir a sua voz, nem a ver o seu rosto maravilhoso. Os olhos inundaram-se de lágrimas. Quando a enfermeira entrou no quarto, Bill ainda pensava em Isabelle e as lágrimas corriam-lhe pelas faces. Ela conhecia há muito tempo o especialista que estivera com Bill e sabia que as notícias que ele lhe dera não haviam sido boas. Pensou que Bill se mostrava destroçado por causa disso e tentou animá-lo. Não conseguia imaginar o que poderia significar para um homem bem-parecido e cheio de vitalidade como Bill saber que nunca mais voltaria a andar na vida. Desde o primeiro dia que as enfermeiras previam que este seria o desfecho mais provável. As lesões eram extremamente graves.

— Quer alguma coisa para as dores, Mister Robinson?

— Não, sinto-me bem. Como está Mistress Forrester? Há alguma alteração no seu estado? — Era a pergunta sacramental que fazia sempre que via uma das enfermeiras e nenhuma destas sabia se ele o fazia por se sentir, de alguma forma, responsável pelo acidente, pois Isabelle saíra com ele, ou por estar apaixonado. Era difícil dizer. A única enfermeira que sabia era a que se encontrava no quarto quando ele visitara Isabelle na noite anterior e que prometera ao médico não dizer nada sobre aquilo que ouvira.

— Encontra-se praticamente na mesma. O marido esteve aqui um pouco e acabou de sair. Acho que vai voltar para Paris. Não há nada que ele possa fazer aqui. A não ser estar com ela, falar-lhe e pedir para voltar. — Bill detestava Gordon. Achava-o uma pessoa cruel e sem escrúpulos. Lembrou-se então de que, se Gordon já saíra do hospital, podia fazer nova visita a Isabelle e referiu isso mesmo à enfermeira. Esta sabia que ele fora visitá-la na noite anterior e que o médico assistente de ambos autorizara, mas não sabia o que ele pensaria do fato de Bill fazer nova visita. Porém, quando reparou no olhar deste, constatou de imediato que ele tivera um dia extremamente difícil e que se encontrava afetado pelo estado clínico de Isabelle, e ficou cheia de pena dele.

— Vou ver o que posso fazer prometeu a enfermeira e desapareceu. Cinco minutos depois, voltou acompanhada de dois enfermeiros, que destravaram a cama e o conduziram lentamente em direção à porta. A enfermeira teve de retirar

os fios que o ligavam a alguns monitores, mas a situação clínica de Bill já era suficientemente estável para poder manter-se alguns minutos sem eles.

A enfermeira que se encontrava no quarto de Isabelle abriu a porta, e os enfermeiros empurraram a cama para dentro do quarto e colocaram-na ao lado da dela. As persianas estavam fechadas. As enfermeiras foram então até um canto para os deixarem a sós. Bill voltou-se o melhor que pôde e tocou-lhe nos dedos da mão, tal como fizera no dia anterior.

— Sou eu, Isabelle. Você tem de acordar, querida. Você tem de voltar. O Teddy precisa de você. Eu também preciso de falar com você. Sinto muitas saudades suas. — As lágrimas corriam-lhe descontroladamente pelas faces. Pouco depois, ficou em silêncio, com a mão dela na sua. As enfermeiras estavam prestes a sugerir que voltasse para o quarto, enquanto ele exibia um ar estranhamente calmo. Dava a sensação de estar prestes a adormecer. De repente, a porta abriu-se e surgiu Gordon Forrester. As enfermeiras ficaram sobressaltadas. Gordon dirigiu-se, então, em tom ríspido, à enfermeira que cuidava de Isabelle.

— Por favor, leve imediatamente Mister Robinson para o seu quarto.

Bill não proferiu qualquer palavra quando passou por Gordon. Não existia qualquer dúvida relativamente ao que estava acontecendo, ou ao motivo por que o haviam levado até junto de Isabelle. Bill sentia-se aterrorizado. Tinha certeza de que Gordon insistiria para que o proibissem de visitar Isabelle. Mas uma vez que Gordon iria voltar para Paris em breve, Bill envidaria todos os esforços para que o levassem de novo até junto dela. Estava preso nestes pensamentos quando Gordon Forrester entrou de rompante no seu quarto.

— Se volto a encontrá-lo no quarto dela, Robinson, ou se souber que lá esteve, ponho-o daqui para fora. Entendido?

Gordon mal conseguia controlar a raiva que fervilhava dentro de si. Bill estava invadindo o seu território, e isso ele não iria tolerar. Isabelle pertencia-lhe e ia fazer todo o possível para que Bill nunca mais se aproximasse dela, fosse qual fosse a natureza da sua relação. Isabelle pertencia-lhe.

— Não me impressiona, Mister Forrester — retorquiu Bill calmamente, fixando-o nos olhos. — O embaixador Stevens também teria uma palavra a dizer relativamente à minha transferência daqui do hospital. Mas não preciso que ele trave as minhas batalhas. A Isabelle e eu somos amigos há muito tempo. Nunca fiz nada que mereça a sua desaprovação, posso garantir-lhe. — A não ser um beijo no carro na noite fatídica, mas Gordon não precisava de saber, era só entre ele e Isabelle. — Estou preocupado com a Isabelle. Você é um homem de sorte. Ela é uma mulher maravilhosa e desejo ardentemente que sobreviva. O Teddy precisa dela, ainda mais do que você. Se o simples fato de falar com ela, ou de

estar aqui a seu lado, puder ajuda-la, então é isso que farei.

— Afaste-se dela. Já basta o que fez. Quase a matou, e o que estavam fazendo juntos àquela hora da noite? Não tem idéia. Deixaram-se fotografar pelos *paparazzi*, que fizeram de vocês e de mim parvos. Pensava que ia escapar sem castigo, não era? Agora a melhor coisa que tem a fazer é manter-se afastado do quarto dela e das nossas vidas. Não precisamos de um escândalo com você envolvido.

— Não terá nenhum escândalo comigo envolvido — ripostou Bill, num tom convincente.

— Não estou assim tão certo disso e proíbo-o de entrar no quarto dela. Fiz-me entender?

— Por que motivo a detesta tanto? — indagou Bill, quando Gordon já ia saindo. Este parou e virou-se para trás. — Está louco? Não a detesto, é a minha esposa. Por que razão acha que estou aqui?

— Não tinha alternativa. Julga que se não estivesse aqui conseguiria continuar a fingir que se preocupa com ela? Seria muito difícil. Ambos sabemos por que razão se encontra aqui. Pelas aparências e porque não tem qualquer alternativa. É responsável pela Isabelle, mas está se lixando para ela, Forrester, e duvido que alguma vez tenha se preocupado com o seu bem-estar.

— Você é um sacana — disparou Gordon, antes de sair. Mas não conseguiu deixar de perguntar a si próprio se fora Isabelle que dissera a Bill que o marido a detestava. Gordon tinha a impressão de que Bill sabia demais.

Bill pensava ainda na troca de palavras que tivera com Gordon, quando Cindy e as filhas vieram visitá-lo nessa tarde. As garotas haviam ido às compras, enquanto Cindy fora dar um longo passeio para refletir em tudo o que o marido lhe dissera. Mas nenhum dos dois revelou o teor da conversa que haviam tido, nem quais os seus planos relativamente ao divórcio diante das filhas. Era demasiado cedo para isso. Ficaram até à hora do jantar. Olivia é que deu de comer ao pai com uma colher. Bill ainda tentou comer sozinho, mas espalhou a comida por todo o lado, especialmente a sopa.

— O que disse o médico? — indagou Cindy, antes de saírem.

— Que irá desenvencilhar-se bem — sussurrou Bill. Cindy ficou de imediato de lágrimas nos olhos. — Estava brincando. Disse que podia recuperar alguma sensibilidade nas pernas, com muito trabalho. É um desafio interessante. Quem sabe. Talvez consigam o milagre de me porem a andar. — Continuava a acreditar nessa hipótese, embora, segundo o médico, fosse muito pouco provável. — Início a fisioterapia dentro de três semanas. Só querem começar quando as fraturas estiverem melhor cicatrizadas.

— Pode fazer a fisioterapia em casa — sugeriu Cindy. Continuava destroçada

com a decisão do marido, mas ainda acreditava que, com o tempo, ele voltasse atrás.

— Talvez. Veremos — retorquiu Bill, evasivo. Não queria dizer muita coisa diante das filhas. — E você? Quando é que vai para casa? Já pensou nisso? — indagou, algo desanimado. Fora uma tarde difícil.

— As meninas querem ficar aqui o resto da semana. Pensei em levá-las para passar uns dias em Paris, se você estiver bem; depois posso voltar. — Continuava com a esperança de que Bill mudasse de idéia, mas a voz deste foi firme. Não havia qualquer arrependimento da sua parte. Sabia que estava fazendo aquilo que a sua consciência mandava.

— Não é preciso. Estou bem. Devia voltar com as meninas. Sei que pretende ir ver os seus pais no Maine. — Cindy já resolvera não voltar à Europa. Depois do Maine, iria diretamente para a casa em Hampton. — Volto para os Estados Unidos dentro de pouco tempo. — Havia muita coisa que Bill tinha de fazer. Se voltasse para os Estados Unidos, devia procurar uma clínica de reabilitação onde pudesse ficar durante uns tempos. Depois, precisava arranjar um apartamento e sair de casa. Mas ainda era muito cedo para pensar nisso. E, primeiro, teriam de contar às filhas o que haviam resolvido. Queria fazê-lo na companhia de Cindy, de modo a que as filhas percebessem que os pais continuavam sendo amigos. Isso tinha muita importância para si, e para elas também, seguramente.

Cindy e as filhas voltaram para o hotel, para jantar. Bill ficou toda a noite em silêncio. Tinha uma vontade louca de ir ver Isabelle de novo, mas não queria abusar da sorte e Gordon ainda poderia estar na cidade. De qualquer forma, sentia-se cansado. Fora um dia cheio. Havia lhe dito que, muito provavelmente, nunca mais voltaria a andar, “talvez” conseguisse manter a função sexual, embora não tivessem certeza, vira Isabelle, tivera um embate com Gordon e dissera a Cindy que queria o divórcio.

CAPÍTULO SETE

Gordon Forrester partiu para Paris na madrugada de segunda-feira. Telefonou para o hospital antes de partir e informaram-no de que o estado de Isabelle não sofrera qualquer evolução. Levava consigo todos os pertences dela que haviam ficado no quarto do hotel. Não fazia sentido deixar-lhe nada no hospital. No estado em que se encontrava, não precisava de nada. Ao atravessar o canal da Mancha, sentia que sabia tanto quanto quando chegara. Os médicos ainda não tinham certeza se ela sobreviveria ou não. Os órgãos internos pareciam estar recuperando-se muito lentamente. O coração e os pulmões eram os alvos de maior preocupação. As lesões no fígado levariam muito tempo para sarar e o traumatismo craniano, se bem que menos grave que o resto das lesões, continuava a mantê-la em coma profundo. Mas, se iria acordar, morrer ou continuar eternamente em coma, era uma história ainda por contar. Havia muitas questões em aberto, o fato de estar viva cinco dias depois do acidente já era um sinal de esperança, mas o seu estado continuava a ser extremamente crítico.

Quando aterrissou no Aeroporto Charles de Gaulle, em Roissy, Gordon sabia que não podia continuar encobrindo as coisas dos filhos. Estivera à espera que houvesse sinais de recuperação da parte de Isabelle, mas isso nunca acontecera, e achava perigoso continuar nesse impasse. Sophie já tinha idade suficiente para saber a verdade, que estava na iminência de perder a mãe e Teddy, por mais doente que fosse, só tinha de encarar o fato. Estava certo de que Sophie lhe daria algum conforto. Iria esperar que ela regressasse de Portugal para contar a Teddy. Não era o tipo de situação em que se considerasse perito e especialmente naquele caso, em que praticamente não tinha qualquer relação com o filho.

Ao pôr as malas num táxi, em Roissy, pensou novamente em Bill Robinson e no encontro desagradável que haviam tido. Continuava enfurecido pela audácia e a arrogância da pergunta de Bill relativa ao motivo por que detestava Isabelle. Não conseguiu deixar de perguntar-se se essa era a opinião dela. Não detestava a esposa. Perdera-a nos anos caóticos e abismais que se haviam seguido ao nascimento de Teddy. Aos seus olhos, Isabelle já não era sua esposa, era a enfermeira de Teddy, nada mais do que isso.

Não se admiraria se Isabelle justificasse o caso com Bill com o fato de o marido a detestar. Se tinham estado juntos no Annabel's, como os jornais e a fotografia comprovavam, a ligação não era tão inocente como Bill queria fazer crer. Gordon ainda tinha uma grande quantidade de perguntas sem respostas mas, a não ser que Isabelle se recuperasse, sabia que nunca as iria obter. Bill Robinson não iria dizer-lhe rigorosamente nada. Toda essa questão aborrecia-o, mas era

um fato indesmentível que há anos não pensava em Isabelle do ponto de vista romântico ou sexual.

Deixara instruções expressas no hospital para que Bill não voltasse a ser autorizado a voltar ao quarto de Isabelle. A enfermeira tomara nota do pedido, mas ele ficara com a estranha sensação de que iriam fazer letra morta deste. Mostravam uma simpatia descomunal por Bill e nenhuma por ele. Já para não falar no enorme respeito e admiração por quem ele era. Bill Robinson era um homem muito importante.

Quando deixou o aeroporto, foi direto ao escritório, de onde fez uma série de telefonemas. Explicou a situação à secretária e esta não lhe referiu que vira a fotografia de Isabelle e Bill no *International Herald Tribune*. Nessa tarde, a pedido de Gordon, deu-lhe o número de Sophie em Portugal. Isabelle deixara-o com a secretária quando partira para Londres.

Sophie estava hospedada numa casa alugada em Sintra. Não se encontrava em casa, de modo que Gordon não teve outro remédio senão deixar-lhe recado para telefonar, o que aconteceu às seis horas, quando se preparava para abandonar o escritório. Pegou o telefone e soltou um suspiro, tentando ganhar coragem para aquilo que tinha a dizer.

— Que tal estava Londres. Você e a mamãe divertiram-se?

— Como é que sabe que fui a Londres? — Não dissera rigorosamente a ninguém, à exceção de Teddy e da enfermeira.

— Telefonei para casa no fim de semana e falei com o Teddy. Ele não lhe disse?

— Ainda não o vi. Fui direto do aeroporto para o escritório — disse Gordon, num tom frio. Tentava escolher as palavras certas.

— Então, telefone para casa. Tenho de perguntar uma coisa à mamãe.

— Ela não pode falar com você — declarou Gordon, num tom enigmático. Vivia um pesadelo do qual não conseguia acordar. E para agravar ainda mais a situação, tinha de puxar os filhos para dentro desse mesmo pesadelo.

— Porquê. Saiu?

— Não, a sua mãe está em Londres.

— Engraçado. Ela ficou lá? — Não era costume a mãe deixar Teddy sozinho durante seis dias. Sophie sabia que a mãe partira para Londres na terça-feira. — Quando é que volta? — Mostrava-se confusa.

— Ainda não sabemos. — Soltou um último suspiro e foi direto à questão. — A sua mãe sofreu um acidente. — Instalou-se então um silêncio sinistro do outro lado da linha. O coração de Sophie batia mais do que nunca. Havia algo aterrador no tom de voz de Gordon. — Um acidente muito grave. Acho que devia voltar para casa.

— O que aconteceu? Ela está bem? — Mal conseguia articular as palavras.

— Encontrava-se num carro que foi abalroado por um ônibus. Está em coma. Não sabem o que vai acontecer. Tem lesões internas muito graves. Pode não sobreviver. Desculpa estar dizendo-lhe isto pelo telefone. Mas quero que regresse a Paris o mais depressa possível. — Apesar dos sentimentos pela filha e alegadamente por Isabelle, Gordon dava a impressão de estar marcando uma reunião de negócios. Fazia o possível para não sentir a dor da filha. Era uma fraqueza que não podia permitir-se

— Oh, meu Deus. oh, meu Deus... — Sophie encontrava-se no limiar do histerismo, o que não era costume nela. Normalmente, era uma pessoa fria e calma, muito ao jeito do pai. Mas aquilo que este lhe dissera suplantava os seus piores pesadelos. Preparara-se, toda a vida, para perder o irmão, mas nunca a mãe, por quem tinha um amor incomensurável. — Oh, meu Deus, papai, acha que ela vai morrer?

Gordon ouvia Sophie chorando e, por instantes, ficou sem saber o que dizer.

— É possível — respondeu, com algum desconforto, de olhar perdido no espaço. E veio-lhe à memória o dia em que a mãe morrera. Tentou então ver-se livre dessas recordações. — O fato de ainda estar viva já é um sinal animador, mas o seu estado é extremamente crítico e não tem havido melhoras.

Sophie desatou a chorar convulsivamente. Gordon ficou sem saber o que dizer. Não queria mentir-lhe, nem dar-lhe falsas esperanças. A verdade era que Isabelle podia morrer a qualquer momento. Sophie tinha de encarar essa realidade, tal como Teddy.

Sophie lembrou-se então de algo que lhe provocou um calafrio na espinha.

— O Teddy já sabe? — Ele nunca lhe mentira. Sophie não conseguia imaginar o irmão escondendo aquele tipo de segredo dela.

— Não, não sabe. Espero que lhe diga quando voltar. Acho que devia começar já a tratar da viagem de volta. Você tem aí alguém que possa ajudar-te?

— Não sei — respondeu, algo desorientada. — Quero ir a Londres ver a mamãe. — Parecia uma criança de cinco anos. De repente, sentia-se uma órfã.

— Quero que venha primeiro para casa — ordenou o pai, num tom firme. Queria-a consigo quando desse a notícia a Teddy. Não queria carregar esse fardo sozinho.

— Está bem — retorquiu Sophie, ainda chorando convulsivamente.

— Telefona-me quando souber a hora de chegada. Mando alguém buscar-te. — Nem mesmo naquelas circunstâncias pôs a hipótese de ser ele próprio a ir buscá-la. O caráter reservado era tão natural nele que nem mesmo pela filha quebrava essas barreiras. Mas Sophie já estava habituada a esse comportamento da parte do pai. Aliás, todos estavam, embora ela fosse a mais chegada a ele.

— Vou tentar chegar aí esta noite. — Estava a duas horas de viagem. Ainda poderia apanhar um avião ao fim do dia, se agilizasse. Caso contrário, teria de esperar até à manhã seguinte.

Depois de desligar, Gordon pediu ao motorista que o conduzisse para casa. Era a primeira vez que via Teddy em quatro dias. Este parecia bem disposto e perguntou pela mãe logo que viu o pai à porta do quarto

— Onde está a mamãe. Lá em baixo? — Os olhos até brilharam quando pronunciou a palavra “mamã”.

— Não, não está — respondeu Gordon, evitando dar mais pormenores. A Sophie deve chegar logo à noite.

— Sêrio? — Teddy pareceu surpreendido, mas a manobra de diversão não surtira efeito. — A mamãe disse que a Sophie ficaria duas semanas em Portugal. Por que volta tão cedo? — Esta não lhe referira esse fato quando lhe telefonara no sábado e, instintivamente, teve um pressentimento. Então, como um cão que volta para o seu osso, fez a mesma pergunta. — Onde está a mamãe?

Gordon nem sequer se deu ao trabalho de lhe responder que ainda se encontrava em Londres. Teddy pressentia que havia algo que não estava bem. Era uma criança inteligente e sensível, que não se deixava enganar facilmente. A Gordon só lhe restava esperar que Sophie chegasse em casa o mais depressa possível para o ajudar a dar-lhe a notícia. Decidiu resolver o problema metendo-se na biblioteca e ficou espantado quando, uma hora depois, levantou os olhos e viu Teddy entrar devagarinho na sala. Insistira em descer as escadas sozinho. A enfermeira não conseguira detê-lo. Estava com um ar agitado e muito pálido.

— Passa-se qualquer coisa — disse Teddy, sem fôlego, encostando-se a uma cadeira, ao mesmo tempo que fixava o pai nos olhos. Gordon sempre o tratara com desdém durante toda a vida, mas desta vez não ia ficar calado. Exibia o mesmo ar determinado da mãe. O pai nunca o vira assim e, pela primeira vez, reparou que Teddy já não parecia um garoto pequeno. — Quero saber onde está a minha mãe. — E sentou-se. Estava disposto a esperar toda a noite por uma resposta. Só a força o levariam dali. Gordon tentou mostrar um ar irritado para dissimular o pavor que sentia dentro de si. A debilidade do filho sempre lhe causara algum desconforto, mas Teddy estava muito melhor. Seis meses antes não teria conseguido descer as escadas. Gordon soltou um suspiro, não vendo forma de evitar a resposta.

— A sua mãe está em Londres — respondeu, com a esperança de que não houvesse perguntas subsequentes. Mas o olhar do filho indicava que a resposta não o satisfizera.

— Porquê?

— Foi a uma exposição de arte — retorquiu Gordon, desviando o olhar, e

tentando que o filho desistisse de fazer perguntas.

— Eu sei. Foi há seis dias. Porque não voltou com você? — Gordon levantou os olhos e teve a sensação de estar a ver o filho pela primeira vez. Passara a vida inteira sem lhe dar nenhuma importância. E agora não conseguia evitar o seu olhar fixo.

Era um rapaz bonito, mas tudo lhe correra mal na vida. As enfermidades de que padecia sempre tinham aterrorizado Gordon, que, agora, ao ver a angústia estampada no olhar do filho, não conseguia disfarçar uma certa perturbação. Não podia adiar por mais tempo o momento de lhe contar a verdade, mas não queria com isso ser responsável por um retrocesso no seu estado de saúde. A vida de Teddy sempre se mantivera presa por um fio e não queria ser ele a cortar esse fio vital com a notícia do desastre que atirara a mãe para a cama de um hospital.

— Teve um acidente — informou Gordon, em voz baixa, sem olhar para o filho. Não conseguiria suportar aquilo que sabia que veria nos olhos do rapaz. Teddy conteve a respiração.

— Está bem? — A voz saiu-lhe num sussurro. Já pressentia que algo se passava, mas estava aterrorizado com aquilo que o pai iria dizer-lhe.

— Vai ficar boa, espero. Não sabemos ainda. Está muito mal. Sinto muito — disse, algo constrangido. Mas Teddy não chorou. Manteve-se sentado, respirando cuidadosamente, de olhos postos no pai, à espera que este desse mais pormenores.

— Não a pode deixar morrer — murmurou Teddy, como se Gordon tivesse algum poder para alterar o rumo das coisas.

— Não depende de mim. Sabe bem que não quero que lhe aconteça nada. — Mas o olhar de Teddy falava por si. Sabia muito bem como a mãe era infeliz, embora ela nunca tivesse feito qualquer comentário a esse respeito. Era a segunda vez em dois dias que alguém acusava Gordon de não gostar de Isabelle e isso irritava-o.

— É por isso que a Sophie vai voltar para casa? — Gordon fez um gesto afirmativo com a cabeça. Estava sentado em frente ao filho, do outro lado da sala. Nunca lhe passou pela cabeça levantar-se e ir abraçá-lo. Teria sido algo que não era natural nele. Ao contrário de Isabelle, que estaria abraçada a Teddy, caso tivesse sido Gordon a ter o acidente. Até ele sabia isso.

— Quero ir a Londres com a Sophie ou com você — disse Teddy, com ar determinado. — Quando é que voltará lá? — Tinha certeza de que iria. Não conseguia suportar a idéia de a mãe lá estar sozinha.

— Não sei. Achei melhor vir para junto de você. — Teddy tentava entender o que o pai acabara de dizer.

Gordon estava espantado com o fato de o filho não estar chorando. Teddy era

mais corajoso do que julgava.

— Quero falar com ela. Pode telefonar-lhe agora? — Gordon fez um gesto negativo com a cabeça.

— Não, não podemos. Está inconsciente desde o acidente. Encontra-se em coma, por causa de uma pancada na cabeça.

— Oh, não! — exclamou Teddy, imaginando a mãe gravemente ferida. Desatou, finalmente, a chorar. — Quero ir já vê-la. — Mostrava-se extremamente agitado.

— Ela não dará pela sua presença. E não te faria bem nenhum. Além disso, você não está em condições de fazer a viagem.

Era uma realidade com que tinha de viver, por pior que fosse o estado de saúde da mãe. Uma viagem até Londres encontrava-se fora de questão.

— Eu tenho forças suficientes para aguentar a viagem — ripostou Teddy, em tom intempestivo, limpando as lágrimas. — A mamãe precisa de nós no hospital. Ela está sempre ao pé de mim. Não podemos deixá-la sozinha, papai. Não devemos fazer isso. — De repente, parecia de novo uma criança, chorando, sem saber o que fazer.

— Esperemos até a Sophie chegar. — Gordon exibia um ar cansado. — Porque não vai descansar em seu quarto? Isto não te faz nada bem — disse-lhe, como se Teddy fosse uma pessoa adulta, mas este não se importou. A única coisa que queria era ir para junto da mãe. Nada o iria deter. Ainda falava no assunto quando entrou no pequeno elevador que havia sido montado propositadamente para ele, ao lado das escadas, há vários anos. Chegou ao quarto e deitou-se. O olhar chispava de raiva. Falava sem parar. Depois de jantar, a enfermeira mediu-lhe a temperatura. Estava com febre. Ficara demasiado agitado, o que era perigoso. Precisamente o tipo de reação que Gordon esperava que Teddy tivesse quando ouvisse a notícia.

Este ainda se encontrava acordado quando Sophie chegou, ao fim da noite. Conseguira apanhar o voo das oito, e à meia-noite já se encontrava em Paris.

Quando ouviu o carro, Gordon levantou-se e foi esperá-la à porta de casa. Sophie lançou-se nos braços do pai mal o viu e desatou a chorar.

— Oh, papai... por favor, não a deixe morrer... — Gordon nunca vira a filha tão transtornada. Logo que ficou mais calma, foi ver o irmão. Teddy aguardava-a na cama. E abraçaram-se como se não se vissem há vários anos. A coisa mais terrível e impensável acontecera-lhes. Nem queriam acreditar. Era algo que estava para além do tolerável, do racional. Choraram durante muito tempo nos braços um do outro. Finalmente, o pai entrou no quarto, o rosto marcado pelo cansaço. As emoções do dia haviam sido demasiado fortes para todos.

— Vou com você a Londres ver a mamãe — afirmou Teddy para Sophie,

enquanto o pai os observava, de semblante carregado. A reação dos filhos fora ainda pior do que aquilo que receava.

— Acho que ele não devia ir. Ficará pior do que está. — Gordon falava de Teddy como se este não o ouvisse.

— A mamãe não aprovaria — acrescentou Sophie, afagando os cabelos do irmão, que estava ardendo em febre. — Ficaria aborrecida se você piorasse, e não será bom para ela quando acordar. — Sophie sublinhou a palavra “quando”, não pondo sequer a hipótese de haver um “se”. Teddy ouvia-a, de olhos esbugalhados.

— Quero vê-la de qualquer maneira, mesmo que esteja em coma. Saberá que estou ao lado dela. — Era a mesma teoria de Bill, mas Gordon não concordava. Achava que a visita de Teddy não fazia qualquer sentido.

— Ela não tem consciência de quem está junto de si. — Gordon estava seguro disso, não acreditava que as pessoas em coma ouvissem o que quer que fosse, ou sentissem o que se passava à sua volta. Especialmente depois de a ver, estava convencido de que era um disparate e não iria permitir que o filho fosse vê-la. Seria uma loucura e um enorme risco para quem o levasse lá. Teddy encontrava-se demasiado debilitado para sair de casa, quanto mais para fazer uma viagem daquela envergadura.

— Então, Sophie, para que é que vai lá, já que a mamãe não tem consciência de que está lá? — indagou Teddy, num tom algo mordaz.

— A Sophie não está doente — ripostou Gordon. — E acho que deve ir. Eu fico aqui com você.

— Não vai, papai? — Sophie pareceu algo chocada, mas não fez qualquer comentário quando o pai abanou a cabeça.

— Vou quando você voltar. Pode ir amanhã e passar o dia lá, ou a noite, como preferir.

— Pensei em ficar lá mais algum tempo, talvez uns dias.

— Veremos como ela está, mas não fique lá muito tempo — disse Gordon, e saiu do quarto. Não pretendia permanecer sozinho com o filho durante um longo período de tempo. Queria que fosse Sophie a cuidar dele, o que não poderia acontecer se ela ficasse em Londres com a mãe.

Nessa noite, Sophie dormiu na cama de Teddy, abraçada a ele. No dia seguinte, levantou-se cedo, ele ainda dormia. Tomou um banho e vestiu-se. Estava pronta para partir para o aeroporto quando Teddy acordou.

— Já vai? — perguntou Teddy, com sono. — Também quero ir. — Mas estava tão exausto e tão fraco que mal conseguia mexer-se. A noite anterior fora demasiado cansativa para ele.

— Volto o mais depressa que puder — sussurrou Sophie, e saiu. Ia despedir-se

do pai, mas este já partira para o banco. Conseguira o bilhete na noite anterior e tinha reserva no Claridge's. Sabia o nome do hospital onde a mãe se encontrava internada: Hospital St. Thomas. E ainda tinha dinheiro que havia sobrado da viagem a Portugal. O motorista do pai aguardava-a à porta. Meia hora depois, encontrava-se em Roissy. Não havia trânsito nas ruas, e aparentava um ar muito mais calmo do que na véspera.

O voo aterrissou ao meio-dia, hora local, e um carro do Claridge's conduziu-a de imediato ao hospital. Sophie sentia-se uma pessoa adulta no seu vestido azul-marinho e com o par de sapatos que a mãe lhe comprara. Os cabelos estavam puxados para trás. Porém, para quem a visse, mesmo com os seus dezoito anos, parecia uma criança, os seus enormes olhos assustados e carregados de angústia.

As enfermeiras sorriram quando Sophie se dirigiu à recepção. Depois de se identificar, uma das enfermeiras conduziu-a, de imediato, ao quarto da mãe. A porta em frente deste encontrava-se aberta e viu um homem olhando para ela. Estava deitado de lado, de olhos postos na porta, incapaz de se mexer.

Pé ante pé, Sophie entrou no quarto e ficou de imediato chocada com o que viu. A mãe tinha um ar cadavérico e a cabeça envolta em ataduras. Um ventilador ajudava-a a respirar e havia monitores e tubos ligados a todas as partes do corpo. Ao aproximar-se da cama, os olhos inundaram-se de lágrimas. E ficou como que petrificada, de olhos pregados na mãe, acariciando-lhe a mão. A enfermeira puxou então uma cadeira para junto da cama e Sophie sentou-se. Instintivamente, começou a falar com a mãe, com a esperança de que esta ouvisse. Disse-lhe o quanto a amava e rogou-lhe para que vivesse. Isabelle não exibia qualquer sinal de vida. As únicas coisas que mexiam eram o ventilador e as pequenas linhas dos monitores. Não havia qualquer outro som ou movimento no quarto. A mãe estava com um aspecto ainda mais aterrador do que esperara. Só a muito custo conseguiria sobreviver.

Sophie manteve-se sentada ao lado da mãe até por volta das quatro horas, hora na qual saiu do quarto. O mesmo homem que a vira entrar olhava de novo para ela. As enfermeiras haviam-no informado de que se tratava da filha de Isabelle, mas ele, mal a vira, percebera logo de quem se tratava. Parecia Isabelle em mais jovem.

— Sophie? — chamou Bill.

Sophie ficou espantada por ele saber o seu nome. Aproximou-se então da porta.

— Sim — respondeu, com alguma hesitação. Ainda estava abalada por aquilo que acabara de ver. Bill teve vontade de a abraçar. Seria o mínimo que poderia fazer por Isabelle.

— Chamo-me Bill Robinson. A sua mãe e eu somos amigos. Eu estava no

carro com ela — disse, como que pedindo desculpa por ela se encontrar ali. — Lamento o que aconteceu.

Sophie assentiu com a cabeça, sem tirar os olhos dele. Não se lembrava da mãe alguma vez ter referido o seu nome, mas parecia um homem simpático e também ficara muito maltratado, mas, ao contrário da mãe, estava acordado e vivo.

— O que lhe aconteceu no acidente? — indagou Sophie, cautelosa, receosa de entrar no quarto. Ainda não percebera quem ele era ou por que razão estava com a mãe.

— Fraturei o pescoço e tive traumatismo craniano. Mas a sua mãe está pior do que eu — proferiu Bill, com ar triste. — Daria o que fosse preciso para trocar com a sua mãe. daria até a vida, se pudesse.

Sophie ficou impressionada por aquilo que ele dissera e estava curiosa por saber como é que ele e a mãe haviam se tornado amigos. Por causa de Teddy, a mãe nunca ia a lado nenhum.

— Como é que o Teddy está encarando a situação? Já sabe?

— O meu pai contou-lhe ontem à noite — respondeu Sophie. Era estranho ele conhecer toda a sua família e esta não o conhecer. — Ficou um pouco abalado ontem à noite, teve febre, mas queria vir do mesmo jeito. Amanhã, tenho de voltar para tratar dele. Preferia ficar, mas ele precisa de mim.

Bill tinha vontade de estender o braço e tocar-lhe. Era tão parecida com a mãe.

— Há alguma coisa que possa fazer por você? — perguntou Bill, sentindo-se tão desamparado como ela. Ninguém podia fazer o que quer que fosse. Ninguém podia alterar o rumo das coisas. E se Isabelle sairia ou não de coma, só Deus sabia.

— Não, estou bem. — Mas o semblante era triste.

— Onde está hospedada?

— No Claridge's.

— A minha mulher e as minhas filhas também estão lá. Se tiver algum problema, telefone-lhes. — Mal acabou de dizer isto, Cindy e as filhas apareceram à porta do quarto e viram Sophie falando com Bill. Este fez então as apresentações. Sophie fez menção de sair. Não queria fazer o papel de intrusa. Ficou com a impressão de que Jane teria a mesma idade que ela, e não se enganava. Despediu-se delicadamente de todos e saiu. Voltaria ao fim da noite.

— É a filha dela? — indagou Cindy.

— É. Também tem um filho, mas está muito doente. — Cindy não fez qualquer comentário e começou a deambular pelo quarto, sem saber bem o que fazer. As filhas falavam com o pai.

Haviam resolvido partir no dia seguinte. Iam permanecer uma semana em

Paris. Na viagem de regresso aos Estados Unidos passariam por Londres. Bill achou boa idéia e pediu-lhes que se divertissem. Concordara com Cindy em falar-lhes do divórcio nessa época. Quando chegassem em casa, teriam tempo de se habituar à idéia. Bill não queria estragar-lhes a viagem a Paris. Nessa noite, Cindy ia levar as filhas para jantar fora. Iam aproveitar-se do fato de Bill ser cliente habitual do Bar Harry's. Ao ouvir isto, Bill pensou de imediato em Isabelle e lembrou-se dos momentos inesquecíveis passados na sua companhia.

À noite, quando Sophie voltou para ver a mãe, Bill estava deitado de costas, pensando em Isabelle. Desta vez, entrou no quarto para se informar do seu estado de saúde.

— Como é que se sente, Mister Robinson?

— Praticamente na mesma. E você, Sophie? Como está?

Ela encolheu os ombros e os olhos inundaram-se de lágrimas. Cortava-lhe o coração ver a mãe naquele estado, e não havia qualquer sinal de ela estar em vias de recuperar a consciência. Isabelle encontrava-se suspensa num lugar remoto de onde ninguém sabia se regressaria algum dia. As enfermeiras haviam-lhe dito que ela podia viver assim durante anos, sem sair do estado de coma, até morrer. Além de ser uma perspectiva hedionda e representar a perda de uma mulher extraordinária, era uma injustiça desesperante. Desde o acidente que Bill desejava morrer e que Isabelle fosse poupada.

— Como é que conheceu a minha mãe? — indagou Sophie, colocando-se ao lado da cama. Desde essa tarde que a questão não lhe saía da cabeça. O pai não lhe dissera que a mãe se encontrava no carro com outra pessoa. Ficara espantada quando Bill lhe referira esse fato.

— Conhecemo-nos há muito tempo, na Embaixada dos Estados Unidos, em Paris. — Bill sentiu, de repente, necessidade de falar de Isabelle, e ficou grato a Sophie por puxar o assunto. — Almoçamos juntos umas duas vezes por ano e conversamos, às vezes, ao telefone. E ela conta-me tudo acerca do Teddy e de você.

Sophie teve vontade de lhe perguntar se estava apaixonado pela mãe, ou esta por ele, mas, como eram ambos casados, achou que seria um pouco grosseiro da sua parte. Mas achava estranho a mãe nunca ter lhe falado nele.

— Também conhece o meu pai? — Bill sorriu e convidou-a a sentar-se.

— Sim, também o conheço. Julgo que está furioso comigo desde o acidente. Crê que isto nunca teria acontecido se não tivéssemos ido jantar fora. No lugar dele também pensaria assim.

— A culpa não é sua. A enfermeira disse que o motorista morreu. É tudo tão terrível. Não compreendo como uma coisa assim pode acontecer. — E os olhos ficaram novamente marejados de lágrimas. — A minha mãe é uma pessoa tão

boa que não merecia uma coisa assim.

— Sim, é uma pessoa muito boa. — Também havia lágrimas nos olhos de Bill. Estendeu a mão e apertou a de Sophie. De certa forma, era como tocar em Isabelle; em contrapartida, para Sophie, aquele homem, amigo da mãe, era como que um meio para chegar até ela. Havia um estranho elo que os unia a Isabelle.

— Nem sempre fui boa para ela — confessou Sophie. — Zangava-me muitas vezes. Passava tempo demasiado com o Teddy, quando eu era mais nova. Achava que ela não tinha tempo para mim. — Tratava-se de uma forma de confessar as suas angústias e as coisas de que agora se arrependia. Bill ouvia-a com ar compreensivo.

— Ela adora-a, Sophie. Não disse outra coisa de você a não ser que é uma garota extraordinária.

— Mostrava-se feliz nessa noite? — A voz era triste. — Estava divertindo-se? — Era uma pergunta estranha e a única coisa em que Bill conseguia pensar era no primeiro e último beijo que haviam trocado.

— Sim, estava. Visitamos uma magnífica exposição nessa tarde e ela ficou maravilhada com o que viu. Depois, fomos jantar. Vim a Londres para me encontrar com o embaixador americano. Encontramo-nos, por acaso, no Claridge's, e combinamos jantar juntos. — Não via motivo para lhe dizer que haviam se encontrado em Londres propositadamente e que estava apaixonado por Isabelle. Esta não queria que a filha soubesse, nem ele próprio queria. — Há muito tempo que não nos víamos.

— A minha mãe nunca se diverte. Está sempre em casa, tratando do Teddy.

— Eu sei. A vontade dela é essa. Adora-vos.

Sophie ficou uns instantes em silêncio. Por fim, levantou-se. Ainda não sabia muito bem quem Bill era, mas sentia que encontrara um novo amigo. Antes de sair, esboçou um sorriso. Ao olhar para ela, Bill só via Isabelle e a mulher que Sophie seria um dia.

— Venho vê-lo amanhã. Estarei aqui de manhã antes de partir.

— Teria muito gosto. Obrigado por falar comigo, Sophie. — Fora um momento de conforto no meio da terrível solidão em que se encontrava mergulhado. A vida, tal como a conhecera, estava prestes a tomar um rumo totalmente diferente. Nunca mais voltaria a andar, a pular, a dançar ou a passear pela rua. A sua movimentação, tal como a sua vida, seria complicada daí para a frente. Acabara com o casamento e perdera a mulher que amava. De momento, não tinha nada a que se apegar, andava à deriva no meio do oceano, sem qualquer sinal de terra à vista. Os poucos minutos que passara com a filha de Isabelle proporcionaram-lhe muito conforto. Mesmo que nunca mais voltasse a vê-la, o que era uma forte possibilidade, estava satisfeito por a ter conhecido.

Na manhã seguinte, a caminho do aeroporto, Cindy e as filhas vieram despedir-se de Bill. Sophie chegou pouco depois de elas terem saído. Sentou-se ao lado da mãe durante mais de uma hora e depois foi despedir-se de Bill. Encontrou-o deprimido, presumindo que pelo fato de a família ter ido embora e o ter deixado sozinho. Não fazia idéia de que era por causa de sua mãe. Ainda não tinha certeza de que Bill estava apaixonado por ela, embora suspeitasse.

— Adeus, Mister Robinson — disse Sophie, delicadamente, preparando-se para sair. — Faço votos para que melhore o mais depressa possível.

Bill não lhe perguntou se voltaria, pois não se sabia ainda se Isabelle conseguiria sobreviver.

— Tome conta de si... pela sua mãe, Sophie. Sei que ela ficaria preocupadíssima. E cuide do Teddy — proferiu, com lágrimas nos olhos. Ficarei pensando em você.

— Rezarei pelo senhor quando for à igreja. — Sophie sentia-se triste por o deixar. Era como se deixasse um pouco da mãe.

— Também rezarei por você. — Bill estendeu o braço, pegou-lhe na mão e beijou-a. Então, com um tímido sorriso, Sophie saiu. E Bill ficou ali, de olhos fechados, pensando em Isabelle.

Pouco depois, conduziram-no até ao quarto da sua amada cujo estado não sofrera qualquer alteração. Bill falou-lhe então da visita que Sophie lhe fizera.

— É uma garota maravilhosa. Já sei porque você tem tanto orgulho dela — disse, como se Isabelle conseguisse ouvi-lo. E ali ficou, ansiando para que ela lhe estendesse a mão e acordasse finalmente daquele sono de morte. Sentia-se cansado quando o levaram para o seu quarto. As frequentes visitas a Isabelle acabaram por provocar comentários entre a equipe de enfermagem. Encaravam-nas como um gesto nobre da parte de Bill. Ninguém perguntava por que motivo é que ele as fazia ou o que acontecera entre eles. Além disso, havia uma série de enfermeiras que acreditava que só Bill conseguiria trazê-la de volta à vida.

CAPÍTULO OITO

Sophie pensou bastante em Bill na viagem de volta a Paris e percebia por que razão a mãe gostava daquele homem. Parecera-lhe uma pessoa íntegra. Tinha muita pena dele. Uma das enfermeiras dissera-lhe que ele nunca mais voltaria a andar. Bill parecia encarar esse fato de forma filosófica. Estava destruído por Isabelle ter sofrido o acidente ao sair com ele.

Quando o avião aterrissou, os pensamentos de Sophie centraram-se de novo na mãe e no irmão. Sentia-se dividida relativamente ao lugar onde achava que devia ficar. Resolvera passar uns dias em casa e depois queria voltar a Londres.

Pegou um táxi no aeroporto. Quando chegou em casa, esta estava mergulhada num estranho silêncio. Não se ouvia o mínimo ruído. Quando subiu, reparou que os aposentos do pai se encontravam às escuras. Ao entrar no quarto de Teddy, ficou chocada com o estado de saúde do irmão. Ardia em febre. O médico acabara de sair, como explicou a enfermeira, e dissera que, se a febre não baixasse nessa noite, teria de ser internado.

— O que aconteceu? — Sophie sentou-se numa cadeira, com ar esgotado. Tinha a sensação de ter envelhecido de um dia para o outro. Teddy nem sequer sabia que ela se encontrava ali. Estava sob o efeito de sedativos, num sono profundo.

— Julgo que está preocupado com a sua mãe — sussurrou a enfermeira. — Há dias que não dorme como deve ser. E praticamente não come nem bebe. O médico ainda adiantara a hipótese de dar-lhe soro, mas Teddy fez tal gritaria que o médico achara por bem deixar isso para outra hora, se ele promettesse comer e beber. — Sophie achava-o mais magro.

— Onde está o meu pai, p— erguntou Sophie, passando as mãos pelos cabelos, cada vez mais parecida com Isabelle.

— Saiu — respondeu a enfermeira, sem mais qualquer outro comentário. Não o via desde o dia anterior, mas não disse nada a Sophie. — Como estava a sua mãe?

— Na mesma. Ninguém sabe o que acontecerá. Disseram que ela pode ficar em coma durante muito tempo até conseguir se recuperar. — Mantinha a esperança, mas também lhe haviam dito que a mãe podia morrer a qualquer momento. Só lhes restava rezar e esperar. — Volto lá dentro de dias.

A enfermeira mediu novamente a pulsação de Teddy. Estava elevada. Franziu o sobrolho e registrou o valor. Parecia não haver dúvidas de que iriam ser obrigados a hospitalizá-lo. Sophie concordou. Era o mais seguro.

Nessa noite, esperou pelo pai, para discutirem o estado de saúde de Teddy.

Ficou espantada por à meia-noite ele ainda não ter chegado. Perguntou então à enfermeira se o pai sabia que Teddy se encontrava naquele estado.

— Falei com ele esta manhã no escritório. Não deve tardar.

Porém, às três da manhã, Sophie ainda estava acordada e ele ainda não chegara. Horas antes, já telefonara para o hospital, mas ainda não havia qualquer evolução no estado da mãe. Por instantes, esteve quase pedindo para falar com Bill, apenas para o cumprimentar, mas acabou por não o fazer, por constrangimento.

Na manhã seguinte, acordou ainda vestida e sentada numa cadeira do quarto de Teddy, como vira tantas vezes a mãe fazer. Não era sua intenção dormir ali. Estivera à espera do pai e acabara por adormecer. Pensou então que, provavelmente, o pai tivera o cuidado de não a acordar, ou não sabia que estava à sua espera.

Quando saiu do quarto para ir à procura do pai, Teddy já se encontrava acordado e com melhor aspecto. A febre baixara, mas ainda não estava totalmente bem. Foi, então, pelo corredor fora, para falar com o pai, e ficou espantada ao ver as portas do quarto abertas e ninguém lá dentro.

Foi ter com a criada, com um ar de espanto estampado no rosto.

— O meu pai dormiu em casa, Josephine?

A mulher fez um gesto negativo com a cabeça e desapareceu pelas escadas abaixo. Não era uma resposta adequada para dar a uma garota daquela idade. Mas Sophie conseguiu saber que o pai não passara a noite em casa. As persianas e os cortinados estavam corridos, as luzes apagadas e o quarto com aspecto de não ter tido a presença de ninguém durante a noite. A cama estava feita e tudo no seu lugar. Por instantes, ficou em pânico. E se alguma coisa tivesse acontecido ao pai? Ficariam órfãos. Não conseguia imaginar onde é que ele poderia ter estado. Uma hora mais tarde, telefonou para o escritório e a voz do pai mostrava-se perfeitamente calma quando atendeu. Nem queria acreditar que o pai não passara a noite em casa com Teddy naquele estado. Achava uma irresponsabilidade da parte dele.

— O Teddy está doente — afirmou Sophie, em tom de acusação, como se a culpa fosse do pai. Gordon não pareceu mostrar grande preocupação com o fato.

— Eu sei. Estive em contato com a Marthe ontem à tarde. O médico foi vê-lo e já falei com ele hoje. — Não estava para receber lições de moral de uma garota de dezoito anos.

— Não passou a noite em casa! — acrescentou Sophie, em tom sombrio. Quase desatou a rir do tom de voz da filha, mas esta não estava achando graça nenhuma da situação.

— Sei disso. Estive em casa de amigos fora da cidade. Como já era tarde,

achei mais prudente ficar lá do que vir conduzindo até em casa.

Sophie desconfiava que o pai estivera bebendo e, dado o que acontecera à mãe, tinha de concordar com o fato de ele não querer conduzir nesse estado.

— Acabei de telefonar para Londres e não há qualquer evolução.

— Oh! — O estado de espírito de Sophie esmoreceu com a notícia. Mas continuava aborrecida com o fato de o pai não ter passado a noite em casa. Se Teddy tivesse piorado ainda mais, a presença dele poderia ter sido necessária. Além disso, ninguém sabia onde ele se encontrava. Mas não havia o menor sinal de arrependimento da parte dele, e Sophie deu consigo a perguntar se o pai passava a noite fora regularmente. Nunca dera por isso. E não conseguia deixar de pensar se havia coisas relacionadas com os pais que ignorava, especialmente desde que conhecera Bill. Achava estranho nunca ter ouvido falar da amizade da mãe com ele. Além disso, nunca se aventurara a ir aos aposentos do pai à noite ou de manhã, talvez houvesse outras horas em que também passava as noites fora. Saía frequentemente à noite, e a mãe raramente o acompanhava. Teve, de repente, a sensação de que toda a sua vida estava num autêntico turbilhão, não só por causa do que acontecera à mãe, mas por causa de tudo o que trouxera à tona. Sempre vira o pai como um deus, e agora interrogava-se sobre se o pai não teria segredos. Talvez houvesse mais motivos do que apenas Teddy para a mãe não sair de casa e dormirem em quartos separados.

— Estará em casa logo à noite? — indagou Sophie, nervosa, sentindo-se mais esposa do que filha e bastante insegura. Estavam passando coisas extremamente assustadoras.

— Claro. Vou jantar fora. Mas estarei em casa antes de você ir para a cama.

— Se o Teddy precisar de ir para o hospital, é necessário que o papai esteja em casa.

— O médico parece menos preocupado. O Teddy sofreu um choque e agora precisa de tempo para se recuperar.

— Todos nós precisamos — retorquiu Sophie, num tom triste. — Quando é que volta a Londres?

— Dentro de poucos dias. Não há nada que possamos fazer lá. Telefonarão se houver novidades.

Porém, se a mãe morresse, pensou Sophie, ninguém estaria ao pé dela. E se alguma outra coisa acontecesse, ir de Paris a Londres levaria ainda algumas horas. Tinha vontade de estar lá, mas Teddy também precisava da presença dela. E agora que constatara que, de vez em quando, o pai passava a noite fora, sentia que não podia deixá-lo sozinho. Era difícil decidir qual era a melhor coisa a fazer. O pai parecia muito menos preocupado do que ela.

Gordon foi então para uma reunião, e Sophie passou o dia com o irmão lendo

e contando-lhe histórias, e falando-lhe da mãe. Fazia o melhor que podia, mas não conseguia substituir a mãe. Depois do jantar, quando o pai chegou em casa, Sophie parecia uma sombra do que era. Ele, porém, estava bem disposto. Sentou-se na biblioteca fumando um charuto. Sophie ouvira-o entrar e foi ter com ele. Ficou surpreendida com o fato de o pai não ter sequer ido ao andar de cima. Fora sempre tão afável e tão interessado por tudo o que lhe dizia respeito que achava estranho o distanciamento com que a tratava ultimamente, sobretudo com a mãe no estado em que se encontrava. De repente, ao olhar para o pai, perguntou a si própria se o anterior interesse dele por ela não seria só aparente, talvez uma forma de aborrecer a mulher, para a fazer sentir menos importante em relação à filha. Sophie fora sempre tratada como “a sua pequerrucha” Mas mostrara-se constantemente frio e distante com a mãe, tal como fazia agora com ela.

— Que tal foi o seu dia, papai? — Indagou Sophie, cautelosa. O dela fora horrível, dividida entre a preocupação com a mãe e a necessidade de dar carinho a um irmão doente.

— Muito longo. Como foi o seu?

— Fiquei o dia todo com o Teddy. — Sophie esperava que o pai fizesse mais perguntas sobre o assunto, mas, quando referiu o nome do irmão, ficou instantaneamente aborrecido e encheu um cálice de vinho do Porto.

— O que mais fez? — perguntou Gordon, concentrado no charuto.

Sophie achava estranho estar ali sentada conversando com o pai como se nada tivesse acontecido. A mãe em coma num hospital de Londres, o irmão com uma recaída desde que recebera a notícia E o pai parecia pouco preocupado com esses fatos. Ao olhar para ele, lembrou-se do ar destroçado de Bill Robinson quando lhe falou da mãe. Não viu nada disso no olhar do pai. Este parecia sempre distante e frio de todas as vezes que se referia à mulher.

— Mais nada, papai. Fiquei com o Teddy. Está muito abalado.

Gordon fez um gesto de concordância com a cabeça e não retorquiu. Dava a sensação de praticamente ter se esquecido de quem ela era. Entretanto, o telefone tocou. Gordon atendeu e disse que ligaria em seguida. O coração de Sophie quase parou quando soou a campainha do telefone. Sempre que este tocava, ficava aterrorizada com a hipótese de o telefonema ser de Londres a informar o pior.

— Devia ir para a cama — disse Gordon, enquanto bebia o vinho do porto. — Teve um longo dia. — Era óbvio que não queria falar, e Sophie ficou magoada. Nunca se sentira tão só na vida.

— Quando é que volta a Londres?

— Quando achar que devo ir — ripostou Gordon, franzindo o sobrolho.

Sophie estava irritando-o. Transformara-se na mãe de um dia para o outro.

— Também quero ir — retorquiu Sophie, percebendo que o pai não estava contente com ela, mas pouco lhe importando esse fato.

— O seu irmão precisa de você aqui.

— Quero ver a mamãe outra vez — insistiu Sophie, e Gordon começou a ficar irritado com essa obstinação da parte da filha.

— Ela nem sequer dará conta de que você está ao pé dela. Preciso de você aqui. Não posso passar o dia preocupado com esse garoto e as enfermeiras. Durante todo o dia, telefonam-me para o escritório, e não tenho tempo para isso. Você tem de cuidar dele. — Não se tratava de um pedido, mas de uma ordem.

— “Esse menino” é seu filho, papai. Ele não precisa só de mim ou da mamãe, precisa também de você. O papai nunca fala com ele. — Não conseguia conter-se por mais tempo.

— Ele não tem nada para dizer — observou Gordon, com aspereza, enchendo um novo cálice de vinho do Porto. E não é você quem me diz o que tenho que fazer.

Era a mesma conversa que Isabelle tivera com ele muitas vezes ao longo dos anos, e das quais desistira há muito tempo. Por razões que só ele conhecia, estava determinado a não ter qualquer relacionamento com o filho. Na sua ingenuidade, Sophie não conseguia alterar essa situação. Se Teddy tivesse nascido saudável e forte, a história teria sido diferente. Mas, tal como era, para Gordon, o rapaz não existia e não tinha qualquer interesse. Irritava-o, embora agora sentisse pena dele. Teddy não passava de um incômodo, de um fardo. Fazia parte das tarefas de Isabelle, não das dele. E, na ausência desta das de Sophie.

A caminho do quarto, Sophie não conseguia esconder a tristeza que sentia pelo fato de o pai falar do irmão daquela forma. Ela e Teddy já haviam abordado o assunto várias vezes, e o irmão sempre dissera que o pai não morria de amores por ele. Mas agora via que era verdade. Teddy afirmava que ele era mau, egoísta e frio, e que o detestava. E agora constatava que Teddy conhecia uma faceta do pai que ela nunca quisera ver. Ter um filho como Teddy não trazia qualquer proveito a Gordon. Preferia ignorá-lo, esquecê-lo, tal como fizera com a mulher.

Sophie vestiu o pijama e voltou para o quarto de Teddy. A enfermeira informou-a de que ele estava com febre outra vez. Meteu-se então na cama e aninhou-se ao lado do irmão. Tinha a sensação de que eram duas crianças que haviam acabado de perder a mãe. Nunca se sentira tão triste e tão solitária na vida. E a sua única esperança, enquanto as lágrimas caíam na almofada, era a de que a mãe acordasse do coma o mais depressa possível. Não conseguia imaginar o que seria a sua vida se ela morresse.

CAPÍTULO NOVE

As coisas no hospital continuavam avançando. Os fisioterapeutas avaliaram o estado de Bill e estabeleceram um plano de reabilitação. Viravam-no frequentemente na cama para ativar a circulação sanguínea e prevenir uma pneumonia, mas, para ele, os dias eram entediantes. E, uma ou duas vezes por dia, levavam-no até ao quarto de Isabelle. As enfermeiras não haviam dado a mínima importância às instruções de Gordon e várias delas consideravam que as visitas de Bill faziam bem a Isabelle, além de melhorar sobremaneira o seu próprio estado de espírito. Sentia-se sempre melhor quando a visitava. Tinha umas saudades loucas das conversas fora de hora. Passava muito tempo pensando nela, ansioso pelos poucos minutos em que o levavam até junto de Isabelle.

Bill já ia sentindo certas melhoras. O pescoço e a coluna ainda lhe provocavam algumas dores, mas já conseguia mexer-se mais do que antes, e já sentia uma formigação nas pernas, muito ligeira. Porém, o prognóstico mantinha-se. Tentava manter o moral elevado, pensando naquilo que iria fazer quando chegasse aos Estados Unidos, mas a volta que a sua vida dera não era fácil de digerir.

Bill tornara-se o doente favorito da equipe de enfermeiras. Estas continuavam tentando adivinhar qual era a relação que existia entre ele e Isabelle, mas a explicação para aquilo que viam não era fácil. Muitas diziam que tinham um caso, uma ouvira-o dizer à mulher que queria o divórcio, mas, fosse qual fosse o tipo de relação entre os dois, sabiam que gostavam dele e achavam-no muito simpático,

— Eu levo-o. — Afirmou uma das enfermeiras, em conversa com um grupo de colegas no bar. — É um homem muito atraente. — Mas Bill nunca tentara seduzir nenhuma das enfermeiras, nem fora atrevido ou grosseiro com qualquer uma delas. Todas as pessoas que lidavam com ele admiravam-no profundamente. Também repararam que o embaixador americano viera visitá-lo várias vezes.

— O que ele faz? — perguntou outra enfermeira, algo confusa, sem se lembrar do que ouvira, embora soubessem que era um homem importante.

— Qualquer coisa a ver com política — informou uma das enfermeiras de Isabelle. — Parece louco por ela. É pena.

Nisso estavam todas de acordo.

Gordon e Sophie ainda não haviam voltado a visitar Isabelle, quando Cindy e as filhas regressaram da viagem a Paris. Estas entraram bem-dispostas e saíram com ar circunspecto, depois de Cindy e Bill lhes comunicarem que iam

divorciar-se.

— Porquê? — Olivia sentou-se e caiu em pranto.

— Vocês amam-se... não amam? Mamãe?... Papai??... — Olivia e Jane sempre tinham pensado que os pais se amavam, mas Bill tentou explicar que há vários anos que viviam afastados um do outro e que achava melhor para ambos seguirem caminhos diferentes. Não quis falar-lhes dos casos amorosos da mãe ou da infelicidade em que viviam. Preferia manter esses segredos bem guardados. E tinha de admitir que, de algum modo, as coisas estavam melhores entre eles desde que dissera a Cindy que estava tudo acabado. Sentia que havia mais sinceridade na relação com ela. Mas esta deixou claro, antes de partir, que, se ele mudasse de idéias, preferia continuar casada. Bill manteve-se inflexível. Já não queria estar casado com ela. Todos os seus sonhos encontravam-se agora centrados em Isabelle.

— É melhor assim insistiu. — Mas Cindy ficou preocupada com a reação das filhas. Bill não queria explicar que não conseguiria vê-la casada com um inválido. Mas, acima de tudo, já não estava apaixonado por ela. O que sentia por Isabelle revelara-lhe muitas coisas acerca de si próprio e daquilo que não tinha. Não queria continuar vivendo uma mentira. Sabia que nunca teria uma vida em comum com ela, independentemente do fato de ela se recuperar ou não, mas o amor que sentira e continuava a sentir era suficiente para saber que estava na hora de acabar com um casamento sem afeto.

Depois de Cindy e as filhas saírem, ficou em silêncio, pensativo. Prometera telefonar às filhas com frequência. A caminho do hotel, estas perguntaram à mãe se achava que o pai ficara um pouco perturbado da cabeça e se ainda havia chances de ele mudar de idéias. Cindy esboçou um sorriso triste e fez um gesto negativo com a cabeça.

— Ele não está perturbado da cabeça. Eu é que andei de cabeça perdida durante muitos anos. Não fui uma boa esposa para ele — confessou. — Encarei-o sempre como algo adquirido e fiquei ressentida com o seu sucesso e a sua independência, o que foi uma estupidez da minha parte.

Olivia e Jane estavam abaladas com a perspectiva de os pais irem viver em casas separadas.

— Como é que o papai vai conseguir cuidar de si sozinho? — indagou Jane, preocupada. As lesões eram graves e haviam-lhes dito que existia a possibilidade de ele nunca mais voltar a andar.

— Não sei — respondeu Cindy, soltando um suspiro. — Ele é muito orgulhoso e tem uma grande força interior. Conseguirá superar todas as adversidades Mas, respondendo à sua pergunta, Jane, não, não acredito que ele mude de idéia. Nunca muda. Se mete uma idéia na cabeça, geralmente leva-a

avante, por mais contrariedades que encontre. Nem sequer admitirá o erro, se o cometer. Esse viverá sempre com ele. Mas por mais que deteste o que está fazendo, não acho que esteja cometendo um erro. — De certa forma, Bill fizera aquilo que a sua consciência mandava e preservara a amizade, acabando com o casamento, apesar do arrependimento de Cindy. Esta admirava-o por isso. Só tinha pena das filhas. Era um choque tremendo para elas. Estava assustada com si mesma. Sabia que nunca encontraria outro homem como ele.

— Acha que o papai tinha um caso com a Isabelle Forrester? — Perguntou Olivia, sem rodeios; Cindy ficou pensativa durante alguns instantes. Já ponderara essa hipótese muitas vezes.

— Não sei. Ele diz que não, e nunca mentiu para mim, que eu saiba. Julgo que está apaixonado por ela, mas não acredito que tenham feito algo que não deversem. Ela está casada com Gordon Forrester, e o seu pai acha que nunca o abandonará. Talvez não passe de uma simples paixonite, ou talvez sejam só simples amigos.

— Mas pensa que o papai querará casar com a Isabelle Forrester, se ela sobreviver? — insistiu Jane, preocupada.

— Não acho que essa questão se ponha agora — respondeu Cindy. A pobre criatura estava às portas da morte. — Não, não acredito, nem mesmo que ela viva. O seu pai diz que nunca deixará o marido porque toda a sua vida gira em torno de uma criança deficiente.

— O que acha que o papai vai fazer agora, depois de chegar em casa... quero dizer, aos Estados Unidos...? — perguntou Olivia, com ar triste.

— Não sei. Arrumar um apartamento. Voltar ao trabalho. A reabilitação demorará muito tempo. Não creio que ele regresse antes de dois meses. Querem fazer-lhe a fisioterapia aqui.

Olivia e Jane não voltaram a abrir a boca até chegarem ao hotel. Ainda não acreditavam naquilo que haviam acabado de ouvir. Nem Cindy conseguia imaginar a sua vida após a decisão tomada por Bill.

No entanto, Cindy saía do casamento com um profundo respeito por Bill e sabia que nunca mais encontraria outro homem como ele. Tinha pena de não ter visto isso há mais tempo. Sabia que a maior fatia de responsabilidade pelo divórcio era dela, independentemente das culpas que Bill assumia para si próprio.

Cindy e as filhas partiram para os Estados Unidos no dia seguinte, tão cedo que nem sequer tiveram tempo de passar pelo hospital. Telefonaram do aeroporto para despedir-se. Olivia e Jane choravam copiosamente quando desligaram. Não comentou esse fato com ninguém, mas, depois de as filhas desligarem, Bill ficou mergulhado numa profunda tristeza. Sentia-se só.

Começava a perceber o longo e difícil caminho que tinha pela frente. Teria de enfrentar pelo menos um ano ou mais de trabalho de reabilitação. Mas não existia alternativa. De quando em quando, fazia telefonemas de negócios e recebia outros de pessoas que haviam tomado conhecimento do acidente. Porém, a maior parte do tempo, tinha a sensação de viver num ninho, rodeado de enfermeiras e médicos. E Isabelle continuava em coma. Não eram tempos fáceis.

Duas semanas depois do acidente, Bill já evidenciava algumas melhoras. Gordon Forrester não voltara a visitar a mulher. Bill já estabelecera a rotina de a ir visitar de manhã e à noite. Ficava ao lado dela e falava-lhe, na esperança de que ela o ouvisse no seu sono profundo, e depois voltava para o quarto.

As enfermeiras haviam-no informado de que Forrester não podia vir porque o filho se encontrava muito doente. Esperava que não fosse nada de grave.

Na terceira semana após o acidente, Bill perdera quase todas as esperanças de que Isabelle saísse do estado de coma e perguntava-se se Gordon iria deixá-la ali, esquecida e desprezada. Não havia qualquer forma de a transferir para Paris, enquanto estivesse ligada ao ventilador. Era muito perigoso. Começava a ficar preocupado com o que lhe aconteceria depois de ele regressar aos Estados Unidos. Os médicos achavam que ele estaria em condições de partir mais ou menos dentro de um mês. Não suportava ter de a deixar, sem ninguém que a visitasse, que falasse com ela, que a confortasse, que se preocupasse com o seu estado. Não conseguia compreender como o marido era capaz de a abandonar naquela hora, mas esta era a triste realidade. Pensava nisso, certa noite, deitado numa cama ao seu lado, ao mesmo tempo que falava com ela e lhe segurava na mão. As enfermeiras já não achavam a situação anormal. Sorriam e conversavam com ele, quando a visitava, como se já esperassem encontrá-lo no quarto dela várias vezes ao dia.

Nessa cálida noite de julho, Bill dizia a Isabelle que era muito bonita e que tinha muitas saudades de conversar com ela. As janelas estavam abertas e ouvia-se o barulho que vinha da rua. E deu consigo pensando na noite em que haviam ido ao Harry's e depois ao Annabel's. Só tinha vontade de rodar os ponteiros do relógio para trás e reviver essa noite.

— Lembra-se dos bons momentos que passamos? — Murmurou, afagando-lhe os dedos e depois beijando-os. — Adoro dançar com você, Isabelle. Se você acordar, podemos voltar a dançar um dia. — Mas isso não passava de uma recordação, de um sonho distante.

De repente, teve a impressão de sentir uma leve pressão na palma da mão. Primeiro, pensou tratar-se de um reflexo e continuou falando. Então, sentiu de novo a mesma ligeira pressão. Algo aturdido, parou de falar por instantes e olhou para a enfermeira que entrava naquele momento. Não quis dizer-lhe nada,

mas a conversa com Isabelle prosseguiu num tom ligeiramente mais determinado. Depois, fez uma pausa e procurou posicionar-se de modo a poder olhar para ela.

— Tive a sensação de que apertou a minha mão. Quero que a aperte outra vez. — Aguardou um longo instante, que mais lhe parecia uma eternidade, perante o olhar atento da enfermeira, mas nada aconteceu, e esta desviou o olhar. — Repete, Isabelle! Aperta a minha mão, só um pouquinho... Quero que tente outra vez. — Então, como se estivesse a contatar com ele de outro mundo, apertou de novo, quase imperceptivelmente. O rosto de Bill abriu-se num largo sorriso e as lágrimas inundaram-lhe os olhos. — Que maravilha! Estava esfuziante de alegria. Agora quero que abra os olhos. Só um pouquinho... Eu estou olhando para você, Isabelle. Quero que olhe para mim. — Não se vislumbrava qualquer sinal de vida no rosto dela, mas voltou a mexer os dedos. Bill ainda pensou tratar-se de novo de um simples reflexo. Já estava ficando desanimado, quando Isabelle franziu o nariz, mas os olhos continuavam fechados. O coração de Bill começou a bater aceleradamente. Estava voltando a si. — O que foi isso? Você fez uma cara engraçada. Que tal um sorrisinho? — As lágrimas corriam-lhe pelas faces. Todos os seus esforços, toda a sua força e todo o seu amor estavam concentrados nela. A enfermeira que se encontrava no quarto ficou como que petrificada. Mas vira com clareza a fugaz careta que Isabelle fizera. Não se tratara de nenhum reflexo. — Conseguessorrir-me, meu amor? Abra apenas um olho. Tenho sentido tantas saudades suas... — Suplicava-lhe para ela voltar para junto dele. Apetecia-lhe mergulhar no abismo onde ela se encontrava e tirá-la de lá. Continuou a falar com ela durante mais meia hora, sem qualquer resultado. Estava exausto, mas recusava-se a desistir. — Isabelle.. Vá lá, faz aquela cara engraçada que fez há pouco. Vá lá... Franze o nariz. — Desta vez, em vez disso, ergueu a mão vários centímetros acima da cama e depois deixou-a cair, como se o esforço tivesse sido demasiado. — Ótimo! Ótimo! Mas sente-se fatigada... Descansa um pouco, querida. Depois, repete. — Falava sem parar, tentando que ela pestanejasse, mexesse uma parte do rosto, que abrisse os olhos, ou que lhe apertasse novamente a mão. Durante um longo instante, nada se mexeu. Então, vislumbrou uma muito ligeira agitação nos seus olhos.

— Oh, meu Deus... — sussurrou para a enfermeira, que foi correndo chamar um dos médicos para ver o que estava acontecendo. Depois de três semanas às portas da morte, Isabelle começava a recuperar a consciência. E fora Bill que com todo o carinho e afeto a trouxera de novo à vida.

— Isabelle — chamou Bill, num tom mais firme. — Você tem de abrir os olhos, meu amor. Sei que é difícil. Está dormindo há muito tempo. Mas chegou a hora de acordar. Quero ver-te olhando para mim. Quero ver-te e sei que também

quer ver-me. Abre os olhos. Só um pouco. — Mal acabou de dizer isto, Isabelle abriu os olhos. Nem sequer esperava que fosse isso que ela fizesse. Depois de todo aquele tempo, já ficaria satisfeito com qualquer sinal que ela fizesse. Mas, dessa vez, os olhos, há muito fechados, abriram-se. — Isso isso... pode abri-los mais. Mais um pequeno esforço, querida. Abre esses olhos maravilhosos. — O médico já se encontrava no quarto nesse instante, mas manteve-se à distância, sem interferir. Bill estava alcançando grandes progressos e achava que não conseguiria fazer melhor. — Isabelle, estou à espera que você olhe para mim. Há muito que anseio por este momento. — Ouviu-se então um longo e gracioso suspiro, e Isabelle abriu os olhos, voltando a fechá-los de imediato, como se o esforço tivesse sido excessivo. — Vá lá, querida, mantém-os abertos o tempo suficiente para olhar para mim. Por favor, meu amor... — Vê-la recuperar a consciência era como observá-la chegar à Terra vinda de um planeta distante. Então, por fim, Isabelle abriu de novo os olhos, virou a cabeça e fitou-o, ao mesmo tempo que soltava um pequeno gemido. Bill ficou com a impressão de que o movimento que ela realizara com a cabeça lhe causara dor. Isabelle esboçou então um sorriso, com os olhos novamente fechados. Dava a sensação de que queria articular uma palavra.

Durante muito tempo, tentou, sem êxito. Então, reabriu os olhos e disse o nome dele, numa voz que mais parecia um vagido.

— Bill.

Este beijou-lhe a mão e teve de conter um soluço para conseguir falar. Queria compensá-la por aquilo que fizera.

— Isabelle, amo-te tanto... Você foi uma menina linda. Fez um esforço tremendo para voltar a si.

— Sim — murmurou Isabelle, fechando novamente os olhos para os abrir de imediato. — Amo-te... Bill — proferiu ela, como que saboreando a palavra.

— Julgo que foi aí que ficamos — acrescentou Bill, sorrindo por entre as lágrimas. Desde a noite em que haviam se beijado e sido atingidos pelo ônibus, passara uma eternidade. — Você esteve ausente durante tanto tempo! Tive tantas saudades suas!

— Fala comigo... — pediu Isabelle, baixinho, com um sorriso, enquanto Bill, a enfermeira e o médico sorriam. Há três semanas que ele não fazia outra coisa que não fosse falar com ela. Era como se soubesse que conseguiria trazê-la de volta. Nunca desistira, embora, nos últimos dias, já começasse a desanimar; mas nunca perdera a coragem. — Gosto de te ouvir... falar — disse, com voz cansada. O esforço fora muito grande.

— Também gosto de te ouvir falar. Há muito que esperava escutar a sua voz. Onde estiveste, meu amor? — perguntou Bill, quase num sussurro, com a mão

dela ainda na sua.

— Fora — respondeu Isabelle, com novo sorriso nos lábios. Olhou então para Bill, com um rol de perguntas no olhar. Sabia que ele tinha as respostas. — Há quanto tempo.?

— Três semanas.

— Tanto tempo. — As palavras pareciam sair a custo, mas estava recuperando-se muito bem.

— Sim, foi muito tempo. — Havia tanta coisa para lhe dizer, tanto para partilhar, mas ainda era muito cedo para isso. Acabara de chegar de um lugar distante.

Isabelle lembrou-se então de algo e olhou-o com ar preocupado.

— O Teddy e a Sophie já..

— Eles estão ótimos. — Esperava não estar mentindo-lhe, uma vez que não havia notícias recentes e sabia que Teddy não estivera bem. Mas tinha certeza de que o pequeno melhoraria assim que soubesse que a mãe estava recuperando-se. — A Sophie esteve aqui. Veio visitar-te. É uma garota maravilhosa e parecida com você. — Isabelle sorriu e fechou os olhos. Quando os abriu, havia outra pergunta neles. Bill sabia qual era. — Ele esteve aqui.

Isabelle estremeceu.

Dói-me... a cabeça.

— Aposto que sim. Era de esperar.

— As outras coisas, também. — O médico interessou-se de imediato por aquilo que Isabelle dizia e fez-lhe algumas perguntas. Estava extremamente satisfeito e sugeriu que ambos descansassem, pois havia sido uma noite de muita excitação. Isabelle pareceu preocupada com o que o médico acabara de dizer. Entretanto, os enfermeiros já haviam entrado no quarto para levar Bill. — Não. Não o levem! — Apertou a mão de Bill com mais força. Este olhou para o médico com ar interrogativo.

— Posso ficar aqui?

Instalou-se um longo silêncio, enquanto o médico ponderava a hipótese. Não havia qualquer razão para ele ali não poder ficar. Eram adultos e amigos, e as enfermeiras podiam vigiar a recuperação de ambos no mesmo quarto. Era o prêmio adequado por aquilo que Bill fizera nessa noite.

— Acho uma boa idéia. — Bill já não estava ligado a monitores. A única coisa de que precisava era do saco de soro ao lado da cama e dos medicamentos para as dores, para o caso de precisar, o que raramente acontecia.

— Quero que durma aqui — insistiu Isabelle, agarrando-lhe a mão com força. Estava consciente, recuperara a vida e voltara para Bill. Era a noite mais feliz deste.

O médico examinou-a então, e ficou satisfeito. Fez-lhe mais algumas perguntas e ela disse-lhe como sentia a cabeça. Acrescentou ainda que também sentia o corpo muito pequeno e que tudo dentro dela estava extremamente apertado. O médico explicou-lhe que essa sensação se devia às lesões internas e que se manteria durante mais algum tempo. Teria oportunidade de a examinar em pormenor mais tarde. O que ambos precisavam agora era de descansar.

A enfermeira deixou apenas uma pequena luz ligada e uma outra veio ajudar a colocar Bill de lado. Este ficou satisfeito porque assim via Isabelle melhor. Não lhe apetecia dormir. Só queria ficar toda a noite olhando para ela e a tocando-lhe na mão. Isabelle, que ainda tinha a mão dele na sua, esboçou um sorriso. Exibia um ar infantil. Era a imagem da filha.

— Você é tão bonita — murmurou Bill, — e amo-te tanto.

Valera a pena a longa espera de três semanas.

— Tive muitas saudades suas.

— Como é que sabe? — retorquiu Bill, enquanto a enfermeira sorria, num canto do quarto.

Pareciam duas crianças aos cochichos, no quarto escuro. As enfermeiras trocaram um sorriso e detiveram-se demoradamente à porta, olhando para o par amoroso. Nenhuma delas esperava que Isabelle sobrevivesse.

Nessa tarde, o médico telefonou a Gordon para informá-lo de que a esposa já não se encontrava em coma. Sentia que era esse o seu dever. Mas Gordon não estava em casa e o médico pediu à mulher que atendeu, a enfermeira de Teddy, para dizer a Mister Forrester que telefonara. Não quis dizer do que se tratava. Bill e Isabelle ter-lhe-iam ficado gratos se tivessem sabido desse fato.

Dava a sensação de que sempre haviam dormido juntos. Isabelle tentou virar-se de barriga para cima uma vez, mas as dores na cabeça eram muitas e teve de manter-se voltada para Bill, que não despregava os olhos dela.

— O que te aconteceu? — perguntou Isabelle, reparando no enorme colar cervical imobilizava o pescoço de Bill.

— Sofri lesões no pescoço e na coluna. Vou ficar bem. — E certamente que iria. Já tinha aquilo por que esperara durante três semanas.

— Tem certeza?

— Absoluta. Nunca me senti tão bem como agora.

— Eu também. — Olhou-o então com ar pensativo. — Não me lembro de nada... Como é que viemos aqui parar

— É uma longa história, meu amor. Podemos falar dela amanhã. Fomos abalroados por um ônibus. — Não iria lhe dizer que onze pessoas haviam perecido no acidente e que ela estivera prestes a engrassar esse número. — Só me lembro de estar beijando-te e depois de me encontrar aqui.

— Também é o que eu recordo — disse Isabelle, bocejando. Bill sentiu uma vontade louca de a beijar, mas não podia mexer-se. A única coisa que conseguia fazer era tocar-lhe no rosto ou na mão. — Um destes dias, gostaria de te beijar de novo.

Bill não respondeu. Fez-se um longo silêncio, enquanto ele refletia na possibilidade de, aos seus próprios olhos, já não ser homem. E pegou-lhe na mão. Era a única coisa que podia oferecer agora.

— Espero que as crianças estejam bem — prosseguiu Isabelle, pensando nos filhos e desconhecendo os terrores de Bill relativamente às suas capacidades sexuais.

— Eles virão para cá mal saibam que você já não está em coma — asseverou-lhe.

De repente, Isabelle ficou com um ar triste e apertou-lhe a mão com mais força.

— E ele virá também, não é?

Bill não quis dizer-lhe que Gordon não a visitava há duas semanas. Achava que não era a ele que competia conformá-la. Detestava Gordon por tudo o que não fizera por ela e pelas coisas horríveis que lhe fazia.

— Não pensemos nisso agora. Porque não fecha os olhos e tenta dormir? — Tinha vontade de afagar-lhe os cabelos.

— Pensei que me quisesse acordada — gracejou Isabelle. Avançava a olhos vistos para a recuperação, depois de três semanas em coma e de um acidente ao qual quase não sobrevivera. Mantinha a mesma força interior de outrora. Fora esta, juntamente com o amor de Bill, que a trouxera de novo à vida.

— Dorme. Está falando muito, vai ficar esgotada. — Não conseguia deixar de sorrir. Parecia ainda mais bonita do que antes.

— Quero passar a noite toda conversando. — Depois lembrou-se de mais uma coisa. Quero dançar com você outra vez.

— Um dia.

— E quero voltar ao Harry's. — Isabelle fazia a lista de desejos. Bill limitava-se a sorrir.

— Agora? — gracejou, mais feliz do que nunca. Sentia um prazer muito grande em estar ali deitado conversando com ela.

— Está bem. Amanhã. E depois vamos ao Annabel's. Temos de recuperar o tempo perdido. Há semanas que não danço.

— É melhor ficar quietinha, se não, os médicos põem-te a dormir outra vez.

— Só quero ficar aqui deitada com você. — E riu baixinho. Agora já podemos dizer que dormimos juntos.

— Para quem esteve três semanas em coma, está a portar-se muito mal. Não

devia pensar nessas coisas — gracejou Bill, em tom de reprimenda, com uma vontade incontrollável de a abraçar; porém, no coração, estava a fazê-lo. No coração, Isabelle seria sempre sua. Desde essa noite que o era acontecesse o que acontecesse, nada alteraria esse fato. Ela atravessara as trevas para voltar para ele e agora nunca mais iria perdê-la.

— Caminhávamos em direção a uma luz muito brilhante.. íamos para um local qualquer, por um caminho estreito. e as crianças começaram a chamar-nos, e demos meia volta.

Bill teve a sensação de ter sido atingido por um raio ao ouvir aquelas palavras. Quando acordara do estado de coma, lembrava-se de ter tido exatamente a mesma visão, tal qual Isabelle a descrevia.

— Como era a luz?

— Muito brilhante... e eu estava muito cansada, e sentei-me numa pedra. Não queria voltar, mas você continuava insistindo para voltarmos, que podíamos ir lá em outra hora. Eu não queria, mas deixei que me puxasse. — E fora o que acontecera nessa noite. A primeira vez, Bill retirara-a das mãos da morte, a segunda, das trevas onde se encontrava mergulhada num sono profundo. Aquilo que Isabelle descrevera da pedra e da luz brilhante fora exatamente o que ele vira.

— Isabelle, também lá estive. — Bill mostrava-se estupefato e ela não sabia porquê. Tive o mesmo sonho que você teve. Tal qual o descreveu.

— Eu sei, eu estava lá — afirmou Isabelle, como se se tratasse de algo normal. Vi-te, dei-te a mão e voltamos.

— Porquê? — Bill fazia um esforço de memória, tentando entender o que lhes acontecera. Não era uma coisa normal. Havia pessoas que falavam dessas experiências, mas muitas delas não partilhavam a mesma luz brilhante no mesmo sonho, a mesma pedra, o mesmo caminho, a mesma lembrança. Bill acreditava que, algures, numa outra vida, as suas almas se haviam encontrado e tornado uma só.

— Voltei porque você me pediu. Mas depois tornei a perder-me. Acho que adormeci à beira do caminho.

— Claro. E se voltar a fazer isso outra vez, zango-me a sério com você. Nunca mais se perca de mim!

— Não, nunca mais — prometeu Isabelle, beijando-lhe os dedos. — Obrigada por ter esperado por mim e me ter trazido de volta. — Estava ficando emocionada. Bocejou várias vezes e, antes que ele conseguisse dizer o que quer que fosse, deixou-se adormecer num sono tranquilo. Ao olhar para ela, Bill recordou perfeitamente aquilo que Isabelle descrevera, a caminhada em direção à luz brilhante, com ela à sua frente. Fizera um esforço titânico para a trazer de

volta. Não sabia muito bem o que isso significava, mas estava convencido de que algo de extraordinário lhes acontecera. Sabia que, apesar de tudo o que se passara, era um homem cheio de sorte.

CAPÍTULO DEZ

No dia seguinte, às oito da manhã, o médico telefonou a Gordon Forrester com o intuito de lhe dar a notícia, mas a mesma voz informou-o de que ele não se encontrava em casa. Às dez, conseguiu, finalmente, encontra-lo no escritório. Este ficou algo perplexo e disse que estava muito contente com a notícia. Perguntou então se podia falar com a mulher, mas esta ainda não tinha telefone. O médico informou-o de que ia mandar instalar um para Isabelle, e Gordon poderia telefonar-lhe para o quarto nessa tarde.

— Com certeza os filhos querem falar com a mãe — sugeriu o médico, algo atrapalhado.

Gordon já tomara com certo o fato de a mulher nunca mais sair do estado de coma e mostrava-se espantado com a notícia.

— Como é que isso aconteceu? — indagou. O médico fez uma ligeira pausa. Não queria falar do papel de Bill Robinson nesse processo, e tanto este como Isabelle também não desejariam certamente que o fizesse. E não se enganava.

— Sozinha — respondeu o médico. Era a única coisa que Gordon precisava saber.

— Boa recuperação — comentou Gordon, como se estivesse falando de um torneio de golfe ou de uma partida de tênis. Em claro contraste com as lágrimas de alegria de Bill na noite anterior, como se falasse de um amigo distante. Parecia inacreditável que Isabelle fosse sua esposa. Talvez isso explicasse a relação dela com Bill. Depois de os ver na noite anterior, havia perguntas a que o médico não queria responder. E interrogou-se sobre quando é que Gordon voltaria a Londres. Para bem dos dois doentes, esperava que ele não voltasse tão depressa ao hospital. Via-se que estavam loucamente apaixonados. Era impossível resistir a um amor assim, que fora até ao limiar da morte e voltara. Isso era algo muito precioso que poucas pessoas partilhavam. — Informe-a que telefonarei logo à tarde, quando chegar e casa. — Foi tudo o que disse, e o médico asseverou-lhe que o faria.

A enfermeira deu o recado a Isabelle quando lhe instalaram o telefone. Estava ansiosa por falar com os filhos, mas não com Gordon.

— O que vamos fazer agora? — perguntou a Bill, nessa tarde, enquanto almoçava pela primeira vez, desde que saíra do estado de coma. Havia-lhe trazido uma tigela de sopa muito ligeira e gelatina.

— O que quer dizer? Uma partida de *croquet* ou de golfe, ou um passeio no parque? — gracejou Bill, mas desta vez Isabelle não sorriu.

— O Gordon vai querer levar-me para Paris, logo que melhore. — Queria ver

os filhos, como é óbvio, mas não queria deixar Bill.

— Não creio que isso aconteça a curto prazo — declarou Bill, tentando manter a calma. — Não acredito que possa saltar da cama e sair pela porta correndo. — Ainda tinha de realizar muitos tratamentos e a cabeça precisava de extremos cuidados. Nessa manhã, o médico dissera-lhe que esperava tê-la no hospital durante, pelo menos, quatro semanas. Era mais ou menos o tempo que tinham estipulado para Bill.

— E depois? — perguntou Isabelle, enquanto a enfermeira lhe dava a sopa. Ainda não tinha força suficiente nas mãos para se alimentar sozinha. Encontrava-se extremamente debilitada, o que não era surpresa para ninguém.

— Haveremos de arranjar uma solução. — Bill ainda não lhe dissera que, muito provavelmente, não voltaria a andar. Tinha de pensar no assunto. Achava que, de momento, ela não precisava saber. A menos que as coisas tivessem mudado radicalmente durante o período que estivera em coma, sabia que Isabelle voltaria para casa, para cuidar do filho. É claro que poderia telefonar-lhe e vê-la de vez em quando, mas não queria que sentisse pena dele, caso ficasse confinado a uma cadeira de rodas. A única coisa que desejava dela era o seu amor. Mas se nunca mais voltasse a andar, era possível que nunca mais a visse depois de saírem do hospital, e teriam de continuar a relação por telefone. Ainda não sabia muito bem o que iria fazer. De momento, Isabelle pensava que o estado de Bill era temporário e este sentia-se inclinado a deixar as coisas tal como estavam. Não queria que ela pensasse que estava pressionando-a. Sabia muito bem que chegaria o dia em que Isabelle teria de ir para casa, para junto da família. Agora a única coisa que queria era gozar os dias que lhes restavam.

Nessa tarde, quando Gordon telefonou, Isabelle encontrava-se no quarto, na companhia de Bill. O marido comunicou-lhe então que estava muito mais aliviado por saber que ela já melhorara, como se Isabelle se encontrasse a recuperar-se de uma luxação no tornozelo ou de uma queda. Na verdade, Bill tinha a sensação de que Isabelle regressara da morte. No instante em que ela acordou, Gordon já não alimentava qualquer esperança de que ela vivesse ou saísse do coma. Começava a ver-se no papel de viúvo e teve de voltar a pôr os ponteiros do relógio para trás, a fim de retomar o casamento com ela. O tom de voz de Gordon era muito estranho e Isabelle concluiu, corretamente, que o marido devia estar furioso com Bill e com ela própria. Falou depois com os filhos. Sophie chorou ao ouvir a voz da mãe e a única coisa que Teddy conseguiu fazer foi soluçar. Achou-o muito debilitado e perguntou a Gordon, quando os filhos lhe passaram o telefone, como Teddy se encontrava realmente. Não conseguiu conter a emoção de os ouvir. Estava extremamente preocupada com eles.

— Ele vai ficar muito melhor agora — afirmou Gordon, em tom de indiferença. Sophie queria visitar a mãe, mas o pai disse-lhe que ela não tardaria a voltar para casa. — Quando é que te darão alta? — indagou, com algum pragmatismo. Achava que não havia razão para ir vê-la, uma vez que viria para casa em breve.

— Dentro de quatro semanas, dependendo do fígado, do coração e da cabeça. — Não se tratava de problemas pequenos, mas não pareceu impressionado. Agora que a mulher já saíra do estado de coma, pouco lhe importava o resto.

— Quatro semanas parece-me muito tempo, não acha. Estou certo de que te darão alta mais cedo, se eu pedir. — Gordon desconfiava que Isabelle não queria sair do hospital tão cedo, porque Bill ainda se encontrava lá. Não iria tolerar tal coisa. — Vou eu próprio falar com o médico. pode ter todos os cuidados médicos de que precisa aqui em Paris.

Isabelle ficou em pânico quando desligou o telefone e avisou, de imediato, o médico de que Gordon iria telefonar-lhe pressionando-o para manda-la para a França.

— É isso que quer, Isabelle? Podemos transferi-la para um hospital de Paris mais ou menos dentro de uma semana. Ainda não está em condições de ir para casa

— Quero ficar aqui. — E ambos sabiam o porquê.

— Eu trato do assunto — asseverou-lhe o médico. Estava disposto a fazer isso por ela e por Bill. Gostava de ambos. Haviam estado às portas do inferno e conseguido regressar. Os filhos podiam esperar. Porém, mais tarde, admitiu a Bill que se sentia preocupada com Teddy, que não lhe parecera estar bem, e que era a única coisa que a fazia voltar para casa mais cedo do que o planejado. Estava ficando louca só de pensar na falta que estaria fazendo-lhe, apesar de saber que se encontrava em boas mãos.

— Isto deve ter sido um choque tremendo para ele. Só Deus sabe o que Gordon lhe disse sobre o estado em que você se encontrava. Mas agora que ouviu a sua voz e sabe que estará em casa dentro de poucas semanas, estou certo de que melhorará dia a dia.

Isabelle sentiu-se mais animada com as palavras de Bill.

— Espero bem que sim. Graças a Deus, a Sophie está lá. Queria vir ver-me, mas aconselhei-a a não o fazer. O Teddy precisa mais dela lá do que eu preciso aqui. — Além disso, ali tinha Bill. Queria gozar os dias que lhes restavam até se separarem. — E a Cindy? Acha que ela virá aqui ver-te?

Não limitou-se a proferir, sem explicar porquê. E as filhas andariam ocupadas durante todo o verão. Disse-lhes que as veria quando regressasse. Bill também pedira ao médico que não informasse Isabelle sobre a extensão das lesões na sua

coluna e sobre o fato de que, muito provavelmente, nunca mais voltaria a andar. Esta era uma coisa, para além do divórcio, que não queria que ela soubesse. Precisava de tempo para ver como é que o seu estado iria evoluir. Isabelle sabia que o período de convalescença de Bill seria prolongado, de seis meses a um ano, por isso não ficaria espantada com o fato de ele não andar.

Se ela estivesse disposta a deixar Gordon, então ele teria de equacionar as coisas de outra maneira. E teria de lhe contar a verdade quanto às pernas. Mas uma vez que estava determinada a voltar para Gordon, não queria arranjar-lhe motivos de preocupação. Já tinha problemas que chegassem com o filho deficiente. E agora que já vira o marido dela, Bill sabia o que a esperava em Paris. Gordon parecia não ter consideração, nem amor, nem simpatia, nem respeito por ela. Todo o seu mundo girava em torno dele próprio, e Isabelle não passava de um simples peão, da assistente do filho deficiente. Estava preocupado com a vida difícil que a esperava, talvez até ainda mais difícil do que antes. Gordon desconfiava dela e, se calhar, iria castigá-la pelos pecados que supostamente teria cometido nas suas costas. Isabelle teria de ter cuidado com ele, ou veria a sua vida transformada num inferno. Nem sequer quando a mulher estivera em coma, às portas da morte, se preocupara em ficar com ela mais do que dois dias.

Ao fim da tarde, quando falou com ele, o médico referiu novamente que Isabelle só podia ser transferida daí a, pelo menos, quatro semanas. Não se mostrou satisfeito. Achava que os médicos não estavam a ser razoáveis, considerando-os demasiado zelosos. O médico acabou por assustá-lo com a hipótese de poderem ocorrer complicações horríveis, ou até de poder entrar de novo em coma.

— Ainda me tiram a carteira profissional — gracejou o médico, quando falou do telefonema a Bill e a Isabelle. Era de opinião de que eles tinham direito a um pouco de felicidade e a uma compensação pela agonia por que ambos haviam passado. Por outro lado, os tormentos de Bill não estavam acabados. O médico sabia muito bem que a sua reabilitação iria ser longa e difícil. Teria lugar num hospital de Nova Iorque, onde iriam ajudá-lo a readquirir o máximo de sensibilidade nas pernas. Tanto um como outro não faziam idéia do que estava reservado para Bill.

Para já, tinham quatro semanas para estarem juntos, a rir, a conversar e a gozar o seu amor. O hospital era um refúgio seguro para ambos, depois da situação traumática por que haviam passado e antes de voltarem às suas vidas. Não tardaria a terem o choque com a realidade.

Nessa noite, voltaram a dormir no quarto de Isabelle.

Do dia seguinte em diante, passaram a dormir no de Bill. Estavam livres de

monitores. Passavam longas horas à tarde falando das suas vidas, das suas esperanças, dos seus sonhos. O tempo que partilhavam era uma rara dádiva, ganha a muito custo.

Jogavam cartas, liam livros e Bill até lhe ensinou jogos de dados. Ficavam horas esquecidos a conversar, tomavam as refeições no mesmo quarto. O fígado de Isabelle estava melhor e cicatrizando lentamente. O ritmo cardíaco continuava irregular, se bem que ligeiramente melhor. Às vezes, tinha dores de cabeça fortíssimas. Cansava-se com muita facilidade e dormia bastante.

Bill continuava com o colar cervical no pescoço. As lesões na coluna estavam cicatrizando e, por vezes, tinha dores nas costas. Nessas horas, Isabelle massageava-lhe os ombros e os braços. Já reparara na pouca mobilidade que ele tinha nas pernas, mas este continuava a garantir-lhe que da próxima vez que se encontrassem já andaria. Não achava estranho Bill ainda não conseguir andar. Passara-se apenas um mês desde o acidente, o que não era muito tempo. Falavam muito pouco das dores que sentiam. A maior parte do tempo, trocavam confidências, falavam sem parar e gracejavam um com o outro.

Numa tarde de sol de junho, Isabelle, que saíra do coma precisamente duas semanas antes, estava deitada na cama de Bill. Contavam histórias da sua infância. Tinha o cuidado de não lhe tocar em algo que ainda lhe doesse, especialmente na coluna. Enquanto falava dos tempos com os avós no Hampshire, passava-lhe os dedos pelo braço. Depois, fazia-os deslizar pelos ombros e pelas costas, onde sabia que não havia qualquer problema. Bill olhava-a com ar enternecido. E, de súbito, esboçou um sorriso de garoto traquinas.

— Porque está olhando-me dessa maneira? — perguntou Isabelle, julgando que Bill troçava dela. — Estava falando sério do meu avô. Era um homem muito bom.

— Tenho certeza que sim. Deixei de ouvir o que está dizendo há cinco minutos. O desejo está deixando-me doido.

— O que tinha em mente? Uma partida de dados?

— Melhor do que isso — respondeu Bill, beijando-a nos lábios. Conseguira arranjar maneira de o fazer, inclinando-se ligeiramente para a frente. Beijavam-se muitas vezes, especialmente à noite. — Isabelle, não sei o que é que isto vai dar, mas apetece-me fazer amor com você. — O grau de excitação aumentara na última meia hora. Sentia um bem-estar tão grande que estava disposto a tentar. Ainda se encontravam ambos muito fragilizados, mas já há muito que Bill experimentava uma incontrolável vontade de fazer amor com Isabelle. Já antes do acidente sentia esse desejo.

— Está bem, meu amor. — Isabelle estava disposta a fazer amor com ele, mesmo que não fosse além de se enlaçarem nos braços um do outro. Percebia

perfeitamente o que Bill tinha em mente. — O que diz de trancarmos a porta? — Havia fechos nas portas que ninguém utilizava, mas esta parecia uma excelente oportunidade para começar.

— Acha que vão expulsar-nos do hospital? — perguntou Bill, esboçando um amplo sorriso, enquanto Isabelle se levantava para ir fechar a porta. Mal conseguia mexer-se, mas sentira um irresistível desejo por Isabelle na última meia hora, de tal modo que agora não conseguia pensar em outra coisa. Há muito que andava ansioso por saber se a função sexual fora afetada. O nervosismo era muito, mas nenhum dos dois conseguia resistir ao impulso. A relação era terna, apaixonada e assentava na confiança mútua.

— Não creio que fosse isto que tinham em mente, quando nos deixaram dormir no mesmo quarto — disse Isabelle, com um sorriso malicioso nos lábios.

— Eles é que o permitiram — retorquiu Bill, algo nervoso. — Esta é a melhor parte. — Pelo menos, esperava que fosse. E se não fosse? Estremecia só de pensar.

Isabelle interrompeu-o, com ar sério, e beijou-o carinhosamente nos lábios.

— A melhor parte é aquilo que já temos.. amor um pelo outro, estarmos juntos... Adoro tudo em você, Bill. Qualquer coisa que venha agora é uma dádiva suplementar, mas não é a melhor parte. Você é que é.

Bill não fazia a mínima idéia se conseguiria fazer amor. Mas o desejo era incontrollável. O médico dissera-lhe que era possível e esperava que ele tivesse razão. Caso contrário, seria uma enorme desilusão para ambos. Mas não queria lhe dar conta dos seus receios. Tinha medo que Isabelle ficasse preocupada ou sentisse pena dele. Esta última hipótese era a que mais receava.

Isabelle despiu então a bata de Bill, pondo a descoberto toda a beleza do seu corpo. Bill ardia de desejo. Não havia vergonha ou pudor entre eles, era como se tivessem estado sempre juntos. Enquanto Isabelle o acariciava, Bill não conseguia disfarçar o nervosismo. Sentia emocionalmente tudo o que ela lhe fazia, mas não sabia como é que o resto iria reagir. Isabelle despiu então a sua bata, ao mesmo tempo que ele lhe acariciava os seios. Os corpos que haviam sofrido tanto esqueceram, de repente, todas as suas dores. Começou por beijá-lo na boca, depois no peito, sempre com extrema sensualidade. Ao mesmo tempo que tentava excita-lo, tinha cuidado em não o machucar, não exercendo peso sobre ele, apenas o suficiente, nos lugares certos. Bill sentia o requintado prazer por que há muito ansiava, mas o efeito desejado não tinha lugar, para grande consternação sua.

Mesmo sentindo prazer, tinha consciência de que o seu corpo se encontrava, de alguma forma, adormecido. Apesar da enorme paixão por Isabelle, não estava na plena posse das suas faculdades físicas. Havia algo dentro de si que não

permitia a reação aos estímulos. Não sabia se era o cérebro, se a coluna vertebral. E não obstante o desejo intenso de fazer amor com Isabelle, sentia o medo de falhar apossando-se progressivamente de si. Com ela de cócoras, por cima dele, Bill começava a dar-se conta de que o corpo não iria conseguir dar resposta aos estímulos que recebia. Sentia-se não só um idiota como um doido varrido por ter tentado.

Isabelle percebeu o que estava se passando com Bill, mas o amor por ele era tanto que a única coisa que queria era que se sentisse feliz e amado. Já estava preparada para a eventualidade de as coisas não funcionarem, pelo menos na primeira vez. Bill sofrera traumatismos graves. Teria de esperar pacientemente pelo retorno das suas capacidades sexuais. Isabelle só quisera dar-lhe esperança e vida. Mas em vez de esperança, a única coisa que vislumbrava no olhar de Bill era desespero pelos esforços para consumir a sua paixão terem falhado.

— Tudo bem, meu amor, tudo bem. Você tem de ter paciência — murmurou Isabelle, enquanto Bill a abraçava, para depois a afastar delicadamente e se virar de lado, destroçado por não ter conseguido fazer amor com a mulher que amava. Achava que nada do que ela pudesse dizer poderia alterar esse fato. E prometeu a si mesmo que nunca mais voltaria a tentar. Apesar da ternura e o amor que Isabelle tinha por ele, sentia-se humilhado e mais dependente do que nunca. Era o pior dia da sua vida. Já não se sentia um homem. E nada o convenceria a tentar outra vez. E muito menos com Isabelle.

— Veste-se — sussurrou Bill.

Isabelle hesitou, querendo fazer qualquer coisa por ele. Bill encontrava-se num estado de profunda depressão, e qualquer esforço ou carícia para o confortar só o perturbaria ainda mais. Meteu-se então debaixo dos lençóis, muito juntinha a ele.

— Tudo bem, Bill — murmurou Isabelle, num tom terno. — Essas coisas acontecem. — Ambos sabiam os sentimentos que ele nutria por ela, mas quisera mais do que isso.

— Isto é só o começo. — Beijou-o no rosto e tentou pegar-lhe na mão. Bill repeliu-a. Tentava conter as lágrimas a muito custo. Só lhe apetecia fugir, mas, no estado em que se encontrava, não tinha qualquer chance de o fazer.

— Não, isto não é o começo — retorquiu, irritado. Estava furioso consigo, não com Isabelle. — É o fim.

O fim da sua vida enquanto homem.

— Não é o fim de nada — ripostou, como se estivesse falando com uma criança. — O médico disse-te que a recuperação da função sexual pode levar algum tempo. — Mas Bill estava aterrorizado com a hipótese de a incapacidade sexual ser permanente. Outra mulher não teria conseguido imaginar o que esse

fracasso, do ponto de vista sexual, representava para ele. A única coisa que este via à sua frente era um aterrorizante futuro sem sexo. Como qualquer outro homem, já passara por essa situação algumas vezes na vida, quando andava muito cansado, ou aborrecido, ou preocupado com a política, ou quando bebera demasiado. Mas agora era a primeira vez que fazia amor com Isabelle, e a primeira vez, depois do acidente, que tentava provar que ainda era homem, independentemente de voltar ou não a andar. Isabelle foi compreensiva e tentou acalmá-lo. Acreditava que Bill acabaria por recuperar a função sexual. E mesmo que não recuperasse, estava preparada para aceitar qualquer tipo de limitações que ele tivesse e continuaria a amá-lo. Para Isabelle, nada alteraria, mas, para Bill, todo o seu mundo ruiria caso não recuperasse a sua masculinidade, estava disposto a sair da vida de Isabelle. Nessa noite, perdera muita coisa: o auto-respeito, a auto-estima, o sentido da sua própria masculinidade e toda a esperança em qualquer tipo de futuro com Isabelle, se as suas capacidades estivessem perdidas para sempre.

Para ela, era uma insensatez da parte dele chegar a esse ponto por causa de uma tentativa fracassada de fazer amor com ela. Bill sentia-se aterrorizado com o fato de aquilo poder significar o fim da estrada para ambos, embora a sua incapacidade de realizar o ato sexual não significasse nada para ela. Continuava a amá-lo cada vez mais e a sentir uma infinita ternura por ele

CAPÍTULO ONZE

O estado de espírito de Bill sofreu um duro golpe depois da tentativa fracassada de fazer amor. E embora continuassem dormindo no mesmo quarto, mantinha-se inflexível quanto à idéia de não voltar a fazer nova tentativa. Isabelle tentava animá-lo, mas não queria pressioná-lo. Dizia-lhe que, com tempo e paciência, acabaria por recuperar as suas capacidades sexuais. Mas Bill recusava-se a aceitar que houvesse a mínima esperança de recuperação. A porta para a vida como homem encontrava-se fechada. Continuavam a manter uma relação íntima e a confortarem-se mutuamente, mas Bill não estava disposto a voltar a tentar fazer amor com Isabelle.

À medida que os laços emocionais entre os dois iam ficando mais fortes, o tempo parecia escoar-se a um ritmo cada vez mais veloz. Os fisioterapeutas iriam iniciar o trabalho de reabilitação com Bill, e Isabelle submetera-se a um sem-número de exames, de todo o gênero, de eletroencefalogramas a ecografias do coração. A pouco e pouco, o processo de recuperação de ambos ia avançando, e tanto Bill como Isabelle estavam cada vez mais cientes de que os dias juntos não tardariam a chegar ao fim. O acidente fora um preço demasiado elevado a pagar por alguns meses vivendo ao lado um do outro. Porém, à medida que o tempo avançava, começavam a sentir-se como se fossem casados.

Passavam o dia sentados no quarto, no dele ou no dela. Bill acompanhava-a aos exames, lia o jornal, tomavam o café da manhã juntos e, à noite, dormiam em duas camas de hospital colocadas lado a lado. A única coisa que faltava na sua vida conjugal era o sexo, que continuava a ser um assunto doloroso para Bill. Apesar da ausência do lado físico da relação, Isabelle nunca fora tão feliz na vida.

— Isto parece mais uma estância balneária do que um hospital — gracejou uma das enfermeiras, quando os dois entraram no quarto, depois de terem estado ao sol. Isabelle tivera dores de cabeça nesse dia e haviam-lhe feito um eletroencefalograma depois de almoço, mas o médico disse que não havia qualquer problema. O seu estado clínico continuava a evoluir satisfatoriamente. O regresso a Paris estava já a poucas semanas de distância. Sentia um pavor tremendo de deixar Bill e não sabia quando voltaria a vê-lo.

Falava com os filhos todos os dias e achava que Sophie andava debaixo de um enorme stresse, o que a preocupava. Toda a responsabilidade por Teddy repousava nos seus ombros, e, embora Isabelle falasse com ele com frequência, Teddy não se encontrava nas melhores condições. Sentia-se culpada por estar há tanto tempo longe deles, mas, de momento, não tinha alternativa que não fosse ir

para um hospital de Paris. Mas sabia que se, por um lado, seria uma tremenda alegria rever os filhos, por outro, seria uma dor excruciante deixar Bill.

Às vezes, falavam do assunto, e Isabelle dizia que talvez pudessem continuar a encontrar-se num lugar qualquer, como acontecera em junho. Não sabia como é que iria conseguir sair de casa, mas arranjaria um jeito de o fazer. Aquilo que agora partilhava com Bill era algo de que não abriria mão facilmente, mesmo que só se encontrassem duas ou três vezes por ano. Bill quase não falou quando ela se referiu a estarem um com o outro de vez em quando. Não queria pensar nesse assunto agora. Embora já sentisse algumas melhoras, a recuperação estava sendo mais lenta do que a de Isabelle e o estado de espírito não era o melhor. Não queria comprometer-se a encontrar-se com ela antes de saber como é que a sua reabilitação iria correr. Continuava não querendo ser um fardo. Mas também não queria deixar de ver Isabelle. Depois daquilo que haviam partilhado no hospital e do tempo aí passado, não era difícil imaginar que os telefonemas não seriam suficientes para qualquer um deles.

Não sei se está sendo realista relativamente à hipótese de nos encontrarmos em Paris — disse Bill, um dia. — O Gordon não sabe o que aconteceu aqui em Londres, mas sabe que estávamos juntos naquela noite. — Disse-me para sair do su quarto, com maus modos, quando eu estava aqui ao seu pé. Não creio que fique impávido e sereno, quando você sair para passear. Acho que vai andar sempre desconfiado. — E lembrou-se de que até podia mandar pôr escuta nos telefones. Ficara furioso quando descobrira que Isabelle fizera amizade com um homem sem que ele soubesse.

Não disse nada a Isabelle, mas Bill tomara a decisão, semanas antes, de que, se ficasse confinado a uma cadeira de rodas até ao fim da vida, se recusava a ser um fardo para ela, ou para quem quer que fosse. Fora um dos fatores, se bem que não o mais importante, para se divorciar de Cindy. Além disso, se não conseguisse ser um homem com Isabelle, em todos os sentidos, iria pôr fim à relação.

Se voltasse a andar, encontrar-se-ia com Isabelle uma hora, na França, quando ela conseguisse sair de casa. Mas a questão sexual permanecia um ponto de interrogação. Se o centro de reabilitação nos Estados Unidos não tivesse mais êxito em pô-lo a andar do que os médicos em Inglaterra, não voltaria a ver Isabelle. A questão sexual nem sequer se poria. Não estava disposto a sobrecarregá-la com as suas limitações, como aconteceria se ficasse confinado a uma cadeira de rodas para sempre. Vivia os seus últimos dias no hospital atormentado por ambas as questões: a da eventual paralisia das pernas e a possível perda da virilidade. E não estava disposto a que qualquer um desses problemas fizesse sofrer Isabelle, que não fazia a mínima idéia do estado de

desespero em que ele vivia. Tinha o cuidado de não dar qualquer sinal de pessimismo, se bem que ela, por vezes, o sentisse.

Admitiu ao médico que tentara fazer amor com Isabelle e que fora um tremendo fracasso. O médico tentou então animá-lo o melhor que pôde.

— Não estou surpreso. Depois dos extensos traumatismos que sofreu, era de esperar que isso acontecesse da primeira vez. Tem de dar tempo ao tempo. É normal a dificuldade de ereção e de atingir o orgasmo no primeiro ano. Ainda é muito cedo para tanto entusiasmo e tanto otimismo.

Porém, apesar das palavras encorajadoras do médico, Bill não acreditava nele. Continuava apegado à idéia de que a situação era irreversível e que nunca mais iria recuperar a função sexual. Estava determinado a não voltar a tentar ter relações sexuais com Isabelle no futuro próximo, apesar de ela estar mais do que disposta a ser criativa com ele. Abandonara toda e qualquer idéia de uma relação física com Isabelle de momento e talvez para sempre. E não fazia idéia de quando é que voltariam a ter a oportunidade de tentar, se é que viria a acontecer.

No entanto, apesar da situação torturante em que se deixara cair, continuava a partilhar o quarto com Isabelle, que meditava no que fazer com a sua vida. Sabia que nunca acabaria com o casamento, por causa de Teddy e de Sophie, mas também não estava disposta a abdicar de Bill. Ser sua amante era algo que nunca lhe passara pela cabeça, mas agora era isso que queria e a única coisa que poderia ter. Com ele partilhava aquilo que julgara não existir. Tinha, muitas vezes, a sensação de serem dois corpos numa só alma e nada conseguiria fazê-la desistir disso.

Falava com Gordon de vez em quando. Este mandava a secretária telefonar para o hospital todos os dias para saber do estado de saúde da mulher. Isabelle, geralmente, telefonava-lhe para o escritório, por uma questão de respeito e única e exclusivamente para saber de Teddy, se bem que Sophie a mantivesse informada a esse respeito. Ela própria telefonava a Teddy todos os dias. Quando falava com Gordon, este respondia-lhe, deixando-a sempre com a sensação de que interrompera qualquer coisa ou que telefonara numa má hora. Além disso, era parco em palavras. Dava a impressão de que já não confiava nela, se bem que nunca o tivesse referido isso expressamente. Isabelle achava que Gordon iria puni-la e sabia que, logo que chegasse a Paris, haveria uma conversa muito séria entre ambos. O fato de ter estado com Bill no Annabel's e no Harry's Bar, além de estarem juntos em uma hora imprópria quando do acidente, falava por si.

— Você não é a mulher com quem casei. Na verdade, já não sei quem você é, — dissera ele em um dos telefonemas.

Por vezes, Isabelle sentia-se culpada e sabia que não era correto prosseguir a sua relação com Bill. Porém, esta era como uma droga, toda a sua vida dependia

dela e não queria desistir.

Isabelle falava com Bill sobre o assunto, certa noite, enquanto lhe massageava as pernas paralisadas, que já haviam recuperado uma muito ligeira sensibilidade. Ia contar-lhe a conversa que tivera com Gordon nesse dia. Este fora extremamente seco e ela soltara um suspiro de alívio quando desligou o telefone.

— Não creio que volte a confiar em mim. E tem razão. Nem quero imaginar qual vai ser a recepção quando chegar em casa. E você? A Cindy ficou muito irritada? — Reparara que Bill nunca falava na mulher, só nas filhas. Mas a relação entre Bill e Cindy fora sempre muito diferente da sua com Gordon. Levavam vidas muito mais independentes e praticamente nem se podia falar em relação. Bill ainda não lhe falara do divórcio. Era o único segredo que não lhe revelara. Não queria que Isabelle soubesse que, em breve, seria um homem livre. Não pretendia pressioná-la. Sabia que não estava disposta a acabar com o casamento, por isso achava melhor que pensasse que ele também continuava casado.

— Acho que a Cindy não ficou muito contente quando foi embora. Fui franco quanto aos meus sentimentos em relação a você e não tinha de o ser. Mas ela conhece-me bem e percebeu a minha preocupação por você.

— Isso não a aborreceu? — indagou Isabelle, algo surpreendida.

— Estou certo que sim, mas não fez grandes protestos. Também teve uns quantos casos no seu passado. Além disso, não se pode prender um homem por estar apaixonado. E há muito tempo que ela faz a sua própria vida. Não é pessoa para se preocupar com futilidades.

— Acho que o Gordon nunca me traiu com outra mulher. É extremamente conservador para fazer uma coisa dessas.

No entanto, Bill não estava tão certo disso, mas não queria dizer-lhe. Era estranho que um homem que era tão frio e tão cruel como Gordon não fosse à procura de conforto em outras paragens. Desde o primeiro dia em que se conheceram que o achava o tipo de homem que não era fiel ou leal com quem quer que fosse. Uma amante escondida em algum lugar explicava o seu comportamento rude com a mulher.

— O que te leva a pensar isso? — perguntou Bill, cautelosamente. Não queria lançar mais lenha na fogueira. Só desejava que Isabelle tivesse uma vida tranquila, não a queria incitar a uma guerra contra um homem tão cruel e de tão baixo caráter.

— O afeto não é importante para ele, nem o sexo. Há anos que não dormimos no mesmo quarto. — Bill percebeu o que Isabelle queria dizer e sorriu. Era uma mulher tímida, pelo menos verbalmente, e de extrema franqueza com ele. Mas de alguma ingenuidade no que dizia respeito ao marido.

Na semana seguinte, Bill e Isabelle começaram a ficar um pouco mais tensos. Ela tinha uma grande quantidade de exames marcados, e, se os médicos ficassem satisfeitos com os resultados, iria para casa. Encontravam-se internados há dois meses. Gordon andava cada vez mais irritado com os médicos, acusando-os de excesso de zelo para não darem alta a Isabelle. E o centro de reabilitação onde Bill iria passar os meses seguintes aguardava-o a qualquer momento. O estranho idílio estava prestes a acabar. Não era fácil para qualquer um deles encarar esse fato de ânimo leve.

— Promete telefonar-me todos os dias? — perguntou Isabelle, certa noite, com ar triste, deitada ao lado de Bill. Ia fazer o último eletroencefalograma no dia seguinte. O fígado aparentava melhoras, o coração parecera normal na última ecografia e os pulmões encontravam-se limpos.

— Telefonar-te-ei dez vezes por dia — prometeu Bill, puxando-a para si. — Também pode telefonar-me.

— Claro. Levantar-me-ei bem cedo para poder ligar-te antes de ir para a cama. — Mas Isabelle sabia que, se o fizesse com muita frequência, Gordon ou a secretária descobririam o número nas faturas. Não tinha a mesma liberdade que Bill para telefonar. Também estava ciente da ambiguidade que era continuarem a relação por telefone, mas não conseguia suportar a idéia de não falar com ele. Viviam juntos há dois meses.

Estava aterrada com a idéia de ir cada um para seu lado. Não sabia quando voltariam a encontrar-se. Os médicos haviam dito a Bill que ele iria ficar no centro de reabilitação de seis meses a um ano. Era como se ambos estivessem prestes a serem condenados a prisão perpétua.

— Você tem de ficar bom depressa — disse Isabelle, ao mesmo tempo que o beijava no peito. — Quero que venha a Paris logo que possa. — Não teria qualquer chance de ir a Nova Iorque. Sophie suportara o fardo de cuidar de Teddy durante tempo suficiente e estava prestes a recomeçar as aulas. Sabia que tão cedo não teria qualquer oportunidade de sair de Paris. Sentia-se desesperada por rever o filho. Tinha a impressão de que ele estava cada vez mais fraco.

Bill não fez qualquer comentário relativamente a vir a Paris, mas ela não reparou. Prometera a si próprio ir se afastando dela a pouco e pouco, caso ficasse paralítico ou, pior, perdesse a sua virilidade. Tratava-se de um acordo consigo mesmo. Nunca falara dos seus prognósticos sombrios com Isabelle. Primeiro, queria saber o que diriam os médicos quando regressasse aos Estados Unidos. Ainda não acreditava na idéia de ficar preso a uma cadeira de rodas, mas, se ficasse, não iria permitir que ela suportasse dois deficientes na sua vida. Já lhe bastava um.

Não conseguia tolerar a idéia de Isabelle estar com ele por pena, ou que

cuidasse dele tal como fazia com o filho. Passara catorze anos cuidando de um filho com uma doença fatal. Porém, mesmo que nunca mais a visse, não conseguia encarar a hipótese de não falar com ela ao telefone. Já nem sequer se imaginava acordando de manhã sem a ter a seu lado. Sentia uma angústia tremenda só de pensar que ela estaria tão longe e que não poderia vê-la, nem cuidar dela, nem sorrir-lhe quando entrasse no quarto. Os dias que passara na sua companhia eram os mais felizes da sua vida. O seu único desejo era que a vida tivesse tomado outro rumo, que Teddy fosse mais saudável e que Gordon exercesse menos ascendente sobre ela. Possuía uma miríade de desejos e receava que nenhum deles se concretizasse.

Os últimos dias no hospital pareciam passar à velocidade do som. Todos os exames de Isabelle se revelaram bons e esta já recuperara alguma força. Estava pronta para sair e encontrava-se já tudo tratado relativamente à alta. Em princípio, Gordon devia vir buscá-la, porém, à última hora, pediu que uma enfermeira a acompanhasse na viagem até Paris. Desculpou-se com o fato de estar muito atarefado com os negócios. Mas Isabelle preferiu assim. Não queria que ninguém nem nada a afastasse de Bill na sua última noite no hospital. As enfermeiras deixaram-os a sós. Só queriam estar calmamente ao pé um do outro. Isabelle partiria de manhã, Bill na semana seguinte. Ainda tinha de fazer mais alguns exams.

— Não acredito que vou deixar-te amanhã — proferiu Isabelle, com ar triste, ao lado de Bill, abraçados um ao outro. Tinha vontade de fazer amor com ele, mas não queria deixá-lo desiludido, caso não fosse capaz de realizar o ato, especialmente na última noite que passavam juntos. Não conseguia imaginar que ia voltar para junto de Gordon. Porém, tinha o consolo de praticamente não haver qualquer relação entre os dois. Mal se lembrava de como era viver com ele. Sentia-se muito mais casada com Bill.

— Quero que tome conta de você, meu amor — disse Bill, apertando-a contra si. Havia substituído o enorme colar cervical por um menor e já conseguia mover a cabeça um pouco mais. Já lhe permitia voltá-la e olhar para Isabelle com maior facilidade. Nenhum dos dois precisava de palavras para exprimir o que sentiam. Agora tinham de aprender a viver sem se verem todos os dias, sem se tocarem. Isabelle não conseguia imaginar essa situação, mas sabia que seria bem real quando transpusesse a porta de casa, na Rue de Crenelle. Sentia o coração destroçado só de pensar que ia deixar Bill.

— Não posso continuar assim — murmurou Isabelle, enquanto as lágrimas lhe corriam pelas faces. — Não posso continuar sem você.

— Claro que pode. Não me afastarei um milímetro do telefone.

Ambos sabiam que as coisas agora seriam diferentes. Isabelle sentia algo de

estranho no seu íntimo, face ao regresso a casa. Gordon fora tão frio com ela ao telefone que estava certa de que ele iria castigá-la pelas transgressões cometidas, como era o caso de estar com Bill na hora do acidente. Como se o sucedido nessa noite não tivesse sido punição suficiente

Ficaram um longo instante em silêncio, olhando para a lua cheia. A manhã não tardou. Permaneceram mais alguns minutos abraçados um ao outro. Entretanto, uma enfermeira veio lembrar Isabelle que tinha que se levantar. Tomou um banho e vestiu-se. Levaram-lhes o desjejum, mas nenhum dos dois conseguiu comer fosse o que fosse. Ficaram de olhos pregados um no outro. Conteve um soluço e tomou Bill nos braços, enquanto este a confortava.

— Vai correr tudo bem. Telefono-te esta noite. Não chore, meu amor.

Isabelle parecia uma criança de coração destroçado. Deixar Bill era pior do que abandonar o lar. Era a única fonte de conforto e amor que possuía.

Gordon mandara-lhe algumas roupas: um casaco *Chanel* preto, que agora ficava largo, e um par de sapatos de pele preta, que também eram grandes demais. Perdera muito peso e o corpo parecia ter mudado. Apesar de muito magra, Bill achava-a mais bela do que nunca. Prendera os longos cabelos escuros num bonito rabo-de-cavalo. Não usava maquiagem, apenas batom. Ao vê-la assim, lembrou-se do dia em que chegaram a Londres, do primeiro dia em que foram almoçar fora e da ida ao Bar Harry's nessa noite. Tanta coisa acontecera, tantas pontes atravessadas. Era incrível pensar que haviam estado ambos às portas da morte e que tinham voltado à vida. E agora os sonhos estavam prestes a acabar. Eram obrigados a voltar ao mundo real, a um mundo em que não podiam viver juntos.

— Cuida bem de você — disse Isabelle, abraçando-o. — Volta para mim o mais depressa possível — murmurou. Bill sorriu, com o olhar embaciado. — E não se esqueças que te amo muito.

— Força, Isabelle... Também te amo muito.

Isabelle encaminhou-se, com ar resoluto, para a porta, parou, lançou um último olhar a Bill e, de lágrimas nos olhos, saiu.

Agradeceu às enfermeiras e despediu-se de ambos os médicos, enquanto a enfermeira que fora contratada para a viagem se mantinha junto dela para evitar qualquer queda. Encaminhou-se então para o elevador, embora a sua única vontade fosse voltar correndo até o quarto de Bill e pôr o relógio para andar para trás, nem que fosse até ao período do estado de coma, se necessário. O que interessava era que pudesse ficar com ele. Entrou então no elevador, de cabeça baixa e lágrimas nos olhos. E todos lhe acenaram em sinal de despedida, ao mesmo tempo que as portas se fechavam.

Ninguém entrou no quarto de Bill depois de Isabelle ter partido. Ninguém o

viu chorar ou a olhar, angustiado, para o teto. Se alguém tivesse encostado o ouvido na porta, tê-lo-ia ouvido a soluçar. Era o choro de um homem que sabia que nunca mais voltaria a ver a mulher que amava. E quando, finalmente, horas mais tarde, as enfermeiras foram ver como ele estava, encontraram-no dormindo, com ar de quem estivera chorando.

CAPÍTULO DOZE

O avião que a secretária de Gordon reservara pousou na pista do Aeroporto Charles de Gaulle passava pouco das duas da tarde. Isabelle não trazia bagagem consigo, apenas uma pequena mala de mão, com os seus artigos de maquiagem, alguns livros e fotografias dos filhos e de Bill. Com uma leve vista de olhos no passaporte, o funcionário da alfândega fez-lhe sinal para passar. Não havia ninguém à sua espera. Gordon não viera nem dissera a Sophie em que voo é que a mãe chegaria.

Quando entrou no carro que Gordon enviara, estava espantada com o cansaço que sentia. Mal conseguia pôr um pé à frente do outro. Sabia que isso tinha a ver não só com a emoção, mas também com o fato de ser a primeira vez depois do acidente que tomava contato com o mundo real. A enfermeira conduziu-a numa cadeira de rodas até ao carro. Não conseguia pensar senão em Bill. Tentara telefonar-lhe antes de entrar no carro, mas as enfermeiras do hospital informaram-na de que ele se encontrava dormindo. Não queria acordá-lo. De qualquer forma, não tinha nada para lhe dizer, a não ser que o amava e que detestava estar longe dele. Já sentia a sua falta e ainda não chegara em casa. No entanto, sabia que, logo que chegasse, ficaria feliz de voltar a ver os filhos.

A enfermeira falou muito pouco na viagem até a casa. Havia sido contratada no hospital, mas trabalhava por conta própria. Voltaria a Londres no voo das seis. Era uma simples dama de companhia, como Bill dissera. Achara uma boa idéia, uma vez que Gordon não fora buscá-la. Se ficasse mal disposta, se caísse, se se mostrasse assustada ou confusa, era bom ter alguém por perto. Estivera enferma durante muito tempo e sofrera um enorme choque. A mulher fizera-lhe algumas perguntas pertinentes sobre o acidente, apesar de ter lido o relatório médico, e, ao fim de algum tempo, calou-se. Durante a viagem, leu um livro.

Isabelle sentiu-se estranhamente deprimida quando entrou na cidade. Não experimentou qualquer emoção ao ver Paris de novo. A Torre Eiffel não lhe dizia nada. Tinha vontade de estar do outro lado do canal da Mancha, no hospital, ao lado de Bill. Ao atravessar para a margem esquerda do Sena, fez um esforço para pensar em Teddy e Sophie. De repente, sentiu um frêmito de entusiasmo quando o carro virou na Rue de Crenelle. Os filhos eram o seu único pensamento. Ansiava tê-los de novo nos braços. Mas também sentia tristeza e saudade ao lembrar-se de Bill.

As enormes portas de bronze que davam para o pátio interior encontravam-se abertas de par em par. Quando o carro entrou no pátio, Isabelle levantou os olhos para a casa que se erguia à sua frente. Não viu ninguém, se bem que os quartos

dos filhos dessem para o jardim, tal como o dela. Não esperava que Gordon se encontrasse em casa àquela hora. Havia lhe dito que estaria em casa às seis horas, como de costume, pois tinha um dia muito ocupado no banco. Respondera-lhe que compreendia. Ele demonstrava mais poder não se encontrando ali do que se ajudasse a levá-la até ao quarto. Era a sua forma de mostrar que ela não o controlava, nem nunca controlaria. Quando saiu do carro, não havia ninguém para dar-lhe as boas-vindas.

A enfermeira acompanhou-a na subida do pequeno lance de escadas, que ia dar na porta principal da casa.

Tocou à campainha e, por instantes, ninguém veio à porta. Então, apareceu Josephine, a governanta. Olhou para Isabelle e desatou a chorar, ao mesmo tempo em que a abraçava.

— Oh, *madame*... — Sempre pensara que a patroa não escaparia à morte. O ar de felicidade que exibia era autêntico. Trabalhava para Isabelle desde que esta casara. — É tão bom voltar a ver-te!

Isabelle entrou e olhou à volta. O vestíbulo parecia-lhe diferente. Maior, mais sombrio e triste. A mente pregava peças estranhas. A casa já não lhe oferecia qualquer conforto. Tinha a estranha sensação de estar na casa errada. Perguntou a si própria se o traumatismo craniano que sofrera é que a fazia sentir-se assim, ou se aquilo que via era autêntico. Estivera ausente durante muito tempo. Haviam se passado mais de dois meses desde que partira para Londres, em junho.

Tanta coisa acontecera. E agora que regressava, sentia-se invadida pela estranha sensação de que aquela casa já não era a sua. A única coisa que a ligava a ela eram os filhos.

Isabelle agradeceu à enfermeira por tê-la acompanhado até a casa, deixou-a com Josephine e subiu lentamente as escadas para ir ver os filhos. Fez uma ligeira pausa ao cimo, para recuperar o fôlego. Ouviam-se vozes ao longe. Por instantes, tudo à sua volta se desvaneceu, à exceção da voz do filho. Ouvia a voz de Teddy falando com alguém. E, pé ante pé, encaminhou-se até ao quarto dele e abriu a porta.

Teddy não a viu de imediato. Estava deitado na cama conversando com a sua enfermeira preferida, Marthe. Isabelle percebeu logo, só pela voz, que estava cansado e algo queixoso. Sem se fazer anunciar, entrou, com um largo sorriso nos lábios.

Teddy olhou para a mãe, perplexo, e, soltando um grito de alegria, saltou da cama e correu para ela. E abraçou-a com tanta força que a ia faze-la cair.

— Mamãe! Voltaste! — Abraçava-a, puxava-a e beijava-a com tal ímpeto que Isabelle ainda pensou que iam cair os dois no chão. A enfermeira pediu-lhe que

tivesse cuidado com a mãe. Ao sentir o filho nos braços e o odor dos seus cabelos, não conseguiu conter as lágrimas.

— Oh, meu Deus, tive tantas saudades suas... nem acredito.. Teddy, adoro-te.

Parecia um cachorrinho à volta da mãe, aos puxões, aos beijos, às festas. Quando conseguiu afastar-se um pouco dele e se sentou na cama, Isabelle reparou que o filho estava extremamente pálido. Além de mais magro e mais fraco. Mal se sentou ao lado da mãe, começou a tossir sem parar e era a custo que conseguia respirar.

Isabelle olhou para a enfermeira, que fitava mãe e filho de lágrimas nos olhos. Pela quantidade de comprimidos e xaropes na mesa-de-cabeceira, era evidente que o estado de saúde de Teddy não era o melhor. Os últimos dois meses haviam sido extremamente desgastantes.

— O que está fazendo na cama a esta hora? — perguntou Isabelle, os olhos preocupados. Teddy sorriu, a felicidade estampada no rosto, gatinhou para cima da cama e deitou-se de barriga para cima, de olhos pregados na mãe.

— O médico não me deixa levantar — respondeu Tedy, como se essa questão não fosse relevante. Agora que a mãe voltara, pouco lhe importava a doença. — Disse-lhe que era uma estupidez. Ontem quis ir para o jardim, mas a Sophie decidiu que eu não podia. Ela é ainda mais tonta do que você. Está sempre preocupada comigo. E não me deixa fazer nada.

— Acho muito bem. Parece que tratou muito bem de você.

— A mamãe sente-se bem? — indagou Teddy, preocupado. A tosse parara, mas as mãos tremiam-lhe. Isabelle suspeitava que isso se devia à medicação, mas, mesmo assim, não gostou desse sintoma. Alguns dos medicamentos para as dificuldades respiratórias já lhe haviam provocado tremores. O problema é que eram muito fortes para o coração. Mas Sophie não sabia e Isabelle tinha a absoluta certeza de que a filha fizera um bom trabalho. — O papai disse que a mamãe esteve em coma e depois acordou e agora está bem.

— Não foi bem assim. As coisas não foram tão rápidas. Mas agora estou bem, e isso é verdade.

— Como foi estar em coma? Foi bonito? — perguntou, com um olhar estranho e melancólico. — Lembra-se?

— Não. Só me lembro de um sonho que tive e você também estava nele. Havia uma luz muito brilhante e eu ia embora, e você obrigou-me a voltar, tal como veio a acontecer. — Era o mesmo sonho que Bill tivera e de que haviam falado muitas vezes. Mas não podia referir Bill ao filho. Gostariaa que ele conhecesse Teddy. Havia falado tanto dele que achava injusto que não se conhecessem, embora esperasse que isso pudesse acontecer um dia.

— Doeu muito? — Teddy continuava muito preocupado com a mãe.

Assemelhava-se ao Príncipezinho do livro de Saint-Exupéry, quando se sentou na cama, de pernas cruzadas, com os sedosos cabelos encaracolados à volta do rosto. Parecia muito mais novo do que era. Aos catorze anos, nunca fora à escola, raramente saía de casa e não tinha amigos. Só Sophie e os pais. E era com Isabelle que sempre pudera contar.

— Apenas no começo. Depois disso, só tive de descansar muito, fazer exames, tomar medicamentos e pôr-me boa para voltar para junto de você.

— Tive muitas saudades. — As palavras de Teddy não conseguiam descrever, nem de perto, nem de longe, as emoções por que passara e o terror em que andara perante a perspectiva de a mãe nunca mais voltar para casa.

— Também tive muitas saudades. — Isabelle olhou à volta e deitou-se na cama. Sentia-se confortável naquele quarto, muito mais do que se sentira no vestíbulo, ou no seu próprio quarto. Era ali que costumava passar o tempo quando se encontrava em casa. — Onde está a Sophie?

— Saiu. As aulas começam na próxima semana. Foi bom a mamãe ter voltado para casa. O papai passa o tempo todo fora, e a Sophie está furiosa com isso.

— Então vamos ler muito e fazer muitos quebra-cabeças. Se o papai anda assim tão ocupado, então temos mais tempo para nós, não é? — Isabelle parecia pouco preocupada com a questão, mas não conseguiu deixar de perguntar-se por onde Gordon andava. Também sabia que essa era a preocupação de Teddy, mas, provavelmente, Gordon não passava assim tanto tempo fora de casa como Teddy dizia.

Isabelle e Teddy falavam e riam animadamente quando Sophie entrou no quarto, com um monte de revistas para o irmão. Soltou um grito de espanto quando viu a mãe deitada ao lado dele.

— Mamãe! — Correu para a mãe e quase se atirou para cima dela. De repente, ficou apreensiva com a eventualidade de a poder machucar. Achava a mãe com um ar muito debilitado, não muito diferente do irmão. — Está tão magra, mamãe!

— A comida do hospital era horrível! — Sorriu. — Não lhe disse que, em várias ocasiões, Bill mandara vir de fora excelentes refeições. Não passara fome. Além disso, ultimamente o apetite era pouco. As roupas ficavam-lhe largas.

— Sente-se bem? — O ar era de consternação. Fora ela a encarregada de olhar pela família, enquanto a mãe estivera no hospital.

— Agora que estou outra vez convosco, sinto-me maravilhosamente bem.

Só ao fim de uma hora é que Isabelle foi para o seu quarto descansar um pouco. Sentia-se exausta. Marthe, a enfermeira de Teddy, disse que iria fazer-lhe uma visita mais tarde.

Deitou-se em cima da cama e descalçou os sapatos. Vagueou então o olhar à

sua volta. O quarto encontrava-se todo decorado com sedas, às flores muito delicadas e de cores claras. Havia rosas brancas e azuis cor de alfazema sobre um fundo marfim. Os móveis eram todos Luís XV. Sentia-se bem ali, outra vez completa, agora que já vira os filhos, mas, ao mesmo tempo, havia uma peça que faltava. As saudades de Bill como que a sufocavam, provocando-lhe uma sensação de quase pânico. Tinha saudades de ouvir a sua voz, de o ver sorrir, de lhe tocar na mão. Sentia-se estranhamente só na casa em que vivia com os filhos e o marido, que, há muito, não passava de um estranho.

Só queria descansar uns minutos, mas acabou por adormecer, só acordando quando Sophie lhe deu um ligeiro toque no ombro.

— Sente-se bem, mamãe?

Sophie amadurecera muito nesse verão. Dava a impressão de ter saltado diretamente da infância para a idade adulta. Parecia mais a mãe que a filha. Deu meia volta na cama e sorriu-lhe. Parecia haver uma maior proximidade entre mãe e filha.

— Estou bem, querida. Ainda cochilei um pouco. Estou muito cansada.

— Não se canse com o Teddy. Está tão contente que não vai largá-la um minuto, como um cachorrinho. Tem andado com febre nos últimos dias — informou Sophie, preocupada.

— Está muito magro — comentou Isabelle, dando uma palmadinha na cama para a filha se sentar ao seu lado.

— A mamãe também está — observou Sophie, olhando para a mãe mais de perto. Tinha um ar diferente daquele que exibia antes. Como se algo tremendamente importante tivesse lhe acontecido. E era a pura realidade. Estivera às portas da morte e renascera. Além de ter se apaixonado loucamente por um homem maravilhoso.

— Você fez um trabalho extraordinário com o Teddy — afirmou Isabelle, em tom de elogio. Sabia melhor do que ninguém que cuidar de uma criança deficiente como o filho não era fácil. Este era carinhoso e mostrava-se sempre grato pelas coisas que as pessoas faziam por si, mas tinha de estar constantemente sob cuidados extremos. Era uma vida de eterna vigilância e nenhum descanso para aqueles que cuidavam dele. — Desculpa a minha demora.

— O que importa é que está viva. E estou imensamente feliz por isso — disse Sophie, com um sorriso cansado.

— Agora quero que descanse. Amanhã fico fazendo companhia ao Teddy. Quero que se divirta antes de começarem as aulas.

E, desta vez, quando Sophie sorriu, já parecia de novo uma garota. Não queria queixar-se à mãe das dificuldades por que passara e da solidão que sentira. Não tivera ninguém com quem falar ou partilhar as suas preocupações, à exceção dos

amigos quando telefonavam. Estes vinham visitá-la de vez em quando, mas, ao fim de algumas semanas, estavam fartos. Durante a maior parte do verão, tinham deixado de aparecer. Dois longos meses de solidão e de muito trabalho para Sophie. E o pai não lhe dera a mínima ajuda. Era como se não quisesse saber nada do filho. Tinha uma mulher doente, um filho deficiente e a sua própria vida. Enquanto Isabelle estivera internada, raramente falara com Sophie, que se sentira mais uma empregada sobrecarregada com trabalho do que filha dele.

Isabelle levantou-se, lavou o rosto e penteou-se. Pensou em telefonar para Bill, mas não sabia se tinha tempo antes de Gordon chegar em casa. O que veio a acontecer às sete horas. Encontrava-se no quarto de Teddy lendo-lhe um livro quando viu passar um vulto alto e com ar sombrio. Devia ter reconhecido a voz de Isabelle, mas passou pelo quarto sem espreitar, nem a cumprimentar.

Isabelle acabou a página e pousou o livro. Teddy jantara num tabuleiro, uma hora antes, e depois da emoção de rever a mãe sentia-se cansado. Sophie saíra com amigos, pela primeira vez em dois meses. Depois de beijar o filho e de lhe prometer que voltaria, foi ter com o marido. Gordon encontrava-se no quarto de vestir, ao telefone. Ao encarar a mulher, ficou com ar surpreso, como se tivesse se esquecido de que ela voltara para casa. Isabelle sabia que isso não era possível, mas fazia parte do seu modo de ser não fazer grande alarde com as chegadas e as partidas. Raramente se despedia quando ia viajar, e nunca o fazia quando saía para o escritório todas as manhãs; ao regressar, geralmente refugiava-se nos seus aposentos, para descansar um pouco antes de ver Isabelle e os filhos. E nessa noite não agiu de forma diferente. Presumira que ela se encontrava com o filho e, além disso, sabia que a veria mais cedo ou mais tarde. Não tinha qualquer pressa em estar com ela.

— Como foi a viagem? — indagou Gordon, sorrindo, ao longe. Não fez menção de se dirigir a Isabelle, que, prudentemente, ficara à porta.

— Ótima. Parecia que os últimos dois meses nunca haviam existido. — Isabelle experimentou, de repente, a sensação de ter estado ausente durante apenas dois dias. Gordon não prestou qualquer atenção ao fato de a mulher ter estado dois meses fora e às portas da morte. — A enfermeira foi muito útil. Teria sido complicado viajar sem ela. Os meninos parecem-me bem. — Descontando o fato de Teddy ter perdido peso e estar quase ardendo em febre e Sophie ter envelhecido cinco anos em dois meses. Tirando isso, estava tudo “ótimo”. Isabelle sabia que Gordon não ia querer ouvir falar desse assunto. Todas as questões referentes aos filhos e à casa não faziam parte das suas preocupações.

— Como é que se sente? — perguntou Gordon, com ar preocupado, o que a surpreendeu. Isabelle esperava que ele agisse como se ela nunca tivesse estado internada. Gordon tinha tal aversão a doenças e enfermos, que achava um sinal

de fraqueza o fato de as pessoas adoecerem. Qualquer tipo de perturbação física trazia-lhe a mãe à lembrança, o que lhe provocava uma profunda angústia. No seu espírito, toda a sua infância fora manchada pela doença da mãe.

— Sinto-me bem. Só um pouco cansada. Ainda vai levar algum tempo até voltar a ser a mulher que era.

Isabelle tinha de ir a um especialista, na semana seguinte, por causa do coração e do fígado. O médico que a assistira em Londres avisara-a de que se tivesse dores de cabeça, por mais ligeiras que fossem, teria de ser imediatamente vista por um médico. A recuperação total, de acordo com o mesmo médico, levaria aproximadamente um ano, se não mais.

— Está com muito bom aspecto — observou Gordon com ar satisfeito, alimentando o desejo de que fosse mesmo assim. Por uma série de razões, desejava que os últimos dois meses nunca tivessem acontecido. Ainda não se levantara para a abraçar ou beijar e não tinha intenção de o fazer. Era muito diferente de Bill. Isabelle questionou-se, mais uma vez, se Gordon estaria zangado com ela. Este sabia da sua amizade com Bill, que lhe dissera que Gordon dera instruções para o colocarem para fora do quarto dela. No entanto, o marido não fez qualquer pergunta, nem qualquer referência a Bill. Isabelle tinha consciência de que Bill Robinson era agora um assunto tabu entre eles. — Já jantou? — perguntou, num tom frio.

Isabelle fez um aceno negativo com a cabeça. Lembrou-se então de que não podia fazer movimentos bruscos.

— Ainda não. Estava à sua espera. O Teddy já comeu e a Sophie saiu com os amigos.

Gordon franziu o sobrolho.

— Pensei que lhe agradaria ir para a cama quando chegasse. Para o primeiro dia de alta, foi muito longo para você. Tenho um jantar de negócios com um cliente de Bankock.

— Está bem — disse Isabelle, com um sorriso nos lábios. Continuava à porta do quarto. Gordon nunca a convidara a entrar e essa era uma formalidade que respeitava. Sempre frisara que todos precisavam de um convite seu para entrar nesses aposentos, inclusive Isabelle. — Peço à Josephine que me traga o jantar num tabuleiro. De qualquer forma, não estou com fome. — Só lhe apetecia uma sopa ou talvez uma torrada com ovos.

— Acho uma excelente idéia. Jantaremos amanhã.

No passado, Isabelle não teria ficado surpreendida pelo fato de Gordon ter se mantido impávido e sereno depois da sua longa ausência. Mas, agora que conhecia Bill tão intimamente e o modo como a tratava, causava-lhe alguma perplexidade que Gordon se mostrasse tão distante e frio. Os dois homens não

podiam ser mais diferentes. Não houve qualquer manifestação de interesse por se inteirar do seu estado de saúde, ou de regozijo, nem uma simples flor. Nem sequer se dignou a abraçá-la. Isabelle sabia que não voltaria a vê-lo nessa noite. E ficou espantada quando ele passou pelo seu quarto pouco antes de sair. Envergava um terno azul-escuro, uma camisa branca, uma gravata *Hermes* azul e cheirava a água de colônia. Dava a impressão de que ia para uma festa, mas não lhe perguntou.

— Já comeu? — A pergunta era um sinal de solicitude pouco habitual nele. Ficou sensibilizada com a atenção. Eram aquelas migalhas de afeto que a haviam satisfeito no passado.

— Comi ovos e sopa.

— Vai descansar um pouco. Não passe a noite com o Teddy. Ele tem a enfermeira para isso.

Isabelle teria adorado ficar com o filho, mas sabia que ainda não estava em condições para tal.

— Já está dormindo. — Fora vê-lo antes de ir para a cama.

— Devia fazer o mesmo — opinou Gordon, mais uma vez, sem se aproximar da cama. Raramente tocava na mulher e nunca a abraçava, há anos que não a beijava e mantinha uma considerável distância dela quando se encontrava na mesma sala. A única ocasião em que lhe demonstrava mais afeto era quando se encontravam em público. Anos antes, fora induzida em erro por esse comportamento, pensando que Gordon estava mostrando-se mais cordial com ela. Porém, ficava novamente frio mal fechavam a porta do quarto. Mostrar afeto por alguém era a coisa mais difícil do mundo para ele, contrastando com Isabelle, que era afável com todas as pessoas. Até amanhã. Gordon teve uma leve hesitação. Por instantes, Isabelle ainda pensou que ele fosse entrar no quarto e se aproximar dela. Porém, sem dizer mais nada, deu meia volta e foi embora. Não era o casamento que alguma vez sonhara, mas de nada valia pensar nisso agora. Era o único que tinha. Depois dos meses que passara com Bill, era sua obrigação voltar a adaptar-se à situação. Não seria uma tarefa fácil.

Poucos minutos depois de ele sair, pegou o telefone e ligou para o hospital. Quando a telefonista atendeu, pediu-lhe para falar com Bill. Encontrou-o deprimido, mas, mal a ouviu, o seu estado de espírito melhorou consideravelmente.

— Estava pensando em você. — O tom de voz de Bill contrastava claramente com o tom com que Gordon a cumprimentara. — Como estão as crianças?

— Maravilhosas. — Sorriu ao ouvir a voz de Bill. Parecia um marido em viagem, querendo saber como fora o dia da mulher. Ficaram radiantes por me verem. A pobre Sophie parece esgotada.

— Como está o Teddy?

— Muito magro e com febre outra vez, mas, hoje à noite, parece-me um pouco melhor. Amanhã vou passar o dia com ele.

— Não abuse. Ainda não está em condições de fazer tudo o que fazia.

— Eu sei, querido. Como foi o seu dia?

Fora horrível, mas Bill não lhe disse nada. Passara o dia todo sozinho, mas sabia que tinha de se habituar à idéia. Agora só lhe restavam os telefonemas. Tal como nos velhos tempos. Mas, ao fim de dois meses de vida em comum, os telefonemas eram muito pouco.

— Foi bom— mentiu. — Tive imensas saudades suas. Estão fazendo o possível para me darem alta na próxima semana. Sinto-me como se fosse para um campo de instrução militar. — Ia para o centro de reabilitação com o programa mais rigoroso, pois achava que assim conseguiria obter melhores resultados. O seu futuro, aliás, o futuro de ambos, dependia da sua recuperação plena e apesar daquilo que haviam lhe dito em Londres sobre as pernas, sentia-se esperançoso. Ainda se mostrava confiante de que nos Estados Unidos pudessem lhe dizer algo diferente.

Falaram um pouco sobre a sua chegada a casa e dos filhos. Bill recebera um telefonema de Jane nessa tarde, o que o deixara um pouco mais animado e só no final da conversa é que perguntou a Isabelle por Gordon.

— Como é que ele te recebeu?

— À maneira dele. Chegou tarde em casa e hoje à noite saiu. Não há problema. — Isabelle deixara o seu coração com Bill, em Londres, à exceção da parte que pertencia aos filhos. Nada restava para o marido. Era demasiado tarde e muita coisa acontecera ao longo dos anos. Mesmo que nunca mais voltasse a ver Bill, sabia que era demasiado tarde para si e para Gordon. A única coisa que lhes restava era um casamento que vivia de aparências, ao qual faltava a substância.

— Parece que está zangado com você? — Bill ficara preocupado com essa eventualidade. Achara-o muito irritado naqueles primeiros dias em Londres.

— Não, não me parece. Mas ele nunca demonstra. Se estiver, só saberei quando menos esperar. É assim que funciona. Primeiro, guarda as coisas para si, a paga vem sempre mais tarde.

— Só não quero que se vingue em você por estar comigo na hora do acidente. Sei que ficou irritado com isso.

— Falou com a Cindy? — Isabelle reparara, em Londres, que a mulher nunca lhe telefonava. Bill tivera várias conversas com o seu advogado no hospital e tratara dos papéis do processo do divórcio sem contar a Isabelle.

— A Jane disse que a mãe estava em South Hampton. Vejo-a quando estiver

em Nova Iorque, no hospital.

— Espero que sim. — Isabelle sentia-se chocada com a falta de atenção da parte de Cindy.

Bill prometeu então telefonar-lhe no dia seguinte. Isabelle estaria em casa durante todo o dia. Agora, com apenas uma hora de diferença entre Paris e Londres, era fácil trocarem telefonemas. Quando ele estivesse em Nova Iorque, seria muito mais difícil, mas Isabelle sabia que acabariam por arranjar uma maneira de contornar as dificuldades, como haviam feito ao longo dos anos. Antes de desligar, Bill disse, mais uma vez, que a amava. Nessa noite, deitada na sua cama, na casa que era, em princípio, o seu lar, Isabelle sentia que se encontrava num lugar estranho. Era como se o seu lar fosse em Londres, ao lado de Bill. Nessa noite, Isabelle não ouviu Gordon entrar. Dormia profundamente. No dia seguinte, no patamar, quando ia ver Teddy, deu de cara com Gordon. Dormira até mais tarde do que era costume. Eram quase nove horas quando se levantou. Estava pijama, cara lavada e cabelos penteados quando o viu, em passo apressado e de pasta na mão, em direção às escadas. Este não lhe falou, limitando-se a acenar com a mão, enquanto descia as escadas correndo. Falava ao celular. Pouco depois, ouviu o carro arrancar.

Isabelle e Teddy passaram um ótimo dia. Ela leu-lhe muitas histórias, deitada ao lado dele, o que lhe trouxe à memória os momentos passados com Bill no hospital. Depois de almoço, Teddy dormiu uma longa sesta. Entretanto, apareceu o médico, que o achou muito melhor. Porém, quando Isabelle o conduzia à porta, o médico virou-se para ela com uma expressão estranha no semblante.

— Sabe que o estado dele está deteriorando-se, não sabe? — Era isso que Isabelle receava, mas pensava que se tratava de uma situação temporária. Agora que estava em casa, iria envidar todos os seus esforços para trazer o filho de volta ao estado em que o deixara dois meses antes, quando partira para Londres. E tinha certeza de que conseguiria. Sophie tomara conta do irmão bem, mas não conhecia todos os truques de que Isabelle se servia para o pôr em melhores condições.

— Está pálido e perdeu peso, mas pareceu-me melhor esta manhã — disse, esperançosa.

— E está mais contente. Mas encontra-se cada vez mais fraco. A função cardíaca está piorando e os pulmões funcionaram mal durante todo o verão.

— O que quer dizer-me, doutor? — Indagou Isabelle, preocupada.

— Que o corpo não está acompanhando o crescimento. À medida que ele vai ficando maior, o coração e os pulmões vão ficando sujeitos a um maior esforço.

— E um transplante?

— Nunca iria sobreviver à operação.

Isabelle sabia que, sem a operação, os dias de Teddy estavam contados. Era muita coisa para enfrentar, ainda mal chegara em casa, e ela própria ainda se encontrava muito debilitada. O médico aconselhou-a a não fazer esforços.

— Gostaria de vê-lo ganhar algum peso, e você, Isabelle também tem de engordar. — O médico estava preocupado com ela. O seu organismo sofrera um choque tremendo e as sequelas ainda eram visíveis.

— Tratarei disso. Iremos entrar os dois num regime de engorda. — Sorriu, pensando naquilo que o médico acabara de lhe dizer. Fora um verão terrível para Teddy, aliás, para ambos, mas, agora que voltara para casa, estava determinada a dar uma volta às coisas, e tinha certeza que conseguiria.

— Volto a vê-lo dentro de um dia ou dois, mas, se tiver quaisquer problemas, telefone-me.

No entanto, os problemas que Isabelle enfrentava não estavam relacionados com Teddy. Tinham a ver com Gordon. Nessa noite, este chegou em casa com ar taciturno e não deu qualquer explicação para isso. Pegou num tabuleiro e foi jantar no quarto, deixando Isabelle sozinha à mesa. Evitava falar com ela e nunca entrava no seu quarto. Ao fim da noite, Isabelle ouviu-o sair. Não fazia a mínima idéia onde é que o marido ia quando saía àquelas horas da noite. E só voltou a vê-lo na manhã seguinte. Deu de cara com ele quando desceu para tomar o desjejum, sentado na sala de jantar, lendo o jornal e bebendo uma xícara de café. Só ao fim de muito tempo é que percebeu a presença da mulher. Pousou então o jornal e acabou o café. Isabelle tinha a impressão de que Gordon estava irritado com ela e não fazia a mínima idéia do motivo dessa irritação.

— Você teve notícias do seu amigo de Londres? — perguntou Gordon, num tom seco. Isabelle ficou perplexa com a pergunta. Não queria mentir-lhe, mas não estava disposta a dizer-lhe que telefonara a Bill duas vezes no dia anterior.

— Sim, falei com ele. — Ficou surpreendida por Gordon se referir a Bill. Não dissera uma palavra sobre ele no dia em que chegara, mas agora mostrava-se furioso com ela.

— Não acha que é uma falta de dignidade da parte dele telefonar aqui para casa, Isabelle? Devia ter vergonha na cara. Quase te matou.

— O ônibus é que quase nos matou aos dois. Ele não teve culpa.

— Se não tivesse saído com ele, nada disso teria acontecido. Não creio que gostaria que os seus filhos soubessem que estava com outro homem, quando ocorreu o acidente. — Havia uma ameaça implícita nas palavras de Gordon.

— Claro que não. Mas as coisas não foram como euer fazer crer. Éramos simples amigos — ripostou Isabelle, num tom calmo, embora o coração batesse com mais força.

— Está dizendo que a vossa amizade acabou?

— Não diria isso. Passamos por muita coisa juntos. — Lançou um olhar cauteloso ao marido. Sabia que este era uma pessoa vingativa e não queria iniciar uma guerra com ele. Gordon é que detinha o poder e não admitia que ela o questionasse. — Você não tem nada a recear dele. Já estou em casa.

— A questão não é essa. Estou aconselhando-te a colocar um ponto final nisso tudo. Corre um grande risco se me irritar. E não te aconselho que o faça.

— Não tenho qualquer desejo de te irritar. Desculpa ter-te criado uma situação embaraçosa. — Ao dizer isto, baixou os olhos.

— Interessante escolha de palavras. — O olhar fulminante de Gordon era um sério aviso para ela. — Estar envolvida num acidente que quase te ceifou a vida, enquanto me enganava com outro homem, é, sem dúvida, uma “situação embaraçosa”.

— Não estava enganando-te. Tinha ido jantar.

— E dançar. Eram duas da manhã. — Isabelle teve vontade de lhe perguntar onde é que ele passara a noite anterior, ou onde é que fora quando saiu de casa ao fim da noite. Nunca se atreveria a tal coisa. Gordon é que estabelecera as regras do casamento e agora era livre de fazer o que quisesse. Sempre esperara que a mulher se mantivesse sob as suas ordens. Estava estabelecido entre os dois ela não fazer perguntas, nem questionar a autoridade ou a independência do marido. A punição por isso teria sido extrema, se alguma vez ela tivesse se atrevido. Essa questão encontrava-se bem definida entre ambos. Nunca houvera qualquer pretensão de igualdade no casamento. Gordon nunca proporcionara nem prometera tal coisa. A única circunstância que agora a espantava era o fato de ter aceitado sempre, sem pestanejar, essa regra autoritária. O casamento fora sempre mais uma ditadura do que propriamente um casamento. Você é uma mulher casada e conto que se comporte como tal. Espero que tenha aprendido a lição.

Isabelle perguntou-se então o que Gordon lhe faria se soubesse que partilhara o quarto de hospital com Bill. Estava sendo muito claro. Não iria tolerar outro tipo de comportamento da parte da mulher que não fosse exemplar. Qualquer passo em falso seria punido com silêncio, ameaças, rejeição, insultos, se necessário, ou talvez até com a expulsão de casa, ou retirando-lhe os filhos. E se ele se divorciasse dela, Isabelle não poderia cuidar de Teddy, o que era o único fato que lhe importava.

— Tem sorte por estar disposto a perdoar-te. Mas se descubro que anda portando-se mal, ou que ele vem aqui te visitar, as coisas vão ficar muito más entre nós. E sugiro que lhe diga para não telefonar mais.

Isabelle sabia que nunca faria tal coisa. Os telefonemas de Bill eram a única tábua de salvação que agora tinha. Não ia haver, certamente, qualquer

cordialidade ou apoio da parte de Gordon. Este levantou-se então da mesa, pegou na pasta e saiu da sala. Já transmitira a sua mensagem. Pouco depois, partiu para o escritório.

Isabelle sentou-se então na sala de jantar durante alguns instantes organizando as idéias. Sentia-se combatida. Agora era uma presa em liberdade condicional, e se quebrasse de novo as regras, e Gordon descobrisse, só Deus sabia o que ele iria fazer-lhe. Era capaz de pedir o divórcio e ficar com a custódia de Teddy. Esse seria o seu pior pesadelo. Estava convencida de que o marido era bem capaz disso. Tinha vontade de telefonar a Bill, mas não se atrevia. Teria de esperar que ele telefonasse. O que veio a acontecer ao meio-dia, depois de Bill fazer a fisioterapia. Parecia cansado, mas com um estado de espírito satisfatório e feliz por falar com ela.

— Olá, querida, como você está? — perguntou Bill, num tom prazenteiro, percebendo, quase de imediato, que algo acontecera. — O que se passa? Parece preocupada.

— Não, estou bem — mentiu, admitindo, de seguida, quando pressionada, dizendo a verdade, que o seu estado de espírito não era o melhor. Falou-lhe então da conversa com Gordon nessa manhã.

— Só está tentando assustar-te. Quer reinar através do medo. — Bill detestava tudo nele. Lembrou-se então de que Gordon nunca mais voltara a visitá-la no hospital, para a punir e assustar, e fazê-la sentir-se insegura. O que Gordon não sabia era que isso se transformara numa dádiva para Isabelle; aliás, para ambos. — Ele não pode fazer-te nada. Nem pode tirar-te o Teddy. — Tentava, em vão, animá-la. À medida que a conversa prosseguia, Bill sentia que Isabelle estava assustada.

— Os tribunais aqui costumam conceder o poder paternal ao pai. Ele é capaz de convencer o juiz de que sou uma má mãe.

Bill sentia o coração destroçado ao ouvi-la assim tão preocupada. Isabelle ficara toda a manhã refletindo no assunto.

— Como pode ele convencer o juiz de que você é má mãe? Dizendo-lhe que passou catorze anos cuidando dele? Querida, não seja tonta. Só quer aterrorizar-te e, pelos visto, está conseguindo. — Era um receio infundado, mas Gordon sempre a assustara com aquele ar todo poderoso, de quem é dono da verdade.

— Ele impressiona qualquer pessoa.

— A mim não me impressiona — declarou Bill, num tom algo irritado. Adoraria tê-lo confrontado com o fato de sempre ter maltratado a esposa. Gordon Forrester era um tirano. — Tenta ignorá-lo, despreza-o.

— É o que estou fazendo.

— Vai jantar com ele?

— Não sei. Nunca avisa se vem ou não jantar.

Bill sentia-se estupefato com tudo aquilo por que Isabelle passava, mas não podia fazer nada. Gostaria que ela se divorciasse, mas sabia que isso nunca aconteceria. Havia muita coisa em jogo e Isabelle sentia medo daquilo que o marido pudesse fazer-lhe. E era isso mesmo que este queria. Bill tentou explicar-lhe a situação, mas Isabelle continuava a bater na mesma tecla que estava inteiramente à mercê de Gordon. Não tinha o seu próprio dinheiro e o filho era deficiente, precisando de constantes cuidados médicos, extremamente dispendiosos. Ouvi-la falar assim irritava-o solenemente. Adoraria casar com ela e cuidar de Teddy, mas agora era tarde demais, pelo menos no momento. Não podia pedir-lhe para casar consigo se ia ficar deficiente. Estava de pés e mãos atados. E homens como Gordon arranjavam sempre a arma certa para empunhar contra as suas vítimas. Neste caso, era medo.

— Afasta-se do caminho dele. Eu é que passo a telefonar-te. — Bill achava que era melhor o seu número não aparecer nas faturas do telefone. — Liga-me só se for estritamente necessário. Eu é que te telefono.

Isabelle sentiu-se invadida por uma profunda solidão ao tomar consciência da situação em que se encontrava mergulhada. Gordon estava disposto a obrigá-la a pagar, até ao último centavo, aquilo que ela lhe fizera em Londres.

Conversaram durante mais alguns instantes. Depois, Bill teve de voltar para a fisioterapia. Prometeu ligar mais tarde, antes de Gordon chegar em casa.

Porém, desta vez, Gordon surpreendeu Isabelle. Em vez de chegar em casa tarde, chegou às quatro da tarde, com ar de quem esperava apanhar a mulher em flagrante delito. Mas Bill já telefonara. Isabelle encontrava-se estendida em cima da cama de Teddy, jogando cartas com ele. Este tinha uma paixão pelo *gmrummy*. Também gostava de jogar paciência, mas preferia jogar com a mãe.

Gordon esboçou um ligeiro aceno com a mão ao passar pela porta do quarto, mas não parou para falar com o filho ou com a mulher. Era exatamente o mesmo comportamento que Sophie presenciara durante todo o Verão. Dera-lhe uma nova perspectiva do pai, e da qual não gostara. Detestava a forma como costumava falar com ela, ignorando Teddy por completo, como se este fosse invisível ou nunca tivesse existido. Aos olhos de Gordon, o filho era uma criança defeituosa e rejeitava-o por isso. Não merecia a sua atenção, e Teddy tinha consciência disso. Há anos que não sentia qualquer respeito ou afeto pelo pai. Sophie só agora começava a compreender isso e comentou o fato com a mãe, ao final da tarde, antes de sair com os amigos.

— Por que razão deixa o papai tratá-la dessa maneira? — perguntou Sophie, em tom de acusação. Queria que a mãe reagisse, mas esta não estava disposta a isso, o que a irritava no mais profundo do seu ser. Embora tivesse se oposto,

durante anos, à mãe, era agora, potencialmente, a sua aliada mais forte.

— O papai não faz isso por mal, querida. O seu modo de ser é assim. — Isabelle mostra-se sempre disposta a defender o marido das queixas dos filhos, por mais razão que estes tivessem. — Ele não é uma pessoa expansiva.

Sophie mantinha o mesmo ar irritado. Ficara sabendo muita coisa dele nesse verão, mais do que queria. Todas as suas ilusões relativamente ao pai haviam ido por água abaixo. A sua simpatia ia inteiramente para a mãe. Isabelle tornara-se a sua heroína.

— O papai mostra constantemente indiferença e desprezo por tudo o que se passa à sua volta. Trata a mamãe de forma horrível e não quer saber do Teddy — ripostou, furiosa.

— Não é bem assim, Sophie. Isabelle ficou algo nervosa ao ouvir as palavras da filha, embora soubesse que havia uma grande dose de verdade nelas.

— Ele só quer saber dele. Também não me liga qualquer importância.

— O papai tem muito orgulho em você.

Sophie não contradisse a mãe a esse respeito, mas não acreditava naquilo que lhe dizia.

— Mesmo que isso seja verdade, não tem o direito de a tratar como trata, e muito menos ao Teddy.

Gordon agia ligeiramente melhor com Sophie, mas, ultimamente, já se mostrava mais frio com ela. Nunca lhe agradecera tudo aquilo que fizera e do que abdicara pelo irmão, durante a ausência da mãe. Sophie começara a ver o pai como um homem frio, duro e sem sentimentos. Precisamente aquilo que ele era. A nível profissional, esta postura trouxera-lhe dividendos, mas em casa, com a mulher e os filhos, isso não acontecia.

— Não se preocupe com isso. O seu pai é um bom homem. — Mas tanto uma como outra sabiam que era mentira. Gordon não tinha nada de bom ou de simpático. — O seu pai e eu já estamos habituados um ao outro. Conhecemos as nossas divergências e os sentimentos de cada um. As coisas não são tão más como parecem.

No entanto, Sophie sabia que eram piores. Compreendia agora a razão de os pais terem quartos separados. Além disso, o pai passava a maior parte do tempo fora. Raramente dormira uma noite em casa quando Isabelle estivera no hospital mas não iria dizer nada disso à mãe, para não a magoar. Não acreditava que o pai tivesse uma amante. Não parecia ser esse tipo de homem. Mas não fazia a mínima idéia de onde é que ele ia. Nunca lhe deixara nenhum contato.

— Está tudo bem — repetiu Isabelle, mas não conseguia convencer a filha.

— Ele foi sempre assim? — Agora que assistira ao comportamento do pai nos últimos dois meses, Sophie não conseguia lembrar-se de ele tratar a mãe de outra

forma. Nem de uma ocasião em que houvesse calor e afeto entre eles. Nem de o pai dar um beijo ou um abraço na mãe. E tinham quartos separados desde o nascimento de Teddy. A mãe afirmara que isso acontecia para poder cuidar do filho e não perturbar o descanso do pai, mas agora percebia que os motivos estavam muito para além disso. E só não compreendia como não ficara chocada com esse fato há mais tempo. Sempre tomara o partido do pai e agora sentia-se também culpada da situação em que a mãe vivia. Enquanto esta permanecera no hospital, ficara sabendo muita coisa e crescera como pessoa. E o fato de ter estado na iminência de a perder fizera com que sentisse agora um carinho especial pela mãe, como nunca sentira. — Ele era diferente quando casaram? — Indagou, triste pela mãe. Sentia uma ternura imensa por ela.

— Era uma pessoa muito protetora quando casamos. Muito forte, muito determinado, embora eu pensasse que isso era amor. Eu era muito jovem. E ele ficou muito feliz quando você nasceu. — Mas Isabelle não disse à filha que o pai queria um rapaz. Depois, teve um aborto espontâneo. Então, quatro anos depois do nascimento de Sophie, dera à luz Teddy. E as relações com Gordon tornaram-se azedas. Repreendera-a pelo nascimento prematuro do filho, insistindo na idéia de que ela devia ter feito qualquer coisa para provocar aborto e que a culpa era toda dela.

Gordon rejeitara o filho doente desde o primeiro momento em que o vira. Ao fim de alguns meses, começara a adotar o mesmo tipo de comportamento relativamente a Isabelle, que precisava do seu amor e do seu apoio, pois eram tempos difíceis. Haviam estado prestes a perder Teddy, por diversas vezes, nos dois primeiros anos de vida deste. Essa perspectiva aterrorizava-a. Teddy era uma criança de extrema debilidade e em constante luta com a morte, mas Gordon não fazia outra coisa senão culpabilizar Isabelle pelo estado do filho, além de a acusar constantemente de ser incapaz e incompetente. Minara completamente a sua auto-estima assim como qualquer confiança que tivesse em si própria, enquanto mãe, mulher e esposa. Ao fim dos dois primeiros anos de vida de Teddy, Gordon conseguira pô-la de lado. Isabelle nunca compreendera porquê, mas começava a acreditar que talvez a culpa fosse dela. Por vezes, ainda tinha essa sensação. Sempre achara que, se tivesse tratado das coisas da melhor forma, Gordon amá-la-ia ainda e tudo teria sido bem diferente. Passava a vida censurando-a, tal como acontecera, nessa manhã, com a história do acidente e do seu comportamento em Londres, e até estava disposta a assumir a sua culpa. Só que, desta vez, menos do que era costume. Sabia que não fora um comportamento correto encontrar-se com Bill em Londres, clandestinamente. Mas, nessa época, não fizera nada de mal. Fora sua intenção que se tratasse de um encontro inocente e dissera a Bill que honrava o seu casamento. Só no

hospital, depois do acidente, é que tudo se alterara. E agora amava Bill e era com satisfação que arcava com a culpa, só para o ter na sua vida. Não via qualquer forma de o deixar naquele momento.

— Não sei por que razão casou com o papai — comentou Sophie, preparando-se para encontrar os amigos. O que descobrira, nesse verão, acerca do pai, entre outras coisas, era que ele tinha má índole, ao ponto de, por vezes, ser cruel. E detestava isso nele.

— Casei com ele porque o amava — disse Isabelle, esboçando um sorriso triste. — Tinha vinte e um anos e sonhava com uma vida maravilhosa. Era um homem bonito, inteligente e com a vida acertada. O meu pai achava-o abençoado pelo Sol. Disse-me que seria o marido ideal para mim, e acreditei. O seu avô ficou muito bem impressionado com o seu pai. Era um homem muito talentoso.

Aos trinta e oito anos, Gordon era já diretor do banco, e ficara muito impressionado com as ligações de Isabelle com a alta sociedade e à *realeza*. No início, esta conseguira dar um toque de classe à sua vida. Tinha amigos que lhe podiam ser úteis. Mas, logo que os conheceu pessoalmente, Gordon pôs Isabelle à margem e deixou, pura e simplesmente, de mostrar qualquer sinal de afeto ou amor por ela. Passou de um marido atencioso para um ser extremamente cruel, metido consigo mesmo, tratando a mulher como se ela não existisse, a não ser para o servir.

Cinco anos mais tarde, já não se mostrava interessado em desperdiçar o seu charme com ela. E muito menos agora. Nessa hora, o seu pai morrera e o casamento transformara-se num pesadelo, mas Isabelle nunca admitira tal fato a quem quer que fosse. Sentia vergonha, e Gordon convencera-a de que a culpa era dela. Desde aí, Isabelle canalizara todo o seu amor para Sophie e Teddy.

Sophie saiu pouco depois. Gordon e Isabelle jantaram na sala de jantar. Após o tom da conversa dessa manhã, foram poucas as palavras que trocaram. Isabelle não queria irritá-lo mais e a consciência aconselhava-a a não fazer tal coisa. O único assunto que costumavam abordar era sobre as crianças, o que o aborrecia profundamente. Isabelle não abriu a boca durante todo o jantar e, depois do café, foi para o quarto de Teddy. Gordon, como de costume, fechou-se no seu quarto. Ao sair da sala de jantar, disse apenas que tinha trabalho para fazer. Mais tarde, já na cama, Isabelle pensava em tudo aquilo que Sophie lhe dissera. Era uma garota inteligente, saudável e perspicaz. O comportamento e as atitudes do pai assustavam-na, mas o comportamento e as atitudes da mãe irritavam-na ainda mais. Queria que esta fizesse frente ao marido, mas, em vez disso, defendia-o, independentemente daquilo que lhe fazia.

Nessa noite, Isabelle não ouviu Gordon sair. Mas descobriu que a cama dele não estava desfeita quando foi chamá-lo para atender um importante telefonema

de Nova Iorque, de manhã. Não conseguia imaginar onde é que o marido fora e não podia perguntar a ninguém. Ficou espantada com o que viu. Então, de repente, perguntou-se se ele fazia aquilo com frequência. Nunca percebera as saídas noturnas do marido. Mas agora tinha os olhos mais abertos. Não falou desse ato a ninguém e disse à pessoa que estava ao telefone para ligar para o escritório. Teve vontade de lhe telefonar e de lhe perguntar onde estivera, mas não estava disposta a rebaixar-se a tanto. Em vez disso, foi tratar das suas coisas, como Bill sugerira. Cuidou de Teddy e esperou que Gordon chegasse em casa à noite. Quando isso aconteceu, não lhe fez qualquer pergunta, nem disse nada. O confronto não era o seu estilo, e já não dava importância às suas rejeições. Tinha Bill e o amor que partilhavam. Depois de jantar, foi para a cama. Entretanto, já a noite ia avançada e Gordon saiu, fechando cuidadosamente a porta atrás de si.

CAPÍTULO TREZE

Bill deixou o hospital cinco dias depois de Isabelle ter regressado a Paris. Os dias ali sem ela haviam-no deixado num profundo estado de depressão. Sentia-se só, mas sabia que tinha de se habituar a essa realidade. Além disso, ainda tinha de escalar o monte Evereste da sua vida. Os fisioterapeutas descreveram-lhe o que teria de fazer no ano seguinte. No entanto, avisaram-no para não colocar a expectativa demasiado alta. Achavam que a probabilidade de voltar a andar era muito remota. E embora admirassem a sua determinação, não o queriam ver destroçado, caso tivesse de resignar-se ficando permanentemente numa cadeira de rodas. Mas era o mais provável. No entanto, achavam extraordinário que Bill tivesse alguma sensibilidade nas pernas, atendendo às lesões na coluna. Mas havia uma grande diferença, como explicaram, entre ter alguma sensibilidade nas pernas e ser capaz de andar.

Quando saiu do hospital, todas as enfermeiras vieram abraçá-lo e não conseguiram conter as lágrimas. Era grande a sua dedicação por ele e mostravam-se impressionadas com o profundo afeto que o ligava a Isabelle. Achavam que o fato de terem sobrevivido ao acidente era uma das maiores dádivas da vida. Todos, na Unidade de Cuidados Intensivos, haviam ficado espantados com o fato de ambos terem conseguido sobreviver.

Bill prometeu enviar-lhes postais quando chegasse a Nova Iorque e mandou vir presentes do Harrods para cada uma delas. Comprou-lhes pulseiras em ouro, e ao médico ofereceu um relógio *Patek Philippe*. Uma enfermeira e um enfermeiro acompanharam-no até ao aeroporto e instalaram-no no avião. No Aeroporto Kennedy, em Nova Iorque, estavam representantes do centro de reabilitação à sua espera.

Telefonou às filhas para anunciar que iria regressar a Nova Iorque. As duas prometeram visitá-lo no dia seguinte, no Centro de reabilitação. Não telefonou a Cindy propositadamente. Tentava manter uma certa distância entre eles. Achava melhor assim, por causa do processo de divórcio. Prontificara-se a conceder-lhe uma considerável pensão em dinheiro, dera-lhe a propriedade, vários carros e uma impressionante carteira de investimentos. Apresentara os papéis para o divórcio no mês anterior. Cindy ficara espantada com a celeridade com que Bill desencadeara o processo e com a sua generosidade. Continuava acreditando que ele fazia isso porque ainda imaginava poder casar com Isabelle, mas negara terminantemente tal possibilidade. Se Cindy não tivesse presenciado o amor que Bill dedicava a Isabelle, teria acreditado.

Bill conseguiu manter-se sentado durante as primeiras horas da viagem, mas

depois o pescoço e a coluna começaram a doer-lhe, apesar de estarem imobilizados. Viajou no seu avião particular. O médico aconselhara-o a não ingerir alimentos ou bebidas durante o voo. Também sugerira que fosse acompanhado de uma enfermeira, mas Bill opusera-se à idéia, e arrependeu-se mal descolou. Mas queria provar a si próprio que era independente. Quando aterrissou em Nova Iorque, estava absolutamente esgotado e cheio de dores.

No aeroporto, encontravam-se dois enfermeiros e um motorista à sua espera. Na alfândega, não o mandaram parar. À porta, encontrava-se uma ambulância. Os enfermeiros levaram-no primeiro à banheiro. Ainda pensou em telefonar a Isabelle, mas resolveu esperar até chegar ao centro de reabilitação. As dores eram muitas e estava ansioso por se deitar na ambulância.

O vôo parecia que nunca mais acabava. Passara boa parte da viagem deitado. Reclinara o assento, transformando-o numa cama. No entanto, este manteve uma ligeira inclinação, que lhe provocou dores excruciantes. Lembrou-se então de que ainda tinha um longo caminho a percorrer até à recuperação plena, e não sabia se conseguiria chegar até lá.

Haviam lhe trazido um café, bebidas frescas e um sanduíche. Sentiu-se muito melhor quando a ambulância arrancou. Estava um bonito dia de outono e o ar continuava quente.

Levou meia hora para chegar ao centro de recuperação, nos arredores de Nova Iorque. Este parecia mais um *country club* do que um local de reabilitação, mas estava de tal modo cansado que, quando chegaram, nem forças teve para olhar à sua volta. A única coisa que queria era uma cama. Havia homens e mulheres em cadeiras de rodas por todos os lados. Duas equipes de doentes em cadeiras de rodas jogavam basquetebol. O ambiente parecia ser de grande cordialidade e muito movimentado. Dava a sensação de que as pessoas transbordavam de energia, o que o deixou algo deprimido. Aquele ia ser o seu lar durante o próximo ano, ou, na melhor das hipóteses, durante os próximos nove meses. Sentia-se um garoto que fora mandado para um colégio interno e que estava morto de saudades de Isabelle e do St Thomas, e de todos os rostos amigos que lá conhecera. Nem sequer se lembrou da sua casa no Connecticut. Isso agora fazia parte de um passado distante. E quando o conduziram numa cadeira de rodas até ao seu quarto, não conseguiu conter as lágrimas. Nunca se sentira tão vulnerável e tão só.

— Tudo bem, Mister Robinson?

Bill limitou-se a fazer um aceno de assentimento.

O quarto parecia o de um hotel confortável. Apesar do preço, que era exorbitante, não era luxuoso. Tinha mobiliário moderno e a cama era semelhante àquela onde dormira ao lado de Isabelle. Na parede havia um poster do Sul da

França. Tratava-se de uma reprodução de uma aquarela que parecia representar Saint-Tropez. Tinha banheiro privativo e a iluminação era boa. Havia ainda um fax, uma tomada para computador e um telefone particular. Disseram-lhe que não podia ter um microondas no quarto. Agiam assim para que os doentes não se isolassem, fazendo as refeições sozinhos no quarto. Queriam que comesse na lanchonete juntamente com todos os outros doentes, se juntasse às equipes esportivas, usasse as salas de convívio e fizesse amigos. Tudo isso se integrava no método de reabilitação que haviam estabelecido para ele. E o processo de socialização nas novas circunstâncias fazia parte da reabilitação. Independentemente de quem ele era, fora, ou viesse a ser outra vez queriam que fosse parte ativa da comunidade enquanto ali estivesse

Bill lembrou-se então de que tinha que telefonar à secretária. A sua atividade política ficara reduzida praticamente a zero desde há dois meses e meio. Não poderia fazer aquilo que precisava a partir da cama; como tal, a secretária cancelara tudo o que ele agendara. Não havia qualquer forma de apresentar as pessoas umas às outras, planejar campanhas ou dar apoio aos seus protegidos sobre a forma como conduzir uma campanha de sucesso. Enquanto passeava o olhar, tentava conformar-se com a idéia de pôr a atividade política de lado, durante pelo menos um ano.

No quarto, havia ainda um pequeno frigorífico com as mesmas coisas existentes no minibar de um quarto de um bom hotel: refrigerantes, refeições rápidas, tabletes de chocolate e, para sua surpresa, duas garrafas pequenas de vinho. Depois de os enfermeiros saírem, abriu uma *Coca-Cola*, bebeu um gole e olhou para o relógio. Sentia uma vontade incontrolável de telefonar para Isabelle, mas receava que Gordon se encontrasse em casa. Desligaria se Gordon surgisse do outro lado da linha.

Atenderam ao segundo toque, e Bill ouviu então a voz de Isabelle. Eram onze horas da noite, hora de Londres, mas ela não dava mostras de estar com sono. A voz doce trespassou-lhe o coração que nem uma faca.

— É uma boa hora? — perguntou Bill, de imediato. Isabelle riu.

— Para quê, meu amor? É uma ótima hora. Quem me dera que estivesse aqui. O Gordon foi passar a noite em Munique. Como foi a viagem?

— Tive muitas dores. Sinto-me como se estivesse na prisão. — Passou novamente o olhar pelo quarto. E embora soubesse que era um bom quarto e que tudo o que havia nele era da melhor qualidade, sentia-se deprimido. — Detesto estar aqui. — Parecia um garoto cheio de saudades da família telefonando do colégio interno.

— Vá lá, você tem de ter paciência. Vai fazer-te bem. Irá habituar-se e, quando menos esperar, já estará bom. Talvez sejam só uns meses. bIsabelle

tentava animá-lo, mas Bill parecia estar muito abatido. Queria fazer qualquer coisa por ele, mas, àquela distância, era muito difícil. Ambos tinham de travar as suas batalhas sozinhos. E, em muitos aspectos, a de Bill era muito mais dura do que a dela.

— E se eu ficar aqui uns dois anos?

— Isso não vai acontecer. Aposto que sairá mais cedo do que espera. Que tipo de pessoas é que estão aí?

Ambos haviam receado que o centro de reabilitação estivesse cheio de idosos a recuperar-se de ataques cardíacos. Bill tinha muito pouco a ver com eles. Porém, por aquilo que vira, muitos eram jovens e encontravam-se ali como resultado de acidentes de esqui, mergulhos em piscinas, acidentes de trânsito. As pessoas que estavam motivadas para ali estar eram, na sua esmagadora maioria, jovens com longas e potencialmente produtivas vidas à sua frente.

— Parece ser boa gente. — Bill soltou um suspiro e olhou para a piscina olímpica, que se via da janela do quarto, e avistou uma série de pessoas nadando e as respectivas cadeiras de rodas à volta da piscina. — Só não quero aqui estar. Quero voltar para Washington ou para Paris, para junto de você. Sinto que a vida está passando ao meu lado. — Porém, nenhum desses dois locais eram possibilidades para ele nesse momento. E o que Bill mais receava era que nunca mais fossem. Teria de conseguir sentar-se durante longos períodos, manter-se de pé durante horas, viajar sozinho, cuidar de si, ter resistência, mobilidade e clareza de espírito se quisesse retomar a sua carreira política. E também receava que agora houvesse alguma resistência psicológica relativamente a ele. Era possível que as pessoas sentissem que, pelo fato de se encontrar confinado a uma cadeira de rodas e, de alguma forma, inválido, não estava em condições de dirigir uma campanha de sucesso. Tornava-se difícil prever os preconceitos que iam na cabeça das pessoas. Era de primordial importância para si, por muitas razões, voltar a andar.

Isabelle não estava preocupada com a eventualidade de Bill nunca mais andar, se bem que desejasse ardentemente que isso não viesse a acontecer. O seu amor por ele nunca seria afetado por esse fato. Estava farta de lhe asseverar isso. Mas havia uma obsessão a que Bill não conseguia fugir. Recusava-se ficando dependente de quem quer que fosse. Nem de Cindy, nem das filhas, nem dos seus colaboradores ou amigos, nem de Isabelle. Se não conseguisse protegê-la, cuidar dela, estar a seu lado como um homem e fazer amor com ela, então não tinha qualquer intenção de partilhar a vida com a mulher que amava. Isabelle sentia que Bill colocara a expectativa demasiado alta. A única coisa que podia fazer por ele era rezar.

— Como está o Teddy? E você. Como está.

— Estou ótima. A Sophie recomeçou as aulas ontem. O Teddy ainda está muito cansado e estou preocupada com o seu coração. Às vezes, parece que está piorando, depois, tem um dia maravilhoso e sente-se melhor. Não sei explicar. Mas o seu estado de espírito está ótimo. — Melhorara desde que Isabelle voltara para casa, mas o seu instinto de mãe dizia-lhe que o médico tinha razão e que há muito tempo que Teddy não se encontrava tão fraco.

— A Olivia e a Jane recomeçaram as aulas na semana passada, mas disseram que viriam ver-me este fim de semana.

— A Cindy também irá? — Isabelle tinha alguns ciúmes dela, embora não gostasse de o admitir. Sabia que Bill ficaria lisonjeado com esse fato. Cindy oferecera-se para visitá-lo com as filhas, mas Bill achara melhor ela não o fazer. Não explicou isso a Isabelle, porque ainda não lhe falara do divórcio. Continuava acreditando que ela não se sentiria tão pressionada se pensasse que ele e Cindy continuavam casados. Assim, não pensaria que ele estava à espera dela ou de outra pessoa qualquer. Se se visse livre de Gordon, Bill estaria à sua espera. Mas este achava que isso só complicaria as coisas. Assim, continuava a iludi-la com o fato de continuar casado com Cindy e de que tudo entre eles corria bem.

— A Cindy foi passar uns dias fora.

Isabelle sempre achara que Cindy era de uma grande insensibilidade ao fazer questão de levar a sua própria vida, sem atender à situação de Bill, mas não fez qualquer comentário sobre o assunto.

— O Gordon foi passar a noite em Munique. Está numa conferência. Vem passar o fim de semana em casa. Acho que tem planos em mente.

Gordon, porém, já não a incluía nos seus planos e ela também não tinha qualquer desejo que tal acontecesse. Desde os acontecimentos ocorridos em Londres que se sentia completamente separada dele e já não a preocupava o fato de Gordon não a convidar para nada. Este presumia que ela preferia ficar em casa com o filho, e não se enganava. Além disso, continuava a sentir-se extremamente cansada. Nessa noite, foi cedo para a cama. Passara todo o dia com Teddy, fora almoçar com Sophie, mas esse esforço deixara-a muito abatida. De acordo com o médico, ainda decorreriam muitos meses até se sentir de novo como antes do acidente.

— Que vai fazer esta noite? — Indagou Isabelle, num tom suave. Percebia, pela voz, que Bill se sentia cansado e triste, o que a deixou preocupada.

— Vou para a cama. Não há serviço de quarto, mas não tenho fome. — Sentia demasiadas dores para comer e não queria tomar analgésicos. Fizera o desmame deles semanas antes, com medo de ficar viciado. Tal não sucedera, felizmente, mas não queria recomeçar a tomá-los.

— Talvez devesse dar uma volta aí pelo centro. — Isabelle não gostava da idéia de ele ficar sozinho no quarto. Receava que entrasse num estado de depressão profunda.

— Amanhã. Eles não dão muitas alternativas aqui. Começo a terapia às sete da manhã e só volto para o quarto às cinco. — Tratava-se de um regime rigoroso, mas Bill escolhera aquele centro por essa razão. Achava que quanto mais se aplicasse, mais rápidos seriam os resultados, se bem que o seu único desejo naquele momento fosse sair dali. — Telefono-te, de manhã, quando me levantar. Seria meio-dia para Isabelle e Bill sabia que era uma boa hora. Se telefonasse quando voltasse para o quarto, ao fim do dia, seriam onze da noite para ela e, se Gordon atendesse, Isabelle ver-se-ia metida em problemas.

— Posso telefonar-te de vez em quando.

No entanto, Bill achava que seria melhor que fosse ele a ligar.

— Telefono-te amanhã, querida — disse, demasiado cansado para articular mais uma palavra que fosse. Sentia dores horríveis na coluna, o pescoço rígido, o estado de espírito de rastos e tinha a sensação de estar em outro planeta, longe de Isabelle e da vida que outrora conhecera. Regressara finalmente aos Estados Unidos, mas não se sentia melhor por isso. Encontrava-se numa ilha deserta e estava condenado a lá ficar durante um ano. Não era uma idéia muito agradável.

— Amo-te, querido — sussurrou Isabelle.

Depois de desligarem, deitou-se na cama, com o pensamento em Bill e o desejo ardente de o abraçar, apertar contra si e confortar.

Na manhã seguinte, Bill levantou-se às seis horas. Adormecera vestido e só acordou quando o despertador acabou de tocar. Ainda sofria os efeitos da diferença horária, sentia-se cansado e mal conseguia mexer-se. Chamou um enfermeiro para o ajudar a sentar na cadeira de rodas e o levar até ao chuveiro. Meia hora depois, sentia-se melhor. Telefonou, então, a Isabelle, antes de sair do quarto.

— Como se sente, querido? — Perguntou Isabelle, preocupada. Bill parecia mais animado do que na noite anterior.

— Muito melhor do que ontem. Estava arrasado.

— Eu sei. — Isabelle sorria. Teddy acordara bem disposto e estava um dia maravilhoso de Setembro. Era meio-dia em Paris.

— Desculpa as lamúrias de ontem à noite. Sentia-me um garoto num colégio interno.

Isabelle achou graça. Também pensara o mesmo.

— Eu sei. Só tenho vontade de voar até aí e trazer-te para casa.

— É o que as mães fazem. Os pais limitam-se a dizer ao garoto para se aguentar. É a diferença básica entre os dois sexos. As meninas ficavam sempre

mortas de saudades quando iam acampar. A Cindy queria ir logo buscá-las e eu achava que elas deviam ficar lá até ao fim.

— Quem costumava ganhar? — Isabelle parecia divertida. Era uma faceta de Cindy da qual Bill nunca lhe falara. Teria feito o mesmo. Só deixara Sophie ficar fora de casa ao entrar para a universidade e preferira que ela ficasse na Sorbonne em vez de ir para Grenoble.

— Ela, claro. Eu estava sempre fora e não podia impor as minhas regras. Quando voltava para casa, elas já se encontravam lá.

— Melhor para ela.

— Bem, tenho de ir ver que torturas é que eles me reservaram. — Mas Bill não estava preparado para o intenso regime que o esperava.

Depois do que começara a fazer em Londres, aquilo assemelhava-se à recruta dos fuzileiros. Fez ginástica o melhor que pôde, sentado na cadeira. Puseram-no para levantar pesos para fortalecer o tórax e para trabalhar em aparelhos. Havia uma terapia especial para o pescoço, uma longa sessão de treino na piscina e exercícios especiais para as pernas. Tinha meia hora para almoço e pouco tempo lhe restava para ir à lanchonete para falar com alguém. Às cinco horas, quando chegou ao quarto, estava tão cansado que mal conseguia mexer-se. Nem sequer teve forças para passar da cadeira para a cama e teve de chamar um ajudante, que sorriu quando o ouviu gemer.

— Teve um bom treino, Mister Robinson? — Era um jovem afro-americano que treinara com os Jets e que se lesionara cinco anos antes. Estudava fisioterapia. Bill ficou animado ao verificar que não havia qualquer sinal das lesões anteriores e aparentava estar em boa forma física. Tinha apenas vinte e seis anos.

— Está gozando? Eles estão é vendo se me matam.

— Daqui a duas semanas já não sentirá dores. E vai começar a gostar. — O ajudante ofereceu-se então para lhe fazer uma massagem. Quando este saiu, Bill resolveu não jantar e ficar na cama. Estava cochilando quando ouviu baterem à porta. Ao abrir os olhos, um jovem numa cadeira de rodas encontrava-se já no quarto.

— Olá, chamo-me Joe Andrews. Estou no quarto ao lado. Posso convidá-lo para uma partida de basquetebol às oito horas?

Bill olhou para ele e riu-se. Andrews estava sentado numa cadeira de rodas e parecia ter só uma perna. Era um moço simpático. Devia ter uns vinte e poucos anos de idade. Estivera envolvido num acidente de trânsito onde pereceram quatro pessoas, seis meses antes.

— Uma partida de basquetebol? Está gozando? Só se for comigo a servir de bola. Não creio que volte a ser capaz de me sentar direito na cadeira.

— No começo, custa. Depois, as coisas vão ficando mais fáceis. Este centro é ótimo. Há seis meses, encontrava-me totalmente imobilizado e só conseguia mexer os olhos. Nessa época, já ficaria contente se fosse capaz de coçar o nariz.

— Você tem a idade do seu lado. — Mas Bill também se encontrava em excelente forma física até ser atingido pelo ônibus. — Eu já estou velho.

— Aqui a idade não conta. O capitão da equipe tem oitenta e dois anos. Teve uma trombose. Jogou nos Yankees há sessenta anos.

— Eu já desci de divisão. Devia ter me alistado nos Fuzileiros.

— Seria mais fácil, mas não tão divertido. Há mulheres muito bonitas aqui.

Bill gostava do rapaz. Tinha olhos risonhos, um sorriso simpático e cabelos ruivos.

— Você não deve ter mãos para medir. — Não era esse o caso, mas, pelo menos, já se interessava pelas mulheres. A noiva morrera no desastre de trânsito, mas não referiu esse fato a Bill.

— Costumo ir a Nova Iorque nos fins de semana. Se quiser, um dia pode vir comigo. São vinte minutos de trem.

— É uma idéia. Neste momento, não consigo mexer um único músculo.

— Porque não vem ver? Apresento-o a alguns dos caras. — Joe estava determinado a cativar Bill para as atividades do centro. Era importante para o moral dos pacientes envolvê-los em atividades para além da terapia. Fora o que salvara a vida de Joe. Quando entrou no centro de reabilitação, ainda pensara em se suicidar.

— E as meninas? — gracejou Bill.

— É casado? — Joe continuava a puxar-lo. Era excelente no trato com as pessoas. Bill achava-o um garoto simpático, só o entristecia o fato de estar numa cadeira de rodas.

— Não. Estou divorciando-me.

— É pena. Há duas moças na equipe. Uma tem dezoito anos.

— Acho melhor não me meter outra vez na gaiola. Que idade tem a outra?

— Sessenta e três — respondeu Joe, com um sorriso malicioso.

— Fico com essa. Está mais próxima da minha idade.

— Que idade tem?

— Cinquenta e dois. Hoje, da forma que me sinto, noventa.

— Já jantou?

— Achei melhor não jantar. — Também não o fizera na noite anterior.

— Não é muito boa idéia. Passo por aqui para buscá-lo às seis e meia. Depois, conversamos do jogo. — Não perguntou se Bill queria ir ou não e, antes que este pudesse colocar alguma objeção, saiu.

Bill apareceu às seis e um quarto e sentia-se melhor do que uma hora antes.

Tomara um banho, barbeara-se e penteara-se. Vestira uma camiseta e calças de ganga. Ele e Joe pareciam dois meninos a caminho do salão de jantar. Joe parecia conhecer todas as pessoas. Apresentou Bill a todas as pessoas que pôde. Soube então que Joe tinha vinte e dois anos, era de Minneapolis e queria entrar para o curso de Direito no ano seguinte. Tinha duas irmãs e um irmão gêmeo que também se viram envolvidos no acidente. O irmão gêmeo e a noiva tiveram morte imediata, assim como os dois ocupantes do outro carro.

O irmão ia ao volante quando o outro chocou de frente, numa noite de nevoeiro. Muitas das pessoas internadas no hospital tinham histórias dolorosas para contar: uma mulher que fora atingida por uma bala na coluna durante um assalto a uma loja de conveniência, quando parara, ao meio do dia, para comprar *Coca-Cola* para os filhos; pessoas vítimas de acidentes e com traumas de todo o gênero. Muitas delas encontravam-se não só em tratamento de fisioterapia como também em tratamento psiquiátrico, como era o caso de Joe e da mulher que fora atingida na coluna. Quando tivessem alta, a idéia era que conseguissem levar uma vida perfeitamente normal.

O centro tinha duzentos doentes internos e mais de trezentos externos, que vinham diariamente aos tratamentos. Mas os que viviam ali formavam um núcleo que se comportava como se de uma família se tratasse. O barulho na lanchonete fazia lembrar a Bill a confusão própria de um *cocktail*. Todos rindo, falando, fazendo planos, gabando-se das suas vitórias do dia, ou queixando-se da dificuldade dos exercícios. Há muito tempo que não via tantos rostos sorridentes. Nunca esperara encontrar ali aquele cenário.

— Vai haver um torneio de tênis na próxima semana. — Joe inscreveu Bill, ao mesmo tempo que falava com meia dúzia de outros pacientes, quatro deles garotas. Havia muitos jovens em cadeiras de rodas. Bill calculava que metade das pessoas que vira andava na casa dos vinte e eram homens. A outra metade abrangia um largo leque de idades e menos de metade eram mulheres ou garotas. Três quartos da população do centro pertenciam ao sexo masculino. Eram estes que apresentavam mais problemas, que tinham mais azar, conduziam em maior velocidade, corriam mais riscos e praticavam os esportes mais perigosos. Mas também havia uma série de homens e mulheres da idade dele. À mesa, encontrava-se uma garota de extraordinária beleza, mas cuja fala mal se percebia. Era modelo e caíra de um lance de escadas de mármore e sofrera um forte traumatismo craniano. Estivera em coma durante oito meses. Chamava-se Helena e a sua melhor amiga no centro era uma jovem bailarina que sofrera um acidente de trânsito, e estava determinada a voltar a dançar. Todas aquelas pessoas enfrentavam desafios impressionantes e faziam esforços sobre-humanos para os ultrapassar. Estava espantado com a força de vontade que elas

demonstravam.

Quando o jantar acabou, sentia-se muito melhor. Joe e Helena haviam-no convencido a ir até ao ginásio, mas não lhe agradava jogar. Só queria assistir.

— Eles jogam muito bem — comentou Helena com um sorriso nos lábios, mal se percebendo o que dizia. Também se encontrava numa cadeira de rodas, mas só porque tinha vertigens provocadas pelo traumatismo craniano, e, por vezes, caía quando menos esperava. Sentia-se mais em segurança na cadeira. Bill ficou impressionado com a sua beleza. Achava-a parecida com Isabelle. Joe contara-lhe que Helena trabalhara em Nova Iorque, Paris e Milão, e fora capa da *Vogue* e da *Harper's Bazaar*. Ainda de acordo com Joe, estava recuperando-se muito bem. — Da próxima vez, tem de jogar — disse ela, em tom de incentivo.

— E por que razão você não joga? — gracejou Bill. Era mais alta do que muitos dos homens, tinha umas pernas que pareciam nunca mais acabar. Usava bermuda e sandálias, e os pés impecavelmente tratados e com as unhas pintadas de vermelho. A maioria dos homens não tirava os olhos dela, mas o namorado era o fotógrafo com quem trabalhava na época do acidente e que tinha por ela uma devoção enorme. Iam se casar quando ela saísse do centro. E usava um anel de noivado que Cindy teria descrito como do tamanho de um ovo.

Bill e Helena assistiram ao jogo lado a lado. Muitos dos doentes davam gritos de incentivo às equipas. Havia grande alegria e animação, independentemente da equipa que marcava. O fato de estarem jogando já era uma vitória. Bill sentia-se impressionado com o ginásio espetacular.

— É casado? — Indagou Helena. Todos sabiam que era comprometida e louca pelo noivo. A pergunta fora feita por mera curiosidade. Bill era um homem bem-apegoado. Em outras circunstâncias, ter-se-ia sentido atraída por ele, mas naquele momento era feliz com o noivo que tinha.

— Divorciado. Quase. Dentro de meses.

— Sinto muito. Será muito popular aqui. — E esboçou um largo sorriso. Mas Bill nunca vira tantos homens bem-apegoados juntos, e muitos deles com metade da sua idade. Não se mostrava preocupado com esse fato. Não se considerava um homem livre. Estava apaixonado por Isabelle. — Tem namorada?

Bill esteve tentado a dizer que não, mas resolveu ser franco.

— Tenho.

— Vai casar com ela? — Helena mostrava-se implacável.

— Não — respondeu Bill, atirando com todas as cautelas para trás das costas. Não precisava ficar com segredos. — Ela é casada e vai continuar assim.

— Que quer dizer com isso? — Helena olhou fixamente para Bill, alheando-se por completo do jogo. A algazarra no ginásio era ensurdecadora, mas estava

mais interessada naquilo que Bill acabara de dizer.

— Quero dizer que ela não precisa de acrescentar os meus problemas aos dela. Tem um filho deficiente. Não precisa de um marido numa cadeira de rodas.

— Porque não? Que diferença é que isso faz? Tem de ultrapassar isso. É essa a opinião dela?

— Acho que não, mas é assim que me sinto. Não quero ser um fardo para ela.

— É muito simpático da sua parte e aqueles ali? E apontou para os jogadores, a chocarem uns com os outros, a deslizarem a toda a velocidade, de sorrisos abertos e rostos lavados em suor. Divertiam-se muito. — Eles parecem-lhe um fardo para si?

— Não estou casado com eles. Mas talvez se tornassem, se fosse esse o caso. Olhe, Helena, não consigo dançar, pôr-me de pé, passear pela rua, nem sequer sei se voltarei a trabalhar. Não posso obrigar ninguém a viver comigo nestes moldes. — E nem sequer lhe referiu que da última vez que tentara fazer amor não conseguira.

— O que fazia na vida? Era patinador? — Indagou Helena, franzindo o sobrolho. Era uma garota inteligente. Bill gostava do estilo.

— Estou na política.

— É algo que não se possa fazer sentado? Isso é novidade para mim.

— Sabe do que estou falando.

— Eu também me sentia assim. Depois, achei que era uma estupidez. Agora falo de uma maneira engraçada. Às vezes, esqueço-me das coisas. Perco o fio à meada nas conversas. Situação bastante embaraçosa. E também não sei se poderei voltar a trabalhar. Mas iria amaldiçoar-me para todo o sempre se desistisse da vida. Tenho qualidades. Posso fazer outras coisas. Ainda estou a meio caminho — afirmou, com alguma modéstia. Já eram amigos. As amizades ali faziam-se rapidamente. Encontravam-se todos no mesmo barco e partilhavam o mesmo tipo de problemas. — Ainda me considero inteligente, embora possa parecer por vezes estúpida. E se não gostarem de mim assim, que se lixem. O meu noivo não está nem aí para isso, mas, caso estivesse, mandava-o dar uma volta. Talvez você devesse dar a essa mulher uma oportunidade para se decidir.

— A questão é um pouco mais complicada.

— Há alguma coisa que não seja complicada? — Ripostou Helena, pouco impressionada com o que Bill dissera, olhando, por instantes, para o jogo. Depois, virando-se novamente para ele, acrescentou: — Não tome uma decisão precipitada. Quase apostaria a minha vida em como ela merece o seu amor e que está se lixando para o fato de você andar ou não. — Bill sabia que o que ela dizia era verdade. Mas para Isabelle havia ainda o problema de Teddy. Bill decidira que só tornaria a vê-la se conseguisse voltar a andar. Era uma condição que

impusera a si próprio, mas que ela desconhecia.

— Sabe, Helena, gostaria de fazer essa aposta com você. — Ouvira tudo o que ela dissera e ficara profundamente impressionado, não só pela coragem da jovem, mas também pela sua candura.

— Que aposta?

— A sua vida — respondeu Bill, soltando uma gargalhada.

— Calma aí, hein? Você está apaixonado e eu estou noiva, e a minha vida pertence ao meu rapaz.

— É pena. — E continuaram sentados, lado a lado, como velhos amigos, até o fim do jogo.

A equipe de Joe foi a vencedora. Quando este chegou ao pé dos dois, estava feliz e todo suado. Dirigiram-se então até à lanchonete, onde a maioria dos jogadores e respectivos torcedores já se encontravam. Fora uma tarde divertida. Quando Helena os deixou, para voltar para o quarto, Joe perguntou a Bill, com um sorriso de orelha a orelha:

— Ela vai acabar com o noivado? Todos já tentamos.

— Estou tratando do assunto, mas ainda demorará algum tempo. — Ambos sabiam que não passava de um gracejo. Helena estava loucamente apaixonada pelo noivo e Joe disse até que ele era uma ótima pessoa. Planejavam casar-se na primavera. Helena estava determinada a caminhar pelo seu próprio pé até ao altar. Pela indomável força que demonstrava, Bill acreditava que conseguiria alcançar esse objetivo. Era uma garota extraordinária.

— Tem uma irmã que a vem visitar — comentou Joe, enquanto se dirigiam para os quartos. — Parece uma rã. — Bill soltou uma gargalhada. — Devem ser filhas de mães diferentes, ou uma coisa desse gênero. A Helena apresentou-a e fiquei espantado. Mas é muito simpática.

— Às vezes essas coisas acontecem.

— Joga conosco da próxima vez? — perguntou Joe, já no corredor dos quartos.

— Acho que prefiro ficar assistindo. — Gostara da conversa com Helena e pensava naquilo que ela lhe dissera, mas ainda não concordava com as idéias dela. Não ia ser um fardo ou um inválido na vida de ninguém e muito menos na de Isabelle, mesmo que só se encontrassem duas vezes por ano. Era uma dor de cabeça de que ela não precisava. Já tinha dores de cabeça suficientes na vida.

— Quer ir a Nova Iorque amanhã? Vão mais algumas pessoas. Vamos jantar e depois ao cinema.

— Adoraria, mas as minhas filhas vêm visitar-me. — Olivia vinha de Georgetown, Jane, de Nova Iorque.

— Que idade têm? — Indagou Joe, curioso. Estava interessado em conhecer

garotas, embora não tivesse saído com nenhuma desde a morte da noiva.

— Dezenove e vinte e um. Gostaria que as conhecesse.

— Só saímos às seis horas — retorquiu Joe, entrando no quarto de Bill. Tenho um festival de natação amanhã, mas estarei aqui. — Bill fora capitão da equipe de natação da faculdade.

— Espero você — prometeu Bill, e despediram-se. Estava aborrecido por não ter tido tempo de telefonar para Isabelle nessa noite e agora era muito tarde para o fazer. Eram cinco da manhã em Paris. Resolveu então esperar uma hora e telefonar-lhe quando ela acordasse.

Deitou-se na cama e pôs-se a ler tentando não adormecer. Então, à meia-noite, telefonou. Isabelle atendeu de imediato, parecendo aliviada por ouvir a sua voz.

— Você está bem? Estava preocupada com você.

— Estou ótimo. Fui assistir a um jogo de basquetebol. Aqui dão cabo de mim Mas é um lugar extraordinário. — Falou-lhe então das pessoas que conhecera, das histórias que ouvira e da terapia que fizera durante todo o dia.

— Meu Deus, acho que não conseguiria fazer nada disso.

— Também não sei se vou aguentar. Só temos um dia livre. As meninas vêm visitar-me amanhã. Vai fazer-me bem vê-las. — Há dois meses que não as via e sentia imensas saudades.

E estava espantado por também sentir saudades de Cindy. Mas não referiu esse fato a Isabelle. Ao fim de trinta anos, a presença dela tornara-se um hábito na sua vida que era difícil de quebrar, mesmo tratando-se de um hábito que já não fazia parte da sua existência. — E você, como está, querida?

— Estou ótima. Acabei de me levantar. O Teddy ainda está dormindo.

— Conversaram durante mais uns instantes, depois tiveram de desligar, quando Isabelle ouviu o filho mexer-se na cama. Deu-lhe os medicamentos da manhã e ele voltou a adormecer. Foi então até o seu quarto, vestiu-se e deteve-se demoradamente à janela, a olhar para o jardim, sempre com Bill no pensamento. Causava-lhe uma profunda tristeza saber que não o veria tão cedo, mas era por uma boa causa. Provavelmente não se veriam senão daí a um ano.

Nessa noite, pouco antes de adormecer, Bill sorriu ao lembrar-se das palavras de Helena, que até faziam sentido, mas continuava a achar que ela não tinha razão. Ele não poderia pertencer à vida de Isabelle, ou de quem quer que fosse, se não adquirisse a capacidade de andar. Era uma questão de princípio, embora contrariada por tudo o que via naquele local. Mas Helena era bonita e jovem, e mulher... não entendia como se sentia... Ele via as coisas de modo diferente... Era homem.

CAPÍTULO CATORZE

No dia seguinte, quando Olivia e Jane vieram visitar o pai ficaram entusiasmadas com o seu bom aspecto. Bill mostrou-lhes então o centro de recuperação e os terrenos circundantes, e apresentou-as às pessoas que conhecia. Quando encontraram um canto sossegado, sentaram-se, saboreando o ar quente de setembro. Estava uma tarde de sol. As garotas irradiavam felicidade. Tinham muita coisa para contar. Falaram da mãe, das saudades que haviam sentido e do desejo de ambas para que ele voltasse para casa. Ainda estavam muito aborrecidas com a questão do divórcio, se bem que as atenções já estivessem centradas nas aulas.

Ao fim da tarde, antes de irem embora, foram comer um hambúrguer na lanchonete. Quando lá chegaram, deram de cara com Joe. Bill apresentou os três jovens e a empatia entre eles foi imediata. Olivia conhecia alguém que fora colega de Joe em Minneapolis. O mundo estudantil era pequeno. Joe perguntou a Jane o que achava da Universidade de Nova Iorque, pois pensava inscrever-se nela, no curso de Direito. Esta respondeu que adorava, e a conversa continuou em um ritmo animado. Joe pediu também um hambúrguer e conversaram de todos os assuntos que lhes interessavam. E o fato de se encontrar numa cadeira de rodas era irrelevante para todos eles. Ninguém parecia importar-se com a circunstância. Quando saíram da lanchonete, Bill reparou que Olivia caminhava a seu lado e Jane ao lado de Joe. Este parecia sentir-se atraído por ela e convidou-a para ir ao cinema com ele e alguns amigos, nessa noite, em Nova Iorque. Mas Jane disse que tinha outros planos, mas que ficava com pena de não poder ir. Combinaram então que Joe lhe telefonaria para marcarem uma saída para outro dia. Parecia terem muito em comum. Joe era uma pessoa sensível, delicada e inteligente. Quando foi embora, Bill comentou que gostava muito dele.

— É simpático. Foram as únicas palavras de Jane, e Olivia riu.

— Não diga que ele é “simpático”, diz antes que é “fogo”! — Era um rapaz bem-apegoado. Bill estava divertido com a forma como os jovens daquelas idades se relacionavam. Faziam-lhe lembrar cachorros na brincadeira uns com os outros.

Nessa noite, Olivia e Jane iriam ficar com a mãe. Mal saíram, Bill voltou para o quarto. Quando aí chegou, Joe já o aguardava, com ar preocupado.

— Gostaria de lhe pedir uma coisa — disse, não conseguindo dominar o nervosismo.

— Esteja à vontade. O que deseja, Joe? — Bill presumia tratar-se de outro

jogo de basquetebol.

— Queria saber se... estava pensando... — Devia ser coisa séria. Joe ficou, de repente, com a língua presa e corado até à raiz dos cabelos.

— Não deve ser coisa boa — gracejou Bill. — Parece que quer pedir-me o carro emprestado. Não tenho e, aliás, nenhum dos dois pode conduzir.

Joe Andrews riu-se.

— Gostaria de saber se não se importa... — Inspirou fundo e continuou: —...se não se importa que eu telefone à Jane um dia destes? Não o farei se não me der autorização para tal. Além disso, ela pode não querer voltar a ver-me... isto é... você sabe... muito bem... como essas coisas são.

— Acho uma ótima idéia. — Jane tivera um namorado que todos detestavam, durante dois anos. Para alívio de Bill, haviam acabado no ano anterior. — Tanto quanto sei, não está comprometida, embora não esteja muito a par desses pormenores. Tem de lhe perguntar.

— Ela disse que podia telefonar-lhe e deu-me o número da casa da mãe e da faculdade. Mas não quis telefonar-lhe sem pedir primeiro a sua autorização.

Bill ficou sensibilizado com o ato de Joe.

— Diria que é um sinal de esperança. Então, é melhor do que a irmã da Helena?

— Está brincando? Nem sequer têm comparação. A Jane é fera! Isto é... a irmã da Helena é uma moça simpática, mas...

— Já sei parece uma rã.

— Não diga à Helena que eu disse isso. É uma garota doce e muito inteligente. — Estava em pânico perante a perspectiva de Bill contar a Helena o que ele dissera da irmã.

— Prometo que não digo nada. Sinto-me lisonjeado por gostar da Jane. E orgulhoso das duas.

Joe também gostara de Olivia, mas achara-a mais velha e mais reservada. Sentia-se mais à vontade com Jane.

— Talvez lhe telefone logo à noite.

— É com você — disse Bill, num tom paternal. — Daqui em diante, não quero ter nada a ver com isso. A Jane é maior e vacinada. — Ficou sensibilizado com o fato de aquele rapaz, por quem tinha uma amizade especial, sentir algumas afinidades com Jane. Seria bom para ambos. Ela precisava de alguém inteligente, decente e simpático na sua vida, e ele merecia alguma felicidade depois do que lhe acontecera. A Bill nem sequer passou pela cabeça a hipótese de a ligação entre os dois não resultar pelo fato de Joe se encontrar confinado a uma cadeira de rodas. No que tocava à sua relação com Isabelle, já não pensava assim.

Olivia e Jane ficaram encantadas com a visita ao pai. No dia seguinte, antes de saírem para as aulas, telefonaram-lhe. Jane não fez qualquer referência a Joe; como tal, Bill ficou sem saber se este lhe telefonara ou não, mas não queria intrometer-se. Antes de desligarem, Cindy pegou no telefone e perguntou se podia visitá-lo nessa semana. Hesitou, mas acabou por concordar. Não via qualquer mal nisso. Afinal de contas, dissera-lhe que ia se divorciar para poderem ficar amigos. Não via Cindy há dois meses.

Dois dias depois, na terça-feira, Cindy veio jantar com Bill. Quando entraram na lanchonete, lado a lado, ficou espantada. As pessoas sorriam e riam sem se importarem se conseguiam andar sozinhas, se estavam confinadas a cadeiras de rodas ou se andavam apoiadas em muletas. Todos pareciam conhecer-se e conversavam animadamente uns com os outros. Não se lembrava de ver um lugar com tanta animação.

Helena aproximou-se para cumprimentar Bill, que a apresentou a Cindy, explicando-lhe tratar-se da sua mulher.

— Quem era aquela? É muito bonita.

— É modelo.

— Você anda com ela? — perguntou Cindy, sentindo-se invadir por um súbito ataque de ciúmes.

Bill riu-se.

— Está noiva.

— O noivo é um cara cheio de sorte! — Cindy sentiu algum alívio.

— Foi o que eu lhe disse. — Bill soltou uma gargalhada. Voltaram então para o quarto e ficaram conversando durante algum tempo. Estava bem-disposta, mas ficou algo triste quando falaram da questão do divórcio.

— Tem certeza de que é isso mesmo que quer? Acho uma estupidez divorciarmo-nos, na nossa idade, ao fim de todos estes anos.

— Já não havia nada entre nós, Cin. Sabe bem — disse Bill, em tom afável, mas firme.

— Eu acho que havia. E continua a haver. Estamos conversando há horas. Ainda te amo, Bill. Porque não tentamos outra vez?

— Já nada me resta para dar. Também gosto muito de você, mas falta-me a chama. Sempre te amarei, mas se tornássemos a tentar, julgo que voltaríamos ao mesmo. Se regressar ao trabalho, passarei a maior parte do tempo viajando e ficará aborrecida, entrará outra vez na mesma vida. — Não quis explicitar, mas ambos sabiam ao que se referia. Voltaria a ter casos amorosos com este e com aquele. — E se não puder trabalhar de novo, arrastar-me-ei pela casa, enquanto faz a sua vida, e nessa altura serei eu a ficar irritado. Prefiro desenvencilhar-me sozinho. E você você tem de fazer o mesmo, até encontrar o cara certo.

— Você era o cara certo — retorquiu Cindy, com ar triste. Não podia dizer-lhe que não tinha razão. Mas não se sentia bem com a sua consciência ao deixá-lo sozinho.

— Talvez fosse, talvez não. Se tivesse sido, as coisas não teriam ido dar no que deram.

— Fui estúpida. Agora sinto-me mais adulta.

— Sentimo-nos ambos. Por isso, vamos tratar disto como adultos.

Cindy permaneceu em silêncio durante alguns instantes, depois, soltou um suspiro. Sentira que Bill tomara uma decisão inabalável

— E a Isabelle?

— A Isabelle? — Não queria falar dela com Cindy. — Não há nada a dizer.

— Porque não? — Ficou espantada. Custava-lhe a acreditar que Bill estivesse disposto a deixar Isabelle, depois de ter constatado a paixão que tinha por ela. Perguntou-se então se não estaria deprimido.

— Ela é casada. Eu estou aqui. Não se passa nada.

— Não costuma desistir facilmente das coisas. Por que razão desistiu dela? Ela não pode ser feliz com o icebergue que vi em Londres. Tem um ar de má pessoa.

— E é. Mas a Isabelle tem um filho deficiente. Não se atreve a deixar Forrester, pois acha que pode ser muito traumático para o rapaz. Acredita, Cin, é uma situação complicada. Além disso, é uma questão discutível. Não vou arranjar-lhe mais problemas. Ela merece o melhor. E você também.

Cindy fitou-o demoradamente.

— Foi por isso que quis o divórcio? — Estava horrorizada com a idéia.

— Em parte. Mas também temos outros motivos. Fi-lo por mim. E vou manter-me afastado dela. A menos que consigam realizar um milagre aqui e apontou para as pernas.

— Sabe o que disseram em Londres. Isso não vai acontecer. Não vai sair daqui andando. Não se iluda. Não espere milagres.

— E não espero. A mínima coisa que aqui conseguir será uma vitória. Só quero dizer que, enquanto estiver assim, não entrarei na vida dela.

— Ela sabe disso? — Era um motivo terrível para se deixar alguém que se amava, pior ainda do que os motivos por que quisera divorciar-se. Cindy achava que, de certa forma, Bill tinha razão para querer divorciar-se, mas nunca se atreveria a dizer tal coisa. Caso ainda estivesse disposto a aceitá-la de volta, não pensaria duas vezes. Mas há muitos anos que ele a tratava com indiferença. O tempo deles já passara. — Ela sabe por que razão vai pôr termo ao romance que você tem com ela? — Sentia pena de ambos.

Bill fez um sinal negativo com a cabeça.

— Nem sequer sabe que vou fazê-lo. Mas é possível manter algo vivo a esta distância, sem nos vermos durante muito tempo. No entanto, talvez acabemos por ficar cada um para seu lado. Vou permanecer aqui muito tempo. Ela tem a sua vida. Vai conseguir aguentar-se.

— Não estou muito certa disso. Parece-me que ela tem muito pouca coisa na vida. E mais importante ainda: será que você vai aguentar? Se ela for metade do ser humano que desconfio que é, visto você gostar tanto dela, vai estar se lixando para o estado em que você se encontra. Você é melhor do que muitos caras que andam. — Era exatamente o que Helena lhe dissera. — O amor não é isso.

— Talvez não. Mas é assim que eu sou. Nunca lhe farei uma coisa dessas. Ela não vai deixar o Forrester. Não pode.

Cindy considerava a situação dramática. Depois de esta sair, Bill ficou em silêncio durante um longo instante. Por que razão todas as pessoas insistiam tanto em que o fato de estar confinado a uma cadeira de rodas até ao fim dos seus dias não tinha grande importância? Para ele, tinha. E sabia que, a longo prazo, também teria para Isabelle. Recusava-se a seguir esse caminho, com ela ou com outra pessoa qualquer, independentemente daquilo que Cindy dissera. Esta não fazia a menor idéia da situação. Sabia muito bem que ela não iria tolerar isso. Acabaria por detestá-lo por aquilo que ele não era e já não podia ser. Nunca faria tal coisa a Isabelle, nem que isso significasse mentir-lhe. Estava determinado a não voltar a vê-la em Paris se não conseguisse sair do avião pelo seu próprio pé. E como Cindy lhe lembrara, não havia praticamente nenhuma esperança de voltar a andar.

As semanas no centro passavam a uma velocidade incrível. Andava tão ocupado, tão cansado, trabalhando com tal afinco nas suas terapias, que mal tinha tempo para respirar.

Gostava da maioria dos terapeutas com quem trabalhava. Eram inteligentes, enérgicos e jovens, e mostravam-se extraordinariamente interessados nos seus pacientes. Ficara impressionado com eles desde a primeira hora. Havia apenas uma terapeuta com quem não se sentia à vontade: Linda Harcourt, que se ocupava da recuperação a nível sexual. Dissera-lhe, logo na primeira vez que se encontraram, que não tinha qualquer interesse em abordar aquele tipo de terapia com ela.

— Por que razão? — perguntou ela, fitando-o com ar calmo, sentada à secretária. Era uma mulher muito bonita, inteligente e mais ou menos da sua idade. — Está pensando desistir do sexo? — Indagou, de sorriso nos lábios. — Ou está tudo bem? — Bill ainda pensou em mentir-lhe, mas, ao constatar a franqueza com que ela lhe falava, deteve-se. Não pretendia lhe falar da

inexistente vida sexual, mas o olhar determinado com que ela o fitava levava-o a ponderar essa hipótese. Linda Harcourt era uma mulher que impunha atenção e respeito, mas, ao mesmo tempo, exibia um ar dócil. — Vejo na sua ficha que é casado. Acha que a sua esposa gostaria de falar comigo? — Tinha praticamente certeza de que a função sexual fora afetada pelas lesões e se ele não queria discutir o assunto com ela, talvez a mulher quisesse. No começo, era costume os homens sentirem algum retraimento em falar sobre os seus problemas sexuais. Por vezes, a conversa com as mulheres facilitava a abordagem dos problemas. Mas Bill acenou negativamente com a cabeça.

— Estou me divorciando. — Disse, fechando-lhe essa porta na cara.

— Interessante. O acidente teve a ver com essa decisão? — Bill desviou o olhar, ficou alguns instantes em silêncio, depois voltou a fazer um gesto negativo com a cabeça

— Não propriamente. Já devíamos ter tomado essa decisão há anos. O acidente só acelerou a abordagem do assunto

A especialista em sexologia foi então um pouco mais direta.

— Já fez ou tentou fazer sexo depois do acidente? — Indagou, algo cautelosa. Bill ficou surpreso consigo mesmo ao proferir a resposta, tal a naturalidade com que o fez.

— Já.

— Como foi? — O tom era amável, mas firme. Tratava-se de uma pessoa prática, objetiva, e o seu rosto não denotava o menor sinal de compaixão.

— Como foi para mim? — Bill riu-se. A sexóloga sorriu. Era o que os homens costumavam dizer, quando as coisas não tinham corrido bem e também sabia o que ele diria a seguir.

— Não aconteceu nada.

— Nem ereção, nem ejaculação, nada? — Perguntou, com a maior das naturalidades, como se estivesse perguntando se queria nata ou açúcar no café.

— Nem uma coisa nem outra.

— Teve alguma sensação de excitação sexual? — Bill assentiu com a cabeça. — Muito forte. Mas não cheguei a ter ereção. Conseguia sentir tudo... bem, quase tudo.

— Muitas vezes, isso demora o seu tempo. Por aquilo que está dizendo-me, é ainda possível que as coisas melhorem até ao ponto de vir a ter uma vida sexual relativamente normal. Grande parte do êxito reside na forma de encarar o problema e na criatividade.

Bill sentiu-se deprimido ao ouvir aquelas palavras. Não queria ser “criativo” nem redefinir o seu conceito de “êxito”. Aliás, nem sequer tinha vontade de voltar a tentar. E com quem é que tentaria a experiência? Com Isabelle? Ela

estava em Paris e ele não estava disposto a fazê-la passar por novo fracasso. Além disso, não tinha o mínimo desejo de voltar a dormir com Cindy. Seria ainda mais humilhante. Já não se sentia apaixonado por ela.

— Tem alguma parceira?

— Não.

— Não faz mal. Pode fazer a experiência em si próprio. Grande parte do êxito, como lhe disse, reside na forma como encarar o problema, assim como na forma de lidar com ele, não só a nível das sensações físicas, mas também ao nível da forma de desempenho.

— Não quero fazer nada disso — retorquiu Bill, dando a entender à sexóloga que não queria voltar a vê-la. Não acho que seja relevante nesta altura.

— E algum dia será? — Olhou-o fixamente.

— Doutora, não vou fazer figura de tonto, sabendo que as coisas não vão funcionar.

— E se funcionarem? Está abdicando de uma parte importante da sua vida.

— Às vezes, as coisas não resultam da forma que queremos. A minha vida é dedicada ao trabalho.

— A minha também. — A sexóloga sorriu e entregou-lhe um livro com orientações médicas sobre o assunto. Bill ainda hesitou em aceitá-lo, mas acabou por fazê-lo. — É para você se entreter a ler. Na próxima semana, vou fazer-lhe um teste. — Bill pareceu ficar em pânico. Ela riu-se. — Tenha calma. Não é nada do que está pensando. É capaz de achar o livro interessante

A sexóloga deu então o encontro por terminado. Para o primeiro dia, já havia conseguido consideráveis avanços. Sabia qual era a visão de Bill sobre a questão e qual fora o resultado da sua primeira experiência sexual depois do acidente. Estava muito mais otimista do que ele. Quando este chegou ao quarto, atirou o livro para cima da cama e, com um semblante que denotava alguma irritação, sentou-se olhando pela janela e aí ficou durante longos minutos. Não queria fazer nenhuma terapia sexual, nem aprender a ser criativo. Queria ser homem, mas, caso isso não pudesse acontecer, pretendia desistir de tudo aquilo que amava, inclusive de Isabelle E, naturalmente, não ia começar a sair com mulheres para comprovar se conseguiria atingir e manter a ereção. Estava determinado a preservar a sua dignidade, quanto mais não fosse.

Não falou do encontro com Linda Harcourt a Isabelle. Foi o único aspecto do seu processo de reabilitação que não partilhou com ela. Só dias depois é que, finalmente, Bill pegou no livro, ficando espantado com as informações que ele disponibilizava. De acordo com aquilo que leu, a sua primeira experiência não fora atípica e poderia ainda sentir melhoras consideráveis à medida que as lesões fossem cicatrizando. Mas mantinha ainda algum ceticismo quando acabou de o

ler. Continuava acreditando que poderia vir a pertencer àquela vasta categoria de homens que tinham sensibilidade, mas controle deficiente e ereções que desapareciam com facilidade. E não estava minimamente disposto a verificar a evolução do problema, quer com parceira, quer sozinho. Na semana seguinte, quando se encontrou com Linda Harcourt, insistiu novamente que era mais fácil para si fechar a porta daquela parte da sua vida. Acrescentou ainda que não queria voltar a encontrar-se com ela. Depois de lhe dar mais dois livros, a sexóloga propôs que se vissem mais uma vez, pois queria conhecer a reação dele aos livros que lhe sugerira. Era uma mulher extremamente inteligente e com uma abertura extraordinária. Bill gostava dela, só não queria abordar com ela a sua potencial vida sexual. Achava-se um eunuco e queria manter-se assim. Humilhação, fracasso e desilusão eram palavras que não queria que fizessem parte do seu mundo. Preferia manter-se celibatário e só.

Alguns dos seus amigos da política haviam descoberto que ele se encontrava ali. Dois deles eram de Washington e, os restantes, de Nova Iorque. Pareciam ignorar o seu estado físico e passaram o tempo todo da visita a pedir-lhe conselhos. Na época do Natal, Bill sentia alguma dificuldade em concentrar-se nas variadas formas de terapia. Os velhos correligionários estavam determinados a puxá-lo novamente para a política. Adorava saber o que todas as pessoas fazia e quais eram as suas esperanças, estratégias e planos. O que eles queriam dele, como sempre acontecera, era que os ajudasse a garantir os resultados.

Bill combinara passar o Natal na mansão de Greenwich, com Cindy e as filhas. Arranjaria uma limusine para o levar na véspera e prometera às filhas dormir lá. Teve uma sensação estranha, mas Cindy dissera que podia ficar num dos dois quartos de hóspedes. As filhas haviam lhe dito que a mãe tinha um homem novo na sua vida. Bill ficou feliz por ela.

O carro veio buscá-lo às quatro horas. Uma hora depois, encontrava-se em Greenwich, no caminho que ia dar na velha casa. Tratava-se de um edifício imponente, que sempre adorara, mas que lhe fazia sentir uma nostalgia dos tempos aí passados. Mas, logo que viu as filhas, sentiu-se muito melhor.

Olivia e Jane decoravam a árvore de Natal, quando Bill, sentado na cadeira de rodas, entrou na sala de estar. A aparelho de som tocava canções de Natal. Cindy sentiu uma paz interior como há muito não sentia. Quando se virou para cumprimentar as filhas, Bill ficou de olhos esbugalhados ao encarar com Joe Andrews, sentado na sua cadeira de rodas.

Olivia e Jane decoravam a árvore de Natal, quando Bill, sentado na cadeira de rodas, entrou na sala de estar. O aparelho de som tocava canções de Natal. Cindy sentiu uma paz interior como há muito não sentia. Quando se virou para cumprimentar as filhas, Bill ficou de olhos esbugalhados ao ver Joe Andrews,

sentado na sua cadeira de rodas.

— Como chegou até aqui? — indagou Bill, espantado. Vira-o, à tarde, no salão de jantar. Joe, com ar acanhado, riu-se. Bill desfez-se num sorriso de orelha a orelha. Joe ficou aliviado por Bill não se mostrar aborrecido. Jane veio então sentar-se a seu lado e pegou-lhe na mão.

— A Jane foi buscar-me depois de sair das aulas — explicou Joe. — O queríamos fazer-lhe uma surpresa.

Bill ficou intrigado. Joe não lhe dissera uma única palavra sobre Jane, desde que se conheceram. Não fazia a mínima idéia de que andavam encontrando-se e que as coisas pareciam ter avançado bastante bem nos últimos três meses.

— Ora, sinto-me espantado. — Sorriu para os dois. Mas estava satisfeito. Achava Joe um rapaz fantástico.

Nessa noite, jantaram todos juntos e depois foram à missa. Na manhã seguinte, Bill e Joe entraram na sala de estar no exato momento em que Olivia e Jane desciam as escadas. Cindy já fizera o café da manhã. O seu novo namorado acompanhou-os ao almoço. Parecia ser um homem muito afável e inteligente. Era viúvo, tinha quatro filhos crescidos e parecia gostar bastante de Cindy, o que agradava a Bill. Este estava surpreso consigo mesmo, ao constatar que não sentia ciumento, nem possessivo, o que vinha a confirmar, mais uma vez, que o divórcio fora a melhor opção.

Bill e Joe voltaram para o centro de recuperação ao fim do dia de Natal, satisfeitos com os momentos agradáveis que haviam partilhado. Porém, para Bill, para a satisfação ser completa, só faltara Isabelle. Telefonara-lhe várias vezes, tendo-lhe ela respondido que estava tudo bem, mas a voz denotava tristeza e nervosismo. Gordon dificultara-lhe a vida nos últimos dois meses. Continuava a puni-la pelo caso amoroso que acreditava que ela tivera, como se o acidente não houvesse sido castigo suficiente. Além disso, Teddy parecia estar perdendo peso. Sophie viera passar as férias em casa. Logo após o Natal, ia esquiar com uns amigos em Courchevelle.

— Não está aborrecido comigo por andar com a Jane? — Perguntou Joe, cautelosamente.

Bill sorriu e disse que não com a cabeça.

— Ela merece um cara bom como você, e você merece algo melhor do que uma moça parecida com uma rã.

E riram-se ambos ao lembrarem-se da irmã de Helena. A modelo fora a Nova Iorque passar o Natal com o noivo. Antes de partirem, todos tinham trocado presentes entre si.

Bill estava convencido de que a relação entre Jane e Joe não iria durar muito. Eram demasiado jovens para pensar em compromissos mais sérios. Olivia

confessara que também tinha um novo namorado. Era assessor de um senador que Bill conhecia. Na viagem de volta ao hospital não conseguiu deixar de pensar que todas as pessoas tinham alguém nas suas vidas, menos ele. Continuava apaixonado por Isabelle. Mas com esta em Paris, com Gordon e os filhos, tinha a sensação de que ela se encontrava a anos-luz de distância. E, pela primeira vez, em muito tempo, sentia-se só e triste. Joe saíra com os amigos. Jane viria visitá-lo no dia seguinte. Meteu-se então na cama e tentou ler um livro, mas não conseguiu concentrar-se nele. E sentiu um alívio quando Jane lhe telefonou, já a noite ia adiantada.

— Está zangado comigo, papai? — O tom de voz era o mesmo de quando batera com o carro do pai, no primeiro ano do secundário.

Bill soltou uma gargalhada.

— Claro que não. Por que motivo é que haveria de estar zangado com você?

— Não sabia o que iria pensar de mim e do Joe.

— O que achas dele? — Bill começava a ficar com pena de não ter tido aquela conversa mais cedo, em casa, para poder ver-lhe a cara enquanto falavam. O tom de Jane era sério.

— Amo-o muito. Nunca conheci ninguém como ele.

— Também gosto dele. E tem passado por situações muito complicadas. A paralisia das pernas, o trauma do acidente, a perda da noiva e do irmão gêmeo. Uma vida destroçada para sempre.

— Eu sei. Ele falou-me disso. A noiva morreu nos braços dele. Diz que nunca irá perdoar-se.

— Pelo que sei, o acidente não foi culpa dele. O que ele tem é o complexo de culpa do sobrevivente, porque está vivo e as outras pessoas morreram. Ultrapassará isso com o tempo.

— O quero estar ao lado dele, papai.

Instalou-se então um longo silêncio, enquanto Bill assimilava todo o peso daquilo que Jane acabara de dizer.

— O que quer dizer-me, Janie? — De repente, perguntou-se se a filha estaria tentando dizer que iam casar-se. Tratava-se de uma perspectiva que não via com bons olhos. Eram ambos muito novos e Joe ainda tinha um longo e sinuoso caminho à sua frente. Não havia qualquer esperança de voltar a andar sozinho. Sentia que era demasiada responsabilidade para ela. Como romance, não haveria problema, mas achava que algo mais sério que isso seria um erro para ambos.

— O que a minha relação com o Joe é séria.

— Começo a entender essa mensagem. Ele também pensa o mesmo?

— Julgo que sim. Ainda não falamos sobre o assunto, mas ele é um cara maravilhoso.

— Acho que você não deve assumir um compromisso sério agora. Ainda está na faculdade e falaremos disso um dia. — Mudou então de assunto. Falaram do maravilhoso Natal que haviam passado juntos, como nos velhos tempos. Não houvera qualquer tensão entre ele e Cindy e até gostara do novo namorado dela. Jane dissera-lhe então que iria dar-lhe um beijinho no dia seguinte, quando fosse ver Joe.

A conversa deixou-o algo pensativo. Nessa noite, quando falou com Isabelle, pô-la a par do que se passava.

— Nem sequer quero que ela pense em casar-se com o rapaz. Custa-me dizer isto, porque é um bom garoto.

— Então por que razão é que não podem casar-se um dia? Muita gente o faz com a idade que eles têm. São jovens, mas a Jane parece-me já madura para a idade e o pobre rapaz já sofreu tanto.

— Seria um desastre para ela, Isabelle. Ele precisa de alguém que consiga acompanhá-lo para todo o lado. Ela adora esquiar, correr e andar de bicicleta. Um dia, irá querer ter filhos. O Joe ficará confinado à cadeira de rodas até ao fim da sua vida. Ela merece mais do que isso. — E ele também, mas não tinha escolha. Jane tinha.

— O que coisa horrível você está dizendo — ripostou Isabelle, num tom algo irritado. — O que diferença é que isso faz, se ela esquia com os amigos, ou dança com outra pessoa qualquer? Está querendo dizer-me que se opõe a que se casem, mesmo que se amem, só porque ele não pode andar de bicicleta? É uma posição extremamente conservadora da sua parte. É um tremendo disparate.

— Sei do que estou falando — teimou Bill, franzindo o sobrolho.

— Não sabe, não! — retorquiu Isabelle, num tom firme. Era a primeira discussão que tinham. — Espero que a mãe da Jane seja mais inteligente do que você. Nunca ouvi tamanha estupidez! Nem diga tal coisa à Jane. Ela nunca o perdoaria e teria toda a razão.

Mudaram então para outros assuntos e ficaram mais calmos. Bill contou que passara o Natal com Cindy e as filhas, mas não fez qualquer referência ao novo namorado dela, uma vez que Isabelle ainda não sabia que Cindy já não fazia parte da sua vida. Isabelle comunicou-lhe que Gordon ia para Saint-Moritz, no dia seguinte, esquiar com amigos. Ela ia ficar em Paris, com Teddy, e assistiriam à entrada do novo ano sozinhos. Sophie já partira.

Bill não parava de se espantar com a pouca atenção que Gordon dispensava a Isabelle. Porém, sentiu-se aliviado com o fato de ele não ter ficado em casa torturando-a. A sua ausência era uma bênção dos céus. Nessa noite, falaram durante horas. Bill tinha vontade de desabafar e sentia-se vulnerável e um pouco triste. Há quatro meses que não via Isabelle e as saudades eram imensas. Nem

sequer podiam falar em encontrar-se de novo. Ainda tinha longos meses de reabilitação pela frente.

Depois de desligar, ficou muito tempo matutando aquilo que Isabelle dissera sobre Jane e Joe. Continuava não concordando. Esta não sabia do que falava, nem fazia idéia dos enormes desafios que iriam ter pela frente. Bill queria algo muito mais simples para Jane, por muito que gostasse de Joe. Era a primeira vez que discordava veementemente de Isabelle. Esta era demasiado ingênua e idealista para perceber as implicações do que dissera. Bill estava determinado a abordar seriamente o assunto com Jane, se necessário. Pelo menos, até o momento, não pareciam estar dispostos a tomar decisões precipitadas. Esperava que o bom senso imperasse.

Adormeceu então. Sonhou com a árvore de Natal e, pela primeira vez desde há muito tempo, com a luz branca.

Caminhava na sua direção, de mão dada com Isabelle, e quando se virou para ela a fim de a beijar, ficou perturbado ao ver Jane e Joe vindo na sua direção. Ele, de cadeira de rodas, ela, em passo lento ao lado dele, com ar magoado. Quando parou, voltou-se para o pai e perguntou-lhe por que razão ele não a avisara das dificuldades que ela iria enfrentar.

CAPÍTULO QUINZE

Quando Gordon partiu para Saint-Moritz e Sophie para Courchevelle, a casa ficou mergulhada num silêncio sepulcral. Isabelle passou toda a tarde no quarto de Teddy lendo-lhe livros. O dia estava nublado e muito frio. Tivera de lhe vestir uma camisola de lã sobre o pijama e pôr-lhe uma colcha por cima.

Teddy tivera um bom Natal. Recebera uma tonelada de livros e jogos novos. Isabelle comprara-lhe um enorme urso de pelucia para lhe fazer companhia. Mas a única coisa que ela gostava de ter lhe oferecido era saúde. O filho representava uma constante fonte de preocupações.

Bill telefonava-lhe com maior frequência desde que soubera que Gordon fora passar alguns dias fora. Chegava a telefonar-lhe duas vezes por dia. Tinha saudades dos tempos no hospital, quando podia falar-lhe quando queria. Isabelle não sentia o mínimo desejo de sair ou de visitar os amigos. Depois de o marido partir, ao abrir a correspondência, ficou espantada ao ver um convite dirigido a ambos. Era de um casal seu conhecido do mundo da moda. A mulher estava à frente de uma casa de alta-costura, o marido já tinha uma idade avançada, possuía um título honorário e fora diretor de um banco importante. Não se lembrava de alguma vez ter se encontrado com eles, mas presumiu que Gordon talvez os tivesse conhecido em alguma das suas atividades sociais, em que ela não participava, ou talvez no banco. O convite era para o casamento da filha em janeiro. Ainda pensou em mandar um presente para a noiva, depois pôs de lado a idéia. Já não ia a festas daquele gênero há muito tempo e Gordon nunca a convidava para o acompanhar quando ia a alguma.

Passou os dias seguintes com Teddy e conversando com Bill. Este ia festejar a passagem do ano no centro de reabilitação, onde estavam preparando uma grande festa. Bill prometeu telefonar quando fosse meia-noite em Paris, a fim de poderem entrar no Ano Novo juntos; e Isabelle telefonar-lhe-ia à meia-noite em Nova Iorque. Esta aguardava a chamada de Bill quando o telefone tocou e uma mulher do outro lado da linha pareceu espantada ao ouvir a sua voz.

— Oh, que estupidez a minha! Lamento muito, enganei-me no número. Estava telefonando para dizer que perdi o avião. — Com isto, parecendo ainda mais confusa e um pouco alcoolizada, desligou. O quem era ou para onde ia era um mistério para Isabelle, que, convencida realmente de que a mulher marcara o número errado, desligou.

Bill telefonou logo a seguir, tal como prometera, e brindaram ao Ano Novo em Paris. Teddy dormia profundamente. Às seis da manhã, hora de Paris, Isabelle telefonou para Nova Iorque, onde era meia-noite. Depois de falar com

Bill, foi até à cozinha fazer uma xícara de chá e ler o jornal. Dera o dia de Ano Novo de folga à enfermeira de Teddy. Estava felicíssima por poder cuidar do filho sozinha.

No dia seguinte, Teddy dormiu até tarde. Isabelle aproveitou para dar uma nova vista de olhos no jornal e ficou espantada ao ver o nome de Gordon na coluna social, onde se noticiava a sua presença em Saint-Moritz na companhia de amigos. Aga Khan, o príncipe Carlos e uma série de pessoas importantes encontravam-se entre eles. Reparou então em outro nome. A condessa de Ligne também iria juntar-se ao grupo. Era a mulher que os convidara, no dia anterior, para o casamento da filha. Presumiu então que ela e Gordon deveriam ser amigos. E lembrou-se do telefonema, na noite anterior, de uma mulher que dizia que perdera o avião. Por instantes, sentiu um arrepio no corpo. Por que motivo a mulher teria telefonado para a casa de Gordon? E por que raio seria a condessa de Ligne e não outra pessoa qualquer? O seu primeiro nome era Louise. Não conseguia imaginar que ela tivesse um caso com Gordon. Provavelmente era amiga de outros dos presentes. Mas a coincidência não lhe saiu da cabeça durante todo o dia. Às seis horas, resolveu cometer uma loucura. Não tinha nada para fazer e queria ouvir a voz da condessa de Ligne. Telefonou para o serviço de informações e obteve o número facilmente. Após alguma hesitação, marcou os algarismos. Do outro lado da linha atenderam de imediato.

— Alô? Sim?

— Madame de Ligne? — indagou, eliminando o título.

— Sim

— Estou telefonando-lhe para confirmar o seu voo para Saint-Moritz — proferiu Isabelle, não fazendo a mínima idéia do que dizer a seguir.

— Já lhe disse há uma hora que só poderei ir amanhã. O meu marido encontra-se muito doente — retorquiu Louise de Ligne, algo irritada, mas Isabelle já ouvira aquilo que queria. Tratava-se da mesma voz da noite anterior.

— Oh, peço imensa desculpa. Deve ter sido a minha colega. As minhas desculpas, Madame de Ligne.

— Preciso de confirmar de novo? — perguntou a condessa, num tom algo imperial. Tinha o mesmo tom de arrogância na voz que Gordon. Pareciam gêmeos.

— Não é necessário. Boa viagem! — disse, num tom cordial, e desligou. Não sabia porquê, mas estava tremendo, tentando coordenar as idéias. E não conseguia deixar de se perguntar por que motivo a condessa telefonara a Gordon na noite anterior. Não queria tirar conclusões precipitadas, mas o seu sexto sentido dizia-lhe que o marido tinha um caso com a condessa. Esta devia ter querido ligar para Saint-Moritz para lhe dizer que perdera o avião, mas, como

estivera bebendo, telefonara para a casa de Paris.

— O quem era? — Perguntou Teddy, entrando no quarto da mãe, o que raramente acontecia. Mas ficou espantado quando viu o ar preocupado dela. — Há algum problema?

— Não, eu... só estava a tentar ligar para o papai, mas ele saiu. Provavelmente foi esquiar, ou a uma festa.

Quando Bill telefonou, Isabelle falou-lhe das suas suspeitas.

— Parece-me um pouco forçado — comentou Bill, com alguma cautela. — Mas as mulheres têm uma intuição extraordinária para essas coisas. Confio mais no seu instinto do que na minha cabeça. Sempre soube quando a Cindy andava com alguém. Olhava-me sempre de modo diferente e era mais simpática e mais jovial.

— Nem sequer sei por que motivo é que lhe telefonei. Ela podia ter-se enganado no número, mas mostrou-se demasiado delicada. Se tivesse sido mesmo engano, teria desligado de imediato. E por que razão nos convidaria para o casamento da filha?

— Se a sua teoria estiver correta, talvez o Gordon tivesse lhe dito que não, mas ela quer que ele vá. Portou-se com grande compostura. Podia ter convidado só a ele.

— Eu devia aceitar. Só para os assustar.

— Tem coragem para isso? — perguntou Bill, curioso com a reação de Isabelle. Sabia que esta não dormia com Gordon há anos. Além disso, tratava-a tão mal desde o acidente que seria um alívio se ele tivesse um caso com alguém. Não era uma forma agradável de abordar o problema, mas Isabelle estava farta de ser tratada como uma criminosa na sua própria casa.

— Não sei se me sinto magoada, aborrecida, aliviada ou humilhada. Talvez sejam apenas amigos e eu esteja imaginando coisas.

— Seria interessante saber.

— Como vou descobrir? Mesmo que eu tenha razão, ele não vai admitir. Não faço idéia do que ele faz, onde vai ou com quem se encontra.

— Contrata um detetive.

— Acho que seria uma atitude despropositada. Ficaria furioso se descobrisse e atormentar-me-ia ainda mais para encobrir a culpa.

— Bem, mantém-te atenta. Talvez apareça alguma coisa na imprensa depois dela chegar a Saint-Moritz.

— É demasiado esperto para se expor.

Depois de desligarem, Isabelle teve outra idéia. Havia uma mulher do mundo da alta-costura que conhecia há vários anos. Haviam estudado juntas e eram boas amigas, mas não a via desde o nascimento prematuro de Teddy. Chamava-se

Nathalie Vivier.

Telefonou de novo para o serviço de informações a fim de saber o número de Nathalie. Esta nunca se casara e era um nome firmado no mundo da alta-costura. Tinha basicamente a mesma importância que Louise numa casa rival. Sentia que estava desvendando um grande mistério e era com grande determinação que procurava descobrir o que podia sobre Louise de Ligne. Nas últimas duas horas, tornara-se uma obsessão.

Aguardou por uma hora respeitável para lhe telefonar. Era sábado e foi ela mesma que atendeu. Ficou muda de espanto quando reconheceu Isabelle.

— Meu Deus, há anos que não falo contigo... Como está o seu filho?

Isabelle explicou-lhe que Teddy era uma criança extremamente doente há catorze anos, desde que nascera.

— Desconfiei que uma coisa dessas tivesse acontecido. Todas as pessoas dizem que você se tornou uma reclusa. Ainda pinta?

— Não tenho tempo.

Puseram então a conversa em dia. A mãe de Nathalie morrera, o pai voltara a casar, ela vivera com um senador durante dez anos, depois este voltara para a esposa, que estava moribunda. Nunca se casara, nem tivera filhos, e continuava adorando o trabalho que fazia. Dava a sensação de que não existira nenhum hiato de tempo desde a última vez que haviam se encontrado. Partilhavam uma grande amizade até Isabelle se casar com Gordon. Nathalie detestava-o. Achava-o pomposo e arrogante, e estava convencida de que casara com ela por causa das ligações sociais de Isabelle. Nunca confiara nele, mas não lhe recordou esse fato.

— Tenho uma pergunta terrível a fazer. Só quero saber uma coisa e não sei de que outra forma conseguirei saber.

Ouviu-se um longo silêncio do outro lado da linha. Nathalie perguntou-se se devia responder-lhe com toda a franqueza, não ficando inteiramente surpreendida com o telefonema de Isabelle, só estranhando que esta apenas o tivesse feito ao fim de tanto tempo.

— O que quer que te diga?

— O quero fazer-te uma pergunta sobre uma pessoa e gostaria que me dissesse a verdade. O que sobre Louise de Ligne?

Nathalie soltou um suspiro e resolveu responder-lhe com toda a franqueza.

— É uma mulher muito talentosa, muito difícil, muito inteligente, bem-apeçoada, embora um pouco mais velha do que nós e, por vezes, muito grosseira. Extremamente fria. E muito ambiciosa. Dizem que é ela que financia a casa onde trabalha. Julgo que o marido lhe comprou uma boa quota. É um velho de alguns cem anos, completamente gagá e muito doente. Ela herdará o dinheiro quando ele morrer. Ele já era casado e, por aquilo que dizem, os filhos dele têm-

lhe um ódio de morte. Mas ela é suficientemente inteligente para mexer os pauzinhos de modo a que eles recebam o menos possível da herança. Já se gaba disso. Casou pelo dinheiro, quando ele já tinha uns oitenta anos e teve um filho dele para garantir o futuro. O velho deve ter uns noventa e tantos. Pouco mais pode durar. É uma das maiores fortunas da França. — A informação era interessante, mas não era inteiramente aquilo que Isabelle queria ouvir.

— O que mais você sabe?

— Isabelle, não procure coisas que podem magoar-te. A vida já é suficientemente dolorosa. Porque está perguntando-me isso?

— Porque quero ter certeza. Sabe alguma coisa, não sabe?

Nathalie fez uma longa pausa e soltou novo suspiro

— Não é propriamente um segredo. Meia Paris sabe. — Isabelle sentiu o coração bater mais depressa.

— Ela anda metida com o Gordon?

Nathalie riu-se. Isabelle continuava a ser extremamente ingênua, ao fim de todos aqueles anos. Sempre adorara essa característica da amiga, mas já era hora de crescer.

— É amante dele há uns dez, doze anos. Vão a todo o lado juntos. Surpreende-me que nunca tenham te contado... Há anos que vão a eventos sociais. Todos sabem.

— Já não conheço ninguém — declarou Isabelle, perplexa. — Está falando sério?

— Estou. Ele passa a vida oferecendo-lhe jóias e até lhe deu um carro. Acho que têm um apartamento na Rive Gaúche. Rue du Bac, julho. No Verão, vão para o Hotel du Cap. No ano passado encontrei-os em Saint-Tropez. Ele vai deixar-te? Se for, tem de lhe exigir uma boa pensão. Por aquilo que ouvi, gasta uma fortuna com ela.

— Não consigo acreditar, Nathalie. Como é possível? Tem certeza?

— Absoluta. Se não acredita, telefona a dez pessoas com quem você se relacionava e todas te dirão a mesma coisa. Há anos que agem como um casal.

— Ele não vai deixar-me. Mas nunca pensei que as coisas tivessem chegado a este ponto. Só ontem é que comecei a suspeitar que algo se passava. — Sempre imaginara que se tratava de um caso fortuito, nunca de uma vida inteira de doze anos com outra pessoa, enquanto ela, em casa, cuidava do filho.

— Ele ainda não tem motivos para te deixar. Ela não pode abandonar o marido enquanto ele for vivo. Quando isso acontecer, tenho quase certeza de que o Gordon não quererá perdê-la. É poderosa e rica. Talvez nessa altura esteja farta dele. Nunca se sabe. É uma autêntica cabra. Se souber que representa uma ameaça, é capaz de te fazer a vida negra. Era uma costureirinha de segunda

quando conheceu o velho. Este fê-la condessa e meteu-a na alta-costura. Se bem que seja uma boa profissional, tenho de reconhecer. Mas não é flor que se cheire. Acaba com você num abrir e fechar de olhos, tenha ela de fazer o que fizer. Se quiser o Gordon, põe-no a rastejar a seus pés, se necessário for. — Aliás, era o que já fizera.

— Não represento qualquer ameaça para ela — observou Isabelle, algo assustada. Sentia-se uma perfeita idiota.

— Ela pode não ver as coisas dessa maneira. Sinto muito, Isabelle. — Nathalie detestara ser a pessoa que lhe dera a má notícia. Sempre gostara daquela amiga.

Isabelle não conseguia imaginar Gordon junto com outra mulher. E não deixava de se interrogar se a culpa não teria sido sua, por passar a maior parte do seu tempo cuidando do filho. Nathalie dissera-lhe que o romance já durava há dez, doze anos. Gordon pusera-a fora do quarto, do coração e da sua vida precisamente na mesma época. Tudo fazia sentido.

— É melhor continuar a sua vida sem ele. É um indivíduo extremamente egoísta. Sempre pensei que ele detestava as mulheres.

Isabelle falou-lhe então do acidente, mas não de Bill, e prometeram voltar a contatar muito em breve. Ficou satisfeita por ter ouvido a verdade, por mais dolorosa que tivesse sido. Após desligar, permaneceu em silêncio durante algum tempo e depois telefonou a Bill. Acordou-o de um sono profundo, mas estava ansiosa por comunicar-lhe o que soubera.

Contou-lhe tudo. Quando acabou, Bill já estava sentado na cama, de olhos bem abertos e com ar perplexo. Tudo aquilo era tipicamente francês. Ter amantes durante uma década ou mais era pouco comum nos Estados Unidos. A maioria das pessoas divorciava-se. Mas a condessa aguardava que o marido morresse para receber a herança.

— É uma história dos diabos! Tem certeza de que a Nathalie te contou mesmo a verdade? — No entanto, apenas confirmava aquilo de que sempre suspeitara: Gordon era um estúpido e um sacana.

— A Nathalie sempre soube de tudo. Por que motivo nunca me contaram? — Era humilhante constatar que todas as pessoas de Paris sabiam, menos ela. Sentia-se uma idiota.

— Talvez pensassem que você sabia e não quisessem atirar mais lenha na fogueira. Muitas pessoas fazem isso, especialmente na Europa, se bem que também o façam aqui. — Também nunca ninguém lhe falara dos casos amorosos de Cindy.

— O que acha que devo fazer? — Isabelle não tinha a menor idéia de como atuar após a informação que possuía.

— O que quer fazer?

— Não sei. Adoraria atirar-lhe isso à cara no preciso momento em que entrasse em casa, ou telefonar-lhe para Saint-Moritz, mas reconheço que não é uma atitude muito inteligente. — Sabia que Gordon lançar-se-ia sobre ela como um animal selvagem.

— Acho que deve esperar e, da próxima vez que ele for desagradável contigo, atira-lhe com isso à cara. Quer deixá-lo? — O queria, mas achava que não devia fazê-lo. A mudança seria muito violenta para Teddy e não tinha a certeza de que Gordon lhe desse uma pensão suficiente para cuidar do filho. De qualquer forma, a amante não podia casar-se, por isso não estava ansioso por se divorciar de Isabelle ou ser generoso com ela. Gordon não queria que explodisse um escândalo, dada a sua proeminência e reputação no banco. Era mais prudente aguardar, como Bill dizia. Teria muito tempo para refletir no assunto e tomar as decisões que achasse melhor. — Bem, agora já tem munições. Talvez deva guardá-las para o momento certo e depois dá-lhe um tiro entre os olhos.

— Se todas as pessoas já sabem, não seria um grande escândalo se nos divorciássemos, pois não?

— Acho que sim. Uma coisa é ter uma amante, mesmo que seja do conhecimento público, outra coisa completamente diferente é ter uma mulher furiosa armando um escândalo, falando com a imprensa, fazendo acusações públicas, pedindo-lhe uma quantia exorbitante, virando a opinião pública contra ele. Você parece a Virgem Maria com um filho deficiente nos braços. Se um dos meus candidatos estivesse metido num rolo desses, aconselhá-lo-ia a manter a maior discrição possível, a continuar casado com você, a exibir um ar respeitável, a começar a dar de comer a órfãos ou a adotar freiras cegas. O Gordon quererá que toda essa bagunça se resolva o mais discretamente possível, e isso depende de você, meu amor. A bola está nas suas mãos. A última coisa que ele quererá é um escândalo público ou um divórcio. Especialmente se ela ainda não estiver livre. Ele desejará sair de casa o mais discretamente possível, quando ela ficar viúva, e não antes disso. E conhecendo a personalidade dele como conheço, não creio que vá pedir-te desculpas e ser simpático com você. Acabará sempre por te culpar de tudo. Quanto mais tiver de se esconder, mais cruel se tornará. Se você o enfrentar, irá ameaçar-te de tudo e mais alguma coisa. Tem cuidado, querida. Se o encurralares, corta-te o pescoço. Conheço o gênero. Não recuará, nem sairá pacificamente da tua vida. Matar-te-á primeiro. O casamento tem servido os seus propósitos e não vai querer que armes confusão. E talvez ela queira ver-te casada com ele para lhe dar um certo ar de respeitabilidade, pois nunca irá deixar o velho antes de ele morrer. Acho que se estão passando coisas que nem você consegue imaginar. Tem cuidado. Não o pressione demasiado.

Era um conselho sensato. Reconhecia que Bill tinha razão, só não sabia o que fazer com a informação que possuía. Pensou então nas muitas noites que Gordon não dormira em casa e em que provavelmente estava com a condessa no apartamento que Nathalie referira. Vieram então à memória as viagens com os amigos, as férias que fazia “sozinho”, as festas a que ia, os lugares que frequentava. Nathalie tinha razão, tudo isso durava há uma dúzia de anos.

— O quero é que pense maduramente no assunto. Não faça nada por enquanto — aconselhou Bill, pensativo. Não queria que Isabelle saísse magoada de toda aquela situação.

— Não farei.

— Lembra-se de que, se o encurralar, ele ripostará, não tenho a menor dúvida.

Isabelle concordava cem por cento com ele. Gordon podia ser de extrema crueldade se se visse atacado. Descobrira essa característica dele há alguns anos.

Nos dias seguintes, continuaram falando sobre o assunto, mas não chegaram a novas conclusões. Quando regressou, Gordon exibia um ar feliz e um bronzeado invejável, e mostrou-se surpreendentemente simpático com Isabelle. Até lhe perguntou pelo estado de Teddy, mas a mulher não disse uma única palavra sobre a condessa de Ligne.

Isabelle entregou-lhe então a correspondência. Abrira apenas um envelope, pois era dirigido a ambos e anunciou-lhe, com o ar mais natural do mundo, que o conde e a condessa de Ligne os haviam convidado para um casamento. Disse-lhe ainda que aceitara o convite em nome dos dois. Gordon não esboçou qualquer reação.

— O médico do Teddy diz que devo sair um pouco mais e acho que tem razão. Deduzi que os conhecesse e, como veio no nome de nós dois, achei que talvez não se importasse que eu também fosse — disse numa voz suave e de olhos arregalados.

— De modo nenhum — ripostou Gordon, com ar despreocupado. E, por instantes, Isabelle perguntou-se se Nathalie não estaria enganada. Gordon virou-se então para ela com uma expressão estranha no rosto. — Se bem que seja um casal aborrecido e muito velho. É capaz de ser incômodo para você. Se vai começar a sair outra vez, acho que devia escolher algo um pouco mais divertido — acrescentou, num tom mais solícito que amedrontado.

— Que idade poderá ter a filha que vai casar? — indagou Isabelle, com ar inocente.

Gordon encolheu os ombros.

— Não creio que seja muito nova. Deve ser uma matrona e com poucos atributos de beleza. Acho que vai ser uma grande chatice.

Gordon estava determinado a convencê-la a não ir. E, pela primeira vez, desde

há muitos anos, Isabelle sentia um prazer enorme em trocar impressões com o marido.

— Tem razão, não deve ser muito divertido. Acha que lhes escrevo dizendo que, afinal, não vamos? Não será uma indelicadeza da nossa parte?

— Eu trato do assunto. A propósito, onde está o convite?

— Em cima da minha secretária.

— Levo-o quando sair. Vou pedir à minha assistente que trate do assunto.

— Obrigada, Gordon. Manda-lhes um bom presente acompanhando as desculpas.

— Também vou pedir à Elizabeth que trate disso. Você já tem preocupações suficientes.

Isabelle agradeceu-lhe. Quando saiu, Gordon já levava o convite na mão. Quando soube do sucedido, Bill riu-se.

— É um monstro, não há dúvida. Mas lembra-se do quete disse. Tem cuidado, ele não é parvo nenhum. Pode estar à espera de ver o que você faz. É possível que desconfie que alguém te disse qualquer coisa, uma vez que, de acordo com as palavras da tua amiga, todas as pessoas de Paris sabem.

— Não farei nada de nada. — Nos dias seguintes, a única coisa que fez foi verificar se o marido se encontrava no quarto a altas horas da noite e de madrugada. Tal como calculara, não passava as noites em casa e não esperava que Isabelle viesse a saber, pois estava expressamente proibida de entrar nos seus aposentos. Encontrava-se, presumivelmente, no apartamento na Rue du Bac, na companhia de Louise.

Isabelle e Gordon passaram o mês seguinte brincando de gato e rato, e as coisas não se alteraram, como acontecia há vários anos. Ele tinha a amante, um apartamento, uma relação e, de alguma forma, era mais casado com ela do que com Isabelle. Tal como esta se sentia mais casada com Bill.

Este encontrava-se no centro de reabilitação há cinco meses. Há muitos anos que não se sentia em tão boa forma física. O pescoço praticamente já não lhe provocava qualquer problema, os ombros estavam mais fortes e os quadris mais magros. De roupa de banho, quando nadava, parecia um jovem. Tinha mais sensibilidade nas pernas, o que lhe permitia mover-se mais facilmente na cadeira de rodas. Porém, não conseguia andar, nem pôr-se de pé. As pernas não tinham força, incapazes de suportar qualquer peso sobre elas. As perspectivas de voltar a ter Isabelle nos seus braços eram cada vez menores. Continuava a encontrar-se com a Dr.^a Hartcourt, a sexóloga, apesar da resistência inicial. Insistia que o sexo já acabara para si. O fato de não ter conseguido consumir o ato sexual com Isabelle fora extremamente traumático e estava convencido de que as coisas não iriam alterar-se. Mas gostava de conversar com Linda Hartcourt, que continuava

dando-lhe para ler uma série de livros interessantes. No entanto, não conseguiam convencê-lo.

Para complicar ainda mais as coisas, Jane e Joe foram falar com ele, em Março, para lhe comunicar que estavam noivos. Embora gostasse muito de Joe, ficou preocupado com o assunto e teve muitas conversas telefônicas com Cindy. Esta mostrava-se muito mais compreensiva e discutiram o assunto durante várias semanas. Bill acabou por ter uma longa conversa com Jane, quando esta veio visitá-lo.

— Papai, sabemos o que estamos fazendo. Não somos crianças. Há sete meses que nos conhecemos. Sei aquilo com que vou contar. — Devido à natureza das lesões, Joe usava fraldas, tomava medicamentos e só tinha mobilidade num dos braços. As suas limitações eram maiores do que as de Bill. Fora aceito na faculdade de Direito. Era uma pessoa inteligente e os médicos achavam, mas não tinham a certeza, que ainda poderia vir a ter filhos. Linda explicara a Bill que homens com incapacidade de desempenho sexual podiam engravidar as mulheres através de inseminação artificial. Não se sabia ainda se Joe, que também era paciente de Linda, estava nessa situação. Mas, ao contrário de Bill, era jovem, e isso jogava a seu favor. Na sua idade, este já não estava disposto a fazer “experiências” ou papel de idiota. Estava preparado para se abster do sexo até ao fim da vida. Aceitava isso como uma inevitabilidade, ao contrário de Joe.

— Não sabe no que vai se meter. Ele estará completamente dependente de você, tanto no plano físico como no emocional.

— Não é verdade. O Joe preocupa-se comigo, como nenhum outro homem alguma vez se preocupou, além do papai. Vai ser advogado, investiu o dinheiro da indenização do acidente, tem um milhão de dólares em ações e outros ótimos investimentos. O corretor da mamãe deu uma vista de olhos na carteira de ações e disse que o Joe fez os investimentos certos. E se ele não puder fazer montanhismo ou dançar a valsa, não me importo.

— Talvez um dia se importe.

— O papai e a mamãe não foram bem-sucedidos no casamento e o papai andava quando se casaram. O que tem isto agora de tão diferente? Por que razão estamos nós em pior situação do que vocês estavam?

— Porque ele é deficiente — insistiu Bill. — Vai ser um tremendo fardo para você. A sua mãe e eu não tivemos sorte no casamento quando eu conseguia andar, mas hoje, tal como estou, não sequer pensaria nessa hipótese.

— É uma patetice. Não acredito que você pense dessa maneira.

Bill estava mais do que arrependido por tê-la apresentado a Joe. Pensara que não tivesse qualquer mal e enganara-se. Nas duas semanas seguintes, discutiu o assunto com Isabelle, Cindy e as duas filhas. Finalmente, teve uma conversa

com Joe. Esperava sinceridade e seriedade da parte dele e era óbvio que se mostrava aborrecido ainda antes de a conversa ter começado. Mas não estava preparado para o que Joe tinha a dizer.

— Sei o que sente, Bill — proferiu, calmamente. Jane já lhe contara tudo. Estava furiosa com o pai e disposta a fugir com Joe, se necessário fosse. Mas este respeitava demasiado Bill e Jane para fazer tal coisa. — Não posso dizer-lhe que está enganado. Não posso dizer-lhe que será um caminho fácil, ambos sabemos que não. Eu sei. Compreendo isso melhor do que a Jane. Somos jovens. O casamento não é fácil. Os meus pais estão divorciados, você e a Cindy também. Não há nada garantido na vida. Mas acho que existe um laço especial entre mim e a Jane, e julgo, com toda a sinceridade, que as coisas irão dar certo. Vou fazer tudo o que puder para a proteger, amar e cuidar dela. — Havia lágrimas nos seus olhos. Bill virou o rosto, não queria deixar-se influenciar. — Mas também o respeito muito para fazer algo que lhe desagrade. Aceito a sua opinião, embora a considere errada. Julgo que tanto você como eu temos o direito de usufruir de uma boa vida e de um bom casamento como o resto das pessoas. Apesar de não andar e de não conseguir mexer um braço, tenho direito ao amor. Espero que pense o mesmo. Porém, se não quiser que case com a sua filha, direi a ela que pensei melhor no assunto e que mudei de idéia. Se é isso que quer, prefiro que ela odeie a mim. Você é o pai, ela precisa de você, talvez ainda mais do que de mim. Além disso, não quero fazer parte da sua família se não for essa a sua vontade.

As palavras de Joe deixaram-no algo perturbado queria que tudo fosse diferente, mas achava que seria uma vida muito dura para ambos. O seu único intento era proteger a filha. Ele queria que ela tivesse um homem que a pudesse levar, pelo seu próprio pé, a ver o pôr do sol.

— E se descobrir que não pode ter filhos? — Este era um dos principais problemas com que Bill se debatia e acreditava que Jane também se debateria com ele no futuro.

— Adotaremos uma criança. Já falamos do assunto. Não há nada garantido na vida. Muitos dos casais que não têm os nossos problemas vêm a descobrir que não podem ter filhos. Faremos o que parecer ser melhor para ambos.

Bill sabia que não poderia exigir mais de outro homem. Joe era honesto, afável, louco por Jane, inteligente, educado, atencioso, culto, financeiramente estável, mas estava confinado a uma cadeira de rodas para o resto da vida. Era a decisão mais difícil que alguma vez se vira obrigado a tomar. Depois de ouvir o jovem durante longo tempo, estendeu-lhe os braços e, de lágrimas nos olhos, os dois homens abraçaram-se.

— Tudo bem, seu reles patife! — Balbuciou Bill, mal contendo a comoção.

Avance! Mas se a fizer infeliz, mato-o.

— Juro. Farei tudo o que puder por ela até ao fim da vida.

Limparam as lágrimas e sorriram um para o outro. Bill tirou então uma garrafa de vinho do frigobar.

— Quando é que estão pensando em casar? — Indagou Bill, enquanto enchia dois copos de vinho. Tinha a sensação de ter acabado de escalar os Alpes, tal como Joe.

— Talvez em junho ou julho. Vou entrar na Faculdade de Direito da Universidade de Nova Iorque e podemos arranjar alojamento para um casal. — No outono, Jane teria vinte anos. Joe, vinte e três. Eram jovens, é certo, mas outros antes deles já haviam feito o mesmo e tinham tido sorte. Bill esperava que eles pertencessem a esse grupo.

— Quando é que você terá alta?

— Dentro de um ou dois meses. Já estou aqui há um ano. Pensei em ir passar uns tempos em Minneapolis.

Bill teve vontade de dar pulos de alegria. Estavam ambos um pouco ébrios. Quando chegou ao seu quarto, Joe telefonou para Jane de imediato. Sentia-se extremamente aliviado. Tivera medo daquilo que Bill pudesse dizer, mas as coisas haviam corrido maravilhosamente bem. Mal ouviu a novidade, Jane não conseguiu conter as lágrimas de alegria. A bênção do pai era de extrema importância para ela. Tanto ela como Joe não queriam casar-se sem o consentimento de Bill.

Cinco minutos depois de Joe sair do quarto, Jane telefonou ao pai, extremamente emocionada, agradecendo-lhe. Depois de desligar, foi a vez de Cindy telefonar a Bill.

— Você fez bem. Fiquei um bocado preocupada com você, mas fez o que devia. — Parecia mais calma e mais madura. Todos haviam crescido no último ano, não só as filhas.

— O que te faz ter tanta certeza? — perguntou Bill, ainda algo preocupado.

— Sinto. Você está apenas assustado. Ele vai ser bom para ela. — Era a única coisa que poderiam pedir. O resto estava nas mãos do destino.

— Espero que sim. Caso contrário, vai me pagar.

— Tenho orgulho de você.

— Não tenha. Ele é um puto porreta, e eu não podia dizer que não.

— Sinto-me imensamente feliz.

Isabelle disse a mesma coisa quando telefonou para saber como é que a conversa com Joe corra.

— Nunca te perdoaria se você tivesse dito que não. — Estivera preocupada toda a noite. Levantara-se às quatro da manhã para lhe telefonar, desejando que

tudo tivesse corrido bem. Não havia nada mais irresistível do que o amor. E uma coisa era certa Joe e Jane amavam-se loucamente. Bill só esperava que a vida os tratasse bem. Joe, pelo menos, já pagara a sua conta.

A primavera chegara a Paris. Nos últimos dois meses, a vida de Isabelle continuara na mesma rotina de sempre. Nunca confrontara Gordon com a sua descoberta. Esperava a hora adequada para o fazer. Porém, desde que descobrira o envolvimento do marido com Louise, o modo de encarar as coisas alterara-se por completo. Já não nutria o complexo de culpa por causa do que sentia por Bill e, na maior parte do tempo, mantinha-se longe de Gordon. Não esperava nada dele. Era simplesmente o homem que, por acaso, vivia na mesma casa que ela. Só temia que ele suspeitasse do seu comportamento estranho.

Bill continuava a telefonar-lhe todos os dias, mas sabia que tinha de tomar algumas decisões muito em breve. Há sete meses que se encontrava no centro de reabilitação e, embora se sentisse em ótima forma física e o estado de saúde tivesse sofrido algumas melhoras, nada de significativo ocorrera. Planejava ficar um ano no centro, mas os terapeutas diziam-lhe que não tardaria a ter alta. Era provável que saísse em maio. Haviam lhe dito, finalmente, que não podiam fazer mais nada. Estava confinado à cadeira de rodas até o fim dos seus dias. Não havia nenhum milagre, nem nenhuma operação que pudessem oferecer-lhe. Tinha de fazer as pazes com a vida tal como ela era agora. Era o golpe mais cruel que sofrera. Pior teria sido se Isabelle não tivesse sobrevivido ao acidente. O fato de não conseguir andar significava que nunca mais a veria. Preferia morrer a ser um fardo para ela. Aliás, tivera a sensação de ter morrido quando lhe comunicaram que não poderiam fazer mais nada. Ainda não dissera nada a Isabelle, mas sabia que teria de o fazer em breve.

Os amigos continuavam a telefonar-lhe de Washington, e um importante candidato a senador insistia para que Bill dirigisse a campanha, em junho. Tinha em vista as presidenciais, que seriam dentro de quatro anos e sabia que Bill era a pessoa certa para o levar até à Casa Branca.

Falou do assunto com Isabelle, que achava que devia aceitar, pois far-lhe-ia bem voltar ao trabalho. Por vezes, sentia-se algo desalentado por não ter conseguido mais progressos no centro, mas, se isso não acontecera, não fora por culpa dos terapeutas, inexcedíveis na forma como o haviam tratado. Deixar o centro era como abandonar o útero materno.

As lesões de Isabelle já haviam cicatrizado. As análises estavam normais e raramente tinha dores de cabeça. Tivera uma recuperação extraordinária e não ficara com marcas do acidente, à exceção de uma cicatriz ao longo do braço esquerdo, no local onde a artéria afetada fora suturada. Nada mais restara a não

ser a forte relação com Bill que nascera no hospital. Continuava a sentir imensas saudades e pedira-lhe para vir vê-la quando saísse do centro. Mas sempre que lhe pedia tal coisa, Bill dava respostas vagas. Sabia que ainda era muito cedo para ele fazer planos de viagem, mas esperava que o fizesse o mais brevemente possível. Há sete meses que não o via, o que lhe parecia uma eternidade.

À medida que o tempo passava, Bill atormentava-se constantemente com o fato de não ver Isabelle. Sentia uma enorme vontade de o fazer, mas não achava correto. A partir do momento em que aceitara verdadeiramente o fato de nunca mais voltar a andar, tudo se alterara para ele. Os telefonemas deixaram de ter a inocência que sempre haviam tido. Sentia que estava enganando-a, dada a decisão que tomara. Nada mais tinha para lhe oferecer que não fosse conforto e, eventualmente, alguns fugazes momentos de conversa, uma meia dúzia de vezes por ano. Não podia proporcionar-lhe um futuro digno, nem protegê-la de Gordon, nem ajudá-la a tratar do filho deficiente. Só podia dar-lhe palavras. A única coisa que não queria era que Isabelle sentisse dó em relação a ele. E sabia que, se optasse por deixá-la, ela tinha de acreditar que ele não o fazia por causa dos problemas físicos. Caso contrário, nunca permitiria que ele a deixasse. Mas sempre que pensava em afastá-la da sua vida ou em nunca mais lhe telefonar, sofria um aperto no coração. Não queria que Isabelle se sentisse abandonada, mas, a longo prazo, seria melhor para ela. Se pudesse dar-lhe o futuro que queria, esperaria eternamente por ela, mas agora que sabia que iria ficar para sempre na cadeira de rodas, o melhor que tinha a fazer era afastar-se. Além disso, não podia fazer amor com ela. Apesar de Joe e Jane serem suficientemente loucos para tentar construir uma vida em comum, nunca faria tal coisa com Isabelle. Bill vivia em luta constante com a sua consciência.

A outra graça divina na vida de Isabelle, para além de Bill, era o fato de Teddy ter registrado melhoras consideráveis nos últimos dois meses. Chegara a jantar com a mãe na sala de jantar várias vezes. Em abril, Isabelle levou-o para passear de carro no Bois de Boulogne pela primeira vez desde há vários anos. Comeram um sorvete no Jardin d'Acclimatation. Estava extasiada quando contou a Bill. Não fazia nada igual desde que Teddy era pequeno e deu graças a Deus pela bênção que o filho era na sua vida, quando ele fez quinze anos, no dia um de maio.

Na tarde do dia seguinte, Bill telefonou e começou a preparar o terreno para aquilo que se convencera que tinha de fazer. Contou então a primeira mentira. Refletira maduramente no assunto. Por mais horrível que pudesse parecer, sabia que estava fazendo aquilo para o bem dela. Amava-a o suficiente para se sacrificar por Isabelle. Há vários meses que Gordon não a incomodava. Quase nunca se encontrava em casa. Sabia que não haveria uma ocasião melhor para

fazer o que acreditava ser o mais correto. Com o coração batendo desenfreadamente, Bill ligou-lhe dizendo que tinha novidades fantásticas e tentou dar um tom convincente às palavras. Isabelle conhecia-o tão bem que receava que ela suspeitasse de que estava mentindo. Porém, por milagre, Isabelle acreditou quando lhe disse que já conseguira dar uns passos e que as pernas já respondiam aos estímulos cerebrais. Ficou atônita e não conseguiu conter as lágrimas. A felicidade que evidenciou foi tanta que Bill sentiu-se ainda pior. Mas, apenas podia fazer o que a consciência lhe ditava. Isabelle já tinha Teddy para cuidar, não precisava de outro fardo. Bill sentia que não possuía nada para lhe oferecer, independentemente do rumo que Gordon viesse a dar ao casamento deles. Recusava-se a destruir-lhe ainda mais a vida e a transformá-la na sua amaseca. Não podia deixar que ela sentisse pena dele. O que acabara de contar a Isabelle era o primeiro passo para a deixar. Como abrir a porta da gaiola a um pássaro de grande beleza.

Conversaram demoradamente. Isabelle perguntou-lhe o que sentira quando dera os primeiros passos e se fora aterrorizador ou maravilhoso, e Bill deu-lhe todos os pormenores sobre o assunto. Nos dias seguintes, acrescentou mais detalhes à história, para a tornar mais convincente. Agora, a cada vez que lhe telefonava, sentia-se mal consigo mesmo. Detestava mentir-lhe. Via-se como um homem reduzido a metade, ou menos, que já não tinha nada para oferecer a uma mulher. Mesmo que parte dele funcionasse, havia outra que não, nem nunca mais funcionaria. O prognóstico dos terapeutas destruíra-lhe o que restava da sua vida e o que partilhava com Isabelle.

Quando não estava conversando com ela, encontrava-se tratando da sua vida futura em Washington. Começava, finalmente, a fazer planos para quando deixasse o centro de reabilitação. Prometera conduzir a campanha do candidato a senador, em finais de junho.

Antes disso, teria de arranjar um apartamento e queria passar algum tempo com o candidato para saber tudo o que pudesse sobre ele. E antes de voltar ao trabalho, havia o casamento de Joe e Jane, em junho. A filha ia ter meia dúzia de damas de honra e planejavam realizar a cerimônia na casa de Greenwich. Haveria trezentos convidados, para os quais seria armada uma grande tenda no gramado principal. Andavam todos numa enorme correria. Cindy dedicava-se que nem uma louca a tratar dos preparativos com os fornecedores e as floristas e ainda arranjava tempo para ir com as filhas às provas dos vestidos.

Joe e Jane estavam fora de si. Tinham conseguido um alojamento para casal na Universidade de Nova Iorque. Jane fora a Minneapolis conhecer os sogros. Iriam passar a lua de mel na Itália. Ao ver a alegria esfuziante em que Joe andava, Bill sentia-se cada vez pior consigo mesmo, com aquilo que estava

prestes a fazer com Isabelle. Mas já tomara a decisão e não havia a menor chance de recuo. A única coisa que faltava era dizer a Isabelle.

— Sente-se bem? — Perguntou-lhe Joe, uma tarde, ao voltarem para os quartos. Tem andado tão calado ultimamente. — Estava preocupado com o futuro sogro. Achava o seu comportamento estranho. Sabia que Bill sofrera uma enorme decepção quando lhe disseram que nada mais poderiam fazer relativamente à sua recuperação e preocupava-o o efeito que isso poderia ter tido sobre ele. Todos haviam passado pelo mesmo, ao ter de encarar a verdade.

— Estou preparando-me para voltar ao mundo real. Tenho muito trabalho depois do casamento — explicou Bill, mas Joe reparara que o seu futuro sogro perdera praticamente todo o interesse pelo tratamento no mês anterior. E deixara de ir às sessões terapêuticas com Linda Harcourt. Não tinha nada para dizer e perdera toda a esperança de poder usufruir de uma vida em comum com Isabelle. Concordara em ficar mais um mês no centro de reabilitação, mas a motivação era pouca ou nenhuma. A cabeça já não se encontrava ali. Andava quase sempre com ar ausente, dando a sensação de estar mergulhado em profunda depressão.

No final de maio, ao sair do salão de jantar, deu de cara com Helena, que estava lavada em lágrimas. Esta quase o derrubou da cadeira, prosseguindo de imediato o seu caminho, a toda a velocidade.

— Alto aí, bater e fugir é crime — gritou Bill. Helena parou e, sem voltar a cabeça, levou as mãos ao rosto e desatou a soluçar. Bill moveu a cadeira para o lado da dela e tocou-lhe no ombro. — Precisa de ajuda? — Helena abanou a cabeça e não respondeu. Ao fim de um longo instante, tirou a mão do rosto e fitou-o com ar destroçado. Reparou então que ela já não exibia o enorme anel de diamantes que usava há nove meses, quando se conheceram. Era fácil adivinhar o que acontecera. — Não quer conversar um pouco?

A jovem assentiu com a cabeça. Foram então até ao quarto de Bill. Depois de se assoar com um lenço de papel que ele lhe dera, Helena agradeceu-lhe com um sorriso triste.

— Desculpe. Estou destroçada. — Mesmo chorando, continuava bonita como sempre. Era de uma beleza espetacular, apesar de estar confinada a uma cadeira de rodas.

— Devo adivinhar, ou quer dizer-me?

— É o Sérgio. Telefonou-me... as coisas têm estado esquisitas ultimamente. Está trabalhando em Milão e passa a maior parte do tempo fora. Adiamos o casamento há meses atrás, porque achávamos que precisávamos de mais tempo... Merda, Bill, há seis anos que namoramos... mas só ficamos noivos depois do acidente. Julgo que ele só o fez porque se sentiu culpado pela minha queda, quando estava a trabalhando para ele. E agora comunicou-me que já não pode

ser, que seria muito difícil para ele, pois eu preciso de muita atenção. Diz que tem necessidade de uma pessoa que seja mais independente. — Bateu com as palmas das mãos nos braços da cadeira e desatou novamente a chorar. Bill pôs-lhe um braço em volta dos ombros. A fala melhorara consideravelmente nos últimos nove meses, mas o resto não, nem havia perspectivas de que alguma vez isso viesse a acontecer. Era exatamente o que receava que se passasse entre Joe e Jane, e fora também por essa razão que tomara a decisão de deixar Isabelle, antes que ela viesse a detestá-lo por aquilo que já não era ou que já não podia fazer.

— Provavelmente ficou com medo. — Sérgio era um dos jovens fotógrafos com mais sucesso no mundo da moda e tinha apenas vinte e nove anos. E também podia ter a modelo que quisesse, e não uma que se encontrava numa cadeira de rodas. Teria sido ótimo que tivesse conseguido manter a promessa de casamento com ela, mas já que achava que seria demasiada carga para si, fora melhor ter desistido agora. — Helena, se ele vê que é uma situação que não pode suportar, então fez aquilo que tinha que fazer. Você não quer que ele a abandone depois de casarem. Se não é o cara certo, é melhor saber agora. — Era essa a sua teoria relativamente a Isabelle, embora soubesse que ela nunca o teria abandonado, se bem que achasse que era isso que ela deveria fazer. Nas últimas semanas, pensara muito sobre o assunto e convencera-se de que era essa a atitude mais correta. O que Sérgio fizera vinha confirmar tudo aquilo que pensava sobre o assunto. — Helena, acredite, um dia ainda vai ficar satisfeita por isto ter lhe acontecido.

Helena irrompeu num choro convulsivo. Nada daquilo fazia qualquer sentido para ela. Amava-o e achava que ele também a amava. Já arranjara o vestido de noiva, o fotógrafo, e tratara dos detalhes. Mas o casamento era mais do que isso, especialmente nas circunstâncias em que eles se encontravam.

— Por que razão ficaria mais satisfeita por isto ter acontecido? — O que Bill dizia não fazia qualquer sentido para Helena.

— Porque não quer ser um fardo para o Sérgio. Ele odiá-la-ia mais cedo ou mais tarde.

— Não sou nenhum fardo. Não mudei com o acidente. Continuo a ser a mesma pessoa. — Joe e Jane teriam aplaudido o que ela dizia, mas Bill não. Tinha exatamente a opinião contrária.

— Nenhum de nós é a mesma pessoa. Não podemos ser. Temos limitações. Há coisas que nunca mais voltaremos a fazer.

— Como o quê? Dançar, Esquiar, Patinar? Quem é que se importa com isso?

— Pelos visto, o Sérgio. Pelo menos, foi honesto. Tem de admirá-lo por isso.

— Não o admiro. É uma merda de homem. Não fiz nada de mal para ele me deixar assim.

— Pois não. Você só teve um azar dos diabos. Aliás, todos nós tivemos. É por isso que aqui estamos.

— Está dizendo-me que ninguém voltará a amar-nos porque estamos assim? Acho que isso é besteira. Olhe para o Joe e para a Jane.

— Você já tem idade suficiente para ser mais esperta do que eles. — Helena tinha vinte e oito anos e queria desfrutar de uma vida normal, com marido e filhos. — Continuo achando que estão cometendo um erro e, um dia, pagarão por ele. Talvez um dia a Jane faça o que o Sérgio fez e depois nessa hora, é provável que já tenham filhos e ficarão todos com a vida estragada.

— É isso o que pensa. Que ninguém nos quer? É um disparate. E sabe bem que é. Pelo menos, espero que saiba. Temos direito às mesmas coisas que todas as outras pessoas.

— Talvez não. Eu, pelo menos, não. Só posso falar por mim. E não tenho o direito de obrigar as outras pessoas a pensar o mesmo. Não seria justo. — Ambos sabiam que falava de Isabelle, e Helena ficou ainda mais irritada.

— Tem falado com o psiquiatra ultimamente? — Indagou Helena, de repente, mais preocupada com Bill do que consigo própria. — Penso que deveria falar com ele. A sua atitude é horrorosa. Acho que o Sérgio é um idiota e talvez você tenha razão, talvez tenha sido melhor acabarmos agora do que ele abandonar-me mais tarde, mas não acho que deva ter a ver com isto — e apontou para a cadeira de rodas. — Acho que deve ter a ver com o fato de me amar ou não e com o tipo de mulher que pensa que vou ser. Talvez pense que não sou suficientemente boa para ele.

— É a minha posição sobre o assunto — disse Bill, num tom presunçoso.

Helena lançou-lhe um olhar fulminante.

— Não é, não, Bill. Você está confuso. Acha que perdemos o direito a sermos amados no dia em que ficamos presos a uma cadeira de rodas. Não acredito nisso, nem nunca acreditarei. Há muitas pessoas que se estão se lixando para o fato de conseguirmos pôr-nos de pé ou ficar sentados. Também não gosto de estar nesta situação. Gostaria muito mais de andar correndo de um lado para o outro e de usar saltos altos. Mas não posso. Para quê chatear-me? Quer dizer que você não amaria uma mulher que estivesse retida numa cadeira de rodas? É assim tão mesquinho? Não creio.

— Talvez não — retorquiu Bill, esquivando-se à pergunta, mas reconhecendo que havia alguma verdade nas palavras da jovem. Porque se fosse Isabelle que estivesse presa a uma cadeira de rodas, amá-la-ia da mesma forma, talvez mais. — Só quero dizer que não temos o direito de sermos um fardo para as pessoas que amamos. Não podemos sujeitá-las a tal. Se as amamos de verdade, a nossa obrigação é deixá-las. — Falava de si próprio.

Helena parecia confusa.

— Por que razão não nos põem a todos em cima de um icebergue, num lugar qualquer? Talvez isso resolvesse o problema. Assim, não representaríamos um problema para ninguém nem teriam de nos tratar com compaixão. Sabe uma coisa? Tenho uma admiração tremenda pela Jane e pelo Joe e por aquilo que vão fazer. Amam-se e isso vale tudo. O resto, se anda de cadeira de rodas ou de muletas, não tem importância. Para mim, não. Não me interessa se o cara com quem vou casar é surdo, mudo ou cego, desde que seja boa pessoa e que nos amemos. Para mim, é suficiente. Esta cadeira de rodas não significaria nada para mim se outra pessoa estivesse sentada nela e não eu.

— Ótimo. Então, case comigo — gracejou Bill. Helena endireitou-se na cadeira e sorriu.

— Você seria um chato terrível! — E riu-se. — Continuo achando que devia ir falar com o psiquiatra antes de ir embora, ou ainda vai cometer uma estupidez. — Também era uma das pacientes de Linda Harcourt e dera-se bem com ela.

— Como o quê? — Gostava de Helena. Era uma moça muito inteligente e haviam se tornado bons amigos.

— Como deixar a pessoa que ama, porque acha que é um fardo para essa pessoa. Porque não a deixa decidir sozinha, em vez de decidir por ela? Não tem o direito de controlar o que ela pensa ou de tomar decisões por ela.

— Quando se ama uma pessoa, devemos protegê-la dela própria.

— Você não tem esse direito. — Helena trabalhara sempre com afinco e tivera de enfrentar uma série de situações. Bill passara o tempo todo levantando pesos e evitava sempre ir ao psiquiatra. — As pessoas têm o direito de tomar as suas próprias opções. Não podemos lhe retirar, do mesmo modo que elas não o podem retirar a nós. É uma questão de respeito.

— Talvez tenha razão — retorquiu Bill, pensativo. — Não tenho as respostas. Só as perguntas. Além disso, sou muito mais velho do que você. Com a sua idade, talvez fosse muito mais corajoso. Talvez tenha razão, talvez o Sérgio seja uma merda de homem. Mas, se for, é melhor ficar sabendo agora.

— Concordo, mas não deixa de ser doloroso.

— Mas a vida também o é. Há muitas coisas nela que nos magoam. Algumas pessoas nunca deixam de nos desapontar. E o melhor que temos a fazer é cortarmos logo o mal pela raiz. E o mais cedo possível. — Pensava em Cindy, e o fim da relação não tivera nada a ver com a cadeira de rodas.

— Acho que o Sérgio é uma dessas pessoas.

— Talvez da próxima vez tenha um anel de menor qualidade e um cara melhor.

Helena fez um sinal de concordância com a cabeça. Conversaram mais um

pouco. A jovem voltou depois para o seu quarto, não sem antes aconselhar Bill a consultar o psiquiatra antes de abandonar o centro. Quando Isabelle telefonou ao fim da noite, Bill parecia algo perturbado. Algumas das coisas que Helena dissera haviam deixado-o confuso. Dera tanta ênfase ao fato de as suas limitações físicas não fazerem qualquer diferença às pessoas que os amavam, que quase se perguntava se a jovem não teria razão.

— Você está com voz cansada. Andou muito hoje? — Isabelle acreditara que Bill já conseguia andar de novo. Este olhou para a cadeira de rodas, embaraçado. Era a mentira que o impossibilitava de voltar a vê-la. Era como se tivesse envenenado a comida, ficando impedido de se aproximar dela. Mas fora o seu plano. E não pretendia recuar, independentemente daquilo que Helena lhe dissesse. A única questão em aberto era a de quando é que iria comunicar a sua decisão a Isabelle.

— Sim. Tenho muitas coisas para tratar antes de sair.

— Fizeram um grande trabalho — observou Isabelle, num tom mais doce do que nunca. Bill ficou de coração destroçado. Por mais disparatada que a sua atitude pudesse ser, a única coisa que queria era libertá-la de um fardo que, estava certo, arruinaria a sua vida. E sabia que Helena lhe teria dito que Isabelle tinha o direito de fazer a sua própria escolha e que ele estava retirando-lhe essa possibilidade. Mas também sabia que ela tinha o coração bom demais para o deixar. Durante dias, Isabelle notara-lhe algo de estranho na voz, mas não conseguia dizer o que era. Achava-o diferente, distante, infeliz. A única explicação plausível seria o nervosismo de deixar o ambiente protegido do centro para iniciar uma nova vida. — Como estão correndo os preparativos para o casamento? — perguntou, esperando distraí-lo daquilo que o aborrecia.

— A Cindy está ficando maluca. Eu tento manter-me à parte. Só tenho de pagar as faturas. É a parte mais fácil. — A parte mais difícil era aquilo que planejava fazer-lhe. Mas essa, ela ainda não conhecia. — Como está o Teddy? — Perguntou, mudando rapidamente de assunto. Isabelle reparou que há vários dias que ele fazia isso, saltando de um assunto para o outro, como se sentisse desconforto em discutir qualquer coisa em profundidade. Não era normal nele. Mas ela conhecia-o melhor do que ele pensava, melhor ainda do que ele queria.

— Está ótimo — respondeu Isabelle, o que o tranquilizou, Bill nunca poderia acabar com ela se Teddy não se encontrasse em boas condições. — Nunca esteve tão bem — acrescentou, selando o seu destino.

— Ótimo. — Bill comunicou-lhe então que ia a Washington procurar um apartamento na próxima semana.

— Poderia vir a Paris depois do casamento, se não estiver muito cansado. Só uns dias, antes de começar a trabalhar. — Isabelle sabia que estava pedindo-lhe

muito, mas receava que não tivesse tempo depois do casamento.

— Terei de ver. Devo entrar em campanha nessa semana. — Outra mentira. A campanha não começava antes do final de junho. Teria tempo de dar um pulo em Paris, mas não podia dizer-lhe que não conseguia andar.

— É um caso a ver.

Quando desligaram, Isabelle ficou preocupada. Tinha a sensação de que Bill a evitava e não sabia porquê. Começara a agir assim de um dia para o outro. O que ela também não sabia é que tudo tivera início no dia em que os terapeutas haviam confirmado que ele nunca mais voltaria a andar. Esse fora o ponto de virada para Bill. Sempre prometera a si próprio que, quando isso acontecesse, deixaria de lhe telefonar e nunca mais voltaria a vê-la. Mas ainda não tinha coragem suficiente para cumprir a promessa. Isabelle receava ter dito algo que o tivesse ofendido. Porém, não dava mostras de estar zangado com ela, apenas distante. Haviam-se passado nove meses desde a última vez que o vira e não fazia a menor idéia de quando é que Bill iria visitá-la. E não havia qualquer forma de ir encontrá-lo ele em Nova Iorque ou em Washington. Não podia deixar Teddy tanto tempo sozinho, nem aventurar-se tão longe.

Quando o dia do casamento chegou, Isabelle estava em pânico. Bill não lhe telefonava há algum tempo. Quando lhe perguntou o motivo, desculpou-se com o fato de andar muito ocupado. Arranjara um apartamento em Washington e encontrara-se com o jovem senador para falarem da campanha. Pareceu excitado quando abordou o assunto. Nos dois dias que se seguiram ao casamento, não fez qualquer telefonema a Isabelle. E esta, por qualquer razão recôndita ou instintiva, não se atreveu a ligar-lhe. Bill começava a afastar-se progressivamente dela.

Fora uma cerimônia encantadora e todas as pessoas ficaram com lágrimas nos olhos quando Joe e Jane fizeram o juramento de fidelidade. Com ele na cadeira de rodas e ela de pé, ao lado dele, segurando-lhe a mão, o quadro não podia ser mais comovente. E ninguém chorou mais do que Bill, confinado à sua cadeira de rodas, ao lado de Cindy, na ponta da primeira fila de convidados.

— Sente-se bem? — perguntou Cindy. Achava-o extremamente calado. — Está com um ar tenso.

— Estou pensando no trabalho. Vou deixar o centro e partir para Washington dentro de poucos dias. Sabe como sou. — Do ponto de vista físico, estava com um ótimo ar, mas Cindy desconfiava que havia algo a perturbá-lo.

— Parece aborrecido. — Cindy acabou por concluir que talvez se devesse à emoção de ver a filha casar-se.

Olivia veio sentar-se ao pé do pai durante algum tempo. E quando Jane devia dançar com ele, fê-lo com o avô, enquanto Bill e Joe ficaram vendo, de sorriso

nos lábios. O fato não pareceu aborrecer Joe, mas magoou Bill. E bastante. Foi uma cerimônia maravilhosa, um banquete magnífico, e todas as pessoas se divertiram. Nessa noite, na viagem de volta ao centro de reabilitação, não conseguia deixar de pensar em Isabelle.

Durante dois dias não saiu do quarto e nem sequer foi à fisioterapia. Então, ganhou coragem e ligou para Isabelle, que estava preocupada com ele e já lhe telefonara várias vezes nos últimos dois dias. Bill não atendera. Sabia que era ela. Preferia ficar deitado na cama, pensando nela, desejando que a noite o poupasse àquele sofrimento.

— Onde é que você tem andado? — Indagou Isabelle, com algum pânico na voz. Pensei que também tivesse ido em lua-de-mel — gracejou.

Bill sabia que a preocupação que a acometia não era nada em comparação com a dor que iria sentir. Depois de cinco anos de conversas quase diárias, era inconcebível já não a ter na sua vida. Mas estava certo de que esta seria a última prova do seu amor por ela.

— Que tal foi o casamento? — Bill soltou um suspiro.

— Foi bonito. Todos choraram na cerimônia e depois divertiram-se muito.

— Conta-me como foi. — Teddy ainda estava dormindo. Ultimamente dormia até tarde, o que lhe permitia ter muito tempo livre.

Bill contou-lhe então todas as peripécias do casamento. Depois, soltou novo suspiro. Tinha a sensação de ir mergulhar da prancha mais alta da piscina.

— Tenho uma coisa para te dizer.

Isabelle sentiu o coração parar. Sabia, ainda antes de ele articular qualquer palavra, que o que iria ouvir não seria agradável

— Não estou gostando desse tom de voz. Conteve a respiração, preparando-se para o choque.

— Eu e a Cindy renovamos os nossos votos.

Do outro lado da linha instalou-se um longo silêncio. Isabelle tentava entender o que acabara de ouvir.

— O que isso quer dizer? — Tentava manter a calma, mas só lhe apetecia gritar. Como sempre, mostrou-se delicada e esperou que Bill se explicasse.

— Renovamos o compromisso matrimonial. — Era mais uma mentira que Bill lhe contava. A primeira ocorrera ao dizer-lhe que já conseguia andar. — As coisas alteraram-se desde que estou no centro de reabilitação. Pensamos que fosse importante para as meninas. — Uma estava casada, a outra tinha vinte e dois anos. Que importância poderia ter para duas mulheres adultas o fato de os pais terem renovado o compromisso matrimonial? Mas não questionou o óbvio. O que contava era o fato de o terem feito.

— Quando é que você tomou a decisão? — Sentia todo o corpo a tremer, mas

esforçava-se por se manter calma.

— Nas últimas semanas — proferiu Bill, num tom algo arrogante, tentando não pensar naquilo que estava fazendo.

— Eu sabia que havia qualquer coisa de estranho. — Já o conhecia bastante bem, o que não era surpresa ao fim de cinco anos. — Era por isso que não fazia planos de vir a Paris?

— Acho que não devíamos continuar conversando.

As palavras atingiram-na com uma violência desmesurada. Isabelle permaneceu alguns instantes sem conseguir articular qualquer palavra e ainda pensou que ia desmaiar. Ficou sem respiração e, pela primeira vez desde o acidente, sentia o coração bater freneticamente. Era como se tivesse sido atingida por uma enorme bola de demolição. Mas sabia que tinha de dizer qualquer coisa. Não esperava aquilo, mas não podia criticá-lo. Ela também se recusara a deixar Gordon, por causa de Teddy. Tinha muito pouca coisa para oferecer a Bill, à exceção dos telefonemas. Apesar da mágoa que sentia, achava que Bill tomara a melhor decisão. Amava-o o suficiente para lhe desejar a melhor sorte do mundo.

— Não sei o que dizer. Sinto-me feliz por você. — Bill recuperara não só o movimento das pernas como também o casamento. Ao ouvi-la chorar, só teve vontade de morrer. Mas achava que era a melhor coisa para ela. Só o seu grande amor por Isabelle o levava a tomar aquela decisão horrível. Era o último sacrifício que fazia por ela.

— Quero que cuide de você. Não deixe o Gordon pôr as mãos em você. Poupa as munições. Se ele te torturar, joga o teu trunfo. Nunca mais irá incomodar-te. Enquanto o marido da Louise for vivo, quererá continuar casado com você. — Pensara muito no assunto e era a única coisa que o preocupava agora. Não queria que Gordon a atormentasse, mas nunca mais saberia se isso acontecesse. Não poderia protegê-la do marido, a não ser com amor, o que era manifestamente pouco.

— Folgo em saber que se preocupa com isso — retorquiu Isabelle, parecendo algo chocada e confusa. — Não compreendo... Não me contou quando é que as coisas entre você e a Cindy melhoraram... Como e quando é que isso aconteceu?

— Não sei. Talvez quando o Joe e a Jane resolveram casar-se. Decidimos então renovar os votos de casamento. — A verdade era que o processo de divórcio ficara concluído em março, depois de Jane e Joe lhes dizerem que iam casar-se. Cindy parecia ter um caso sério com um homem com quem andava há nove meses, e Bill estava feliz por ela.

— Quero que seja feliz, Bill, signifique isso o que significar para você. E quero que saiba, se é que vale a pena dizer, que te amo do fundo do coração.

— Eu sei. — As lágrimas rolavam-lhe pelas faces, mas não podia deixar que ela as pressentisse no seu tom de voz. — Também te amo, Isabelle. — Bill teve vontade de lhe dizer que sempre a amaria, mas não podia fazê-lo. — Cuida de você. Se precisar de alguma coisa, liga-me. Estarei sempre ao teu dispor.

— Não creio que a Cindy gostaria disso.

— Trinta anos é muito tempo. É difícil fugir disso. — Mas fugira. Por razões semelhantes. Mas era Isabelle a dona do seu coração e sempre haveria de ser. Mas só ele sabia.

— Vou sentir saudades loucas — disse Isabelle, começando a soluçar. Mas quero que você seja feliz... feliz... É bom para você próprio. Merece tudo.

Bill considerava que o que merecia era arder no inferno, mas continuava acreditando que era justo o que estava fazendo e isso compensava a enorme mágoa que sentia. Ela, um dia, dar-lhe-ia razão.

— Adeus — disse Bill, desligando.

Quando pousou o aparelho, Isabelle irrompeu num choro lancinante. Dava a sensação de que morreria alguém. E, até certo ponto, não fugia muito à verdade.

— O que se passa, mamãe? — Teddy entrou correndo no quarto, com olhar assustado. Nunca a ouvira chorar daquela maneira. Estava sem fôlego quando chegou junto da mãe.

Por instantes, Isabelle não conseguiu articular qualquer palavra, mas sabia que tinha de se recompor diante do filho.

— Um velho amigo meu morreu. — Não sabia que mais havia de lhe dizer. Até certo ponto, fora isso que acontecera. Bill acabara de morrer. Não conseguia imaginar viver sem ele, nem como seria a vida sem os seus telefonemas. Era como uma sentença de morte numa vida que já possuía tão pouco. A única coisa que tinha era os filhos. Então, levantou-se, vestiu o casaco e deu um abraço em Teddy. — Estou ótima. Apenas triste. Vou dar um passeio. Levou-o até ao quarto dele e deitou-o na cama. Saiu e passeou durante horas. Estava quase na hora do almoço quando voltou. Tinha um ar cadavérico. E até a enfermeira de Teddy se assustou ao vê-la.

— Sente-se bem, Mistress Forrester? — Há vários anos que se conheciam e nunca vira Isabelle com um ar tão abatido.

Isabelle assentiu com a cabeça, tentando esboçar um sorriso. Os olhos eram dois poços cheios de mágoa.

— Estou ótima — afirmou mecanicamente. Não havia mais nada que pudesse dizer. Nessa tarde, quando lia histórias a Teddy, havia rios de lágrimas a correrem-lhe pelas faces. Teddy tentava confortá-la, dando-lhe palmadinhas na mão. Não sabia o que lhe dizer. Nessa noite, quando o abraçou, depois de o colocar na cama, Isabelle não conseguiu conter um soluço.

— Sinto muito, mamãe — disse Teddy, num tom carinhoso, abraçando-a com força.

— Também eu, querido. — E esboçou um sorriso triste.

Isabelle estava destroçada, mais do que alguma vez se sentira em toda a sua vida. Bill levara-lhe a esperança, o riso, o amor e o conforto dos dias tristes. Não tinha ninguém para quem se virar agora e sabia que nunca mais teria. Morreria prisioneira de Gordon. Mas isso pouco lhe importava. Viveria para servir Teddy e Sophie, até morrer.

Entretanto, no seu quarto, às escuras, Bill mantinha-se imóvel em cima da cama. Não se mexera desde que desligara o telefone. Não pregara olho durante toda a noite. Chorara sem parar. A única consolação que tinha era saber e acreditar que tomara a melhor opção.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Para Isabelle, depois de Bill terminar a relação, os dias eram intermináveis. Não havia nenhuma parte do dia que lhe desse algum alívio. Cuidava de Teddy como sempre fizera e agora era ela que estava com ar doente. Não comia, não dormia, pouco falava, embora fizesse um esforço quando estava com o filho. Tinha a sensação de ter caído num abismo de trevas. Sentia saudades de ouvir a voz de Bill, mas nem sequer sabia onde é que ele se encontrava. Só sabia que fora para Washington, e gostava de saber se Cindy também o acompanhara. Mas para onde quer que ele fosse, já não lhe pertencia, nem nunca pertencera. Fora uma dádiva temporária na sua vida e estava grata por isso. Mas a mágoa de o perder era tão forte que não sabia se sobreviveria. Perder Bill custou-lhe mais do que sobreviver ao acidente. O impacto desta vez atingira-lhe a alma.

Até Gordon reparou no seu ar extremamente abatido, mas relacionava-o com o desastre. Quando Sophie a viu, ficou abismada. Parecia estar definhando.

— Você está doente? — Perguntou Gordon, um dia, ao desjejum. Dormira em casa naquela noite. Ainda não lhe passara pela cabeça que Isabelle sabia que ele ficava fora com frequência. Ela perdera tanto peso que as roupas estavam mais largas do que alguma vez haviam estado depois do acidente.

— Não tenho andado bem. São as enxaquecas — disse Isabelle, para explicar o seu ar cadavérico. Também tinha consciência do seu estado, mas não conseguia comer nem dormir.

— Deve ser uma sequela das lesões que você teve — afirmou Gordon, com ar ligeiramente preocupado. — É melhor chamar o médico. — Era o primeiro sinal de interesse que mostrava há vários meses. — Vou viajar na próxima semana e acho que ele devia ver-te antes de eu partir.

Isabelle perguntou-se se ele iria com Louise. Estava convencida de que Gordon passara todo o tempo com ela, no verão anterior, durante o período da sua internação. A sua ausência devia ter sido uma bênção dos céus para ele. E o fato de não ter voltado ao hospital a visitá-la não tinha nada a ver com ela, nem com Bill, nem com a raiva por causa do seu relacionamento com este, mas com o seu envolvimento com Louise. Mas já não dava importância a isso. Esse era um fato da vida deles que já durava há vários anos.

— Onde você vai? — Perguntou Isabelle, tentando mostrar-se interessada. Mas não estava. Aliás, perdera o interesse em tudo. A única coisa em que se empenhava era a cuidar de Teddy. E estava satisfeita por Sophie vir passar alguns dias em casa.

— Visitar clientes no Sul da França. — Isabelle estava certa que o “cliente”

era Louise, mas, como é óbvio, não lhe perguntou. — Quero que chame o médico hoje — lembrou-a Gordon, quando saiu, mas Isabelle não chamou. Sabia o que se passava com ela. Tinha o coração destrozado, mas não em consequência do acidente, que fora há exatamente um ano. Custava-lhe a acreditar que Bill estivesse fora da sua vida. Chegou a desejar ter morrido no desastre. Teria sido muito mais fácil do que aquilo que estava sofrendo naquele momento. E duvidava que a mágoa algum dia desaparecesse. Cada dia que passava era pior do que o anterior. Bill levava tudo o que a vida tinha de bom e não lhe deixara nada a não ser as recordações e o desgosto que a consumia. E o pior de tudo é que nem sequer estava zangada com ele. Continuava a amá-lo e sabia que sempre o amaria. Era como um animal que perdera o seu companheiro e que procurava um lugar calmo para morrer.

— Mamãe, o que se passa? — perguntou Sophie, preocupada, quando se encontraram, à porta do quarto de Teddy, nessa tarde.

— Nada, querida. Estou cansada. — Isabelle tinha muito mau aspecto e não havia ninguém que não notasse. Sophie e Marthe, a enfermeira de Teddy, haviam falado sobre o assunto essa tarde. Teddy disse que a mãe ficara assim desde que recebera um telefonema a comunicar-lhe que um amigo morrera. Mas Sophie e Marthe achavam que as causas eram mais profundas e receavam não só pela sua saúde, como também pela sua vida.

Nessa noite, quando Gordon indagou pelo seu estado de saúde, Isabelle disse-lhe que o médico a achara ótima. Nem sequer se dera ao trabalho de lhe ligar, mas sabia que Gordon nunca iria confirmar isso.

Gordon desconfiava que devia haver um enorme desgosto de amor por trás. Uma campainha de alarme na sua cabeça levou-o a pensar em Bill, mas rejeitou a idéia de imediato. Isabelle não se atreveria a começar tudo de novo, depois dos avisos que lhe fizera. Mas não sabia da força do seu amor por Bill.

No dia seguinte, Gordon partiu para o Sul da França, com ar despreocupado. Deixou o número de telefone do Hotel du Cap. Pretendia ficar lá três semanas. Isabelle não fez qualquer pergunta sobre o fato. Era um alívio tê-lo longe. Já não teria de arranjar desculpas para o seu ar doentio. Era muito mais fácil estar só.

Quando voltou, três semanas depois, Gordon ficou chocado ao vê-la ainda pior. Ele tinha um ar saudável e bronzado e Isabelle dava a sensação de sofrer de uma doença em estado terminal. Sophie não conseguiu conter as lágrimas quando falou do assunto com o pai. Mas este disse-lhe que o médico vira a mãe semanas antes e não encontrara nada. Gordon não queria saber mais do que isso, nem encarar a possibilidade de poder ter outra pessoa inválida em casa.

Em agosto, Gordon partiu numa longa viagem de negócios na Itália e na Espanha. Sophie fora passar algumas semanas na Bretanha. Isabelle ficou

contente por ficar sozinha com Teddy. Lia-lhe livros e fazia um enorme esforço para não o preocupar, mas não conseguia imaginar-se de novo a mulher de outrora. Fora mais fácil todo o processo de recuperação depois do acidente do que perder Bill. Acordava todas as manhãs pensando nele e desejando a morte.

E foi quando Gordon e Sophie se encontravam fora que Teddy contraiu uma forte gripe de verão. Começou por aquilo que, no começo, parecia uma dor de cabeça, depois apanhou-lhe o peito. A febre subiu e o médico prescreveu-lhe antibióticos para evitar que o seu estado de saúde piorasse. Mas a febre não parava de subir e nada do que Isabelle e a enfermeira lhe davam conseguia fazê-la baixar. No terceiro dia, mal conseguia respirar. Até o médico ficou preocupado com o fato de não estar respondendo à medicação. Dois dias depois, contraíra uma pneumonia. Estava indo de mal a pior. Três dias depois, o médico internou-o no hospital e Isabelle ficou lá com ele. Ainda pensou em telefonar a Gordon, mas preferiu não o incomodar. Nunca se preocupara com os problemas de Teddy. Essas preocupações sempre haviam recaído sobre ela.

— Vou morrer? — perguntou Teddy, de olhos esbugalhados, enquanto Isabelle lhe fazia festas na cabeça e punha compressas de água fria na testa e nos pulsos. As enfermeiras estavam-lhe gratas pela ajuda.

— Claro que não. Mas você tem de ficar bom. Esse bichinho é estúpido e já está doente há tempo suficiente. — Mas Teddy tinha quarenta graus de febre nessa noite. No dia seguinte, Isabelle teve mesmo de telefonar a Gordon.

— Não sei o que é. Deve ser um vírus qualquer. Mas o Teddy está muito doente. — A voz denotava mais cansaço que nunca.

— Está sempre doente — retorquiu Gordon, algo aborrecido. Encontrava-se na Toscana e a Isabelle custava-lhe imaginar que tipo de negócios é que ele tinha ali. Eram, indubitavelmente, outras férias com Louise, mas já não queria saber. — Nada posso fazer.

— Só pensei que fosse querer saber — acrescentou Isabelle, arrependida de ter lhe telefonado. Fizera-o mais por uma questão de cortesia.

— Telefona-me se ele piorar.

“E depois o que faria?”, ela teve vontade de perguntar. “E se ele morrer, devo telefonar-te? Não será mais incômodo para você?”, mas não disse nada.

Aguardou mais dois dias e depois telefonou a Sophie. Teddy delirava com febre e Isabelle, em pânico, tentava falar com o filho. Estavam ministrando-lhe antibióticos por via intravenosa, mas os pulmões enfraqueciam de dia para dia e o médico estava preocupado com o coração. Isabelle receava que este fosse o momento que mais temia. Ao contrário do pai, Sophie, que se encontrava na Bretanha, veio imediatamente para Paris nessa noite. As duas mulheres sentaram-se ao pé dele e ali ficaram longas horas, sem dormir, cada uma com

uma mão de Teddy nas suas, enquanto este cochilava. Por vezes, delirava, mas muito pouco do que dizia fazia sentido.

Finalmente, na manhã seguinte, quando acordou, Teddy exibia um ar mais tranquilo. No entanto, continuava ardendo em febre e dizendo que tinha frio, apesar de estar um calor abrasador.

O médico andava de um lado para o outro e as enfermeiras não o largavam um segundo. Ao fim da noite, o médico disse a Isabelle que as coisas estavam complicando-se.

— O que quer dizer?

— Estou preocupado com o coração. Não aguenta tanta pressão. É um rapaz extremamente debilitado.

Isso Isabelle já sabia e sentia alguma frustração por, aparentemente, não estarem conseguindo quaisquer resultados positivos. Para seu grande horror, Teddy passou outra semana debatendo-se entre a vida e a morte. Tanto ela como a filha estavam esgotadas e quase com tão mau aspecto como Teddy. Sentia-se escandalizada com o fato de Gordon não ter voltado a ligar para se inteirar do estado do filho, desde o último telefonema que lhe fizera duas semanas antes. Ele devia supor que o filho melhorara. E quando a terceira semana começou, Teddy entrou num estado de perda de consciência. Teve várias apoplexias e a pneumonia piorara. Isabelle não sabia como é que o filho conseguira resistir tanto tempo. Nada podia fazer a não ser sentar-se no corredor a chorar, voltando depois para o quarto para se sentar ao lado dele. Nessa noite, telefonou a Gordon.

Tal como desconfiara, o marido presumira que Teddy melhorara e ficou perplexo quando soube que o filho estava extremamente doente.

— Não sabia se queria vir para casa.

— Acha que deva ir? — Gordon parecia pouco entusiasmado com a idéia, se bem que se notasse alguma preocupação na voz. A situação era muito mais grave do que imaginara.

— É com você. Ele está muito doente. — Teddy não recuperara a consciência desde a noite anterior e o médico receava que não viesse a conseguir. Pediu então para ela lhe telefonar no dia seguinte.

Isabelle e Sophie passaram toda a noite junto de Teddy. Às cinco da manhã, este abriu os olhos e sorriu-lhes. Ambas choraram de alívio, pensando tratar-se de um bom sinal. Mas a enfermeira disse que a febre subira durante a noite. Estava com quarenta e dois graus. Desta vez, quando veio observá-lo, o médico abanou a cabeça. O coração do rapaz começava a falhar. Era o momento que Isabelle recebera durante toda a vida de Teddy. Com ar destroçado, mas estranhamente calma, esperava que o destino ditasse a sua sentença.

Teddy, agarrado à mão da mãe, falava com uma voz nítida. Olhou para Sophie e esboçou um sorriso angélico. Isabelle beijou-o no rosto e não conseguiu conter as lágrimas.

— Adoro-te, pequerrucho. — Teddy fora sempre extremamente carinhoso e paciente com a mãe. Tivera uma vida inteira de dor e nunca se queixara. E agora também não o fazia. Limitava-se a dar a mão à mãe e a vaguear entre os momentos de sono e vigília. Isabelle sentia um desejo incontável de o tirar da beira do abismo onde a sua alma pairava. Não conseguia suportar a idéia de o perder. Mas não havia nada que pudesse fazer para parar a doença terrível que o ia consumindo.

Teddy olhou para a mãe e sorriu.

— Estou feliz, mamãe. — Depois, virando-se para a irmã: — Adoro-te, Sophie. — Então, soltando um muito ligeiro suspiro, deixou o mundo dos vivos.

A libertação da alma do corpo que o atormentara toda a vida foi tranquila e suave. Isabelle tomou-o nos braços e chorou convulsivamente. Sophie agarrou-se à mãe soluçando. As duas mulheres abraçaram-no e beijaram-no pela última vez. O dia estava quente e cheio de sol. Isabelle sentiu-se perdida quando chegou à rua. Não conseguia acreditar que o filho os abandonara. Era inimaginável, impensável, intolerável. Nunca mais se esqueceria da sua última expressão, tão doce. E ali ficou, soluçando, agarrada à filha.

Pegaram um táxi para casa. Ao ver o quarto do filho, Isabelle voltou a chorar convulsivamente. Teddy, tal como o Príncipezinho de Saint-Exupéry, partira para o seu mundo, um mundo que nunca deveria ter deixado.

Isabelle preparou uma xícara de chá para Sophie, depois, com uma calma impressionante, telefonou a Gordon. Ele ficou perplexo quando ouviu a notícia, limitando-se a dizer que voltaria para casa nessa noite. Não chorou nem lamentou o sucedido. Não disse praticamente mais nada e desligou. Isabelle ainda pensou em ligar para Bill, mas achou que não valia a pena, pois ele já não estaria aguardando qualquer telefonema seu. Além disso, não conhecia Teddy. Sentia que já não tinha o direito de entrar em contato com ele nem de se intrometer na sua vida.

Nessa tarde, foram à funerária. Escolheram um caixão branco simples e Isabelle encomendou lírios e rosas brancas. Sabia que mais ninguém iria ao funeral a não ser os pais, a irmã e as enfermeiras. Teddy nunca fora à escola, não tinha amigos e Isabelle levava uma vida de reclusão durante anos. Aquelas eram as únicas pessoas que o conheciam e amavam. Não conseguia imaginar o que iria fazer sem o filho. Este fora não só a sua vida e o seu coração, mas também a sua ocupação durante anos. Gordon chegou de Roma ao fim da noite, com um ar sombrio e desanimado.

No dia seguinte, Gordon foi à casa funerária com Isabelle e Sophie. Isabelle pedira para que o caixão estivesse fechado. Não conseguia suportar ver o filho assim, embora este mantivesse a mesma beleza que exibira em vida. Gordon dera a conhecer que não queria ver o filho, o que Isabelle compreendia. Nunca fora capaz de tolerar a doença de Teddy e, embora fosse seu pai, mal o conhecia. Evitara conhecê-lo durante toda a vida e agora era tarde demais.

Nessa noite, jantaram os três na sala de jantar. Enquanto Sophie e Gordon conversavam, Isabelle não proferiu qualquer palavra. Ninguém falou de Teddy. Era um tema demasiado doloroso. Depois de jantar, Isabelle foi até ao quarto de Teddy e deitou-se em cima da cama, aí ficando a pensar na vida de sofrimento que o filho tivera. Teddy era como uma borboleta que agora lhes fugia.

A cerimônia fúnebre realizou-se na capela da igreja que frequentavam, no dia seguinte. O elogio fúnebre foi feito por um padre que não conhecia Teddy e que nem sequer sabia pronunciar o seu nome. Mas foi o percurso até o cemitério que quase destroçou Isabelle. Não conseguia suportar a idéia de o deixar ali, e só lhe apetecia atirar-se em cima da urna. Antes de abandonar o cemitério, tocou uma centena de vezes no caixão e arrancou uma rosa branca para pôr entre as páginas de um livro. Tinha a sensação de estar afogando-se, ou saindo de novo estado de coma. Mal conseguia respirar ou mexer-se. Todos os instantes eram insuportavelmente dolorosos. Ao fim dessa tarde, quando entrou no quarto da mulher, Gordon franziu o sobrolho ao olhar para ela, deitada na cama, com ar cadavérico.

— Não sei o que se passa com você — disse, com um ar mais aborrecido do que preocupado. Começava a detestar a presença de Isabelle. Esta andava sempre com ar adoentado. — Acho que você é que devia ter sido enterrada em vez do Teddy. O que se passa com você?

— Acabei de perder o meu filho. — Isabelle nem queria acreditar no que acabara de ouvir.

— Também eu. Mas você está assim há dois meses.

— Estou? Sinto muito. — E virou-lhe o rosto. Não queria vê-lo, só desejava que ele saísse do quarto.

— É penoso para a Sophie ver-te assim.

— Penoso é eu ter acabado de perder o meu filho.

— Há anos que se esperava este desfecho, embora eu saiba que seja um choque, especialmente depois daquilo por que o teu organismo passou o ano passado. — Gordon começava a acreditar que ela nunca se restabelecera completamente. Isabelle estava chocada com a frieza e a completa falta de sentimentos que o marido demonstrava. Ninguém teria acreditado que Gordon acabara de perder o filho. Parecia mais uma visita do que um membro da família,

nunca o pai da criança. Olhou para Isabelle, com ar de curiosidade, e fez-lhe uma pergunta estranha: — O que vai fazer agora?

— Relativamente a quê? — *Ao quarto dele? À vida dela? Às roupas dele?* Isabelle não conseguia sequer pensar no assunto.

— Cuidar do Teddy foi a única coisa que você fez nos últimos quinze anos. Não pode enterrar-te com ele.

Porque não? — Mas Isabelle não chegou a articular as palavras. *Com alguma sorte, pensou, iria morrer.* Depois de perder Teddy e Bill, tinha muito pouco que a agarrasse à vida, à exceção de Sophie. Mas Gordon deixou-a perplexa com o que disse a seguir:

— Acho que devia ir com a Sophie para Grenoble, quando ela voltar para as aulas, dentro de duas semanas. Penso que seria uma excelente idéia. Precisa sair desta casa. Far-te-á bem ficar com ela. — O que Isabelle percebeu de imediato foi que Gordon estava colocando-a para fora de casa para ficar mais à vontade com Louise. Era um plano bem urdido e facilmente explicado com a morte de Teddy.

— Você está falando sério? — Isabelle quase soltou uma gargalhada ao olhar para a expressão que o marido exibia. Extremamente solícito, mas, ao mesmo tempo, ansioso para que ela o deixasse. Devia estar aterrorizado com a hipótese de Isabelle tentar reclamar o seu lugar de esposa, agora que já não tinha Teddy para cuidar. — Que raio espera que eu faça lá? Estou certa de que a Sophie ficaria horrorizada, e com razão, por me ter lá a servir de estorvo. — Era a última coisa que queria fazer.

— Bem, não pode andar vagueando aqui pela casa, sem nada para fazer — declarou Gordon, com ar aborrecido.

— É isso que pensa que faço? — Estava farta da vida de fingimento que levavam há vários anos e não se sentia disposta a ser despachada de casa sob o pretexto de que devia estar com Sophie. Sabia muito bem quais eram os intentos do marido.

— Não faço a mínima idéia do que faz — disse Gordon, num tom desagradável, — a não ser cuidar daquela criança.

— “Aquela criança” era teu filho e agora está morto. Tem um pouco de respeito. Por ele e por mim. — Era a primeira vez que se atrevia a falar-lhe naquele tom. Gordon não gostou da observação.

— Isabelle, não me diga como é que hei de agir. Se bem se lembra, tolerarei um péssimo comportamento da sua parte o ano passado, quando do acidente e não vou pactuar com mais idiotices

— Sério? — perguntou Isabelle, com os olhos perigosamente cintilantes. Gordon ultrapassara os limites do tolerável e, de imediato, disparou: — E que

péssimo comportamento foi esse?

— Sabe muito bem ao que me refiro. Suportei o seu caso com o Bill Robinson. Teve sorte por não nos termos divorciado na época. — As armas começavam a ser desembainhadas. Mas, desta vez, depois da perda que sofrera, Isabelle já não mostrava qualquer medo dele. Com a morte de Teddy, Gordon perdera o controle sobre ela. Talvez para sempre.

— E você tem muita sorte em eu ter aguentado a forma como me tratou nos últimos vinte anos, já para não falar no desprezo a que votaste ao seu filho nos últimos quinze. — Era um combate mortal. Não imaginara ter aquela conversa com Gordon tão cedo, mas estava pronta para a luta. Lembrou-se então de que Bill lhe dissera para usar as munições só quando o marido a atacasse. O que, finalmente, acontecera. No dia do funeral de Teddy. Era uma crueldade e um desrespeito, mas não era surpresa para ela.

Gordon fitou-a durante alguns instantes, como se quisesse esbofeteá-la, mas não se atreveu a tanto.

— Não estou para tolerar isto. Se não se portar como deve ser, ainda te ponho no olho da rua, só com a roupa que você veste.

— Já não me mete medo, Gordon. — Não tinha nada a perder. Já não precisava de cuidar de Teddy, nem receava que ele a expulsasse de casa. Seria uma bênção se ele o fizesse. — Já não me mete medo.

— E para onde é que vai se te puser no olho da rua? — Indagou Gordon, colérico, cuspiendo as palavras.

Isabelle, com ar sereno, fitou-o por instantes.

— Talvez você e a condessa de Ligne tenham a gentileza de me deixar ficar no vosso apartamento na Rue du Bac. Presumo que, se me “puseres no olho da rua”, ela vai ficar aqui em casa. — Proferiu, num tom calmo, e Gordon não conseguiu conter um urro. Parecia um rugido de um leão ferido. Estava irado, e todo o seu corpo tremia.

— Não sabe do que está falando! — Berrou, perplexo com aquilo que Isabelle acabara de dizer. Fora um golpe que não esperava e, por instantes, ficou algo combalido.

— Talvez não, mas, aparentemente, meia Paris sabe, há dez anos. Ela telefonou para cá, por engano, na véspera de Ano Novo. Julgo que estava bêbada, mas isso abriu-me os olhos para aquilo que devia ter visto anos atrás. Por isso, não me fale do Bill Robinson. É uma questão que não se põe.

— Ele ainda faz parte da sua vida. — Gordon estava espantado com o fato de Isabelle saber do seu caso com Louise e nunca ter lhe dito uma palavra sobre o assunto.

— Não, não faz. Mas a condessa já deve ser uma parte integrante da sua vida.

Presumo que esteve com você na Itália. — Gordon não admitiu esse fato, mas a suposição de Isabelle estava correta. — Disseram-me que só poderá casar com você quando o marido morrer. Deve ser difícil para você. E o que está pensando em fazer-me nessa hora? Que outro plano tem, além de me despachar para Grenoble?

— Você está louca! A morte do teu filho deu-te volta à cabeça. Não estou para ouvir mais disparates. — Gordon preparava-se para sair, não queria escutar mais qualquer palavra.

— Não — retorquiu Isabelle, calmamente. Estou de coração destroçado, não estou louca. Devo ter estado, para não ver aquilo que você andava fazendo ao longo destes anos todos. Nem sequer dormia em casa, e eu fui parva suficiente para não perceber, porque andava sempre aterrorizando-me. Bem, esses tempos acabaram.

— Sai da minha casa — berrou Gordon, a plenos pulmões, o corpo tremendo de raiva.

— Eu saio, mas só quando estiver pronta. Entretanto, sugiro que vá para o pé dela.

Gordon saiu porta fora. Pouco depois, Isabelle ouviu a porta da rua fechar com estrondo. Fora uma cena incrível. De repente, percebeu que acabava de deixar o marido e nem sequer estava preocupada com o assunto. Era como se a perda de Teddy a tivesse libertado finalmente. Depois de deixar de ter Teddy e Bill, já nada lhe restava a não ser Sophie. Gordon acabava de a libertar do tormento e das mentiras que haviam partilhado durante tantos anos.

— O que lhe disse ele, mamãe? — Indagou Sophie. Isabelle não a vira entrar no quarto. Fizera-o depois de o pai sair. Tinha um ar assustado. Nunca ouvira os pais discutindo daquela maneira.

— Não é importante — respondeu Isabelle, sentando-se na cama. Sentia-se a tremer, mas aliviada.

— É importante. Mamãe, ele é horrível com você. É meu pai e eu adoro-o, mas não quero que ele continue a ser tão mau com você. — Especialmente naquele dia, depois do funeral de Teddy, fora escandaloso.

Ao olhar para a filha, Isabelle tomou consciência, de repente, de tudo o que acontecera.

— Acabou de me dizer para me pôr na rua. — Estava estranhamente calma e composta ao articular as palavras. E Sophie precisava de saber o que se passara.

— Você tem mesmo de ir embora? — perguntou Sophie, de olhos esbugalhados, enquanto Isabelle refletia no assunto. Sophie estava aterrorizada, mas ela, não. Aparentava uma estranha tranquilidade.

— Acho que sim. A casa é dele.

— Para onde vai agora? — Havia lágrimas nos olhos de Sophie.

— Acho que vou arranjar um apartamento. Já devia ter feito isto há muito tempo, mas não podia cuidar do Teddy sem a ajuda do seu pai.

Sophie fez um gesto de concordância com a cabeça. Isabelle percebia que tudo acabava à sua volta. Perdera Teddy, Bill, a casa e o casamento. Tudo aquilo que conhecera, amara, com que contara ou em que acreditara chegara ao fim. Só lhe restava começar tudo de novo. Olhou então para a filha. Esta aproximou-se e pôs-lhe os braços à volta do pescoço, e as duas mulheres abraçaram-se sem dizer uma palavra.

Fora Teddy que a libertara, finalmente, de Gordon e que a levava pela mão para outro rumo. Bill não fora capaz disso e deixara-a primeiro. Além disso, ela nunca teria tido coragem para tomar essa decisão sozinha. Mas Teddy, ao libertar-se do corpo terreno que o torturara toda a vida, libertara também a mãe da vida que tanto a atormentara. Essa era a última prenda que lhe oferecia por aquilo que ela fizera por ele durante quinze anos. Isabelle era, finalmente, uma mulher livre.

CAPÍTULO DEZESSETE

Gordon não voltou à casa da Rue de Crenelle durante vários dias. Isabelle sabia que poderia descobrir onde ele se encontrava, mas não tentou. Não existia motivo para isso. Nada mais restava para lhe dizer e, além disso, tinha certeza de que estava com a condessa de Ligne.

Deambulou pela casa durante algum tempo, tentando assimilar tudo o que acontecera. Sentou-se no quarto de Teddy durante horas a chorar. De repente, sorriu e lembrou-se das coisas que fizera ou dissera. Parecia perdida em outro mundo. Então, sozinha, uma noite, começou a encaixotar as coisas do filho. Teddy possuía tão poucas coisas como se a sua vivência neste mundo tivesse sido uma simples passagem. Tinha livros, quebra-cabeças, brinquedos de infância, um sem-número de pijamas e alguns artigos religiosos que as enfermeiras lhe haviam dado ao longo dos anos. Cheirou as roupas e a almofada de Teddy antes de as arrumar. As fotografias da mãe e da irmã eram as únicas coisas que haviam tido um significado especial para ele. Tinha também uma de Isabelle e Gordon no dia do casamento. Era a única fotografia que possuía do pai. Só de manhã é que acabou a tarefa. Voltou então para o seu quarto para dormir.

Finalmente, ao fim dessa tarde, Gordon deu sinal de vida. Queria saber quais eram os seus planos.

— Ainda não resolvi. Estive encaixotando as coisas do Teddy.

— Que tarefa mais mórbida. Porque não pediu às enfermeiras para que fizessem isso? — Isabelle quisera realizar essa tarefa por uma questão de respeito pelo filho que tanto amara. Mas Gordon não compreendia isso. Não gostava de ninguém a não ser de si próprio. Isabelle não conseguia imaginar como era a sua relação com Louise. Mas de uma coisa tinha certeza, baseava-se na importância social e título desta. As mesmas coisas que o haviam atraído nela. Mas nunca conseguira tolerar a pessoa, nem a realidade. — Você teve um comportamento abominável na outra noite — acusou, tentando intimidá-la com o tom de voz. Isabelle, porém, ouvira-o tantas vezes que já não a impressionava. E o que mais horrorizava Gordon fora o fato de Isabelle ter se atrevido a aflorar o seu caso com Louise. Achava extraordinário que ela o tivesse descoberto ao fim daqueles anos todos. E quando perguntou a Louise se telefonara para sua casa, na véspera de Ano Novo, quando perdera o voo para Saint-Moritz, ela admitiu que provavelmente telefonara. Fora um erro inocente mas pusera a descoberto dez anos de mentiras cuidadosamente elaboradas.

— Há muito tempo que esta é uma situação abominável. Sempre achei que

havia algo em você que me escapava e era por isso que era tão frio comigo. Pensava que a culpa era minha, porque estava sempre tão ocupada cuidando do Teddy. Finalmente, compreendo que não tinha nada a ver comigo, ou com ele. Você só não queria estar aqui em casa.

— Tinha tudo a ver com você. Se tivesse dedicado mais tempo aos deveres de uma esposa decente, isso nunca teria acontecido. — Gordon não admitia nada de novo. Acusava-a de tudo, o que era típico nele.

— Tenho sido uma esposa decente. Sempre estive aqui ao seu dispor. No começo, ainda te amei. Você é que ergueu as barreiras entre nós, saiu do nosso quarto e me rejeitou. Mas nada disso teve a ver comigo, e sabe bem que não.

— Eu não teria feito nada dessas coisas, se tivesse aprendido a desempenhar convenientemente o seu papel de minha mulher.

Gordon era o professor e Isabelle a aluna que reprovara no curso. O amor, a compostura e o coração desta nunca haviam tido qualquer importância para ele. Nunca se interessara por Isabelle enquanto pessoa. Como tivesse dado autênticos saltos mortais para trás durante anos, enquanto Gordon gritava cada vez “mais alto”, e as coisas nunca estavam como queria. Logo que vira que Isabelle já não lhe trazia qualquer benefício a nível social e profissional, pusera-a à parte. Isabelle sabia que faria a mesma coisa com Louise. Logo que todas as pessoas soubessem que ele desposara uma condessa, e que esta era muito rica e famosa, também a poria de lado. Isabelle não conseguia imaginar Gordon mostrando carinho por quem quer que fosse, nem por ela, nem pelos filhos, nem sequer pela amante. Era um narcisista puro.

— Acho que o acidente te afetou o cérebro — afirmou Gordon, num tom glacial. De repente, Isabelle imaginou o quadro que Gordon iria pintar dela: que nunca se recuperara totalmente do coma, que sempre tivera um comportamento um pouco estranho e que acabara por ficar gravemente afetada com a morte do filho. Era a desculpa perfeita para se desfazer dela. Tinha a sensação de estar a espreitar uma caverna escura e, de repente, ver o monstro que lá vivia. Outrora, ficaria aterrorizada, mas agora isso já não acontecia. Já não tinha nada a ver com o monstro. — Espero que você se mude o mais depressa possível. — Só queria que ela desaparecesse da sua vida. Convinha-lhe. Isabelle já não servia para nada e tornara-se um problema. Desmascarara-o e ele não podia tolerar tal coisa.

— Mudo-me quando arranjar um apartamento — comunicou Isabelle, com algum cansaço na voz. Estivera de pé toda a noite pondo as coisas de Teddy em caixas. — Sabe bem que, se colocar-me na rua logo a seguir à morte do Teddy, as pessoas dirão coisas pouco abonatórias a seu respeito.

— Digo-lhes que você endoideceu com a morte dele e que fugiu por razões pouco claras, com a agravante de ter ficado com sequelas do traumatismo

craniano. — Uma idéia brilhante, sem dúvida. Não conseguiu deixar de imaginar se Louise não o teria ajudado a delinear tal idéia.

— Você está partindo do princípio de que as pessoas acreditarão em você, mas não estou tão certa disso. Algumas, talvez, mas quem me conhece sabe que não sou *la folie de Chaillot* para me esconder no sótão. Sou uma mulher a quem você mentiu, a quem traiu e a quem maltratou. Um dia, as pessoas verão quem realmente você é. Tal como os seus filhos viram. Não será capaz de enganar as pessoas eternamente. Nem sequer a mim conseguiu enganar. — Porém, a traição de Gordon continuava sendo um terrível choque. Fora abandonada por Bill, ao fim de cinco anos, e agora por Gordon, que já a abandonara efetivamente vários anos antes. Teddy também a deixara, mas não tivera alternativa. Todos esses abandonos a marcavam profundamente. Sabia que nunca recuperaria-se totalmente da traição das pessoas que chegara a amar com tanta paixão. Perdera a fé que outrora tivera de que a vida era justa e que as coisas acabavam sempre no melhor. Não havia fins felizes no seu mundo e já não esperava sequer vir a tê-los. Só queria ter paz.

— Mude-se quando quiser. Diz-me só o dia. Telefonei para o meu advogado hoje. Ele vai fazer o rascunho do acordo de divórcio. — Mexera-se rapidamente. Isabelle perguntou a si própria se o conde de Ligne estaria às portas da morte. Gordon parecia ter, de repente, pressa de resolver as coisas. O ideal para ele teria sido Isabelle desaparecer para Grenoble. Poderia dizer que a esposa se encontrava num sanatório, que enlouquecera, ou que sofria de depressão. Praticamente não teria de dar qualquer desculpa, desde que ninguém a visse. Mas Isabelle não estava disposta a facilitar e pretendia arranjar um advogado. Gordon deixou-lhe então novo aviso. — E não se esqueça, quando fizer as malas, que só pode levar as coisas que são suas, as que trouxe para o casamento. O resto pertence-me.

— A minha intenção é essa — ripostou Isabelle, num tom frio. A rapidez com que ele chegara à questão das partilhas! Ela só queria as suas roupas, as coisas de Teddy, alguns quadros e antiguidades dos seus pais, e as poucas jóias que Gordon lhe oferecera. O resto das coisas não lhe interessava e as jóias só as levava para da-las a Sophie. — Informo-te quando arranjar um lugar para viver.

Nas semanas seguintes, Isabelle procurou cuidadosamente um apartamento. Em finais de Setembro, descobriu um adequado às suas necessidades, na Rue de Varenne, não muito longe da casa que partilhara com Gordon na Rue de Grenelle. O apartamento tinha dois quartos, uma enorme e assolarada sala de estar, uma cozinha já um pouco antiquada, uma despensa e um terraço com vista para o Museu Rodin. Era, efetivamente, o terceiro piso de um velho hotel particular. Havia um espaço de garagem para um carro, no lugar onde outrora

eram os estábulos. O edifício já não possuía a elegância de outros tempos, embora, tal como muitos dos edifícios do século XVIII da Rive Gaúche, os vários senhorios tivessem gasto fortunas em obras de manutenção. Havia um pequeníssimo elevador, que mais parecia uma gaiola. O teto era alto e os assoalhos bonitos, se bem que em mau estado. O senhorio pertencia a uma família aristocrática conhecida de Isabelle. A vizinhança e o lugar eram bons e acreditava que ali se sentiria em segurança. Também sabia que tinha mobiliário suficiente dos seus pais para decorar o apartamento condignamente. Logo que assinou o contrato de arrendamento, telefonou ao advogado de Gordon e informou-o que ia mudar-se dentro de duas semanas. Em seguida, ligou à filha.

Sophie ficou contente por a mãe ter arranjado um apartamento, mas iria ser estranho vê-la a viver em outro lugar. Quando viesse visitar o pai, ficaria na Rue de Crenelle, mas com a mãe e Teddy ausentes, sentia-se deprimida só de pensar no assunto.

Isabelle já tinha em seu poder a proposta de acordo de divórcio de Gordon. Este oferecia-lhe uma pequena pensão, que não refletia, de modo nenhum, a vida que haviam partilhado durante vinte e um anos. O advogado de Gordon sugeriu-lhe que arranjasse um emprego, o que ela pretendia fazer, em vez de pedir apoio financeiro a Gordon. Recusou tudo o que lhe foi oferecido no acordo, o que era efetivamente uma enorme bofetada dada com luva de pelica. Não queria nada dele. Tudo aquilo confirmava o que pensara quando recebera abandoná-lo por causa de Teddy. Ele deixá-los-ia morrer de fome, se ela tivesse saído de casa. Dele só queria o suficiente para fazer face a um imprevisto ou a uma situação de doença.

O advogado de Isabelle ficou furioso com aquilo que Gordon lhe oferecia e queria que ela lutasse por uma melhor partilha de bens, tentando até ficar com a casa da Rue de Crenelle. Mas Isabelle sabia que seria uma falsa vitória. Só queria o mínimo para fazer face às suas necessidades e nada mais do que isso.

Mudou-se para o apartamento da Rue de Varenne, em meados de outubro, e ficou espantada com a sua beleza depois de lhe dar uns pequenos retoques. A parte mais dolorosa ao abandonar a velha casa relacionava-se com o fato de deixar os quartos onde ela e Teddy haviam passado uma vida inteira. Mas sabia que levava as recordações consigo. Com um último olhar triste por cima do ombro, saiu, enquanto Josephine, a governanta, chorava. Prometeu convidá-la para visitar o seu novo lar.

E até Sophie ficou espantada com o apartamento na primeira vez que foi passar uns dias com a mãe. Era um fim-de-semana prolongado devido ao feriado de Todos os Santos e tinha quatro dias sem aula.

— Está maravilhoso, mamãe! — Sorriu quando viu o seu quarto, todo

decorado com seda cor de alfazema com lilases e violetas. As paredes eram cor de marfim, com uma risca fina também em cor de alfazema. Isabelle decorara o seu em tons de amarelo. Na sala de estar, instalara móveis antigos que haviam sido de sua mãe: peças muito requintadas, na sua maioria estilo Luís XV e XVI. Apesar de estar vivendo ali há apenas duas semanas, já se sentia em casa. De certo modo, muito mais do que na casa da Rue de Crenelle. O apartamento era dela.

Estava admirada com a facilidade com que se adaptara à nova vida. Não sentia qualquer saudade de Gordon. A única pessoa de quem sentia imensa falta era de Teddy. O novo apartamento proporcionara-lhe alguma distração, mas não havia forma de atenuar a tristeza por ele ter morrido. De certa maneira, era mais fácil habitar numa casa nova, sem ter de deambular pelos corredores por onde passara diariamente, nem ter de se sentar no quarto onde dedicara ao filho horas intermináveis. Mas não fora só a saudade de Teddy que a acompanhara até à nova casa; a saudade de Bill também. Não conseguia conceber que nunca mais voltaria a vê-lo, e que, depois de cinco anos a conversar com ela, a aconselhá-la, a confortá-la, a ser o seu mentor e melhor amigo e, finalmente, amante, a tivesse abandonado. Era a última coisa que esperava dele, a sua única crueldade. Sabia que dificilmente o esqueceria e não se imaginava amando ou confiando em outra pessoa. Não fora Gordon quem a magoara mais, pois já não esperava nada dele, há vários anos, mas sim Bill, porque o amara verdadeiramente e depositara nele uma confiança cega. Mas sabia que essa seria uma cruz que teria de carregar até ao final da vida, custasse o que custasse.

Duas semanas depois de ter se mudado, viu uma fotografia de Bill no *Herald Tribune*. O artigo falava das próximas eleições nos Estados Unidos e do papel de Bill numa importante corrida para o Senado. Deteve-se demoradamente olhando para a fotografia. Achou-o com bom aspecto. Não conseguia dizer ao certo, mas dava a sensação de que Bill se encontrava de pé, no meio de um grupo de homens, com o candidato que ele apoiava a seu lado. O artigo até fazia uma breve referência ao fato de ele ter sido vítima de um acidente de trânsito quase fatal em Londres, no ano anterior, tendo alcançado uma recuperação extraordinária e regressando mais forte do que nunca. Embora não mencionasse se Bill andava ou conseguia correr parecia comprovar o que ele dissera quando lhe mentira sobre o fato de ter recuperado a capacidade de andar. Tudo levava a crer que se encontrava de perfeita saúde. Depois de dois dias olhando para a fotografia e torturando-se, jogou o jornal no lixo.

Sophie acabara de partir para a faculdade, depois do fim-de-semana de Todos os Santos, quando Isabelle viu Bill na CNN. Encontrava-se numa audiência no Senado, em Washington, sentado numa mesa comprida, dirigindo-se a uma

comissão. O que diziam era de caráter técnico e extremamente aborrecido, mas Isabelle ficou hipnotizada mal lhe viu o rosto. Não conseguiu tirar os olhos dele. Bill fazia um discurso arrebatado. De repente, virou-se para a câmara, como se estivesse falando com ela.

— Sacana! — murmurou Isabelle. Ainda se sentia magoada com o que Bill lhe fizera. Lembrava-se de todas as palavras que ele dissera quando lhe comunicara que estava tudo acabado entre eles. Sentia que não merecera aquilo da parte dele, depois de o ter amado tanto e dos momentos felizes que haviam passado juntos. Continuava nessa angústia tremenda recordando esse momento, quando, acabado o discurso, se viu um plano alargado da sala e alguém empurrando a cadeira de rodas onde Bill estava sentado. Ficou boquiaberta. Dissera-lhe que já conseguia andar, mas era óbvio, por aquilo que via, que ainda estava confinado à cadeira de rodas. Por que razão teria lhe dito que já conseguia andar, se não era esse o caso? Qual teria sido o objetivo? Então, ao vê-lo desaparecer do ecrã com um aceno às várias pessoas na assistência, lembrou-se do que ele dissera desde o princípio. Ainda em Londres, tinha dado a entender que, se não voltasse a andar, não ficaria com ela, que não queria ser nenhum fardo. Nunca expressara tal decisão por palavras, mas Isabelle compreendera o que ele queria dizer e achara que se sentia apenas deprimido. Não o levara a sério, parecendo-lhe que estava dramatizando a situação. De repente, perguntou-se se Bill não teria levado ao pé da letra essa sua decisão. Nunca pensara nisso, porque ele a informara com toda a clareza que voltara a andar. E não conseguia deixar de questionar-se se ele também teria mentido relativamente a todo o resto.

Isabelle sentou-se então na cama refletindo no que faria e na forma de descobrir o que acontecera. Tinha vontade de pegar o telefone e perguntar-lhe. Todavia, se Bill tivesse querido que Isabelle soubesse a verdade, ter-lhe-ia contado cinco meses antes, em vez de mentir. Estava completamente confusa. Deu um pulo da cama e pôs-se a andar de um lado para o outro no quarto. Desligou a televisão, para poder pensar melhor e olhou para o relógio. Era meio-dia em Washington e seis da tarde em Paris. Então, teve uma idéia. Correu para a cozinha e pegou no telefone.

Ligou para Washington, para o serviço de informações e pediu o número do escritório de Bill, que lhe deram de imediato. Não sabia muito bem o que haveria de fazer a seguir, mas, quando atenderam, pediu para falar com o assessor de Mr. Robinson e uma voz masculina surgiu do outro lado da linha. Explicou então que Mr. Robinson lhe pedira para telefonar se precisasse de ajuda para uma comissão que se ocupava da alfabetização de crianças no Sul do país. Sabia que a luta contra o analfabetismo era de primordial importância para Bill e fazia questão de que os seus candidatos a adotassem como bandeira.

—Gostaríamos que Mister Robinson e a esposa pudessem assistir ao nosso encontro em dezembro. E fazemos questão de que Mistress Robinson seja nossa presidente honorária.

Fez-se então uma breve pausa, enquanto o assessor recuperava o fôlego e Isabelle se recompunha, rezando para que as suas previsões estivessem certas.

—Estou certo de que Mister Robinson adoraria. Vou verificar a agenda quando me der a data. Mas receio que Mistress Robinson não possa presidir ao encontro. Talvez pudesse, mas... bem, estão divorciados — disse, algo embaraçado. —Ela vai casar-se de novo no próximo mês. Creio que ela gostaria muito. É questão de lhe telefonar. Posso dar-lhe o número, se quiser. Caso contrário, julgo que Mister Robinson estaria interessado em presidir ao vosso encontro, se me enviar algum material sobre o assunto e me disser qual é a data.

—Envio-lhe o material ainda hoje. — A mão de Isabelle tremia. Fechou os olhos. Bill mentira-lhe sobre ambas as coisas. Não estava casado com Cindy e não conseguia andar. Provavelmente deixara-a porque a amava. Ou talvez já não a amasse. Porém, de duas coisas tinha certeza: já não estava casado com Cindy e ainda andava de cadeira de rodas. —Muito obrigada.

—E qual é a data?

—Doze de Dezembro.

—Marco aqui na agenda. Depois informo-a.

—Obrigada.

—E qual é o seu nome? Desculpe.. não ouvi...

—Sally Jones.

—Obrigado, Miss Jones. Obrigado pelo telefonema.

Isabelle sentou-se na cama, ponderando o que fazer a seguir. Estava cada vez mais certa dos motivos que haviam levado Bill a deixá-la. Tinha a sensação de que tudo mudara num abrir e fechar de olhos. Porém, agora, em vez de ter vontade de morrer, como acontecera nos últimos cinco meses, sentia-se renascer.

À meia-noite, depois de refletir maduramente no assunto durante horas, já sabia o que fazer. Pegou no telefone, ligou para a companhia de aviação e fez uma reserva para a tarde seguinte. As eleições eram só dali a quatro dias e a hora provavelmente não era a mais adequada, mas não podia esperar por mais tempo. Marcou lugar no voo das duas horas do dia seguinte. Telefonou então a Sophie comunicando-lhe que ia passar uns dias em Washington.

—Porquê? —Sophie pareceu surpreendida, mas estava satisfeita. Há meses que a mãe andava tão sem vida, triste e desesperada, especialmente depois da morte de Teddy, que era um alívio saber que ela ia viajar.

—Vou visitar um velho amigo.

—Alguém que eu conheça? —A mãe estava eufórica. Havia um misto de

excitação, felicidade e algum receio na voz.

—O Bill Robinson. Estava comigo na época do acidente —informou Isabelle, enquanto Sophie sorria do outro lado da linha.

—Eu conheço-o, mamie. Foi muito simpático comigo quando fui visitá-la no hospital. Tem duas filhas e uma esposa muito simpáticas.

—Tem razão. —Exceto no que tocava à esposa.

—Ele também gostava muito de você —disse Sophie, com alguma inocência, e Isabelle sorriu.

—Também gosto dele. —Depois telefone-te dizendo onde estou e quando volto, está bem? Cuida de você, querida. Não me demoro por lá.

—Não é preciso vir correndo. Só vou em casa no Natal. Divirta-se.

—Obrigada — agradeceu Isabelle, e desligou.

Nessa noite, não conseguiu dormir; partiu para o aeroporto às onze da manhã. Tinha de estar lá apenas ao meio-dia. Durante o voo, mal era capaz de conter a alegria que sentia. E nem sequer sabia qual seria a reação de Bill ou o que iria lhe dizer quando o visse. Talvez ficasse furioso por ela ter descoberto. Se tivesse tido vontade de estar com ela, tê-lo-ia feito. Ele fora claro na decisão que tomara. Mas estava enganado. Completamente. Não precisava de ter se sacrificado por ela. O seu amor não seria posto em discussão pelo fato de nunca mais voltar a andar. A única coisa que ela podia fazer agora era encontrá-lo e dizer-lhe isso mesmo. Mas sabia que não seria tarefa fácil. Era um homem muito teimoso. Ainda se lembrava bastante bem das muitas objeções que fizera ao casamento de Joe e Jane.

Quando o avião aterrissou no Aeroporto Dulles, fechou os olhos e fez uma oração em silêncio para que Bill lhe desse ouvidos. Não fazia a menor idéia se ele iria escutar o que tinha para lhe dizer. Mas iria fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para que isso acontecesse.

Tinha o endereço do escritório no bolso. Então, tiritando de frio, entrou num táxi e deu ao motorista o endereço do Hotel Four Seasons, em Georgetown, onde fizera uma reserva na noite anterior. Agora só tinha de descobrir onde Bill se encontrava.

CAPÍTULO DEZOITO

Eram quase quatro horas quando Isabelle acabou de desfazer as malas no quarto do hotel. Sabia que tinha de telefonar para o escritório de Bill o mais depressa possível, se queria saber onde ele iria estar essa noite. Ou talvez devesse aparecer pessoalmente no escritório. De súbito, assaltou-a o receio de ser uma loucura o fato de ter feito aquela viagem. Havia milhares de chances na sua cabeça e não fazia a menor idéia de qual resultaria melhor. Enquanto olhava para o telefone, começava a achar que cometera um erro tremendo. Talvez já não estivesse apaixonado por ela. Finalmente, ao fim de meia hora de total perplexidade, pegou no aparelho.

Foi uma recepcionista que atendeu. Tentou então dissimular que estava sob uma grande tensão nervosa.

— Olá, é por causa da segurança para logo à noite. A que horas é que Mister Robinson chega? — Esforçou-se por falar com sotaque americano, de modo a que a mulher não percebesse que era francesa.

— Oh, meu Deus, não sei — disse a recepcionista, com uma voz ainda mais enervada do que a de Isabelle. — Eles vão a seis locais diferentes. A qual se refere?

— É a segurança para o jantar.

— Oh, claro... bolas... Pensei que ele cancelara esse... não, está bem... tudo bem... Ele deve chegar aí às nove horas... Lamenta o atraso, mas não consegue estar aí mais cedo. Esse será o quarto local a que vai. E não pode demorar... Sabe que ele agora andar de cadeira de rodas, não sabe?

— Claro, tenho aqui as minhas notas — respondeu Isabelle, mostrando-se bem informada.

— Só precisam de tirar uma cadeira da mesa, de modo a que ele tenha espaço para colocar a cadeira de rodas. Não gosta de exibicionismos. E não quer ser fotografado na cadeira. É uma pessoa muito discreta. Mister Robinson e o senador Johnson querem entrar por uma porta lateral e sairão da mesma forma.

— Tudo bem. — Isabelle continuava sem saber onde era o jantar e não podia perguntar.

— O senador Johnson tem a sua própria segurança e encontram-se com você na porta lateral do Centro Kennedy, como da última vez...

“Obrigada, meu Deus”, murmurou Isabelle para si mesma. O Centro Kennedy.

— Ele vem em traje de cerimônia... É para o localizarmos logo... — Isabelle precisava de saber o que vestir.

— Não, ele pede imensas desculpas... mas não vai... Julgo que não haverá

problema.

— De modo nenhum.

Falaram ainda sobre vários pormenores, durante uns dez minutos, mas Isabelle dava pouca importância ao que a recepcionista dizia. A única coisa que precisava saber era que teria de estar no Centro Kennedy às nove horas da noite. Bill sairia às dez para o compromisso seguinte. Poderia confrontá-lo à entrada, ou à saída... ou poderia fazer uma cena no jantar, esconder-se debaixo da mesa, apontar-lhe uma arma... As chances eram mais do que muitas, mas algumas tinham poucas perspectivas de terem bons resultados. Não fazia a menor ideia de como agir, mas sabia que tinha de tentar qualquer coisa.

Por fim, resolvera encontrar-se com Bill à porta, depois do jantar, quando ele fosse sair. Isto é, às dez da noite. Daí a seis horas. As seis horas mais longas da sua vida. Telefonou ao porteiro e pediu-lhe para alugar uma limusine para essa noite. Depois, sentou-se pensando no que iria dizer-lhe, se é que ele lhe daria chance de falar. Bill poderia dizer-lhe, muito simplesmente, que não tinha nada para falar com ela. Fora ele que dissera que nunca mais queria voltar a vê-la, mas mentira-lhe, dizendo que voltara a andar e que havia renovado os votos matrimoniais com Cindy. Durante cinco meses, não fora capaz de compreender como conseguira romper com ela daquele modo. Mas agora entendia perfeitamente. Tudo girava em torno do fato de não querer ser um fardo para ela. Fora por isso que não quisera visitá-la em Paris, porque não queria que soubesse que ele não conseguia andar. Agora teria de o convencer a mudar de ideia. E sabia que só tinha alguns minutos para o fazer, antes de ele entrar no carro e partir. Não fazia ideia do que lhe dizer. “Amo-te!”, poderia ser um começo, mas nem isso o detivera quando acabara tudo entre eles. Por que motivo haveria de o fazer agora?

Havia tanta coisa de que Bill não tinha conhecimento: que Teddy morrera, que deixara Gordon e que se mudara para um novo apartamento. Que a deixara de coração destrozado e, sobretudo, não sabia que ela não se importava que ele ficasse numa cadeira de rodas o resto da vida. A única coisa que Isabelle queria era estar com ele e amá-lo eternamente.

De repente, questionou-se se não seria um erro vê-lo nessa noite. Talvez devesse encontrá-lo no escritório, ou telefonar-lhe. Sabia que devia andar num frenesim com a eleição que iria acontecer daí a três dias. Poderia adiar o encontro para depois, mas era possível que ele saísse da cidade ou desaparecesse. Não queria esperar mais tempo. Já haviam esperado demais.

Nessa noite, não teria tempo para jantar. Tentou tirar um cochilo, mas não conseguiu pegar no sono. Tomou então um banho e vestiu-se. Às nove e meia, encontrava-se já na limusine, dirigindo-se a toda a velocidade para o Centro

Kennedy. Quando chegou à entrada, ficou em pânico. E se Bill já tivesse saído? Estava paralisada de preocupação quando abandonou o carro. Colocou-se então na zona lateral da entrada, de onde o poderia ver sair. Estava um frio de rachar, mas não se importou. De súbito, como um mau presságio, começaram a cair enormes flocos de neve, que fortes rajadas de vento sopravam em todas as direções. Às dez e um quarto, não havia qualquer sinal de Bill, e começava a imaginar que, possivelmente, saíra por outra porta. Talvez tivesse havido mudança de planos. Isabelle envergava um casaco preto, um chapéu de pele de zibelina, botas de camurça pretas e luvas. No entanto, continuava com frio e coberta de neve.

Às dez e meia, já perdera a esperança. Sabia que teria de descobrir outra forma e tentar de novo. No dia seguinte, iria experimentar outro estratagema. Disse para si mesma que ficaria até às onze horas, se bem que estivesse convencida de que Bill e o senador já haviam partido para o compromisso seguinte.

Entretanto, às dez para as onze, houve alguma agitação perto da porta. Primeiro, saíram dois policiais à paisana, depois, um segurança com um fone no ouvido, finalmente, um homem bem-apeesoado, de cabeça baixa contra o vento, abandonou em passada larga o edifício e dirigiu-se para uma limusine que aparecera como que por encanto. Isabelle não dera por ela. O homem parecera-lhe o senador, mas não tinha certeza, pois ia de cabeça baixa. Ficou mais uns instantes na expectativa, mas não viu mais ninguém sair. Perguntou-se então se Bill não viera ou se resolvera ficar. Então, avistou um homem numa cadeira de rodas, rodeado por uma pequena multidão, que ouvia atentamente o que ele dizia. Era ele próprio que conduzia a cadeira. Trazia um cachecol felpudo ao pescoço e um casaco escuro, e Isabelle reconheceu imediatamente que se tratava de Bill. Sentiu o coração bater mais acelerado quando o viu dirigir-se para a rampa onde ela se encontrava. Bill ainda não dera pela sua presença. Os acompanhantes deixaram-no e correram para dentro do edifício para fugir à neve. O senador e os seguranças já se encontravam na limusine.

Então, como se tivesse tomado o seu destino nas mãos, dirigiu-se para a rampa e começou a subi-la. A meio, deu de cara com Bill, de cabeça baixa, para se proteger do vento, de modo que o casaco e as pernas foram as únicas coisas que ele viu de Isabelle.

— Desculpe, podia desviar-se... — murmurou Bill, com ar absorto, mas ela não se mexeu.

— Mentiu para mim — disse Isabelle, com a voz com que Bill sonhara durante cinco meses e que decidira nunca mais ouvir.

Ao levantar os olhos para ela, Bill ficou mudo de espanto. Mas tentou

recompor-se de imediato.

— Olá, Isabelle. Que coincidência encontrar-te aqui — proferiu, supondo que Gordon viera à negócios e que ela o acompanhara. Não deu qualquer explicação relativamente ao fato de estar na cadeira de rodas, apesar daquilo que dissera meses antes.

— Não é bem uma coincidência. — Já era demasiado tarde para mais mentiras. — Vim propositadamente de Paris para te ver.

Bill não sabia o que dizer. O vento fustigava-lhes os rostos, ao mesmo tempo que a neve se agarrava ao chapéu de Isabelle. Parecia saída de um cartão de Natal, ou uma princesa russa. Bill estava deslumbrado com a beleza dela, mas exibia uma expressão impassível. Esforçava-se por manter um ar desapaixonado e despreocupado para dissimular tudo aquilo que sentia. Tornara-se mestre nesse campo.

— Tenho de ir. A Cindy está à minha espera no carro.

Foi a única desculpa que conseguiu arranjar para uma fuga rápida. Sabia que precisava sair de perto dela o mais rapidamente possível, antes que se sentisse tentado a pôr de lado a decisão que tomara meses antes.

— Não, ela não está no carro. Você está divorciado. Você também mentiu a esse respeito.

— Menti acerca de uma série de coisas, mas sobre o fato de que, para mim, a relação entre nós acabou, não. Isso é verdade. — Tudo nele resistia a Isabelle, mas o olhar denunciava-o.

— Por que motivo é que, para você, a relação acabou? — Continuava a busca implacável pela verdade. Se Bill conseguisse dizer-lhe que já não a amava, desapareceria para sempre da sua vida. Mas tivera de o ver uma última vez. E se Bill ia mandá-la embora de novo, pelo menos queria que a olhasse bem nos olhos.

— As coisas são mesmo assim. Como está o Teddy? — Indagou Bill, para quebrar a tensão e mudar de assunto, mas não estava preparado para o que veio a seguir.

— Morreu há três meses. Pegou uma gripe muito forte. Tenho pena que nunca o tenha conhecido — respondeu Isabelle, com voz triste, esforçando-se por manter a compostura. Não queria que a sua dor fosse mais um peso para ele carregar, mas achava que devia dizer-lhe.

— Os meus pêames. — Bill ficou algo combalido ao imaginar o choque que Isabelle sentira e pelo sentimento de culpa de não ter estado ao seu lado na época. — Você está bem?

Tinha vontade de lhe estender os braços e de a abraçar, mas não se atrevia. Sentia-se embaraçado por ter sido apanhado nas suas mentiras e por Isabelle o

ver na cadeira de rodas. Convencera-se de que os seus caminhos nunca mais voltariam a cruzar-se e que ela nunca mais saberia nada dele.

— Ainda não, mas acabarei por me conformar. — Sinto imensas saudades dele. E de você também — sussurrou Isabelle, num tom triste. — E você, como está. — Queria perguntar-lhe se também sentia saudades dela, se se arrependera do que fizera, mas Bill estava ansioso para ir embora. Sabia que tinha o senador à espera. Mas esta era a sua única oportunidade.

— Estou ótimo. Melhor do que nunca. Voltei ao trabalho. A eleição é daqui a três dias. — Deu uma olhadela no relógio. Estavam uma hora atrasados para o compromisso seguinte. Olhou então para Isabelle com o ar de quem pede desculpa, mas sem mostrar quaisquer sinais de querer o que quer que fosse dela. — Tenho de ir.

— Ainda te amo, Bill — insistiu Isabelle, sentindo-se desesperadamente vulnerável, mas fora por isso que viera. Fazia questão que ele soubesse. — Estou-me me lixando para o fato de não conseguir andar de patins ou dançar. Também não sou grande dançarina. Nunca fui.

Bill esboçou um sorriso nostálgico, estendeu o braço e tocou-lhe na mão.

— Você está falando sério? Veio só para ver-me?

Era a mesma voz doce que ela recordava com saudade. Isabelle anuiu com a cabeça, não conseguindo evitar algumas lágrimas furtivas.

— Vi-te ontem na CNN e percebi por que razão você mentiu. Queria que soubesse que não me importo.

— Eu sei que não se importa. Mas eu me importo. É isso que conta. Nunca te deixaria fazer tal coisa. Amo-te demasiado para destruir a tua vida, sobrecarregando-te com isto. — E olhou para a cadeira. — Nem mesmo que o Gordon te deixasse um dia. Especialmente nessa hora. Ele está tratando-te decentemente? — Já o procurara com o olhar e verificara que não viera com Isabelle, deduzindo que esta arranjava um jeito de lhe escapar.

Isabelle esboçou um suave sorriso.

— Usei as munições, como me disseste, quando o Teddy morreu. Pôs-me para fora de casa. Eu e a Sophie temos um apartamento na Rue de Varenne.

As vidas de ambos haviam dado muitas voltas. Porém, nada disso fazia com que ele alterasse a decisão que tomara. Aliás, o fato de a ver veio reforçar ainda mais essa decisão. Isabelle era uma mulher livre e merecia muito mais do que aquilo que ele podia oferecer-lhe.

— Folgo em saber que você está bem — e recusou-se a dizer mais qualquer coisa.

— Sei que está com pressa. Estou no Hotel Four Seasons. Se quiser falar comigo, liga-me.

Bill limitou-se a abanar a cabeça. Tinha os cabelos cobertos de flocos de neve.

— Não vou telefonar-te, Isabelle. Fizemos o que tínhamos que fazer há cinco meses. Tomei a decisão que achei mais acertada.

— Não concordo com você. Foi um erro tremendo, para os dois. Temos o direito de nos amar. E mesmo que continue fora da minha vida, não deixarei de te amar. Nunca.

— Acabará esquecendo.

Isabelle negou com um aceno de cabeça e desviou-se para o lado. Bill fitou-a então demoradamente.

— Cuida de você. Teve vontade de voltar a dizer-lhe o quanto lamentava a morte de Teddy, mas não o fez. E, sem proferir mais nada, desceu o resto da rampa, sem olhar para trás e entrou na limusine. Pediu desculpa ao senador pela demora, dizendo que encontrara uma velha amiga. Não pronunciou mais qualquer palavra durante toda a viagem até à parada seguinte, sem conseguir dissimular a profunda tristeza que o consumia.

Já passava da meia-noite quando Bill chegou em casa. Não telefonou para Isabelle. Já era muito tarde e, além disso, resolvera nunca mais lhe telefonar. Acreditava que a maneira como agira era sinal do grande amor que tinha por ela. Se não a amasse tanto, talvez não se importasse de ser um fardo para ela, mas amava-a demasiado para lhe fazer tal coisa, e sabia que sempre a amaria. Estava de coração despedaçado pela morte de Teddy. Sabia o que este significara para ela e imaginava o choque que sofrera com a sua morte. Pelo menos, ficara aliviado por saber que Gordon já não fazia parte da sua vida. Acreditava que ela arranjaría outra pessoa em breve. Nunca a vira tão bonita nem tão triste como nesse dia, na neve, à porta do Centro Kennedy. Nessa noite, na cama, não conseguiu pensar em outra coisa.

Quando Isabelle se sentou no seu quarto de hotel, pensando em Bill, a neve ainda não parara de cair. Sabia agora que ele nunca mais lhe telefonaria. A expressão que lhe vira no rosto indicava a sua firme disposição de não voltar a envolver-se com ela. Só o olhar denotava ainda alguma relutância. Agora só lhe restava aceitar a decisão que ele tomara. Mesmo que tivesse mentido, fora esta a decisão que acabara por tomar. Na sua vida não havia finais felizes. Havia apenas lições e perdas, e destas já tivera a sua dose.

Ficou acordada durante quase toda a noite e quando, por fim, adormeceu, sonhou com Bill. Quando o telefone tocou, às quatro da manhã, dormia profundamente. Era Bill. Mesmo com sono, reconheceria a sua voz em qualquer lugar.

— Desculpa telefonar-te tão tarde. Estava dormindo? — Parecia sentir-se tão atormentado como ela.

— Tinha acabado de adormecer. Onde você está?

— Aqui em baixo no átrio do hotel. Sou um louco varrido como você, mas não sabia quando é que partiria e tenho de estar em Nova Iorque amanhã. Pensei que, já que veio de propósito de Paris, talvez devêssemos conversar. — A hora tardia não parecia aborrecer qualquer um dos dois.

— Estou felicíssima por ter vindo. Porque não sobe? — Penteou-se, escovou os dentes e passou um pouco de água pelo rosto, enquanto esperava que Bill subisse. Cinco minutos depois, ouviu-se uma batida na porta. Sentado na cadeira de rodas, olhou para Isabelle e entrou lentamente, enquanto esta segurava a porta, fechando-a em seguida, sem fazer o mínimo ruído. Isabelle teve vontade de estender os braços e tocar-lhe, mas não se atreveu.

— Desculpa vir aqui a estas horas. Não conseguia dormir. Foi um choque encontrar-te esta noite. Uma loucura da sua parte. — Mas não se sentia infeliz. Ficara sensibilizado com o ato dela, mas também um pouco aborrecido. Havia uma série de sentimentos adormecidos que levava meses dissimulando e que agora haviam sido despertados, ao vê-la à porta do Centro Kennedy, sob a neve. — Lamento muito o que aconteceu ao Teddy. O que se passou?

Isabelle sentou-se no sofá, de frente para Bill, e contou-lhe, em breves palavras, os últimos dias do filho. A voz ficou embargada e os olhos encheram-se de lágrimas e não conseguiu evitar que uma lágrima mais teimosa rolasse pela face. Instintivamente, Bill estendeu a mão e tocou na dela.

— Sinto muito.

Isabelle esboçou um sorriso.

— Também eu. Algumas pessoas dizem que foi um ato de misericórdia, e talvez até tenha sido, mas também teve momentos de felicidade. Sinto imensas saudades dele. Nunca dei conta do quanto a minha vida girava à sua volta. Não sei o que vou fazer agora que ele partiu e a Sophie está na faculdade.

— Demora algum tempo, mas acabará por se habituar. Foi uma enorme volta que a sua vida levou. — Tudo mudara na sua existência: a casa, o divórcio, a morte do filho, a perda de Bill. No ano anterior não fizera outra coisa senão enfrentar alterações dolorosas na sua vida. Tal como ele. — Não sei o que dizer-te. Nunca pensei em voltarmos a ver-nos. Achava que não devíamos. Eu não tinha o direito de arruinar a sua vida. Merece mais do que aquilo que posso oferecer. Precisa de uma pessoa maravilhosa, completa... não como eu.

— Você é uma pessoa completa — murmurou Isabelle, os olhos pregados nele. Ainda não sabia o que Bill ia dizer-lhe, nem se iria gostar do que iria ouvir. Tudo levava a crer tratar-se de mais uma despedida, ou de mais um desfilar de uma série de razões que o levavam a não poder ficar com ela. Mas, pelo menos, desta vez, não eram mentiras, só o que ele entendia por verdade, por mais

distorcida que fosse.

— Ambos sabemos que não é esse o caso. — Não queria recordar-lhe a tentativa fracassada de fazer amor no hospital de Londres. Ao contrário do genro, via as suas deficiências como um obstáculo intransponível, que o impedia de chegar ao casamento. Estava convencido de que não tinha nada justo ou razoável a oferecer-lhe. Lembrava-se vagamente de tudo o que Helena lhe dissera, mas esta era jovem e idealista. Talvez o amor se destinasse só aos jovens. Fosse como fosse, viera ao hotel para lhe explicar as coisas e despedir-se com alguma decência. Devia-lhe isso, dissera a si mesmo antes de vir ao Four Seasons. Sabia que a forma como a deixara fora de extrema crueldade e ela não merecia isso, sobretudo depois de perder Teddy. Só quis despedir-me e dizer o quanto lamento toda esta situação. Nunca devia ter-te convencido a ir a Londres. Sinto-me culpado de tudo o que se passou.

— Você deu-me o verdadeiro amor que se pode ter de um homem. Você não tem nada de que se desculpar.

— Perdoa não poder ser mais do que aquilo que sou... — Havia lágrimas nos seus olhos. — Desculpa tudo isto — proferiu, num tom triste.

Isabelle inclinou-se para ele e beijou-o, enquanto Bill a puxava delicadamente para si e a sentava ao seu colo. Beijaram-se então com tal paixão que, por instantes, Bill se esqueceu da virilidade perdida e sentiu-se invadir por um desejo incontrollável. A força do que sentiam um pelo outro era irresistível. De repente, Bill deixou de ter medo. Beijaram-se demoradamente com ardor. Quando afastaram os lábios, estavam ambos arquejantes. Então, e sem trocarem qualquer palavra, Isabelle ajudou-o a sentar-se no sofá e despiu-o delicadamente, ao mesmo tempo que ele lhe passava as mãos pelos ombros, fazendo com que o robe de cetim caísse no chão.

Bill ainda sentia uma muito ligeira hesitação, mas, dessa vez, não conseguia parar. Desejava-a loucamente. Não se lembrava de fazer amor com alguém como Isabelle, nem de desejar uma mulher com tanto ardor. Nunca sentira tal paixão na vida, nem antes do acidente, nem na juventude. Não havia ninguém no mundo como ela. Fazia-o sentir-se homem de novo. Estavam ambos tomados pelo desejo.

Depois do momento de êxtase, Bill envolveu Isabelle nos braços e sorriu. Os seus piores receios haviam se desvanecido. Tudo o que acontecera fora melhor do que qualquer um deles imaginara. Mesmo não conseguindo andar, sentia-se um homem completo.

— Que bom! — exclamou Isabelle, apertando-o contra si. Bill sorria. Sentia-se de novo um adolescente nos braços da sua amada. Foi maravilhoso!

— Você é que foi maravilhosa!

Uma hora depois, conduziu-o ao banheiro, de onde saiu, completamente vestido, quarenta minutos depois, mas com um olhar que a deixou preocupada.

— Foi uma loucura ter vindo até aqui — afirmou Bill, num tom sombrio, já dominado pelo sentimento de culpa e pelos seus próprios medos. Não devia ter feito o que fiz. — Não queria enganá-la nem dar-lhe falsas esperanças. Continuava a bater na mesma tecla de que Isabelle merecia uma vida melhor do que aquela que ele poderia dar-lhe, e fazer amor só viera complicar ainda mais as coisas. Passara meia hora no chuveiro torturando-se, censurando-se, mas também sentia muito alívio por ter conseguido consumir o ato de amor. As pernas estavam perdidas, mas a sua virilidade regressara com força.

— Não vejo por que razão não devíamos ter feito amor. Somos adultos e livres. Você é divorciado e eu estou quase. Não temos filhos pequenos que possam entrar na nossa relação. Não devemos arranjar problemas onde eles não existem. A vida já é suficientemente complicada para não a complicarmos ainda mais. Além disso, a vida é bela e curta. Podíamos ter morrido os dois em Londres, ou pior, um dos dois. Mas não morremos. Talvez não devêssemos desperdiçar esta graça divina.

— Não sou nenhuma graça divina — disse Bill, com um ar determinado. A vida com um homem confinado a uma cadeira de rodas não é nenhuma graça divina, pode ter certeza.

— A vida entre duas pessoas que se amam é. — Haviam ido até ao inferno e voltado. Isabelle sentia que tinha direito a um bocadinho de céu. Amava Bill, tal como era, sem hesitações ou reservas, e estava disposta a ficar ao seu lado o resto da vida.

— Não posso deixar-te fazer essa asneira. Nunca permitirei tal coisa, independentemente do que acabou de acontecer aqui. Não devíamos ter deixado que as coisas chegassem a tal ponto. Fui um estúpido e um irresponsável.

— Você foi humano. Não consegue, por uma vez na vida, deixar de se martirizar. Por que razão você tem de dificultar as coisas, quando, na realidade, não são assim tão difíceis, nem precisam de ser. Amamo-nos. Não chega?

— Às vezes, só o amor não chega. Não sabemos o que vamos encontrar.

— Eu sei. — Eram quase seis da manhã, e Isabelle sabia que Bill não tardaria a ir embora. — Passei quinze anos tratando do Teddy. Sei o que é dar amor e carinho a uma pessoa doente e você não está doente. Você é um homem forte, saudável, completo. Só não consegue andar. Mas isso, para mim, não faz qualquer diferença. Não me importaria sequer se nunca mais conseguisse fazer amor na vida. Esse é um bônus maravilhoso, mas também não seria difícil viver sem isso. O que sentimos um pelo outro significa muito mais para mim.

— Nunca deixaria que fizesse tal coisa, nem vou deixar que as coisas

avancem mais. Não estou disposto a isso. Vim aqui para me despedir e é isso que temos de fazer.

— É uma estupidez. Estamos desperdiçando uma oportunidade. Não vou permitir que leves isso à frente.

— Não voltarei a vê-la. — E ambos sabiam que era capaz disso.

— E depois está condenando-nos a ficarmos sozinhos o resto da vida. Já pensou no que tivemos e perdemos, e no que poderíamos ter tido, se não fosse tão teimoso. Com que fim? Onde está a vitória? Dão-nos alguma recompensa no céu por nos privarmos do nosso amor. Tudo bem, é provável que as coisas nem sempre sejam fáceis. Não serão “perfeitas”. Mas nada na vida o é. Por aquilo que vejo, as coisas entre nós poderão ser maravilhosas, basta querermos. Porque não podemos ter aquilo que merecemos e queremos. Já puniu-se o suficiente. Será necessário infligir mais tristeza em você e em mim? Já perdi coisas que bastam na minha vida, tal como você. Pelo amor de Deus, seja sensato. — As lágrimas inundaram-lhe os olhos e correram pelas faces. Olhou fixamente para Bill, mas este manteve-se impassível.

— Desculpa — sussurrou Bill, beijando-a na cabeça. Dirigiu-se para a porta e, virando-se, fitou-a.

— Porque você fez isto? — perguntou Isabelle, não contendo o choro. — Qual foi o objetivo? Torturarmo-nos? Para nos lembrarmos que nos amamos e depois voltarmos a perder tudo, para termos uma vida angustiante? Porquê, se somos tão felizes quando estamos juntos e se nos amamos tanto? Porque não permite que sejamos felizes? É assim tão difícil para você?

— Talvez não te ame o suficiente, ou talvez seja você que não me ama tanto quanto pensa.

— Não complique as coisas. A questão não é essa. Amo-te muito. Isso é o que interessa. E seja qual for o amor que sentir por mim, basta-me.

— Eu não sou suficiente para você, a questão é essa — retorquiu Bill, com ar torturado, com vontade de voltar a tê-la de novo nos braços, mas não se permitindo fazê-lo.

— Deixa-me ser eu a decidir pela minha cabeça. Deixa-me escolher quem amo e quem não amo. Você não tem o direito de decidir por mim.

— Ah, isso é que tenho — ripostou Bill, olhando-a uma última vez e saindo do quarto. A porta fechou-se quase de imediato. Isabelle sentou-se no sofá, chorando, sem se mexer.

CAPÍTULO DEZENOVE

Isabelle ficou quatro dias em Washington. O senador ganhou a eleição. Viu Bill no noticiário, sentado na cadeira de rodas, discreto, em segundo plano. Não recebeu mais nenhum telefonema dele. Começava a acreditar que ele não voltaria atrás com a palavra. Só lhe restava respeitar a sua decisão, por mais que discordasse dela. Custava-lhe acreditar que ele fosse tão teimoso e que estivesse disposto a sacrificar tudo o que tinham, mas não podia forçá-lo a voltar para ela. Devia aceitar a escolha que ele fizera. Estava no seu direito, assim como ela tinha o direito de acreditar que poderiam ter tido uma vida maravilhosa. Teria sido um orgulho tê-lo junto de si, de cadeira de rodas ou não. Não lhe faria a mínima diferença, mas a ele, sim. Estava no seu pleno direito de viver como escolhera.

Terça-feira à noite, depois da eleição, Isabelle telefonou a Sophie dizendo que ia voltar para a França. A sua voz soava triste, mas Sophie não lhe perguntou porquê. Ultimamente, tinha mais do que razões para isso. Esta, tal como a mãe, ainda não se conformara com a morte do irmão.

— Viu o seu amigo? — perguntou Sophie, tentando animá-la.

— Vi. Está ótimo.

— Já anda?

— Não

— Sempre achei que só a muito custo voltaria a andar. Estava muito maltratado quando o vi no hospital. Tal como a senhora.

— Parece-me ótimo em todos os aspectos. Amanhã à noite já estarei em casa, querida. — Fazia sempre questão de lhe dizer onde se encontrava. Era uma reminiscência dos anos que passara cuidando de Teddy. A verdade é que Sophie não precisava saber onde a mãe estava a cada minuto, mas dava segurança a ambas. Vemo-nos daqui a poucas semanas.

— Telefono-lhe este fim de semana, mamãe. Divertiu-se? — Esperava que sim, mas achava-a muito desanimada.

— Não propriamente, mas ainda bem que vim. — Fora obrigada a aceitar o que nunca conseguira ao longo de todo aquele tempo. Além disso, visitara alguns museus e galerias. A partir do começo do ano, pretendia voltar ao trabalho de restauro de obras de arte no Louvre. Isso trazia-lhe à memória os dias passados em Londres na companhia de Bill, mais de um ano antes. Tudo lhe recordava Bill. Os quadros, os museus, o Harry's, a dança, a música, as gargalhadas, o ar. Talvez um dia isso acabasse. Esperava que sim. Já que ele não iria fazer parte da sua vida, teria de o esquecer o mais depressa possível. Talvez

até deixasse de o amar um dia. Seria uma bênção divina quando isso acontecesse.

Na quarta-feira de manhã, embalou as poucas coisas que trouxera e chamou o criado para vir buscar a mala. O voo era à uma hora. Abandonou o hotel às dez. Mal acabara de fechar a porta do quarto, o telefone tocou. Levou um minuto para abrir de novo a porta. Quando pegou no aparelho, já haviam desligado. Ao chegar à recepção, o recepcionista disse-lhe que telefonara para saber a que horas é que ela ia liberar o quarto, pois tinha uma pessoa à espera.

A viagem até ao aeroporto foi calma e longa. Nevara na noite anterior e Washington estava linda sob um manto de neve. Depois de fazer o *check-in*, foi comprar algumas revistas e um livro, para ter alguma coisa para ler no avião. Sentia-se triste e, de certa forma, livre. Deixara-o finalmente. Nunca pensara sentir-se tão tranquila. Enquanto pagava as revistas e o livro, fez um esforço para não pensar em Bill. Acabara de receber o troco, quando ouviu uma voz atrás de si.

— Sabe que você é louca, não sabe? Sempre tive esse pressentimento. — Isabelle fechou os olhos. Aquilo não podia estar acontecendo. Não era possível. Mas era e quando se voltou, deu de cara com Bill. — Não só você é louca, como também está cometendo um erro monstruoso.

— Veio atrás de mim, ou vai partir em viagem? — O coração de Isabelle batia desenfreadamente. Não sabia se era coincidência ou um milagre e não se atreveu a perguntar-lhe de qual destas situações se tratava.

— Telefonei para o hotel, mas você já tinha saído.

— Engraçado, não me disseram nada — retorquiu Isabelle, tentando mostrar um ar despreocupado. As mãos tremiam-lhe ao pegar nas revistas e no livro que acabara de comprar. — O recepcionista disse-me que fora ele quem telefonara para o quarto.

— Devo ter ligado logo a seguir. — Presumiu que ele fizera a chamada para se despedir, mas por que razão se encontrava ali? — Tenho consciência de que fiz aquilo que achei correto — proferiu Bill, desviando a cadeira para o lado. As pessoas redemoinhavam à volta deles, mas não pareciam dar pela sua presença. Ficaram de olhos colados um no outro. Isabelle estava pálida, como se não dormisse há vários dias. — Merece algo melhor do que isto.

— Sei que é isso que você pensa — retorquiu Isabelle, sentindo de novo um aperto no coração. Quantas vezes ele iria lhe dizer a mesma coisa? — Mas não há nada melhor do que isto pelo menos para mim. Perdi o Teddy. Perdi a você. Já não tenho mais nada para perder, a não ser a Sophie. Acho que não devia fugir do amor. É um bem demasiado raro e precioso, mas, aparentemente, é o que você está fazendo. — Sabia que não havia nada que pudesse convencê-lo a

mudar de idéia. Ele é que iria dizer o que queria fazer.

— Quero algo melhor para você. Quero que tenha uma vida séria com um cara que possa andar correndo atrás de você pelo quarto e que possa dançar na passagem do ano.

— Quero muito mais do que isso. Quero alguém que ame e que me ame, alguém por quem tenha respeito, de quem possa cuidar e com quem possa rir o resto da vida. Consigo amar tanto sentada como de pé. Talvez você não.

— O que te dá tanta certeza?

— Amar-me-ia da mesma forma, se eu estivesse aí sentada no seu lugar? — Os olhos inundaram-se de lágrimas e a voz ficou embargada.

— Claro.

— Então, não faça a mim aquilo que não gostaria que eu fizesse a você.

Sem dizer uma palavra, Bill puxou-a para o seu colo e, envolvendo-a nos braços, beijou-a na boca com ardor.

— Porque você fez isto? Foi um “olá” ou um “adeus”?

— Escolhe. Sabe o que penso. Amo-te. Você tem todo o direito de mudar de idéia. — Fora o que Helena lhe dissera há muito tempo. E tinha razão, reconheceu finalmente. Tentara proteger Isabelle, mas não aguentava mais. Ela tinha o direito de escolher o seu próprio destino e, desta vez, talvez até o dele.

— Olá! — sussurrou Isabelle, esboçando um radioso sorriso enquanto o beijava e se abraçavam.

Table of Contents

[O Beijo](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)